

RAYNICE GERALDINE PEREIRA DA SILVA

**ESTUDO MORFOSSINTÁTICO DA LÍNGUA
SATERÉ-MAWÉ**

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Lucy Seki

Campinas/SP

2010

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

Si38e Silva, Raynice Geraldine Pereira da.
Estudo Morfossintático da Língua Sateré-Mawé / Raynice
Geraldine Pereira da Silva. -- Campinas, SP : [s.n.], 2010.

Orientador : Lucy Seki.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto
de Estudos da Linguagem.

1. Língua sateré mawé. 2. Língua tupi. 3. Índios - Línguas -
Morfossintaxe. 4. Índios - Línguas. I. Seki, Lucy. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: Morphosyntactical study of the Sateré-Mawé language.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Sateré-Mawé Language; Tupi Language; Indians
- Language - Morphosyntax; Indians - Language.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Doutor em Linguística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Lucy Seki (orientadora), Prof. Dr. Angel Humberto
Corbera Mori, Prof. Dr. Frantomé Bezerra Pacheco, Profa. Dra. Monica Veloso Borges e
Profa. Dra. Ana Carla dos Santos Bruno. Suplentes: Profa. Dra. Tânia Maria Alkmim,
Profa. Dra. Walkíria Neiva Praça e Profa. Dra. Lilian do Rocio Borba.

Data da defesa: 26/02/2010.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Lucy Seki



Angel Humberto Corbera Mori



Frantomé Bezerra Pacheco



Monica Veloso Borges



Ana Carla dos Santos Bruno



Tânia Maria Alkmim

Walkíria Neiva Praça

Lilian do Rocio Borba

*À **Luiza** e ao **Vinicius** meu norte, minha sorte.
Ao **André Luiz**, meu forte.
À minha **família**, meu apoio, meu suporte.
E ao **Davi** minha mais nova razão de viver.*

AGRADECIMENTOS

Ao povo Sateré-Mawé.

Aos professores do IEL-Unicamp responsáveis pela minha formação profissional como linguista.

À CAPES pela bolsa de doutorado.

À minha grande, confusa e amada família, que mesmo na distância do trecho Manaus-Campinas sempre se fez presente. Esse caminho não seria trilhado sem esse apoio.

À profa. Dra. Lucy Seki pela orientação nas pesquisas desde o mestrado e, agora, no doutorado, e pela amizade construída e solidificada ao longo da minha formação. Minha admiração e respeito incondicionais.

Aos professores doutores Angel Corbera Mori, Frantomé Bezerra Pacheco, Mônica Veloso Borges, Ana Carla Bruno pelas valiosas sugestões e correções feitas neste trabalho durante sua construção e depois, na qualificação e na defesa.

Aos amigos que são muitos, melhores e maiores feitos antes, durante e depois desta enorme conquista profissional que o título representa.

Aos corajosos amigos da área de pesquisa por compartilharem seus conhecimentos, anseios, dúvidas, alegrias e conquistas ao longo desses anos dedicados ao estudo das línguas indígenas.

Ao amigo e eterno mestre Giancarlo Stefani, pela generosidade de compartilhar comigo e com quem mais quisesse seu conhecimento.

A todos que, direta ou indiretamente, ajudaram para que eu trilhasse esse caminho mesmo quando ele parecia impossível de ser percorrido.

À Dona Nicinha, com todo amor.

RESUMO

O estudo das línguas indígenas brasileiras representa uma importante contribuição para o conhecimento linguístico das línguas do mundo. Este trabalho tem por objetivo apresentar uma proposta de descrição da morfossintaxe da língua Sateré-Mawé (Tupi), uma língua indígena falada por uma população de aproximadamente 8.500 pessoas que habitam a Terra Indígena Andirá-Marau, na região do médio rio Amazonas/AM. O enfoque teórico adotado é da tipologia funcional, que tem, como pressuposto, a noção de função linguística dos elementos que compõem o sistema linguístico e sua relação com outros elementos do mesmo sistema. Aliada a essa noção buscam-se também as possíveis inter-relações entre língua e cultura Sateré-Mawé. A metodologia se apresenta em dois momentos. O primeiro diz respeito ao trabalho de campo que objetiva a coleta de dados e a análise preliminar desses ainda em campo. O segundo diz respeito à análise usando como aporte teórico o que se apresenta na tipologia das línguas do mundo e das línguas indígenas brasileiras. Buscando as inter-relações entre língua e cultura, esse trabalho é composto de duas partes. A primeira traz informações sobre os aspectos etnográficos, culturais e sociolinguísticos do povo. A segunda apresenta aspectos da fonologia e da morfossintaxe da língua. Nesta última, tratam-se as classes de palavras, a estrutura da sentença, as orações reflexivas, recíprocas e causativas da língua, as construções possessivas, bem como as combinações sentenciais de orações multiverbais. O estudo da língua Sateré-Mawé que se apresenta pretende uma contribuição ao conhecimento das línguas indígenas brasileiras, em particular das línguas amazônicas.

Palavras-chave: Sateré-Mawé, Tupi, Índios - Línguas – Morfossintaxe, Línguas Indígenas.

ABSTRACT

Studying Brazilian Indian languages represent an important contribution to the linguistic knowledge of languages worldwide. This work aims to present a description proposal for the morphological-syntactical aspects of Sateré-Mawé (Tupi), an Indian language spoken by a population of around 8,500 people who inhabit the Indian land Andirá-Marau, in the middle Amazon river region – Amazon State. The theoretical focus adopted is the functional typology which has a presupposition the linguistic functional notion of the elements which make the linguistic system itself and its relation with other elements of the same system. There we have linked to this very same notion the possible interrelations between language and the Sateré-Mawé culture. Methodology is presented in two moments. The first one is related to the field work which aims to collect data and analyze such data still on field. The second one claims the analysis using the theoretical support which presents the language typology worldwide as well as the Brazilian Indian languages. Still searching the interconnections between language and culture, this paperwork is made of two parts. The first one brings information about the ethnographic, cultural and sociolinguistic aspects of the people. The second one presents phonological aspects as well as morphologic and syntactical ones. Taking into consideration the latter one, this one focus the word classes, the sentence structure, the reflexive clauses, the causative, reciprocal and possessive constructions, as well as the sentence combinations of multi-verbal clauses. The study of Sateré-Mawé language which is hereby presented, aims to present a contribution for the knowledge of Brazilian Indian languages, specifically the Amazonic ones.

Key words: Sateré-Mawé, Tupi, Indians - Languages, Morphology-syntax, Indian languages.

ABREVIATURAS, SÍMBOLOS E DIACRÍTICOS UTILIZADOS

1	primeira pessoa	DEM	demonstrativo
2	segunda pessoa	DEST	destinatário
3	terceira pessoa	DES	desiderativo
A	agente	DET	determinado
ABL	ablativo	DIM	diminutivo
ABS	absolutivo	DIN	dinâmico
ACC	acusativo	DIR	direcional
ADV	adverbial	DISC	discursiva
ADVE	adversativa	DIST	distal
AFIR	afirmação	DUB	dubidativa
ATE	atestado	DUR	durativo
AUX	auxiliar	ENF	enfático
BEN	benefactivo	EVID	evidencial
CAU	causa	EXCL	exclusivo
CAUS	causativo	EXOR	exortativo
CIRC	circunstancial	FF	fala feminina
CLF	classificador	FIN	finalidade
COM	comitativo	FOC	foco
COMP	completivo	FRUS	frustrativo
COND	condicional	FUT	futuro
CONJ	conjunção/conjuntiva	GEN	genitivo
CONT	contínuo	HAB	habitual
CONST	constatativo	HORT	hortativo
DAT	dativo	IMP	imperativo

INCL	inclusivo	REL	relativa
IND	indicativo	rel	elemento relacional
INDT	indeterminado	REP	repetitivo
INS	instrumental	REPT	reportiva
INTER	interrogativo	RET	retrospectivo
LOC	locativo	INDF	indefinido
M	masculino	S	sujeito de intransitivo
Mod	modificador	Sa	sujeito de intransitivo ativo
N	não	SEM	semelhante
NEG	negação	So	sujeito de intransitivo não ativo
NMLZ	nominalizador	TEMP	adverbial temporal
NOM	nominal	V	vogal
Nu	núcleo	C	consoante
O	objeto	∅	morfema zero
OBL	oblíquo	[]	realização fonética
Obs	observável	//	representação fonológica
PART	partícula	{ }	morfema
PERM	permissivo	-	fronteira morfêmica
PL	plural	'	? oclusiva glotal
POS	possibilidade	~	variação, alternância
POSP	posição	ᶿ	realização não explodida
POSS	possessivo	◌	nasal ensurdecida
PTC	potencial	˜	vogal laringalizada
PRES	presencial	:	vogal longa
PRED	predicativo	=	fronteira de clítico
PRO	procedência	σ	sílaba
PROG	progressivo		
RECP	reciproco		
REFL	reflexivo		

LISTA DE TABELAS, GRÁFICOS E QUADROS

Tabela 1	Local de residência em outras localidades	51
Tabela 2	Léxico comparativo Sateré-Mawé/Nheengatu	62
Tabela 3	Leitura em Sateré-Mawé	67
Gráfico 1	Usos orais nas comunidades do rio Andirá	71
Gráfico 2	Bilinguismo entre Sateré-Mawé e Português	71
Gráfico 3	Uso de leitura e escrita nas relações internas da comunidade	74
Quadro 1	Fonemas consonantais	82
Quadro 2	Fonemas vocálicos	89
Quadro 3	Elementos pronominais do verbo intransitivo	125
Quadro 4	Elementos pronominais do nome	145
Quadro 5	Funções dos argumentos	173
Quadro 6	Pronomes independentes	174
Quadro 7	Possessivos	178
Quadro 8	Demonstrativos	181
Quadro 9	Advérbios locativos	184
Quadro 10	Advérbios temporais	185
Quadro 11	Advérbios interrogativos	186
Quadro 12	Numerais cardinais	188
Quadro 13	Quantificadores	189
Quadro 14	Dimensionais	191
Quadro 15	Marcadores pronominais inativos e de posse	267

SUMÁRIO

Resumo

Abstract

Abreviaturas e Símbolos utilizados

Lista de tabelas, gráficos e quadros

INTRODUÇÃO	31
Objetivos	32
Referencial teórico	33
Procedimentos metodológicos	34
Estudos anteriores	37
Organização do trabalho	40

PRIMEIRA PARTE: ASPECTOS HISTÓRICOS, CULTURAIS E SOCIOLINGÜÍSTICOS

CAPÍTULO I NOTAS ETNOGRÁFICAS

1.1 Contexto Etnográfico	45
1.2 O contato	46
1.3 Aspectos físico e geográfico da Terra Indígena Andirá-Marau	52
1.4 A sociedade Sateré-Mawé	55

CAPÍTULO II ESBOÇO SOCIOLINGÜÍSTICO SATERÉ-MAWÉ

2.1 Contexto linguístico	59
2.1.1 Filiação genética e denominações	59

2.1.2	Influências do Nheengatu	62
2.2	Situação sociolinguística	64
2.2.1	Facilidade linguística	66
2.2.2	Atitudes linguísticas	68
2.2.3	Bilinguismo e usos do Sateré-Mawé e do Português	70
2.2.4	Leitura e escrita nas comunidades Sateré-Mawé do rio Andirá	72
2.3	Considerações finais	75

SEGUNDA PARTE: FONOLOGIA E MORFOSSINTAXE

CAPÍTULO III ASPECTOS DA FONOLOGIA

	Introdução	81
3.1	Inventário segmental	81
3.1.1	Segmentos consonantais	81
3.1.2	Segmentos vocálicos	88
3.2	Estrutura silábica	94
3.3	Processos morfofonológicos	98
3.4	Sequência de segmentos ambíguos	107
3.4.1	O caso das aproximantes [w] e [j] em posição de <i>Ataque</i> e <i>Coda</i>	107
3.4.2	O caso das oclusivas pré-nasalizadas [mb], [nd] e [ŋg]	110
3.5	Acento	111
3.6	Considerações finais	113

CAPÍTULO IV ASPECTOS DA MORFOSSINTAXE

	Introdução	115
4.1	Algumas considerações tipológicas sobre o Sateré-Mawé	116
4.2	O verbo	117
4.2.1	Verbo transitivo	118
4.2.1.1	Marcadores de pessoa nos verbos transitivos	119

4.2.2	Verbos intransitivos	123
4.2.2.1	Marcadores de pessoa no verbo intransitivo	125
4.2.2.2	Outros morfemas afixados ao verbo	130
4.2.2.2.1	Morfema reflexivo	130
4.2.2.2.2	Morfema causativo	132
4.2.2.2.3	Morfema recíproco	133
4.2.2.3	Categorias de tempo e aspecto	134
4.2.2.3.1	Tempo	135
4.2.2.3.2	Aspecto	136
4.2.2.4	Negação	140
4.2.3	Predicados complexos	141
4.3	O nome	143
4.3.1	Categoria de posse	143
4.3.1.1	Elementos pronominais da morfossintaxe nominal	144
4.3.1.2	Marcadores relacionais	147
4.3.1.2.1	Prefixos reflexivos {to-} e {ta'atu-} “terceira pessoa reflexiva	150
4.3.1.2.2	Prefixo {i-}	151
4.3.2	Categoria de Número	152
4.3.3	Indicação de Gênero	154
4.3.4	Outros membros da classe dos nomes	156
4.3.5	Locução nominal simples	156
4.3.6	Negação do predicado nominal	162
4.3.7	Coordenação de nomes na locução nominal	163
4.3.8	Nominalização	164
4.3.8.1	Nominalizador de ação	164
4.3.8.2	Nominalizador agentivo	166
4.3.8.3	Nominalizador de paciente/objeto	167
4.3.8.4	Nominalizador de circunstância	168
4.3.8.5	Nominalizador atributivo	169

4.3.9	Sintaxe das nominalizações	171
4.4	Os pronomes	174
4.4.1	Pronomes pessoais independentes	174
4.4.2	Pronomes pessoais clíticos	176
4.4.3	Possessivos	178
4.4.4	Demonstrativos	180
4.5	Os advérbios	183
4.5.1	Tipos de advérbios	183
4.5.1.1	Locativos	183
4.5.1.2	Temporais	185
4.5.1.3	Interrogativos	186
4.5.1.4	Numerais	188
4.5.1.4.1	Numerais cardinais	189
4.5.1.5	Quantificadores	190
4.6	Posposições	193
4.7	Partículas e auxiliares	200
4.7.1	Partículas	200
4.7.1.1	Partículas modais	202
4.7.1.2	Partículas aspectuais	208
4.7.1.3	Partículas temporais	210
4.7.1.4	Partículas marcadoras do discurso	211
4.7.1.5	Partículas conjuntivas	215
4.7.2	Auxiliares	217
4.8	Considerações finais	218

CAPÍTULO V ESTRUTURA DA SENTENÇA

	Introdução	221
5.1	Orações independentes	221
5.1.1	Oração transitiva	221
5.1.1.1	Ordem na oração transitiva	222

5.1.2	Orações intransitivas	226
5.1.2.1	Oração intransitiva ativa (Sa)	227
5.1.2.2	Oração intransitiva não ativa (So)	229
5.2	Construções interrogativas	230
5.2.1	Construções com partícula interrogativa	231
5.2.2	Construções com palavras interrogativas	232
5.2.3	Elementos da sentença que podem ser interrogados	237
5.2.4	Respostas a perguntas	240
5.2.4.1	Respostas a perguntas gerais	240
5.2.4.2	Respostas a perguntas com palavras interrogativas	242
5.3	Construções Imperativas	242
5.3.1	Imperativos simples	
5.3.2	Exortativo	243
5.4	Negação	244
		246
CAPÍTULO VI ORAÇÕES REFLEXIVAS, RECÍPROCAS E CAUSATIVAS		
	Introdução	251
6.1	Construções reflexivas e recíprocas	251
6.1.1	Locuções que exprimem reflexividade	252
6.1.2	Orações reflexivas intransitivas	253
6.1.3	Orações reflexivas transitivas	255
6.2	Construções recíprocas	257
6.2.1	Prefixo recíproco com verbos	257
6.2.2	Prefixo recíproco com posições	258
6.3	Construções causativas	259
6.3.1	Causativização de verbos intransitivos e formação de verbo transitivo	260
CAPÍTULO VII CONSTRUÇÕES POSSESSIVAS		
	Introdução	265

7.1	Locuções que exprimem posse	266
7.2	Construções possessivas predicativas	271
7.2.1	Construções com predicado nominal	272
7.2.2	Construções com predicado verbal	273

CAPÍTULO VIII COMBINAÇÃO DE ORAÇÕES: UM ESTUDO PRELIMINAR

	Introdução	275
8.1	Subordinação	276
8.1.1	Estratégias de subordinação	276
8.1.2	Orações complemento	277
8.1.3	Orações relativas	280
8.1.4	Orações adverbiais	284
8.2	Coordenação	288
8.2.1	Coordenação sentencial	288
8.2.2	Coordenação com partículas adversativas	290
8.2.3	Coordenação de constituintes	292
8.3	Considerações finais	293

9 CONCLUSÃO

295

REFERÊNCIAS

299

APÊNDICE I (Vocabulário base)

309

APÊNDICE II (narrativas)

321

INTRODUÇÃO

Os trabalhos sobre as línguas indígenas brasileiras têm figurado no cenário linguístico mundial como um importante foco de investigação científica não só linguística, mas também sobre a diversidade cultural e social dos povos presentes nas Américas. No Brasil, são aproximadamente cento e oitenta línguas faladas em diferentes regiões, sendo a região amazônica a que mais responde por essa diversidade linguística (cf Rodrigues, 1986).

Das línguas faladas na região amazônica, o Sateré-Mawé (também conhecido como Sateré ou Mawé) apresenta grande representatividade regional não só por conta de seu número de falantes, cerca de 8.000 pessoas, mas também por ter sua área localizada numa região próxima aos municípios de Parintins, Barreirinha e Maués e relativamente próxima à capital Manaus, com intenso fluxo migratório desses índios para esses centros urbanos e, em sua maioria, para Manaus.

Esta pesquisa diz respeito à língua Sateré-Mawé (língua isolada da família Mawé do tronco linguístico Tupi) em seus aspectos gramaticais. Ela se baseia em trabalhos de campo feitos durante um período de sete anos nas comunidades do rio Andirá, principalmente na comunidade Nova Sateré. Os anos iniciais da pesquisa foram dedicados à coleta de dados, descrição e análise da fonologia da língua e o restante para a pesquisa dos aspectos gramaticais.

O presente estudo se baseia num modelo de pesquisa de análise, descrição e documentação de línguas naturais que busca relacionar sociedade e cultura do povo Sateré-Mawé e o uso que ele faz da língua, considerando diversos aspectos sociais, culturais, e a relação com o meio em que vive. Tais aspectos,

expressos pela linguagem, aparecem na linguagem e, portanto, apresentam-se como seu conhecimento do mundo.

É fundamental considerar que o ponto de partida desta investigação se faz pela linguagem como ferramenta humana de comunicação constituída culturalmente por situações reais de fala. Este discurso pode ser tanto oral quanto escrito, o que pretendemos é apresentar um nível de análise mais amplo considerando forma, conteúdo e usos linguísticos.

Assim, a pesquisa focaliza não só o conhecimento da forma como código, mas também o uso em diferentes contextos sociais.

Objetivos

Este trabalho tem, por objetivo geral, descrever e analisar aspectos gramaticais da língua Sateré-Mawé, a fim de contribuir com um maior conhecimento sobre as línguas indígenas brasileiras. Apesar de existirem descrições anteriores dessa língua, como discorreremos mais adiante, esta terá, como enfoque teórico-metodológico, a abordagem tipológico-funcional nas análises propostas. Pretendemos considerar aspectos tipológicos que, anteriormente, ao nosso ver, não receberam o devido tratamento e que aqui serão tratados numa diferente abordagem. Assim, pretendemos não só complementar as pesquisas acerca do Sateré-Mawé, mas também apresentar informações que venham a ser úteis para os estudos fonológicos, gramaticais e histórico-comparativos das línguas do tronco Tupi e outros ainda referentes aos fatos da língua.

Dentro desta investigação, propomos inicialmente examinar aspectos relativos à fonologia e à morfossintaxe da língua que subsidiarão a análise da estrutura da sentença em construções independentes e dependentes. Assim, pretendemos um estudo que contemple a língua em seus aspectos socioculturais,

fonológicos e gramaticais para um melhor conhecimento de sua estrutura e funcionamento.

Referencial teórico

Neste estudo pretendemos apresentar uma descrição, análise e documentação da língua Sateré-Mawé, tendo, como referencial teórico, a tipologia funcional, cujo pressuposto é a noção de função linguística dos elementos que compõem o sistema linguístico e sua relação com outros elementos do mesmo sistema. Aliadas a essa noção buscamos também as possíveis inter-relações entre língua e cultura Sateré-Mawé.

Os estudos da fonologia e da morfossintaxe Sateré-Mawé, apresentados neste trabalho nos capítulos III e IV, são de natureza descritiva. O capítulo sobre fonologia segue os aportes da análise fonêmica, cujos princípios de contraste, distribuição complementar e variação livre (Pike, 1947) e Kindell (1981), foram fundamentais para a identificação dos fonemas e alofones da língua. O capítulo IV sobre morfossintaxe procura descrever os morfemas e as categorias morfossintáticas a partir das abordagens centradas em estudos tipológicos apresentados em Shopen (1985), Comrie (1989), Givón (1990) e (1995), Croft (1991), Palmer (1994) e Payne (1997). Aliados a estes estão os estudos tipológicos relativos especificamente às línguas Tupi, tais como Seki (2000) e Borges (2006), entre outros.

Essa bibliografia é enriquecida pelos trabalhos de cunho tipológico sobre línguas indígenas brasileiras apresentados por Pacheco (2001), Ferreira (2003), Cândido (2004) e Ferreira (2005), entre outros.

Neste estudo, serão abordadas a morfologia e a sintaxe das categorias gramaticais, considerando as funções (semânticas, pragmáticas e gramaticais) da língua, as relações sintáticas e pragmáticas, os papéis semânticos e o comportamento das relações gramaticais dentro do sistema da língua Sateré-

Mawé. Assim, considerando a função comunicativa, a descrição linguística proposta inclui as dimensões comunicativas e metacomunicativas, não só em relação ao seu significado referencial, mas também em relação ao significado pragmático-discursivo do signo linguístico.

Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa se insere na área de estudo de línguas indígenas, mais especificamente na análise, descrição e documentação das línguas naturais. Neste sentido, a metodologia seguida no trabalho de campo objetiva o máximo rigor com a especificação de cada etapa para que haja consistência na análise dos dados coletados.

Os dados deste estudo foram coletados em sucessivas viagens realizadas ao longo dos sete anos dedicados à pesquisa. Os dois primeiros anos (2003-04) correspondem ao período de coleta de dados (julho de 2003 e janeiro/fevereiro de 2004) para a descrição da fonologia da língua Sateré-Mawé. As viagens ao campo posteriores (janeiro/2005, julho/2006 e novembro/2007) tiveram por objetivo coletar dados referentes à morfologia e à sintaxe da língua.

Como dito anteriormente, os dados coletados dizem respeito à língua Sateré-Mawé falada no rio Andirá, da Terra Indígena Andirá-Marau, mais especificamente nas comunidades de Nova Sateré e Ponta Alegre. Nesta última, fez-se a coleta em duas ocasiões nos cursos de formação dos professores indígenas Sateré-Mawé (julho/2006 e novembro/2007). Estavam presentes trinta e quatro professores das comunidades do rio Andirá. Na comunidade de Nova Sateré, foi coletada a maior parte dos dados elicitados, de discurso natural, através de narrativas de fatos cotidianos e históricos. Lá também foram feitas entrevistas e gravadas situações informais de fala que foram transcritas e confirmadas ainda em campo. Neste processo, foram de fundamental importância a colaboração e a ajuda do senhor José Nogueira Sateré e de sua esposa, Dona

Eucy da Paz, além de outros membros da comunidade, tais como Osmar Batista e Dona Clara da Paz que, gentilmente, compartilharam seu conhecimento sobre a língua Sateré-Mawé. Uma boa parte das entrevistas foi feita também com os professores indígenas em situações coletivas e, portanto, registradas em contextos espontâneos. Em 2009, na última fase da pesquisa, obtivemos alguns dados com um jovem indígena residente em Manaus chamado Aisar Batista Miquiles, oriundo da comunidade Vila Nova, no rio Andirá, e que está na capital concluindo seus estudos do ensino médio.

Os capítulos I e II, relativos à primeira parte deste trabalho, foram escritos a partir de pesquisa bibliográfica sobre o povo Sateré-Mawé. No Capítulo II, sobre a situação sociolinguística, além da pesquisa bibliográfica, foram feitas também entrevistas e aplicação de questionários aos professores indígenas no curso de formação.

A respeito dos usos orais e escritos do Sateré-Mawé e do Português, os dados representativos foram coletados através de quatro questionários. O primeiro permitiu verificar a facilidade linguística em relação à língua Sateré-Mawé e ao Português. O segundo verificou o uso das línguas de acordo com os domínios sociais. Um terceiro questionário faz referência aos usos orais de cada língua na comunidade e, um último, que traz o quanto de leitura e escrita existe nas comunidades indígenas. Neste último, não pretendemos diagnosticar se uma língua é mais usada que a outra. O que pretendemos verificar é o quanto de leitura e escrita existe na comunidade e qual o grau de importância dada a elas. Ressalte-se, ainda, que os questionários foram aplicados aos professores indígenas como representantes de suas comunidades, mais especificamente às comunidades do rio Andirá. Um levantamento mais abrangente e representativo teria que ser aplicado nas noventa e uma comunidades existentes na Terra Indígena Andirá-Marau com seus habitantes.

A aplicação do questionário sobre os usos orais do Português e do Sateré-Mawé visou diagnosticar em quais espaços a língua materna está sendo substituída pelo Português, ou ainda, qual a situação real de bilinguismo e o

quanto isso pode interferir na vitalidade da língua. Além dos usos sociais, tais como situações do cotidiano, outros relacionados aos usos orais como reuniões, comércio e relações com outras comunidades indígenas e não indígenas serão abordados mais detidamente no item 2.2.3 do capítulo II.

A segunda parte desta pesquisa, capítulos III, IV, V e VI, tem, como foco, o estudo da fonologia, da morfossintaxe e da estrutura da sentença da língua Sateré-Mawé. Para a elaboração desta segunda parte, o procedimento metodológico que utilizamos foi a coleta de dados que envolveu o registro de expressões orais, tais como, textos de diferentes tipos (narrativos, procedurais, mitológicos, lendas, diálogos, entre outros), e dados elicitados. Estes últimos foram coletados com a aplicação de questionários por nós elaborados e que buscavam captar características da língua em estudo. Especificamente para a fonologia, a análise se embasa em Silva (2005), que aplicou o questionário do formulário padrão do Museu Nacional do Rio de Janeiro (1965) e os questionários lexical e gramatical de Kaufmam & Berlin (1987). Nesse processo, o procedimento metodológico foi a coleta de dados através de gravações em dez fitas cassetes de quarenta e cinco minutos cada, com sessões planejadas para a coleta e posterior comprovação dos dados coletados, seguida de novas coletas. Ressalte-se que os dados foram transcritos com base nos símbolos e diacríticos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA, 1999). Em dados que precisaram de uma análise instrumental utilizamos o software PRAAT, versão 4.2, como instrumento de análise.

A análise da morfossintaxe, capítulo IV, e da estrutura da sentença, capítulo V e VI, tem, como pressuposto teórico, a tipologia funcional e procura descrever os morfemas e os processos morfossintáticos das categorias gramaticais do verbo, do nome, do advérbio, das partículas e posposições, além de outros processos que envolvam tais classes de palavras. O procedimento adotado para a coleta desses dados foi a elaboração de questionários que visavam observar o comportamento de determinados morfemas no funcionamento gramatical da língua Sateré-Mawé. A elaboração dos questionários para tais coletas foi feita a partir da leitura dos teóricos da tipologia funcional, bem como,

outras leituras de trabalhos que tratam, especificamente, as línguas indígenas das Américas e mais especificamente do Brasil (cf. Referências).

Por último, ressaltamos que as glosas e notações gramaticais deste trabalho seguem as recomendações propostas por *The Leipzig Glossing Rules: Conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses*, com algumas adaptações.

Estudos Anteriores

As línguas indígenas brasileiras têm recebido atualmente importantes contribuições, seja nos estudos sobre suas estruturas no âmbito gramatical (nos seus aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais), seja nas práticas relacionadas à educação bilíngue e, muitas vezes, multilíngue da realidade educacional indígena do país. Felizmente, a partir desses estudos, cada vez mais se toma consciência da diversidade linguística e cultural brasileira e da urgente necessidade de promover investigações sobre as línguas que ainda não foram estudadas.

Das línguas Tupi faladas na região amazônica, o Sateré-Mawé tem recebido especial atenção. Como trataremos no capítulo II, sua classificação ainda não está bem definida. Sabe-se que é uma língua Tupi. Contudo, existe uma série de ocorrências em níveis gramatical e lexical que não correspondem àquelas de línguas do mesmo tronco.

A respeito dos estudos sobre o Sateré-Mawé, têm-se listas de palavras e sentenças simples coletadas no passado por viajantes e estudiosos. São eles: Henri Coudreau, (1896)¹, Koch-Grunberg (1924) e Curt Nimuendaju em 1929, Pereira em 1939 e Teófilo Tiuba (S/d) (In Pereira, 2003).

Os trabalhos feitos pelos missionários do SIL (Summer Institute of Linguistics), atual Sociedade Internacional de Linguística, são fragmentários.

¹ reeditado em 1977 (Ed. da USP/Itatiaia)

Tratam aspectos gramaticais da língua sem, contudo, apresentarem uma análise mais acurada. Na verdade, o que se pretendia na época era uma análise parcial que viabilizasse a tradução do Novo Testamento, publicada em 1989. Destes trabalhos, destacam-se os estudos de Albert e Sue Graham, publicados em 1978 e 1984. O primeiro foi sobre assinalamentos fonológicos em Sateré-Mawé e o segundo sobre aspectos gramaticais (prefixos pessoais da língua), feito juntamente com Carl Harrison. Ainda neste conjunto, Sue Graham e Frank Brandon montaram uma versão preliminar de um dicionário Sateré-Português/Português-Sateré, publicado em 1983, e uma proposta de gramática pedagógica, publicada somente por Sue Graham, em 1995².

O primeiro estudo linguístico propriamente dito foi feito por Suzuki (1997), ao tratar o sistema dêitico da língua. Sua perspectiva era analisar as dimensões dêiticas espacial, temporal e pessoal da língua Sateré-Mawé. Sua proposta de análise, contudo, se viu limitada à dêixis espacial e temporal. A pesquisadora ressaltou que, quanto à dêixis pessoal, ainda há muito a ser investigado e há necessidade de uma análise mais aprofundada do sistema pronominal e das estruturas sintáticas da língua Sateré-Mawé (p.159).

Uma descrição preliminar da morfossintaxe nominal e verbal apresenta-se no trabalho de Franceschini (1999). Seu estudo enfocou a morfologia nominal e a verbal e algumas constituições de bases complexas, predominantemente no nível do sintagma. Como a própria pesquisadora afirma, sua análise não é exaustiva. Pretende apenas servir de base para análises futuras³.

No que se refere aos estudos histórico-comparativos, os trabalhos de Rodrigues (1958a,b), (1984/85) e Rodrigues & Dietrich (1997) tratam a

² ver referências.

³ L'étude présentée ici n'est en aucun cas exhaustive. (...), beaucoup de faits restent encore à décrire et à analyser car cette langue n'a jamais été l'objet d'une étude systématique. L'étude présentée ici ne peut alors être considérée que comme la base d'une étude que je devrai continuer. (Franceschini, 1999, p.281-282) [*a pesquisa apresentada aqui não é em hipótese alguma exaustiva. (...), muitos fatos permanecem a descrever e a analisar tendo em vista que este idioma nunca foi objeto de uma pesquisa sistemática. A pesquisa apresentada aqui pode ser considerada então como a base de uma pesquisa que eu deverei continuar*] (tradução livre).

classificação da língua como pertencente ao tronco tupi. Mais recentemente os trabalhos produzidos por Meira (2007) tratam principalmente da classificação do Sateré-Mawé como Tupi e de sua relação com as outras famílias do tronco, principalmente Awetí e Tupi-Guarani.

Sobre o sistema fonológico do Sateré-Mawé, o único estudo linguístico foi feito por Silva (Unicamp, 2005). O estudo teve, como pressuposto teórico, a abordagem fonêmica a partir dos níveis fonético e fonológico de análise.

Os estudos etnográficos, por sua vez, tratam fundamentalmente de questões sociais e de organização do grupo. Destacam-se, neste campo, os estudos sobre a situação social dos índios Sateré-Mawé que migraram para Manaus, feitos por Romano (UnB, 1982), e sobre a etno-história e adaptação Mawé, feito por Mano (USP, 1996). Este último enfoca, principalmente, a etnografia Tupi na área Tapajós-Madeira. Mais recentemente, os estudos de Alvarez (2004 e 2005) tratam questões relacionadas ao grupo, em seus aspectos políticos e de representação cultural.

Ainda de cunho etnográfico, mas não acadêmico há os trabalhos de Nunes Pereira (1967) e (2003), de Lorenz (1992) e de Uggé (1991) e (S/D), entre outros.

Há que se destacar, entre os trabalhos de cunho informativo, o levantamento de Teixeira (2005) no contexto indígena da Amazônia. Em 'Sateré-Mawé, retrato de um povo indígena', Teixeira faz um primoroso levantamento sobre a realidade atual do grupo, abordando aspectos, tais como: situação demográfica, educacional, de saúde e de subsistência, mostrando a resistência desse povo frente ao contato com a sociedade não indígena.

Tem-se trabalhos de cunho didático-pedagógico produzidos pelos professores Sateré-Mawé na ocasião do Curso de Formação Continuada de Professores Indígenas. São eles: coleção 'Os Seres Vivos', em três volumes escritos em Português e em Sateré-Mawé; 'Tupana Ewowi Urutowepy', escrito em Sateré-Mawé; 'Histórias, Lendas e Mitos Sateré-Mawé', em Português; 'Sateré-Mawé Mowe'eğ Hap' e 'Sateré-Mawé Wemahara Hap Ko'i', na língua Sateré-

Mawé; 'Os Sateré-Mawé e a Arte de Construir', em português; Trabalho bilíngue com dois volumes, Vol. I 'Sateré-Mawé – As plantas que curam' e vol. II 'Sateré-Mawé Mikoi Mohaḡ Wuat Waku Rakaria Set Ko'i'. Ainda em língua portuguesa, 'Cultura, Ambiente e Sociedade Sateré-Mawé' e 'Histórias de Vida' e, por fim um Jornal 'Huhu'e Hap' produzido pelos professores no intuito de promover o uso e aperfeiçoamento da língua escrita.

Por último, também de cunho didático-pedagógico, citamos o trabalho 'Satere-Mawe Pusu Aḡkukaḡ', uma gramática pedagógica escrita em língua indígena, feita pelos professores Sateré-Mawé e coordenada pela pesquisadora Dulce Franceschini, (Franceschini, 2005).

Apesar de extenso, o levantamento que fizemos da bibliografia sobre o povo e a língua Sateré-Mawé não está completo e nem é exaustivo. O que pretendemos é dar uma visão do que foi e do que está sendo produzido em relação ao grupo. Esperamos muitos outros trabalhos que tenham o caráter de difundir e divulgar a cultura indígena Sateré-Mawé.

Organização do trabalho

Neste trabalho, ao apresentar um estudo da morfossintaxe da língua, pretendemos, ainda, oferecer uma contribuição ao estudo das línguas indígenas brasileiras, em particular, ao estudo das línguas da Amazônia. Além disso, objetivamos oferecer uma visão não só dos aspectos da gramática e da fonologia da língua, mas também dos aspectos etnográficos, culturais e sociolinguísticos desse povo indígena.

Este trabalho está dividido formalmente em duas partes distintas. A primeira parte é composta de dois capítulos. O primeiro capítulo oferece notas sobre a etnografia e sobre aspectos socioculturais e geográficos do povo e da região que eles habitam. O segundo capítulo faz um esboço sociolinguístico dos Sateré-Mawé, tratando as influências que a língua sofreu do Nheengatu e, mais

recentemente, do Português. Nesse último, esboçam-se as facilidades e atitudes linguísticas, além dos usos de leitura e escrita em Português e na língua Sateré-Mawé nas comunidades do rio Andirá.

A segunda parte traz os capítulos restantes, tratando a fonologia e a morfossintaxe da língua. O capítulo IV trata a fonologia com base nos estudos de Silva (2005). São inventariados os segmentos consonantais e vocálicos e é oferecido um estudo sobre a estrutura da sílaba em Sateré-Mawé. Por fim, são abordados processos morfofonológicos, além de análise sobre os segmentos considerados ambíguos pelo seu posicionamento na estrutura silábica da língua.

O capítulo V traz os aspectos da morfossintaxe das classes de palavras. Inicialmente são apresentadas algumas considerações tipológicas sobre a língua Sateré-Mawé. Depois são descritas as características morfossintáticas das classes de palavras do verbo, do nome, dos pronomes, dos advérbios, das posposições, partículas e auxiliares da língua.

O capítulos VI e VII oferecem um estudo sobre a estrutura da sentença em Sateré-Mawé. O capítulo VI aborda a estrutura das sentenças independentes – orações transitivas e intransitivas –, as construções interrogativas, as construções imperativas e a negação. O capítulo VII aborda construções que dizem respeito à valência verbal. Consideramos como processos de redução de valência as construções reflexivas e recíprocas. Por outra parte, o processo de acréscimo de valência é feito pelo processo de causitivização, ou seja, por construções causativas na língua.

O capítulo VII trata as construções possessivas em Sateré-Mawé. Neste caso, consideramos as locuções que exprimem posse, além das construções predicativas possessivas nominal e verbal.

O capítulo VIII apresenta um estudo preliminar sobre a combinação de orações. São abordados os predicados complexos, a subordinação e a coordenação. No caso da subordinação, tratamos as orações complemento, orações relativas e orações adverbiais. No caso da coordenação, tratamos a coordenação sentencial e de constituintes.

O trabalho inclui, ainda, dois apêndices. O apêndice I apresenta um vocabulário base da língua Sateré-Mawé, tendo em vista auxiliar nos estudos histórico-comparativos entre as línguas Tupi. O apêndice II apresenta narrativas coletadas durante trabalho de campo e que foram utilizadas na composição deste trabalho.

PRIMEIRA PARTE

**ASPECTOS HISTÓRICOS, CULTURAIS
E SOCIOLINGUÍSTICOS**

CAPÍTULO I

NOTAS ETNOGRÁFICAS

1.1 Contexto Etnográfico

Informações sobre o contexto etnográfico da região estão registradas em relatos de cronistas e viajantes que, desde o século XVII, contam a história dos índios que habitavam densamente a região do Tapajós-Madeira, dentre eles, os Sateré-Mawé. Segundo os relatos, esta nação indígena habita a área etnográfica do Tapajós-Madeira desde tempos imemoriais. Ainda segundo os relatos, essa é a área originária do povo Sateré-Mawé, delimitada ao norte pelas ilhas tupinambaranas (médio rio Amazonas) e ao sul pelas cabeceiras do rio Tapajós.

Como ocorre com outras sociedades indígenas, os Sateré-Mawé tiveram um longo processo de demarcação de suas terras, que se iniciou em 1978 e terminou com a homologação em 1986. Atualmente, a Terra Indígena Andirá-Marau compreende 788.528 hectares com perímetro de 477,7 km, ocupando parte dos territórios dos estados do Amazonas e do Pará. A área está distribuída pelos municípios de Maués, Parintins e Barreirinha, no Amazonas, e pelos municípios de Itaituba e Aveiro, no Pará. Apesar de demarcada e homologada, a terra indígena não é, nem de longe, o que foi o território Sateré-Mawé antes da chegada dos não indígenas. Apesar disso, os índios garantem que ainda têm a melhor parte do seu território ancestral.

Segundo levantamento feito por Teixeira (2005, p. 24), no território há noventa e uma aldeias espalhadas ao longo dos principais rios e igarapés. Nelas, residem cerca de mil e seiscentas famílias, sendo a região do rio Andirá a mais populosa. Dos municípios do Amazonas que compreendem a área indígena, Barreirinha é o mais populoso. São cinquenta aldeias com um total populacional aproximando de 3.500 pessoas. Em segundo lugar, fica Maués com trinta e sete aldeias e cerca de 3.300 pessoas. Em seu estudo, Teixeira (op.cit) totaliza 8.500 pessoas que moram na área indígena e nas localidades próximas, geralmente, área urbana, como visto anteriormente. Não há um levantamento que contemple os indígenas que moram em Manaus. O que se sabe é que existem duas aldeias Sateré-Mawé, uma no bairro Santos Dumont e outra no Tarumã.

Pela sua história de contato de mais de trezentos anos, os índios Sateré-Mawé mostram resistência e coragem que os levaram a tomar importantes decisões em nome da unidade e da sobrevivência dos seus. O contato, agora, apesar de pacífico e amigável, traz outros danos à cultura e à organização social e, principalmente, à língua desse povo.

1.2 O contato

“Antes o mundo era dos índios” (Tuxaua Emílio Sateré)

A primeira menção sobre os índios Sateré-Mawé em documentos históricos foi feita em 1691. Desde então, receberam diferentes denominações dadas por missionários⁴, cronistas e naturalistas⁵, viajantes e outros, em seus relatos e notícias do passado: *Maooz, Mabué, Mangues, Mangues, Jaquazes, Manguases, Mahués, Magués, Mauris, Mawé, Maraguá, Arapium, Andirazes, Maraquazes, Maués.*

⁴ Entre eles, estavam os missionários João Valadão, Samuel Fritz, João Felipe Bettendorf e João de São José

⁵ As notícias que falam sobre a dispersão dos Sateré-Mawé são de governadores como Ataíde de Teive e de naturalistas e geógrafos como Coudreau, La Condamine, Bates, Barbosa Rodrigues Chandless (Pereira, 1980, p. 692 citado por Mano, 1996)

Segundo Mano (1996, p. 16), o contexto etnográfico da região do médio rio Amazonas registra vários movimentos migratórios de populações indígenas. Infelizmente, dos grupos registrados nos documentos históricos sobre a região, poucos sobreviveram ao choque do contato, tendo desaparecido enquanto sociedade organizada, antes mesmo de serem estudados. O que restou, quando muito, foram informações sobre sua localização.

Segundo Pereira (1980, p. 692), *“desde 1669 eles [os Sateré-Mawé] viviam ao sul da ilha Tupinambarana, mas viajantes e catequistas (...) apontam representantes dessa tribo em vários sítios de áreas, no Tapajós, Arapiuns, Andirá, Maués-Açu, Abacaxis, Maturá e até no rio Guama, próximo à Belém”*. Nimuendaju (1929) relata que o território ocupado pelos Sateré-Mawé estava limitado ao baixo Tapajós, ao Amazonas, ao Paraná do Urariá e ao Paraná do Ramos⁶. Segundo Batista (2001), citado por Teixeira 2005, p. 21, os Sateré-Mawé informam que o local de origem do povo é *“à margem esquerda do rio Tapajós, numa região sagrada para nossa gente, de densa floresta e cheio de pedras, e, ‘nesse lugar as pedras falam’ como dizem os velhos do grupo”*.

Os Sateré-Mawé apresentam uma história de contato com a sociedade envolvente de mais de 300 anos. Essa história é permeada de relações de conflito e de dominação. Segundo Nunes Pereira, os Sateré-Mawé, povo sedentário e pacífico, sofreu uma série de incursões hostis por parte de grupos tanto indígenas, como os Munduruku, os Apiacá, os Mura e os Cauaiua-Parintintin, seus inimigos ancestrais, quanto de missionários, comerciantes, seringueiros em tempos mais atuais (Pereira, 1980 citado por Mano 1996).

Os relatos mais antigos atestam contatos com os portugueses, que remontam 1669, através da instalação da missão jesuítica Tupinambarana. Em 1691, é feita a primeira referência ao grupo, como *Mabué* no Mapa do Amazonas feito por Samuel Fritz. Segundo o mapa, eles ocupavam um território contínuo ao dos *Maraguases*, ao norte, e ao dos *Sapupés* ao sul. É importante ressaltar esta

⁶ Um outro recenseamento foi realizado por Nunes Pereira em 1954, em trabalho de campo indicando que os Sateré-Mawé habitavam as cabeceiras dos rios Mariacauá, Andirá, Araticum, Maué-Açu, Mawé-Mirim, Abacaxis, Canumã e os paranás do Ramos e do Urariá.

referência com vizinhos, por conta da estreita relação destas com a designação tribal. Os *Maraguases* e *Sapupés* são considerados nos relatos algumas vezes como sinônimos ou subgrupos da uma unidade inclusiva maior. Acredita-se que, quando os jesuítas instalaram a missão Tupinambarana oito anos depois, os Sateré-Mawé já se encontravam na região sob a designação de *Maraguá*. Esta designação também aparece nos relatos de Acunã e Betendorf (Mano 1996, p. 35).

Além desses, outros grupos aparecem nos relatos dos viajantes apresentando denominações que se aproximam bastante do nome *Mawé*. Aparecem também em vários registros históricos⁷ sob a designação de Tupinambaranas e mencionados como descendentes diretos dos Tupinambás. Já sobre a distribuição territorial desses grupos, Acunã (1639/1941) registrou uma lista de doze povos indígenas, dos quais dois podem ter relação com os Sateré-Mawé, os *Maraguá*, mencionados anteriormente, e os *Guaranaguacas*, no rio Andirá, que atualmente podem ser um clã do grupo, o clã Uaranã. O grupo dos *Andirazes*, mencionado tanto por Nimuendaju (1948, p. 245), quanto por Betendorf, como o grupo que habita as várzeas do rio homônimo, também foi descrito como os especialistas no cultivo e preparo do guaraná, bebida ritual ligada a todo universo social e cosmológico Sateré-Mawé na atualidade.

“têm os Andirazes em seus Mattos uma fructinha que chamam **guaraná**, a qual secam e depois pisam, fazendo dellas umas bolas, que estimam como branco o seu ouro, e desfeitas com uma pedrinha, com que as vão roçando em uma cuia de água bebida, dão grandes forças, que indo os índios a caça, um dia até outro não têm fome... (Betendorf, 1910, p. 36)

Os relatos seguem fazendo referências a grupos tribais que, segundo Mano, evidenciam sua hipótese de que os Sateré-Mawé são constituídos da união de grupos tribais espalhados pela região. Em 1714, o jesuíta Bartolomeu Rodrigues (citado por Mano, 1996) registra, no rio Magues (atual Maués-Açu), a existência de dezessete nações, e no rio Andirá doze, entre estas os já citados

⁷ (Lunardi, 1949; Acunã, 1639/1941; Antunes, 1696; Betendorf, 1669/1910; Heriarte, 1662/1975; Daniel, 1776/1976, citados por Mano, 1996, p. 36)

*Guaranaguat*⁸, no Guarimã (atual rio Abacaxis), os *Maraguaz*, na missão dos *Andirazes* e os *Tupinambaranas*. Tais locais são posteriormente identificados como de ocupação Sateré-Mawé.

“Estes fatos permitem então inferir que alguns dos “etnônimos” presentes nos relatos dos primeiros cronistas podem ser tratados como grupos – talvez mesmo diferentes entre si – que se aglutinaram como unidades étnicas – reconhecíveis por todos – por meio de uma estrutura de clãs exogâmicos. Desde modo, **pode-se dizer que os Mawé históricos devem ter emergido, como “tribo” da união de grupos territorialmente localizados.** Mano (1996, p. 41) [grifos meus]

Ao mesmo tempo em que ocorria a evangelização, estabeleciam-se contatos comerciais dos não índios com os Sateré-Mawé. Bedendorf destaca que, ao final do século XVII, o uso e o beneficiamento do guaraná já eram conhecidos por conta da intensa relação do comércio na região em busca das drogas do sertão. No período de 1833 a 1839, **os Sateré-Mawé participaram da “Cabanagem”**, o que lhes custou muitas vidas, devido a epidemias, lutas e perseguições aos povos indígenas que combatiam ao lado dos cabanos.

No começo do século XX, os Sateré-Mawé se veem novamente tendo que defender seu território. Com o desenvolvimento do “**ciclo da borracha**”, seringueiros, principalmente da região de Itaituba no Pará, invadem o território indígena perseguindo e causando a morte de vários índios em busca de matéria-prima. Nunes Pereira afirma que, por causa desses ataques, pode-se entender a participação dos Sateré-Mawé a favor do Amazonas, na demarcação dos limites territoriais entre os estados do Amazonas e do Pará em 1916 (Pereira, 2003, p. 35).

Atualmente, o povo Sateré-Mawé habita a Terra-Indígena Andirá-Marau localizada em parte do estado do Amazonas e do Pará. O processo de demarcação das terras foi iniciado pela FUNAI⁹ em 1978, mas somente em 1982 ocorreu a homologação. Durante esse período, o processo foi interrompido por conta de várias ameaças de invasões. Dentre essas ameaças, houve o projeto de construção da estrada Maués/Itaituba, que cortava ao meio a Terra Indígena,

⁸ Grafia usada pelo Padre Bartolomeu Rodrigues para designar Guaranaguacas

⁹ Fundação Nacional do Índio – FUNAI

impossibilitando a demarcação de acordo com o que fora originalmente traçado pelos indígenas, além da constatação de uma série de irregularidades no projeto de construção da estrada. Em 1981, a empresa francesa de petróleo Elf-Aquitaine, realizou estudos sismológicos na área, causando enormes prejuízos à flora e à fauna da região, e também causando a morte de indígenas devido à detonação de cargas de dinamite enterradas na área indígena. Houve, também, invasões de garimpeiros e posseiros moradores das proximidades da terra indígena.

Em 1981, o processo de demarcação da Terra Indígena Andirá-Marau foi retomado devido às pressões do povo Sateré-Mawé junto à FUNAI. Em 1982, foi publicada a portaria de demarcação e, em 1986, foi homologada a Terra Indígena Andirá-Marau dos índios Sateré-Mawé, com uma área total de 788.528 hectares e perímetro de 477,7 km. No estado do Amazonas está distribuída pelos municípios de Maués, Parintins e Barreirinha. No estado do Pará, pelos municípios de Itaituba e Aveiro.

Os principais rios da Terra Indígena, que compreende, segundo os mais velhos, somente uma parte do território tradicional desse povo, são o Marau, o Miriti, o Urupadi, o Manjuru, o Andirá e o Uaicurapá.

As antigas aldeias Araticum Velho e Terra Preta, no rio Andirá, foram as que deram origem às aldeias que surgiram nos últimos oitenta anos. Já a aldeia Marau Velho foi a responsável pela difusão das aldeias Majuru, Urupadi e Miriti, do rio Marau. Esse crescimento de aldeias ao longo dos rios se deve, em grande parte, a interferências de missões religiosas, tanto católicas, quanto evangélicas, e a ações de órgãos oficiais, inicialmente através do SPI¹⁰ e atualmente pela FUNAI, que interferem no estilo de vida tribal e desagregam as comunidades, causando, assim, a repartição das famílias que se deslocam do seu local de origem para formar outras comunidades.

Como mencionado anteriormente, conforme o levantamento de Teixeira (2005, p. 24), existem 91 aldeias na Terra indígena Andirá-Marau, distribuídas ao longo dos principais rios e igarapés, e onde residem 1.600 famílias,

¹⁰ Serviço de Proteção ao Índio - SPI

correspondendo a 7.500 habitantes. A região mais populosa é a do rio Andirá com 49 aldeias e uma população aproximada de 3.795 pessoas. Na região do rio Marau, são 37 aldeias, 3.300 pessoas e uma média de 5 pessoas por domicílio.

É possível localizar, também, indígenas Sateré-Mawé em outras regiões e cidades próximas, conforme tabela abaixo:

Tabela 1 – local de residência em outras localidades

LOCAL DE RESIDÊNCIA	DOMICÍLIOS	MORADORES
Terra Indígena Koatá-Laranjal (Munduruku)	31	127
Área urbana: Município de Maués	48	200
Área urbana: Município de Parintins	127	512
Área urbana: Município de Barreirinha	50	276
Área urbana: Município de Nova Olinda do Norte	3	10

Fonte: Teixeira (2005, p. 26)

A referência à Terra Indígena Koatá-Laranjal como local de residência se dá por conta da migração de famílias Sateré-Mawé, principalmente da comunidade de Araticum Novo no rio Andirá, que ocupam a Terra Indígena Koatá-Laranjal dos índios Munduruku desde 1980. A comunidade Vila Batista II fica às margens do rio Mari-Mari e é composta basicamente por membros da família Batista, que, após conflitos na região do Andirá, se deslocaram para formar novo núcleo.

O levantamento de Teixeira não faz referência a indígenas Sateré-Mawé residentes em Manaus, talvez por conta da dificuldade de se recensear tal grupo¹¹. Sabe-se que existem duas aldeias “urbanas” na capital do estado, uma no bairro Santos Dumont, a primeira que foi formada, e uma outra no Tarumã, região rural próxima à cidade.

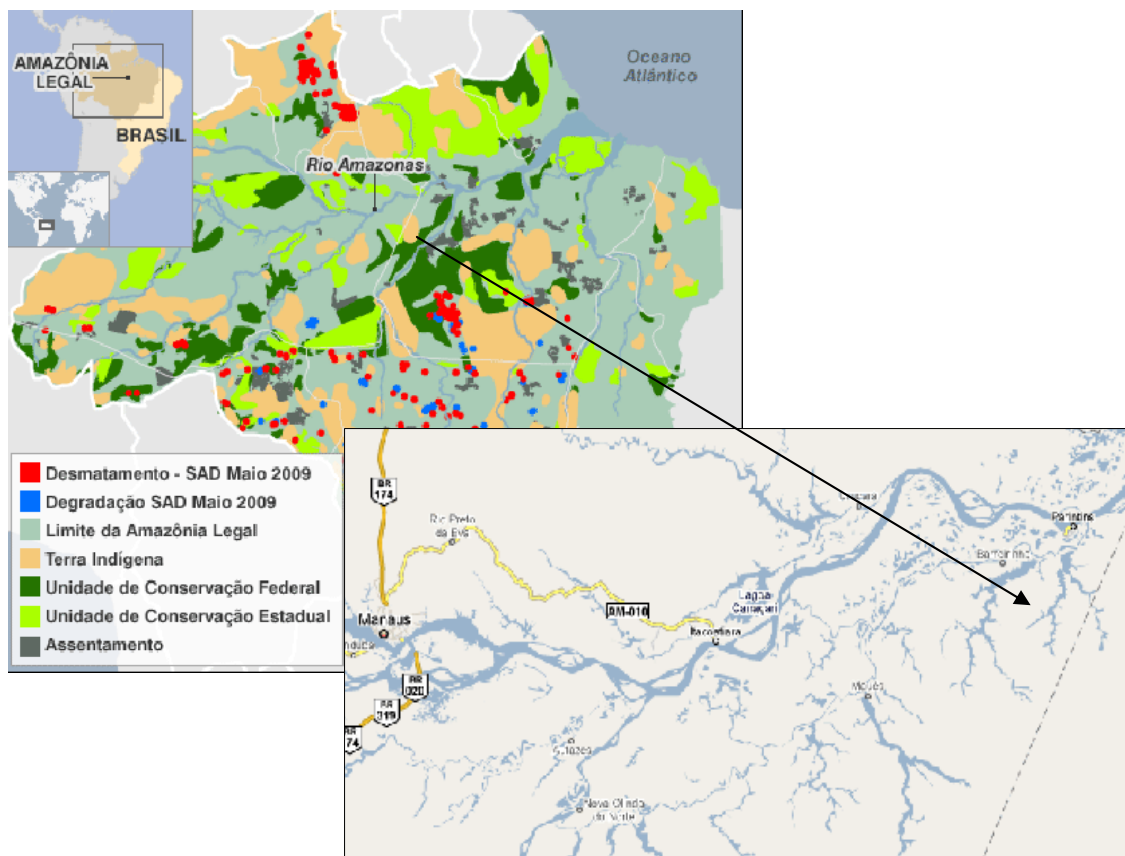
¹¹ Devido ao contato, alguns Sateré-Mawé e até mesmo outros grupos indígenas que migraram para Manaus não se identificam como indígenas por conta do preconceito da população em relação ao fato de “ser indígena”.

1.3 Aspectos Físico e Geográfico da Terra Indígena Andirá-Marau

A Terra Indígena Andirá-Marau foi homologada pelo Decreto nr. 93.069, com data de publicação de 07/08/1986. É administrada pela FUNAI cujo polo regional se localiza no município de Parintins/AM.

A Terra Indígena compreende uma área de extensão de 788.528 ha e perímetro de 477,7 km., localizada entre os estados do Amazonas e do Pará, com a seguinte distribuição:

Estado	UF	Município	Área total (ha)
Amazonas	AM	Barreirinha	143.044
		Maués	148.622
		Parintins	30.994
Pará	PA	Aveiro	115.253
		Itaituba	350.615



Como já dissemos, os principais rios são o Marau, o Miriti, o Urupadi, o Manjuru, o Andirá e o Uaicurapá. (fonte mapas Teixeira, 2005)



A atenção à saúde é administrada pela Fundação Nacional de Saúde - FUNASA, através do Distrito Sanitário Especial Indígena – DSEI de Parintins. Internamente os Distritos Sanitários contam com outras instâncias que são os Polos Base que, por sua vez, contam com uma equipe multidisciplinar, composta por médico, dentista, enfermeiro e auxiliar de enfermagem, que prestam atendimento à saúde das populações indígenas. No caso do DSEI Parintins, o Polo Base se encontra no próprio município.

Além da estrutura já mencionada, existem ainda as Casas de Saúde do Índio, localizadas nos municípios e capitais, que cumprem a função de alojamento aos indígenas, que, por ventura, necessitem de um tempo maior para realização de exames e/ou de tratamentos especializados. Apesar do nome, essas casas não executam procedimentos médico-assistenciais, servindo apenas para recepção e apoio ao índio. No caso da Terra Indígena Andirá-Marau, os Polos-Base ficam em Maués e Parintins, com suas respectivas Casa de Saúde do Índio, tendo, ainda, uma Casa de Saúde do Índio em Manaus, que atende indígenas provenientes de região do estado do Amazonas.

Com relação ao espaço físico ocupado pelos índios Sateré-Mawé, Mano (1996, p. 147) atesta tanto as terras de várzea quanto as de terra firme. Assim, as áreas de localização das comunidades indígenas são as áreas de terra firme e as cabeceiras dos rios que fazem parte do seu território. Mano (*op.cit*) atesta também que, a partir da pesquisa feita em documentos do passado, a ocupação dos Sateré-Mawé em áreas de terra firme se deve a uma estratégia de sobrevivência desses índios frente à expansão do branco.

Sobre a ocupação em terras de várzea, observou que, por serem terras de alta produtividade, elas permitem que as populações se mantenham numerosas e sedentárias, complementando sua dieta alimentar com a pesca e a caça de mamíferos aquáticos. As áreas de terra firme, por sua vez, são áreas inter-fluviais que permitem o sistema típico de horticultura, onde o processo para o cultivo do terreno responde justamente à composição do solo, na sua maior parte

arenoso, frouxo e profundamente vulnerável ao lixiviamento quando a floresta é destruída (Soares, 1963, p. 105 citado por Mano 1996, p. 149).

Portanto, constata-se que o sistema de horticultura, a caça, a pesca e a coleta são as formas produtivas básicas presentes na área indígena dos Sateré-Mawé.

1.4 A sociedade Sateré-Mawé

Como sociedade grupal, os Sateré-Mawé têm uma organização social hierárquica que funciona como um fio condutor das relações no grupo. Apresentam um sistema de clãs associados a diversos animais (bichos da terra em oposição aos bichos da água). Entre os clãs, o clã Sateré é considerado superior e também o clã dos chefes. Cada grupo familiar está organizado sob a autoridade de um chefe de família extensa. Este chefe é responsável pela vida social e econômica dos denominados sítios (local da organização familiar), dentro dos quais existem espaços socialmente definidos. Cada família possui uma residência, onde fica o fogo que serve tanto para o preparo do alimento quanto para aquecer as reuniões familiares, das quais eu mesma participei de várias. Quase todas as noites, à luz da lamparina, reuniam-se e falavam sobre os acontecimentos do dia e nos contavam histórias.

Entre a casa e o rio, fica a casa do forno (cozinha), onde o guaraná é torrado e onde é preparada a farinha de mandioca. Todas as comunidade têm a figura do tuxaua como autoridade máxima. Hierarquicamente o tuxaua da comunidade é submetido à influência política do tuxaua geral. Além dos tuxauas, existe também o capitão, que atua como elemento mediador entre os Sateré-Mawé e os não indígenas. Cabe a ele a ligação entre as chefias tradicionais e as autoridades da sociedade nacional.¹² Percebi, durante trabalho de campo, que os Sateré-Mawé como comunidade são altamente organizados com tarefas muito

¹² Para mais informações ver Lorenz (1992)

bem definidas. As mulheres cuidam da casa, das crianças e da roça, e os homens caçam e pescam para subsistência. A colheita do guaraná é uma atividade coletiva, que envolve todos os membros da comunidade. Durante minha estada em Nova Sateré, comprovei o quanto são solidários. Durante e após as refeições, as casas trocam alimentos como se fosse uma grande partilha. Dona Eucy¹³ esclarece que, fazendo assim, ninguém fica sem ter o que comer.

Os Sateré-Mawé apresentam uma economia de subsistência, onde se destacam o plantio do guaraná, produto tradicionalmente beneficiado por esse povo, e as roças de mandioca. Desta última, são produzidos farinha, tucupi e goma, que servem para a alimentação. O excedente da produção de farinha é comercializado nas cidades próximas. Além desses produtos, plantam também jerimum, batata doce, cará e vários tipos de frutas, com destaque para a laranja. Com a caça e a pesca, completam a dieta alimentar das famílias.

O Porantin é o elemento principal na cosmologia Sateré-Mawé. Consiste de uma espécie de remo sagrado talhado com escrituras e desenhos onde, segundo os indígenas, está escrita a história de origem do povo. É ele que prevê os acontecimentos, aparta desavenças e soluciona conflitos internos (Uggé s/d). Atualmente existem dois Porantin, um no rio Marau e outro no rio Andirá.

Dentre os rituais, o que mais se destaca e ainda é praticado em algumas comunidades é o ritual da Tucandeira¹⁴. O ritual marca a iniciação masculina. Assim, o índio Sateré-Mawé, para provar sua força, coragem e resistência à dor, deve se deixar ferrar, no mínimo vinte vezes, colocando a mão dentro de uma luva contendo tucandeiras – a chamada ‘luva da tucandeira’ (*Saaripé*). As tucandeiras são formigas grandes com um ferrão que provoca

¹³ Dona Eucy da Paz é nossa principal colaboradora desde a época do mestrado. Ela apresenta pouca fluência em Português. Por isso nossos encontros são quase sempre mediados por seu marido, Sr. Zé Nogueira Sateré, que é professor indígena bilíngue.

¹⁴ No último encontro que tivemos com os professores indígenas, foram discutidas duas coisas importantes que caracterizam bem a situação cultural do grupo e a influência da sociedade envolvente: i) atualmente em alguns lugares o ritual está sendo feito também em mulheres e: ii) algumas comunidades (sob influência de igrejas evangélicas) não praticam mais o rito tradicional. A conclusão das discussões foi sobre a necessidade de se manterem as tradições culturais e ainda a conscientização dessas comunidades sobre a importância do rito. É preciso dizer que nem todos os professores concordaram com isso por causa de sua condição de evangélicos.

intensa dor. No ritual, são presas pelo abdômen com o ferrão voltado para dentro da luva. O ritual é organizado conforme a vontade de quem deseja ser iniciado, o evento envolve cantos e danças onde as mulheres, sobretudo as solteiras, que buscam maridos, podem entrar na fila da dança junto com os outros homens.

Os Sateré-Mawé são também conhecidos como os ‘filhos do guaraná’. Eles receberam de seus ancestrais as técnicas de cultivo e uso da planta, transmitindo seus conhecimentos para outros povos. O guaraná¹⁵ (*paullinia cupana*) é próprio desses índios, que têm por costume utilizá-lo como bebida ritual (*Sakpo*). A planta tem várias utilizações, tanto medicinal, quanto a cura de várias doenças (contra febre e como diurético), quanto simbólica, principalmente. A planta está na origem da nação Sateré-Mawé de onde se originou o primeiro Mawé. Ao tomar a bebida nos rituais, o tuxaua adquire conhecimento e sabedoria para produzir o bem e proteger sua nação.

Segundo Pereira (2003), os Sateré-Mawé jamais aceitaram pacificamente o jugo dos colonizadores, dando, como prova disso, o fato de proibirem que suas mulheres aprendessem a falar o Português. Já Mano (1996) os considera sobreviventes do extermínio dos povos indígenas daquela região em constante processo de adaptação na luta de preservação da sua língua e cultura.

¹⁵ Planta do tipo trepadeira cultivada pelos índios Sateré-Mawé com elevado poder energético, tal valor já foi identificado cientificamente através de pesquisas.

CAPÍTULO II

ESBOÇO SOCIOLINGUÍSTICO SATERÉ-MAWÉ

2.1 Contexto Linguístico

2.1.1 Filiação genética e denominações

A língua Sateré-Mawé não apresenta uma classificação genética muito bem definida. Rodrigues, em 1958, em um artigo sobre a classificação genética do tronco Tupi, inicialmente a classificou como filiada à família Tupi-Guarani. Em 1958a, num quadro de classificação para os povos indígenas brasileiros, reviu sua classificação e considerou que ela não pertencia a essa família. Mais tarde finalmente conclui:

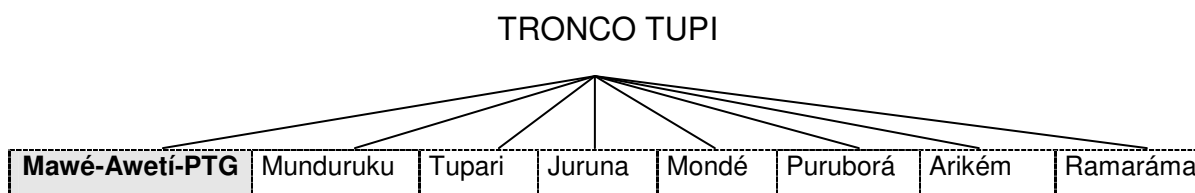
“Até agora tanto o Awetí quanto o **Mawé** vinham sendo incluídos na família Tupi-Guarani. **O melhor conhecimento de ambos deixa claro**, entretanto, que são tão aberrantes, cada uma a sua maneira, em relação a todas as outras línguas incluídas naquela família, que **sua associação com elas deve ser procurada em outro plano**”. (Rodrigues, 1984/85, p.35) [grifos meus]

De fato, os exames feitos por vários autores¹⁶ do vocabulário Sateré-Mawé concluem que a língua pertence ao tronco Tupi. Porém ela apresenta, em sua composição, elementos estranhos a essa formação. Nimuendaju (1948) afirma que, “...*the Maué vocabulary, however, contains an element that is completely foreign to Tupi but which cannot be traced to any other linguistic*

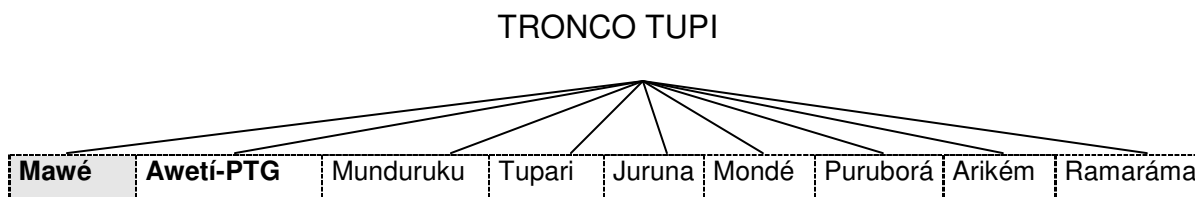
¹⁶ Kock-Grünberg, 1932; Mense, 1974, (In Mano, 1996); Rodrigues, 1958b e 1984/85; Nimuendaju, 1948

family...” (p.246). Do mesmo modo, Mense (1974, citado por Mano, 1996) indica a presença na língua de elementos Karib e Aruak estranhos à composição de línguas Tupi. Já Kock-Grünberg, comparando o Sateré-Mawé, o Tupi e o Puruborá, indica grandes variações entre estas duas últimas línguas em relação ao Sateré-Mawé.

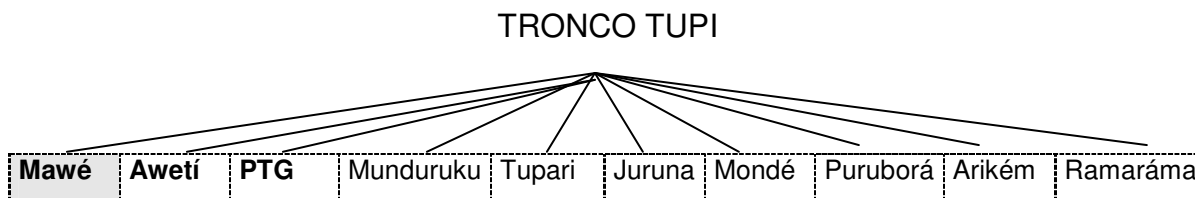
Com base em evidências lexicais e fonológicas, Rodrigues & Dietrich (1997, p. 256) levantam a hipótese de que, **inicialmente, existia um ramo composto por Mawé-Awetí-PTG**¹⁷, junto com outras famílias do tronco Tupi, conforme configuração abaixo:



Os autores consideram que houve duas separações no conjunto Mawé-Awetí-PTG. Num primeiro momento, separou-se a **família Mawé**:



Posteriormente, houve a separação entre **Awetí** e **PTG**, resultando na atual configuração do tronco linguístico Tupi.



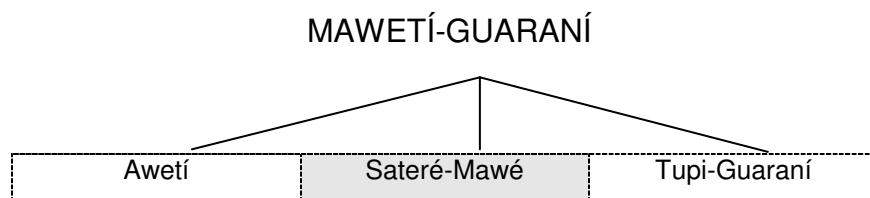
As pesquisas comparativas feitas posteriormente sobre o tronco Tupi¹⁸ parecem confirmar a hipótese inicial de Rodrigues & Dietrich. Segundo Drude

¹⁷ Proto-Tupi-Guarani - PTG

¹⁸ Tupi Comparative Project – TCP, sediado no Museu Emilio Goeldi em Belém.

(2006, p.14), através de análise de **palavras cognatas a partir da lista de Swadesh**¹⁹, é possível estabelecer uma filiação. Comparando itens lexicais do subgrupo Mawetí-Guaraní²⁰ com as outras línguas do tronco Tupi, verificou-se que a porcentagem de cognatos fica em torno de 30%. Já comparando os mesmos itens com as línguas do subgrupo, esse percentual sobe para 50%, chegando a 70% quando comparado às línguas da família Tupi-Guaraní.

Drude, porém, contesta a configuração das separações postuladas por Rodrigues & Dietrich. Para esse autor, a hipótese de configuração mais aceitável, considerando a porcentagem de cognatos entre as línguas do subgrupo Mawetí-Guaraní, é a de que as separações foram simultâneas ou muito próximas uma da outra, tão próximas que não houve mudanças linguísticas significativas. Drude considera que é praticamente impossível estabelecer a separação dentro do subgrupo. Portanto, os três apresentam mais ou menos a mesma configuração, conforme abaixo:



É importante considerar ainda que a língua Sateré-Mawé sofreu acentuada influência lexical do Nheengatu²¹, principalmente na região do rio Andirá, desde o início do século XVII.

¹⁹ A lista de itens lexicais de Swadesh contém 100 itens que, geralmente, são usados nos estudos histórico-comparativos, basicamente são listados itens referentes a: partes do corpo, termos de parentesco, cores primárias, numerais, ou seja, itens que normalmente não são emprestados.

²⁰ Nome dado pelos pesquisadores ao subgrupo formado pelo Mawé-Awetí-Guaraní

²¹ Nheengatu é uma língua classificada como da família Tupi-Guaraní e também conhecida como Língua Geral Amazônica – LGA. Foi utilizada amplamente pelos missionários para estabelecer contato com os indígenas na Amazônia, espalhando-se por toda a região. De acordo com documentos da época, ela só deixou de ser utilizada como língua de intercomunicação com a chegada dos nordestinos na época do ciclo da borracha. Portanto, no início do séc. XX.

2.1.2 Influências do Nheengatu

Caso a sociedade necessite, basta fazer empréstimos linguísticos: o **contato cultural com outros povos**, o conhecimento de novos conteúdos ou a descoberta de realidades até então desconhecidas são o motor da elaboração de novos conceitos e da produção de novas palavras. (Alkmim 2001, p. 41) [grifos meus].

Uma das maneiras de se ampliar e/ou se adaptar o léxico de uma língua é através de empréstimos e neologismos. Esses processos ocorrem geralmente em situações de contato entre línguas.

As influências do Nheengatu podem ser facilmente observadas no léxico Sateré-Mawé. Basicamente são de dois tipos. O primeiro corresponde a palavras que foram incorporadas ao léxico sem nenhuma alteração. E o segundo, a palavras que foram adaptadas ao sistema da língua Sateré-Mawé.

O primeiro tipo de incorporação ocorre em maior número e, pelo que pude observar, em trabalho de campo, o falante não identifica o empréstimo. Dentre as palavras, temos **apukuita** ‘remo’, **kuia** ‘cuia’, **jakare** ‘jacaré’, **kumana** ‘feijão’, **purure** ‘enxada’. O segundo tipo é reduzido e, geralmente, apresenta alterações fonológicas, conforme exemplos na tabela abaixo:

Tabela 2 – Léxico comparativo Sateré-Mawé/Nheengatu

	Sateré-Mawé	Nheengatu	
(1)	[awati]	[awatʃi]	‘milho’
(2)	[iʔi]	[iʔi]	‘água’
(3)	[tapiʔia]	[tapuja]	‘índio’
(4)	[muka]	[mukawa]	‘espingarda’
(5)	[pisanã]	[piʃana]	‘gato’
(6)	[tupana]	[tupã]	‘Deus/divindade’
(7)	[kapiwara]	[kapiwara]	‘capivara’
(8)	[kusiú]	[kuʃiw]	‘macaco-cuxiú’

(9)	[maraka ha]	[maraka ʒa]	‘gato maracajá’
(10)	[ka: su]	[ka ʒu]	‘caju’

É interessante notar que, nos exemplos acima, as palavras para **muka** e **pisanã** fazem referência a conceitos típicos de cultura não indígena que foram empregados provavelmente por mestiços e missionários. Uma outra observação é de como se deu o empréstimo. Dificilmente é possível identificar se a palavra foi introduzida na língua Sateré-Mawé diretamente do Nheengatu, devido à história de contato entre as línguas, ou se foi a partir do Português. As palavras **capivara** e **caju**, por exemplo, também são empréstimos da Língua Geral para o Português. Daí a dificuldade de se definir os caminhos através dos quais se deu o empréstimo.

Observei, em trabalho de campo, que certas palavras do Nheengatu são utilizadas normalmente, apesar de existir o equivalente em Sateré-Mawé. Exemplos disso são as denominações, para capivara e porco-espinho, que podem ser tratados tanto em Sateré-Mawé, como **pai wato** e **nũʔin**, quanto em Nheengatu, como **kupidu** e **kuandu**, respectivamente. Talvez, com o tempo, ocorra um processo de diferenciação em que uma forma se especialize em relação à outra. Tal processo é comum quando existe contato entre duas línguas. No caso da língua Sateré-Mawé, o contato com o Nheengatu existiu na região do rio Andirá durante um certo tempo. Hoje em dia, já não existe mais, mas as palavras emprestadas permaneceram e se incorporaram ao léxico da língua.

Uma última questão diz respeito a empréstimos lexicais não Tupi na língua Sateré-Mawé. Rodrigues & Dietrich (1997) ressaltam que a língua Sateré-Mawé sofreu acentuada influência lexical do Nheengatu (Língua Geral Amazônica) desde o início do século XVII, como já disse anteriormente (como as denominações para faca ‘**kise**’, para chefe ‘**tu’isa**’ e para gato ‘**pisanã**’). Ao mesmo tempo, afirmam que muitas palavras em Sateré-Mawé não correspondem a nenhuma palavra ou morfema de origem Tupi. Um exemplo é a palavra em

Sateré-Mawé para ‘batata’ **uriuru**, que não corresponde ao Proto-Tupi (PT) *wetik²² ou ao Proto-Tupi-Guarani (PTG) *jetik. Sobre isso, existe a hipótese de que a área cultural indígena do Tapajós-Madeira, classificada pela moderna etnografia como pertencente à tradição Tupi, tenha sido palco de movimentos migratórios de grupos Aruak e mais recentemente Karib, o que poderia explicar a presença desses elementos na língua (Mano, 1996).

Até aqui tratamos das influências do Nheengatu, uma língua indígena, no Sateré-Mawé, uma outra língua indígena. Portanto, a influência que se estudou foi sobre o contato de duas línguas indígenas importantes na história e formação dos Sateré-Mawé como nação indígena.

Entretanto, ao longo da pesquisa, como poderá ser verificado em alguns exemplos deste trabalho, constatou-se uma grande quantidade de palavras emprestadas do Português, até mesmo para termos que, normalmente, não são emprestados, tais como os de parentesco e das partes do corpo. Em Sateré-Mawé, usa-se a forma emprestada da língua portuguesa, seja porque a forma realmente não existe na língua, seja porque a forma emprestada se encontra em uso mais corrente entre os falantes.

Ao tratarmos, a seguir, a situação sociolinguística dos Sateré-Mawé, atentamos basicamente para o fato de a língua materna desses índios estar perdendo espaço para a língua portuguesa – que é a língua majoritária – em determinadas situações de contato. Essa situação não é exclusiva dos Sateré-Mawé, mas recorrente em grande parte dos povos indígenas.

2.2 Situação Sociolinguística

Rodrigues (2005), quando comenta sobre a perda da diversidade linguística dos povos ao redor do mundo, considera, segundo parâmetros

²² As palavras marcadas por asterisco (*) são formas reconstruídas para o Proto-Tupi e o Proto-Tupi-Guarani.

mundiais, que qualquer língua falada por menos de 100 mil pessoas tem sua sobrevivência ameaçada e precisa de atenção especial. **No Brasil, todas as línguas indígenas têm menos de quarenta mil falantes.** A que tem maior número de falantes é a Tikuna, língua de família isolada, falada na região do rio Solimões com pouco mais de trinta mil falantes.

O Sateré-Mawé figura, neste quadro, como uma das línguas amazônicas mais representativas em termos quantitativos. Segundo Teixeira, entre Terra Indígena e área urbana, são aproximadamente 7.500 pessoas que, em sua maioria, falam Sateré-Mawé. Destes, somente um percentual de 4,1% não apresentam domínio da língua, o que pode demonstrar uma certa vitalidade da mesma. Contudo, é preciso considerar certos fatores tais como o contato com a sociedade envolvente e o crescente processo de escolarização.

A relativa proximidade da Terra Indígena com as cidades de Parintins, Barreirinha, Maués e até mesmo com a capital Manaus faz com que o fluxo migratório dos indígenas seja intenso. Existem barcos de linha que, semanalmente, fazem o transporte entre as regiões e entre estas com as cidades próximas. Isso representa um grande problema e mostra que a situação não é tão homogênea em todos os grupos da região. Com a escolarização, veio a necessidade de dar prosseguimento aos estudos. Assim, muitos jovens Sateré-Mawé que terminam a primeira fase do ensino fundamental na Terra Indígena, migram para as cidades para poder dar continuidade aos estudos. Com isso, saem das áreas e vão para as cidades. Lá quase sempre permanecem por conta das facilidades e do fascínio que a sociedade envolvente exerce sobre eles. Em alguns casos, fica ameaçado o sistema de relações do grupo, pois os jovens não querem mais respeitar os mais velhos e nem se dispõem para as atividades tradicionais, gerando conflitos de gerações, que muitas vezes interferem na organização social.

Como dito antes, a maioria da população Sateré-Mawé apresenta fluência na língua. Homens e mulheres acima de sessenta anos são, em grande parte, monolíngues em Sateré-Mawé. Excetuando as duas primeiras comunidades

do rio Andirá, a primeira língua das crianças é a língua Sateré-Mawé. Nessas duas comunidades, Guaranatuba e Ponta Alegre, a língua de uso é o Português e, segundo os professores, as crianças chegam à escola como monolíngues em Português. Isso representa um grande problema porque essas escolas, estando dentro da área indígena, têm que começar o processo de alfabetização já em Português, tornando o Sateré-Mawé a segunda língua de escolarização. Os professores dessas comunidades dizem que só agora é que conseguiram um pouco mais de apoio. Segundo eles, antes os pais queriam que seus filhos aprendessem Português na escola porque só assim eles teriam mais oportunidades. Na verdade, esse discurso, comum entre as sociedades indígenas, é um discurso internalizado pelos indígenas, que assimilaram a forma de pensar dos não indígenas em prol de uma sociedade nacional. Enfim, foram assimilados em sua forma de pensar a educação.

Homens adultos e jovens são, em sua maioria, bilíngues em Sateré-Mawé e Português. Já as mulheres podem apresentar um grau de bilinguismo variado. As mais jovens são mais bilíngues que as mulheres mais velhas. Outra variante é o grau de escolaridade. Os mais escolarizados, tanto homens quanto mulheres, são bilíngues. Isso talvez se deva ao fato de terem que se deslocar da Terra Indígena para as cidades próximas no intuito de prosseguirem os estudos. Nas interações entre jovens e adultos, é possível verificar facilidade de fluência em ambas as línguas. Já nas interações desses com os mais velhos, a língua de uso é o Sateré-Mawé, apesar da grande quantidade de palavras emprestadas do Português. Essa situação de empréstimos se reflete também na escrita.

2.2.1 Facilidade linguística

O diagnóstico feito com os professores mostra que a maioria entende e fala Sateré-Mawé. Somente 5,88% marcaram que não falam o idioma. Outros ainda disseram entender um pouco da língua Sateré-Mawé. Quanto a ler e

escrever, 26,47% dentre os trinta e quatro professores declararam saber ler pouco em Sateré-Mawé, e outros ainda disseram que têm pouco domínio da escrita em Sateré-Mawé. Somente um professor disse não saber escrever na língua.

A facilidade linguística em relação à língua Portuguesa também demonstra que, em sua maioria, os professores entendem bem o Português. Nos questionários aplicados, alguns declararam entender um pouco. Com relação a falar Português, é possível verificar o grau de bilinguismo, pois todos disseram que falam ou falam um pouco Português. Os professores mostram mais familiaridade em ler e escrever em Português do que em Sateré-Mawé. Comparando os resultados, é possível verificar que a leitura e a escrita em língua Portuguesa é mais frequente que na língua materna. É possível que isso se deva à política de ensino anterior que utilizava o Sateré-Mawé nos primeiros momentos de escolarização para, logo em seguida, substituí-lo pelo ensino do Português.

Fazendo uma projeção maior e, considerando o levantamento de Teixeira (2005), somente em relação à região do rio Andirá, verifica-se que a proporção de pessoas que leem e escrevem em Sateré-Mawé é maior no alto rio Andirá. Nas regiões próximas aos municípios, a proporção diminui:

Tabela 3 – Leitura em Sateré-Mawé

Sub-área	Lê		Não lê	Total
	Bem	Razoavelmente		
Alto Andirá	34,5	25,5	40,0	100,0
Baixo Andirá	20,7	29,3	50,0	100,0

Fonte: Teixeira (2005, p. 97)

Teixeira (2005) considera ainda que, *“quanto à capacidade de escrever o idioma Sateré-Mawé, as informações levantadas são bastante semelhantes às obtidas para a leitura na língua, não devendo ser, portanto, motivo de atenção especial neste relatório”* (p.97).

Analisando os dados, é possível verificar que, assim como a língua falada, as habilidades de ler e escrever em Sateré-Mawé são mais preservadas nas áreas mais afastadas, ou seja, na região do alto rio Andirá. Isso é verdade,

também, para os professores dessa região. Foram eles que responderam ter pouca fluência no Português escrito/lido. Numa das oportunidades que tive de conversar com eles²³, verifiquei que tinham dificuldade de me entender e em alguns momentos tive que lançar mão de um intérprete e pedir ajuda na tradução para o Sateré-Mawé.

2.2.2 Atitudes linguísticas

Em relação às atitudes linguísticas, é preciso considerar fatos socioculturais e políticos nas escolhas feitas pela sociedade indígena frente à sociedade majoritária. Assim, a atitude está diretamente relacionada às escolhas linguísticas que os falantes fazem das línguas que utilizam nas situações de contato. Segundo Grosjean (1982), normalmente em casos de bilinguismo ocorre um 'continuum' que vai da extremidade em que os falantes da língua minoritária são monolíngues em suas línguas, à extremidade em que os falantes passam a monolíngues na língua majoritária, passando, neste contínuo, pela etapa intermediária de bilinguismo em ambas as línguas. Como lembra o autor, a etapa intermediária bilíngue entre essas extremidades muda de acordo com inúmeras variáveis ligadas à situação de bilinguismo, os falantes bilíngues poderão, neste sentido, estar localizados em qualquer ponto ao longo desse 'continuum'.

Analisando as atitudes linguísticas dos professores Sateré-Mawé em relação ao Português e à língua materna, pude observar que, ao contrário do que acontecia anteriormente, as atitudes são positivas tanto em relação ao Sateré-Mawé quanto ao Português. Quase todos, 97,06%, responderam que *não existe uma língua mais bonita que a outra*.

²³ Na ocasião do curso de formação continuada dos professores indígenas Sateré-Mawé em junho/2006.

Em relação ao ensino, também a maioria respondeu que prefere ler e escrever em ambas as línguas, embora o resultado identifique uma ligeira inclinação para leitura e escrita em Português.

Uma questão que preocupa quanto ao uso do Sateré-Mawé é que cada vez mais a língua está perdendo espaço para o Português em área indígena. Isso se reflete no ensino bilíngue e diferenciado. Os professores internalizaram a proposta do Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (doravante RCNEI) sem, sequer, refletir sobre as implicações que ela pode acarretar na vitalidade da língua. Apesar da atitude positiva em relação às duas línguas, há uma certa tendência de se considerar o Português mais apropriado²⁴. Assim, percebe-se que o Sateré-Mawé está, segundo Grosjean, numa situação de bilinguismo e já, em algumas comunidades, de monolinguismo em língua Portuguesa. Nesta última, encontram-se duas comunidades do rio Andirá, Guaranatuba e Ponta Alegre onde só os mais velhos falam Sateré-Mawé.

D'Angelis (2005, p. 09), ao tratar da sobrevivência das línguas minoritárias, diz que: *“quando o bilinguismo(...) deixa de ser **uma necessidade coletiva do grupo indígena**²⁵ e chega a se tornar uma necessidade de praticamente todos os indivíduos de uma comunidade, então se está diante de uma situação irreversível de avanço da língua portuguesa sobre os espaços da língua indígena.”* Esse ainda não parece ser o caso do Sateré-Mawé, mas, de qualquer forma, a necessidade e a ‘entrada’ da língua portuguesa fazem com que esta ocupe alguns espaços sociais de usos orais próprios do Sateré-Mawé, conforme veremos a seguir.

²⁴ Pude constatar isso na ocasião do curso de formação continuada em junho/2006 onde alguns professores preferiram o Português ao Sateré-Mawé. Nas exposições dos trabalhos, apesar de eu ter dito que não haveria problemas apresentar em Sateré-Mawé, eles preferiram expor em Português justificando que assim todos entenderiam, mesmo com o argumento de que o mesmo aconteceria se fosse em Sateré.

²⁵ Grifo do autor

2.2.3 Bilinguismo e usos do Sateré-Mawé e do Português

Em relação ao uso no cotidiano das comunidades, fica bem estabelecido que usam o Sateré-Mawé, ao falarem entre si, e a língua Portuguesa, ao falarem com os não indígenas, inclusive em situações rituais, tais como cerimônias tradicionais próprias dos Sateré-Mawé, como o ritual da tucandeira e a colheita do guaraná. Em rituais religiosos não tradicionais, tais como missas e cultos evangélicos, a maioria afirma que são usadas as duas línguas. É importante ressaltar que o novo testamento foi traduzido para o Sateré-Mawé na década de 60 por missionários do SIL²⁶ Albert e Sue Graham. Pessoalmente vi que isso ocorre dependendo de quem é o encarregado (padre ou pastor) do ritual. Em Nova Sateré, comunidade de maioria evangélica, os cultos são feitos em Sateré-Mawé pelo pastor, com leitura do Novo Testamento às quartas e sextas. Aos domingos, a esposa do pastor dá aulas de orientação religiosa para as mulheres e crianças também em Sateré-Mawé. Já na comunidade de Ponta Alegre, de maioria católica, as missas e festejos, incluindo procissão, são feitos em Português por padres ou indígenas iniciados na religião católica.

A aplicação do questionário sobre os usos orais do Português e do Sateré-Mawé visou diagnosticar em quais espaços o Sateré-Mawé está sendo substituído pelo Português, ou ainda, qual a situação real de bilinguismo presente neste grupo e o quanto isso pode interferir na vitalidade da língua indígena. Além dos usos sociais, tais como situações do cotidiano, situações rituais tratadas anteriormente, outros relacionados aos usos orais como reuniões, comércio e relações com outras comunidades indígenas e não indígenas serão abordados mais detidamente.

De acordo com os dados coletados no questionário, a maioria dos espaços, antes de uso oral somente em Sateré-Mawé são, hoje, espaços bilíngues, conforme abaixo:

²⁶ Summer Institute of Linguistics

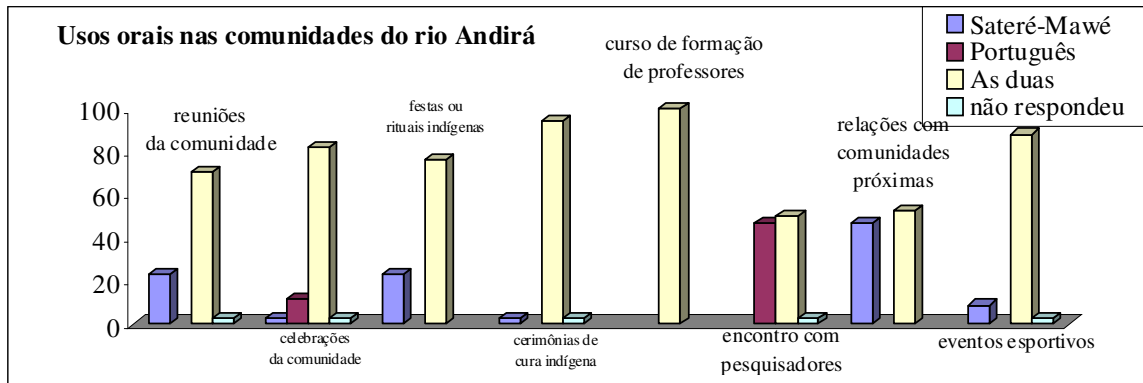


Gráfico 1 – Usos orais nas comunidades do rio Andirá

Percebe-se que, à exceção do curso de formação dos professores e dos encontros com pesquisadores, onde a língua de uso é, evidentemente, o Português, todas as outras situações dizem respeito a interações entre indígenas dentro da área, que gradativamente estão se tornando bilíngues. Isso preocupa à medida que o contato com a sociedade envolvente agrava a situação e torna cada vez mais evidente a entrada da língua portuguesa na área indígena.

A respeito das interações de usos orais em Sateré-Mawé, os dados obtidos com a aplicação dos questionários mostram que a língua se restringe cada vez mais a relações internas da comunidade:

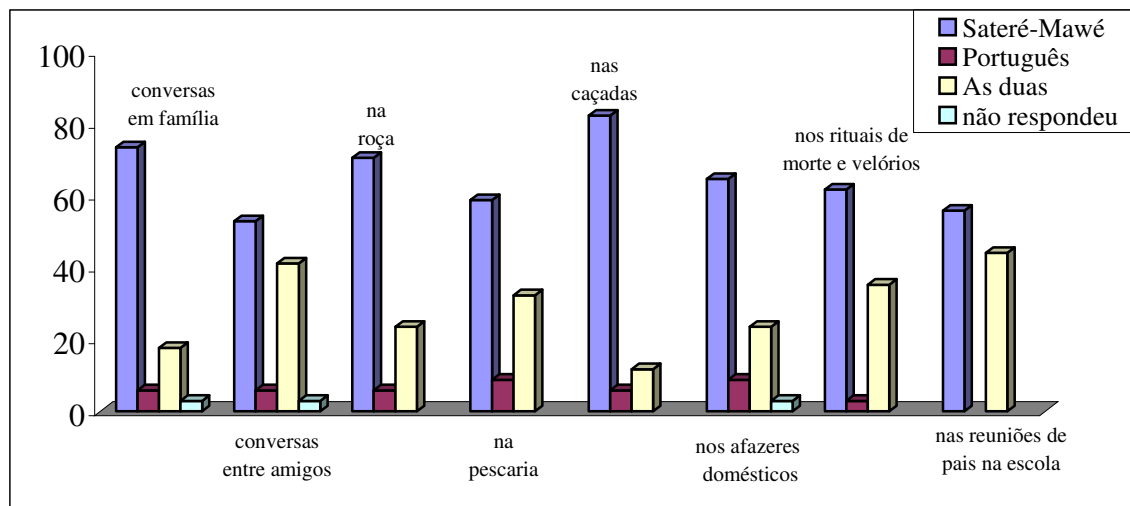


Gráfico 2 – Bilinguismo entre Sateré-Mawé e Português

D'Angelis (2005) apresenta o processo de avanço da Língua Portuguesa sobre os espaços das línguas indígenas em três momentos. No primeiro momento, a língua serve à sua comunidade de forma plena e eficiente, sem considerar, neste caso, o número de falantes. O segundo momento é quando a sociedade majoritária envolve a minoritária emprestando, a esta, termos e denominações, aumentando e enriquecendo seu vocabulário, ao mesmo tempo em que invade espaços da língua minoritária, tornando, em diferentes graus de contato, a língua indígena desprestigiada em relação à Língua Portuguesa. No terceiro momento, segundo o autor, as 'mordidas' já são praticamente irreversíveis, fazendo com que a língua seja usada para comunicação com pessoas de mais idade que não falam, ou não falam bem, o Português.

No caso do Sateré-Mawé, embora as ações de revitalização e preservação da língua sejam feitas de forma efetiva, ainda não há por parte das comunidades e de seus representantes uma ideia real do quanto esse processo pode já estar em estágio avançado. O fato é que cada vez mais se fala e se interage em Português na área indígena Sateré-Mawé, tornando o bilinguismo uma prática comum entre crianças, jovens e adultos. A gravidade disso talvez seja considerada tarde demais, num momento em que as 'mordidas', segundo D'Angelis, possam se tornar irreversíveis.²⁷

2.2.4 Leitura e escrita nas comunidades Sateré-Mawé do rio Andirá

²⁷ Outro momento do curso de formação que nos chamou atenção foi quando tratamos empréstimos. Percebemos que nas interações entre os professores o uso de construções do tipo:

u-i-mamãe	'minha mãe'	e-Ø-titio	'teu titio'
1SG-rel-mãe		2SG-rel-titio	

eram muito comuns. Resolvemos então aproveitar e explicar que certas palavras, tais como relações de parentesco e partes do corpo não precisam ser emprestadas, porque cada cultura tem uma forma própria de se referir a elas sem a necessidade de empréstimos. Mesmo explicando, na discussão sobre o tema alguns professores já não se lembravam mais como se dizia 'meu tio' em Sateré.

Cavalcanti e Maher (2005, p. 30 e 31) ressaltam que, apesar da escolarização para os povos indígenas ser um direito garantido por lei, ela não pode ser obrigatória como é na sociedade envolvente. A questão envolve contextos específicos e diferenciados das sociedades indígenas, onde cada grupo determina o que é melhor e o modo como se deve proceder. A leitura e a escrita em certos contextos indígenas podem não ser tão relevantes quanto o são nas sociedades não indígenas. Isso faz com que, ainda segundo as autoras, os caminhos da escolarização sejam negociados com as partes interessadas. Assim sendo, o professor indígena figura como o representante que ajuda na tomada de decisão, juntamente com a comunidade, esclarecendo as funções sociais da leitura e da escrita tanto em língua indígena quanto em Português.

Como dito anteriormente, a aplicação desse último questionário pretende muito mais averiguar o quanto de leitura e escrita é realmente importante nas comunidades indígenas Sateré-Mawé do rio Andirá, principalmente, qual a frequência. No levantamento feito com os professores indígenas Sateré-Mawé foram consideradas duas situações: o uso da leitura e da escrita nas relações com os não indígenas e nas relações internas das comunidades. De acordo com as respostas, pode-se dizer que leitura e escrita são usadas algumas vezes nas relações internas das comunidades com um grau de importância relativamente baixo de modo geral.

A importância do uso da leitura e da escrita varia de comunidade para comunidade. Nas comunidades de Guaranatuba e Ponta Alegre, por exemplo, certamente, é mais importante devido ao grande fluxo migratório com os municípios próximos, principalmente Barreirinha e Parintins. Segundo Teixeira (2005), grande parte dos indígenas residentes em Barreirinha e Parintins é originária dessas comunidades. Com isso, o uso de leitura e escrita (cartas, bilhetes, avisos etc) é mais significativo. Apesar desse resultado, pessoalmente pude verificar que a mensagem transmitida de maneira oral ainda é o principal meio de comunicação. Das vezes que precisamos nos comunicar com eles,

enviamos recados que foram transmitidos e prontamente respondidos. Os dados abaixo demonstram o resultado da aplicação dos questionários:

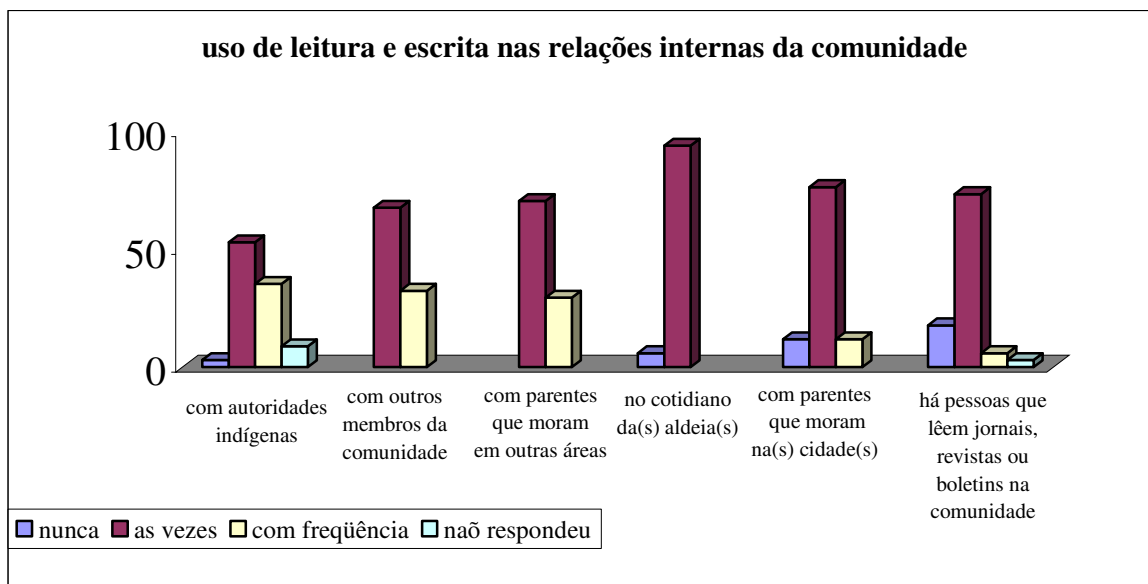


Gráfico 3 – Uso de Leitura e escrita nas relações internas da comunidade

Os resultados referentes à relação com não índios já eram esperados. Neste tipo de interação, usa-se muito frequentemente a leitura e/ou escrita. Nas relações com a FUNAI e com as Secretarias (municipais e estaduais) de Educação, leitura e escrita são frequentes em quase todas as situações: 91,18% e 79,41%, respectivamente. Nas relações com pesquisadores e com agentes externos religiosos, também, cerca de 80%. Este último mais em relação à leitura por conta da tradução da bíblia citada anteriormente.

O esboço da situação sociolinguística feito acima, a partir dos questionários aplicados aos professores Sateré-Mawé, demonstra que a língua se apresenta estável com um grau de bilinguismo crescente que preocupa, à medida em que professores e comunidades não têm consciência do quanto estão se deixando envolver pela sociedade majoritária falante de língua portuguesa. Através de empréstimos e de situações cotidianas de interação, os Sateré-Mawé cada vez mais dão espaço ao Português, em detrimento de sua língua ancestral. Com o advento da escolarização, o processo parece ter se agravado por conta da

entrada da leitura e da escrita que, necessariamente, acompanham este processo. Anteriormente o que se tinha, principalmente de leitura, era tradução da bíblia feita por missionários, com o intuito de catequização, e cartilhas elaboradas por estes, que nada tinham de educação indígena. O material apresentava alguns ensinamentos da língua materna, mas claramente era de transição e privilegiava o ensino do Português.

É importante ressaltar que os que são hoje professores indígenas foram, de alguma forma, iniciados na leitura e na escrita por missionários que visavam integrá-los através de um ensino que não condizia com sua realidade linguística e cultural. Em grande parte, somente há pouco tempo, aprenderam a escrever em Sateré-Mawé e apresentam grande insegurança na prática escrita. Portanto, sofreram ao serem alfabetizados, porque eram obrigados a aprender Português, sendo desconsiderado todo o seu conhecimento linguístico e cultural. Isso faz com que, nas suas atuações como professores indígenas, haja a nítida preocupação no sentido de que não se repita esse processo de descaracterização. Mas há ainda muito que fazer no sentido de conscientização deles em relação às suas práticas de ensino.

Agora, com a escolarização, os Sateré-Mawé têm uma nova batalha que, segundo Melià (1979, p. 60), é o novo paradigma dos povos indígenas: *A alfabetização quer assimilar o índio; o índio quer assimilar a alfabetização, mas para não ser assimilado*”.

2.3 Considerações finais

A prática linguística de transmissão oral de conhecimento é realizada pelos povos indígenas desde sempre. Esses saberes são transmitidos e circulam nessas sociedades com funções e figuras próprias que são responsáveis pela narrativa, pelas práticas de caça, pesca e coleta de alimentos, pelos ritos sociais e religiosos que, normalmente, são delegados aos mais velhos e pelos papéis

sociais definidos de homem e mulher, transmitidos oralmente através das gerações. Forma-se um conhecimento memorial, que dita as regras de organização social e política de um povo, de uma sociedade. Nas sociedades sem escrita, as funções sociais e de memória se ligam através de uma cultura oral. Ong (1982), quando fala de culturas narrativas e orais, afirma que “o saber e o discurso surgem da experiência humana e que a maneira elementar de processá-la verbalmente é dando conta de como realmente ela nasce e existe, contida no fluxo do tempo”²⁸ (p.138). Assim, as culturas de tradição oral utilizam, principalmente, narrativas para guardar, organizar e comunicar seus saberes e, assim, reúnem conhecimentos e manifestações que seguramente serão repassados através dos tempos entre os membros dessas sociedades.

Com o contato entre os povos, surgem situações de empréstimos e de necessidades nunca antes imaginadas. Com isso, as formas de transmissão orais vão, gradativamente, perdendo espaço para a linguagem escrita que vem, necessariamente, com o processo de escolarização e de escolaridade. A escola nas sociedades indígenas é um advento novo, emprestado dos ‘brancos’ e imposto como instituição social. A escola traz com ela a escrita e a leitura, que passam a ter funções sociais e, também, relativa importância dentro das comunidades.

Aos professores indígenas, cabe a difícil tarefa de definir até onde é importante ler e escrever em suas línguas e na língua da sociedade envolvente. Cabe a eles também não deixar que a escola interfira nas funções tradicionalmente definidas e já estabelecidas, como as funções de narradores e contadores de histórias, pajés, curandeiros, pessoas encarregadas de determinados conhecimentos, como o pescador e o caçador, que conhecem a arte e a ciência de pescar e caçar. É uma tarefa complexa e difícil de executar.

²⁸ Tradução livre: el saber y el discurso surgen de la experiencia humana y que la manera elemental de procesar verbalmente la experiencia humana es dando cuenta de ella más o menos como realmente nace y existe, contenida en el flujo del tiempo”.

Após considerar toda a trajetória dos Sateré-Mawé, pensamos como Mano (1996), que eles **são sobreviventes em constante processo de adaptação**. Tentam a todo custo se manter com sua língua e cultura bem definidas, apesar das várias tentativas de descaracterizá-los enquanto sociedade indígena. É certo que muito se perdeu, eles já não moram mais em casas coletivas, moradia comum entre os povos de origem tupi, mas se espalham ao longo dos rios de sua terra em comunidades, semelhantes às comunidades ribeirinhas na região Amazônica. A língua e o fato de estarem em terra indígena são o que os diferencia geograficamente dos caboclos da região apesar do contato frequente e contínuo entre eles.

A situação sociolinguística dos Sateré-Mawé é claramente bilíngue e cada vez mais é dado mais espaço ao Português em detrimento da língua ancestral. Essa situação é preocupante à medida que os espaços sociais de usos orais da língua indígena já não são mais tão definidos. Em relação ao uso da leitura e da escrita, percebe-se uma leve preferência ao Português e isso, como já dissemos, também é preocupante, uma vez que é preciso criar espaços e funções sociais relevantes para a escrita em Sateré-Mawé. Cremos que a possibilidade da escrita e a leitura devam servir para garantir a preservação da memória coletiva, para a reescritura de fatos históricos de contato na perspectiva indígena, já que, até agora, só foi contada sob a perspectiva dos 'brancos'.

Ao tratar de aspectos culturais, históricos e sociolinguísticos dos Sateré-Mawé nesta primeira parte, esperamos dar um melhor contexto para o estudo da língua em seus aspectos fonológicos e gramaticais, tendo em vista a estreita relação desta com a cultura de um povo.

SEGUNDA PARTE

FONOLOGIA E MORFOSSINTAXE

CAPÍTULO III

ASPECTOS DA FONOLOGIA

Introdução

Neste capítulo, apresentamos aspectos da fonologia da língua Sateré-Mawé com base nos estudos realizados por Silva (2005). Apresentaremos o inventário de fonemas segmentais e suas realizações fonéticas, além de considerar a posição do segmento na estrutura ou contínuum silábico. Também serão discutidos alguns processos morfofonológicos, tais como a assimilação, a alternância das consoantes e a harmonização. Por fim, serão examinados aspectos relacionados ao fenômeno prosódico do acento.

3.1 Inventário Segmental

3.1.1 Segmentos consonantais

O inventário de fonemas segmentais da língua Sateré-Mawé apresenta 12 consoantes, que se opõem entre si em cinco pontos (bilabial, alveolar, palatal, velar e glotal), e em cinco modos de articulação (oclusiva, nasal, tepe, fricativa e aproximante). O contraste oclusiva/nasal se neutraliza nos pontos bilabial, alveolar e velar, uma vez que, em contextos intervocálicos onde a vogal que os antecede é

nasal, os segmentos /p, t, k/ se realizam como alofones pré-nasalizados [mb], [nd] e [ŋg], respectivamente.

Todas as consoantes podem ocupar a posição de ataque silábico, exceto o tepe /r/, que só ocorre em posição medial de palavra. Em posição final somente são admitidos os segmentos oclusivos /p/, /t/, e /k/ e nasais /m/, /n/ e /ŋ/.

Em relação ao núcleo silábico, este só pode ser ocupado por uma vogal. Os tipos admitidos na língua são: V, CV, VC e CVC, sendo o tipo CV o mais frequente.

O acento não é distintivo e sim demarcativo, caindo regularmente na última sílaba da palavra fonológica.

Quadro 1 - Fonemas Consonantais

	bilabial	alveolar	palatal	velar	glotal
oclusiva	p	t		k	(') ²⁹
nasal	m	n		ŋ	
tepe		r			
fricativa		s			h
aproximante	w		j		

Abaixo relacionamos alguns pares de segmentos consonantais que contrastam em ambiente idêntico ou análogo, e que demonstram as oposições contidas no Quadro 1 precedente. A relação não é exaustiva e, na medida do possível, pretende-se observar cada par em mais de um contexto.

(01)	/p/ e /m/	(a)	/pi:t/	['pi:t ˀ]	“corpo”
		(b)	/mi:t/	['mi:t ˀ]	“gente”

²⁹ O fonema /ʔ/ será grafado fonemicamente como ('), nas realizações dos exemplos.

(02)	/p/ e /w/	<table border="0"> <tr> <td style="padding-right: 10px;">(a)</td> <td style="padding-right: 10px;">/piwo/</td> <td style="padding-right: 10px;">[pi'wɔ]</td> <td>“verdade”</td> </tr> <tr> <td style="padding-right: 10px;">(b)</td> <td style="padding-right: 10px;">/wiwo/</td> <td style="padding-right: 10px;">[wi'wɔ]</td> <td>“com” (companhia)</td> </tr> </table>	(a)	/piwo/	[pi'wɔ]	“verdade”	(b)	/wiwo/	[wi'wɔ]	“com” (companhia)								
(a)	/piwo/	[pi'wɔ]	“verdade”															
(b)	/wiwo/	[wi'wɔ]	“com” (companhia)															
(03)	/m/ e /w/	<table border="0"> <tr> <td style="padding-right: 10px;">(a)</td> <td style="padding-right: 10px;">/mori'a/</td> <td style="padding-right: 10px;">[mɔri'ʔa]</td> <td>“flecha”</td> </tr> <tr> <td style="padding-right: 10px;">(b)</td> <td style="padding-right: 10px;">/wori'a/</td> <td style="padding-right: 10px;">[wɔri'ʔa]</td> <td>“gogó”</td> </tr> <tr> <td style="padding-right: 10px;">(c)</td> <td style="padding-right: 10px;">/mehi/</td> <td style="padding-right: 10px;">[mɛ'hi]</td> <td>“parente”</td> </tr> <tr> <td style="padding-right: 10px;">(d)</td> <td style="padding-right: 10px;">/wehi/</td> <td style="padding-right: 10px;">[wɛ'hi]</td> <td>“urinar”</td> </tr> </table>	(a)	/mori'a/	[mɔri'ʔa]	“flecha”	(b)	/wori'a/	[wɔri'ʔa]	“gogó”	(c)	/mehi/	[mɛ'hi]	“parente”	(d)	/wehi/	[wɛ'hi]	“urinar”
(a)	/mori'a/	[mɔri'ʔa]	“flecha”															
(b)	/wori'a/	[wɔri'ʔa]	“gogó”															
(c)	/mehi/	[mɛ'hi]	“parente”															
(d)	/wehi/	[wɛ'hi]	“urinar”															
(04)	/m/ e /n/	<table border="0"> <tr> <td style="padding-right: 10px;">(a)</td> <td style="padding-right: 10px;">/manã/</td> <td style="padding-right: 10px;">[mã 'nã]</td> <td>“senhora”</td> </tr> <tr> <td style="padding-right: 10px;">(b)</td> <td style="padding-right: 10px;">/nanã/</td> <td style="padding-right: 10px;">[nã 'nã]</td> <td>“abacaxi”</td> </tr> </table>	(a)	/manã/	[mã 'nã]	“senhora”	(b)	/nanã/	[nã 'nã]	“abacaxi”								
(a)	/manã/	[mã 'nã]	“senhora”															
(b)	/nanã/	[nã 'nã]	“abacaxi”															
(05)	/m/ e /ŋ/	<table border="0"> <tr> <td style="padding-right: 10px;">(a)</td> <td style="padding-right: 10px;">/mip/</td> <td style="padding-right: 10px;">[' mip ˀ]</td> <td>“forno”</td> </tr> <tr> <td style="padding-right: 10px;">(b)</td> <td style="padding-right: 10px;">/ŋip/</td> <td style="padding-right: 10px;">[' ŋip ˀ]</td> <td>“piolho”</td> </tr> </table>	(a)	/mip/	[' mip ˀ]	“forno”	(b)	/ŋip/	[' ŋip ˀ]	“piolho”								
(a)	/mip/	[' mip ˀ]	“forno”															
(b)	/ŋip/	[' ŋip ˀ]	“piolho”															
(06)	/t/ e /r/	<table border="0"> <tr> <td style="padding-right: 10px;">(a)</td> <td style="padding-right: 10px;">/kuitu'e/</td> <td style="padding-right: 10px;">[kuitu ' ʔɛ]</td> <td>“cuspir”</td> </tr> <tr> <td style="padding-right: 10px;">(b)</td> <td style="padding-right: 10px;">/kuiru'a/</td> <td style="padding-right: 10px;">[kuiru ' ʔa]</td> <td>“jamaru”</td> </tr> </table>	(a)	/kuitu'e/	[kuitu ' ʔɛ]	“cuspir”	(b)	/kuiru'a/	[kuiru ' ʔa]	“jamaru”								
(a)	/kuitu'e/	[kuitu ' ʔɛ]	“cuspir”															
(b)	/kuiru'a/	[kuiru ' ʔa]	“jamaru”															
(07)	/h/ e /ʔ/	<table border="0"> <tr> <td style="padding-right: 10px;">(a)</td> <td style="padding-right: 10px;">/ihup/</td> <td style="padding-right: 10px;">[i ' hup ˀ]</td> <td>“vermelho”</td> </tr> <tr> <td style="padding-right: 10px;">(b)</td> <td style="padding-right: 10px;">/i'up/</td> <td style="padding-right: 10px;">[i ' ʔup ˀ]</td> <td>“coxa”</td> </tr> </table>	(a)	/ihup/	[i ' hup ˀ]	“vermelho”	(b)	/i'up/	[i ' ʔup ˀ]	“coxa”								
(a)	/ihup/	[i ' hup ˀ]	“vermelho”															
(b)	/i'up/	[i ' ʔup ˀ]	“coxa”															

		(c) /mihi/	[mi ' hi]	“ferida”
		(d) /mi'i/	[mi ' ?i]	“ele”
(08)	/h/ e /ŋ/	(a) /hap/	[' hap ʔ]	“pena”
		(b) /ŋap/	[' ŋap ʔ]	“caba”

Alguns segmentos foram atestados como mutuamente exclusivos, ou seja, em distribuição complementar, e que funcionam no sistema da língua como alofones de um mesmo fonema. É o caso das oclusivas /p/, /t/ e /k/, das nasais /m/, /n/ e /ŋ/, e do segmento palatal /j/, cujas realizações fonéticas se dão através da alofonia dos respectivos fonemas.

Sobre a série das oclusivas foneticamente semelhantes, os fones [p], [t] e [k] se realizam como pré-nasalisados [mb], [nd] e [ŋg], quando são precedidos por vogais nasais, como demonstrado nos exemplos (09), (10) e (11), e, como não explodidos, [pʔ], [tʔ] e [kʔ], quando em posição final de sílaba, precedendo consoantes oclusivas e silêncio. Deste modo, tais sons são mutuamente exclusivos, estando em distribuição complementar, sendo a série de pré-nasalizadas e a de não explodidas alofones dos fonemas /p/, /t/ e /k/, respectivamente.

(09)	/p/	[mb]	(a) /imēpit/	[imē'mbit ʔ]	“filho dele”
			(b) /ha'āpik /	[haʔā'mbik ʔ]	“reto”
		[pʔ]	(c) /makuptia/	[makup ʔti'a]	“moça”
			(d) /mu'ap/	[mu'ʔap ʔ]	“caminho”
		[p]	(e) /pulture/	[puru ' rɛ]	“enxada”

		(f) /hapo/	[ha 'pɔ]	“raiz”
(10)	/t/	[nd] (a) /kamūti/	[kamū'ndi]	“pote”
		(b) /wāti'ū/	[wāndi'ʔū]	“carapanã”
		[t ʔ] (c) /katpote/	[kat ʔ pɔ'tɛ]	“porque”
		(d) /ukit/	[u'kit ʔ]	“sal”
		[t] (e) /ti:pi/	[ti: 'pi]	“dois”
		(f) /uruto/	[uru 'tɔ]	“nós”
(11)	/k/	[ŋg] (a) /amūkiusu/	[amūŋgiu'su]	“algodão”
		(b) /hēku/	[hē'ŋgu]	“língua”
		[k ʔ] (c) /sokpe/	[sɔk ʔ 'pɛ]	“roupa”
		(d) /pirik/	[pi'rik ʔ]	“rato”
		[k] (e) /kiha/	[ki 'ha]	‘babaçu’
		(f) /haki'i/	[haki 'ʔi]	‘morcego’

Outra série foneticamente semelhante são as nasais [m], [n] e [ɲ], que possuem respectivamente alofones ensurdecidos [m̩], [n̩] e [ɲ̩], que ocorrem em *Coda* silábica, precedendo o silêncio. Do mesmo modo que as oclusivas, a série de nasais não explodidas são alofones dos fonemas /m/, /n/ e /ɲ/, respectivamente, conforme abaixo:

(12)		[m̩] (a) /i'anam/	[ʔiʔa 'nām̩]	“capim”
------	--	--------------------------	--------------	---------

	/m/	(b) /ta'am/	[ta 'ʔãm]	“subir”
		[m] (c) /morope'i/	[mɔɾɔpɛ 'ʔi]	“borboleta”
		(d) /muse/	[mu 'sɛ]	“pimenta”

(13)		[ŋ] (a) /hun/	['hũŋ]	“preto”
		(b) /man/	['mãŋ]	“beiju”
	/n/	[n] (c) /init/	[i 'nit ˀ]	“irmã”
		(d) /anehu/	[anɛ 'hu]	“calango”

(14)		[ŋ] (a) /muhaŋ/	[mu 'hãŋ]	“remédio”
		(b) /tohoŋ/	[tɔ 'hõŋ]	“engolir”
	/ŋ/	[ŋ] (c) /ŋap/	['ŋap ˀ]	“caba”
		(d) /ŋa'api/	[ŋaʔa 'pi]	“mato”

São foneticamente semelhantes os fones palatais [ɲ] e [j], que ocorrem em distribuição complementar. Como mostram os dados em (15), a nasal [ɲ] ocorre apenas diante de vogais nasais em posição medial e final. Por sua vez, a aproximante [j] ocorre nos demais ambientes de onde se conclui que os fones [ɲ] e [j] são alofones do fonema /j/.

(15)		[ɲ] (a) /jũm/	['jũm ˀ]	“lá”
	/j/	(b) /mu'ujã/	[muʔu 'jã]	“dedo”

	[j]	(c) /ja'ape/	[jaʔa 'pɛ]	“costa”
		(d) /kuja/	[ku 'ja]	“cuia”

Para a análise e o reconhecimento dos fonemas, o critério utilizado foi a distribuição destes no continuum de suas realizações. Assim, no caso dos segmentos oclusivos pré-nasalizados [mb], [nd] e [ŋg], é importante observar que estes estão em distribuição complementar tanto com as oclusivas surdas [p], [t] e [k], quanto com as nasais plenas [m], [n] e [ŋ], respectivamente. Tendo em vista que o critério distribucional não ajudou a resolver o problema, considere, por fim, que tais segmentos podem ser tratados como segmentos de contorno (foneticamente, oclusivas com contorno nasal), comuns em línguas Tupi, sendo, portanto, alofones das oclusivas surdas [p], [t], e [k]. Isso se dá pelo processo fonológico de passagem de um ambiente nasal para outro oral, com ganho progressivo de vozeamento, uma vez que, em Sateré-Mawé, não existe uma série de oclusivas vozeadas, como fonemas da língua.

Em relação à distribuição complementar dos fones [ŋ] e [j], além do critério distribucional, deu-se também um tratamento acústico aos segmentos, que ajudou no processo de análise. Assim, como dito anteriormente, o fone nasal palatal [ɲ] ocorre apenas diante de vogal nasal, ao passo que a aproximante [j] ocorre nos demais ambientes. A análise acústica também relevou que, nos ambientes em que não há vogal nasal precedendo o segmento, a realização é, na verdade, [n^j], onde o segmento alveolar nasal é articulado primariamente recebendo em seguida uma articulação secundária palatal.

O tratamento acústico também permitiu que se observasse a ocorrência de oclusiva glotal [ʔ] em início de palavra. Tal ocorrência foi considerada por Silva (2005, p. 63) como estritamente fonética, sustentando que este segmento, em posição inicial de palavras, é uma realização fonética, (cf. exemplo (12a)) ao passo que em posição medial sua ocorrência é fonológica. Silva considerou que,

em posição inicial, além de sua realização variar, ocorrendo mais intensamente diante de vogais altas, há também a intuição do falante que não percebe sua ocorrência. Já em posição medial, ocorre como fonema /ʔ/, fonemicamente grafado como / ' /, inclusive com contraste em ambiente idêntico, como pode ser observado nos exemplos em (07) acima.

A língua Sateré-Mawé permite também a análise de alguns segmentos que ocorrem em **variação livre** sem acarretar mudança de significados, são eles: o tepe alveolar [r] e a lateral alveolar [l], que variam entre si em posição medial de palavra; os fones fricativos dental [θ] e alveolar [s], que alternam em início e meio de palavra; a aproximante bilabial [w] e a fricativa bilabial [β], que também alternam em posição inicial e medial. Seguem os dados que comprovam a variação livre entre os segmentos:

(16)	(a) /uriuru/	[u'riuru]	~ [u'riuɫu]	“batata”
	(b) /toimorania/	[tɔimɔ'rãnia]	~ [tɔimɔ'lãnia]	“contar”
(17)	(a) /wasa'i/	[wasa'ʔi]	~ [waθa'ʔi]	“açai”
	(b) /ipo sese/	[ipɔ'sesɛ]	~ [ipɔ'θɛθɛ]	“mão direita”
(18)	(a) /wewato/	[wɛwa'tɔ]	~ [βɛβa'tɔ]	“anta”
	(b) /awi'a/	[awi'ʔa]	~ [aβi'ʔa]	“abelha”

3.1.2 Segmentos vocálicos

(20)	/o/ e /e/	(a) /ipo/	[i ' pɔ]	“mão dele”
		(b) /ipe/	[i ' pɛ]	“pele dele”
		(c) /mohoro/	[mɔhɔ ' rɔ]	“tipiti”
		(d) /moherep/	[mɔhɛ ' rɛp ˀ]	“mostrar”
(21)	/u:/ e /i/	(a) /hu:/	[' hu:]	“sangue”
		(b) /hi/	[' hi]	“caldo”
		(c) /u:'i/	[u: ' ʔi]	“farinha”
		(d) /i'i/	[i ' ʔi]	“água”
(22)	/u:/ e /u/	(a) /su:p/	[' su:p ˀ]	“aqui”
		(b) /sup/	[' sup ˀ]	“esperma”
(23)	/i/ e /i:/	(a) /atipi/	[a:ti ' pi]	“céu”
		(b) /ti:pi/	[ti: ' pi]	“dois”
(24)	/i/ e /a/	(a) /ɲip/	[' ɲip ˀ]	“piolho”
		(b) /ɲap/	[' ɲap ˀ]	“caba”
(25)	/a:/ e /a/	(a) /a:hu/	[a: ' hu]	“doença”

		(b) /ahu/	[a ' hu]	“nosso”
		(c) /awati/	[aβa ' ti]	“milho”
		(d) /wa:ti/	[βa: ' ti]	“lua”
(26)	/ɔ̃/ e /u/	(a) /upi'ũ/	[upi ' ʔũ]	“meruim”
		(b) /uki'u/	[uki ' ʔu]	“grilo”
(27)	/a/ e /ã/	(a) /awi'a/	[aβi ' ʔa]	“abelha”
		(b) /si'ã/	[si ' ʔã]	“vagina”

Sobre os fones vocálicos alto central nasalizado [ĩ], médio posterior nasalizado [õ] e médio posterior longo [ɔ:], não foram encontradas evidências contrastivas que sugerissem suas ocorrências como fonemas da língua. Optamos então para a análise destes segmentos pelo critério mutuamente exclusivo de distribuição complementar. Desse modo, foi possível verificar que tais segmentos possuem as seguintes distribuições: O fone [ĩ] ocorre somente antes de consoante nasal /m/, em sílaba tônica final ao passo que seu correlato oral ocorre nos demais ambientes, sendo, portanto, [ĩ] e [i] alofones do fonema /i/, conforme exemplos em (28). O mesmo pode ser dito para o fone médio posterior nasalizado [õ], que tem sua ocorrência apenas antes de consoante nasal /ŋ/, em sílaba tônica final, sendo, seu correlato oral, o segmento dos demais ambientes. Assim, o fone [õ] é alofone do fonema /o/ em ambiente nasal. Seguem os exemplos de tais ocorrências:

(28)	/i/	[i]	(a) /itim/	[i ' t̃im]	'liso'
			(b) /temisim/	[temi ' s̃im]	'mamar'
		[i]	(c) /ukit /	[u'kit ʔ]	'sal'
			(d) / ihari'i/	[ihari'ʔi]	'esposa'
(29)	/o/	[õ]	(a) /po'oŋ/	[põ ' ʔõŋ]	'mais'
			(b) /tohoŋ/	[tõ ' hõŋ]	'insultar'
		[ɔ]	(c) /mohoro/	[mõhõ ' rɔ]	'tipiti'
			(d) / hapo/	[ha'pɔ]	'raiz'

O fone vocálico médio posterior alongado [ɔ:] se encontra em distribuição complementar com seu correlato breve, tendo em vista que [ɔ:] ocorre somente em sílaba travada por consoante oclusiva /t/, em posição tônica, enquanto que [ɔ] ocorre nos demais ambientes, conforme exemplos abaixo:

(30)	/o/	[ɔ:]	(a) /sapot/	[sa ' pɔ:t ʔ]	'escorpião'
			(b) /karawot/	[kara ' wɔ:t ʔ]	'cigarra'
		[ɔ]	(a) /hirokot/	[hirɔ ' kat ʔ]	'menino'
			(b) /mori'a/	[mɔri ' ʔa]	'flecha'

Considerando o princípio da simetria, esperava-se que as ocorrências dos fones vocálicos médios anteriores nasal [ẽ] e longo [ɛ:] tivessem a mesma distribuição complementar do segmento /o/ acima. Porém não foram encontradas evidências que sustentassem tal análise.

A análise fonêmica dos segmentos vocálicos constatou algumas generalizações, tais como: por condicionamento fonético [ɛ] e [ɔ] realizam-se mais fechados em ambiente nasal. Sua realização fonética nos demais ambientes é aberta. Já quando adjacentes à oclusiva glotal [ʔ], realizam-se laringalizadas, sendo, portanto, alofones das correlatas orais, como podemos observar nos exemplos abaixo:

- | | | | | |
|------|-----|----------|-----------|-----------|
| (31) | (a) | /awi'a / | [ʔaβi'ʔa] | 'abelha' |
| | (b) | /ape'i/ | [ʔape'ʔi] | 'barata' |
| | (c) | /mi'i/ | [mi'ʔi] | 'ele' |
| | (d) | /mu'ap/ | [mu'ʔapʰ] | 'caminho' |

Outras generalizações podem ser observadas a partir de um tratamento acústico dado aos segmentos, onde podemos observar que, em sílaba tônica final, as vogais orais tendem a ser acompanhadas de uma certa aspiração, estritamente fonética, que se realiza com mais frequência quando a posição de Ataque silábico é preenchida pela oclusiva glotal /h/. Em Sateré-Mawé, as vogais nasais ocorrem mais frequentemente em sílaba tônica final de palavras. Vogais orais que as antecedem se realizam como nasalizadas em maior ou menor grau, dependendo da proximidade da vogal nasal.

Uma última observação diz respeito ao alongamento vocálico. Em Sateré-Mawé, a *Coda* é preenchida por consoantes oclusivas e nasais, geralmente, em posição final de palavra. Através da análise acústica, foi possível observar que, nestas situações de sílaba travada, a vogal da sílaba tônica final sofre alongamento. Este processo, porém, é considerado como estritamente fonético. Assim, em Sateré-Mawé, é possível observar dois tipos de alongamento do segmento vocálico: um fonológico, comprovado através dos critérios de análise fonêmica de contraste e distribuição complementar, e um outro estritamente

fonético, condicionado pelo travamento da sílaba por oclusivas e nasais. Seguem os exemplos que comprovam tais realizações:

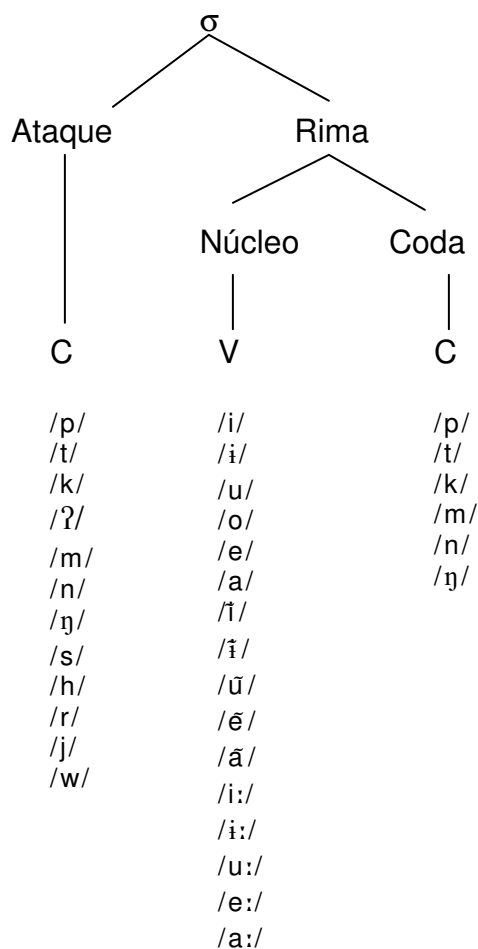
(32)	(a)	/hat/	[' ha:t ʔ]	‘fruta’
	(b)	/ipohit/	[ipɔ ' hi:t ʔ]	‘flor’
	(c)	/sapot/	[sa ' pɔ:t ʔ]	‘escorpião’
	(d)	/mit/	[' mi:t ʔ]	‘gente’
	(e)	/en/	[' ê:ŋ]	‘você’
	(f)	/i'anam/	[?iʔa ' nã:m]	‘capim’
	(g)	/iwihij/	[iβi ' hĩ:ŋ]	‘nuvem’
	(h)	/hanun/	[ha ' nu:ŋ]	‘arara’

3.2 Estrutura silábica

Um dos domínios relevantes para o entendimento da língua como sistema é a análise da estrutura silábica como hierarquicamente organizada a partir de restrições e motivações em sua constituição fonológica. A língua Sateré-Mawé apresenta um sistema silábico cuja hierarquia de sonoridade se apresenta maior no núcleo e menor nas adjacências (*Ataque* e *Coda*). Isso permite a relação entre sonoridade e estrutura silábica, que ajuda na explicação de vários fenômenos fonológicos, tais como, a formação de glides, ditongos e sequências de segmentos ambivalentes como, por exemplo, as oclusivas pré-nasalizadas presentes na língua.

Em Sateré-Mawé, a distribuição dos segmentos na sílaba se dá da seguinte forma: o *núcleo silábico* é ocupado sem restrição por vogais orais, nasais

e longas. As vogais nasais parecem ter restrições quanto à posição inicial, e também não há registro de palavras monossilábicas constituídas apenas por vogal nasal. O esquema abaixo é ilustrativo da estrutura silábica do Sateré-Mawé:



O *Ataque* admite todas as consoantes, à exceção do tepe alveolar /r/, que não ocorre em sílaba inicial de palavra, apenas em sílaba medial. Outra restrição quanto ao *Ataque* diz respeito à oclusiva glotal /?/. Este segmento parecer ter apenas ocorrência fonética em posição de início de palavra, ao passo que, em posição medial, sua ocorrência é fonológica comprovada através de pares mínimos em ambiente idêntico e análogo. A *Coda* é restrita a oclusivas e nasais.

Os tipos silábicos da língua são V, VC, CVC e CV. O tipo V não constitui palavra isolada e normalmente ocupa as posições inicial e final. Já os tipos VC, CVC e CV podem formar ou participar da constituição de palavras. Todavia palavras monossilábicas não são frequentes na língua. O tipo CV se apresenta como o mais comum na constituição de palavras, tendo sua distribuição nas posições inicial, medial e final. Ainda quanto à distribuição, as sílabas do tipo VC ocorrem com mais frequência em final de palavra. Seguem os exemplos quanto aos tipos e à distribuição destes:

(33)	-V-	V.CV.CV	(a)	/a.wi.'a /	“abelha”
		V.CVC	(b)	/u.kiɾ/	“sal”
		CV.CV.CV.V	(c)	/mi.'i.ri.a/	“eles”
(34)	-VC	VC	(a)	/iɾ/	“não”
		VC	(b)	/uɾ/	“bicho”
		V.CV.VC	(c)	/a.mi.ap/	“banco”
(35)	-CVC-	CVC	(a)	/mip/	“forno”
		CVC.CV	(b)	/sok.pe/	“roupa”
		V.CV.CVC	(c)	/u.ru.kuɾ/	“coruja”
(36)	-CV-	CV	(a)	/su:/	“sangue”
		CV.CV	(b)	/ki.wa/	“babaçu”
		CV.CV.CV	(c)	/mo.ho.ro/	“tipiti”

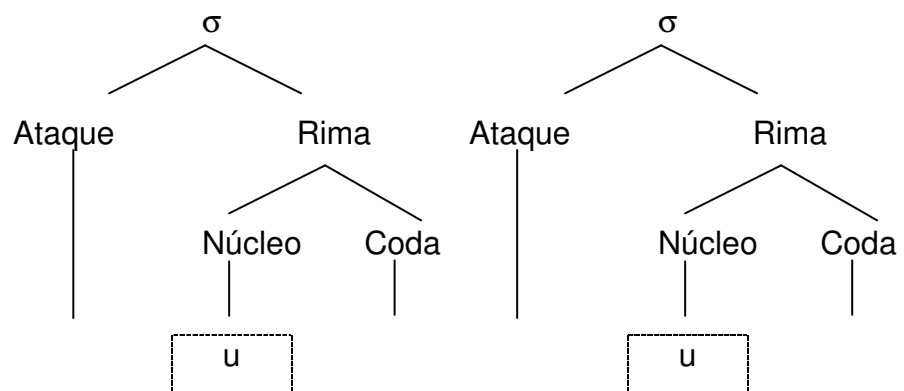
Quanto ao processo de silabificação, vimos anteriormente que as sílabas em Sateré-Mawé contêm um núcleo obrigatório, precedido por um elemento consonantal opcional em Ataque, e, também opcionalmente, seguido por

outro elemento consonantal em Coda. As posições de Núcleo e Coda constituem a *Rima*, elemento obrigatório na composição silábica.

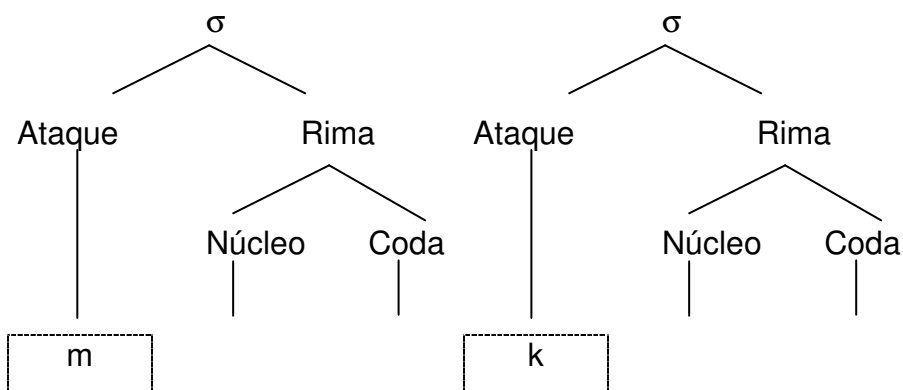
Segundo a proposta de Kenstowicz (1994), o núcleo é a base da sílaba e de onde ela se distribui. Assim, nas línguas, existem regras de distribuição que atribuem ao núcleo o elemento menos consonantal e preenchem o Ataque e a Coda com um elemento mais consonantal, como regra de distribuição interna na sílaba. Se o núcleo é a base da sílaba e de onde ela se distribui, então os tipos silábicos V e CV são os mais comuns encontrados nas línguas do mundo. A adição de um elemento à Coda – como ocorre em Sateré-Mawé – é, na verdade, aumento no padrão silábico, adicionando assim os padrões VC e CVC.

No processo de silabificação, o que ocorre é a preferência pelo processo especificado acima, ou seja, numa palavra cujo padrão silábico é VCV, como um único elemento intervocálico, a silabificação se dá separando o elemento consonantal para preencher o Ataque da segunda sílaba, tendo em vista que a primeira pode ser constituída somente de núcleo. Assim, a silabificação fica [V.CV], seguindo as regras mais comuns de silabificação nas línguas do mundo. Apresentamos, abaixo, a silabificação da palavra **mukut** ‘embuá’ em Sateré-Mawé para ilustrar o processo descrito acima, seguindo os passos de atribuição a partir do núcleo sugerido por Kenstowicz:

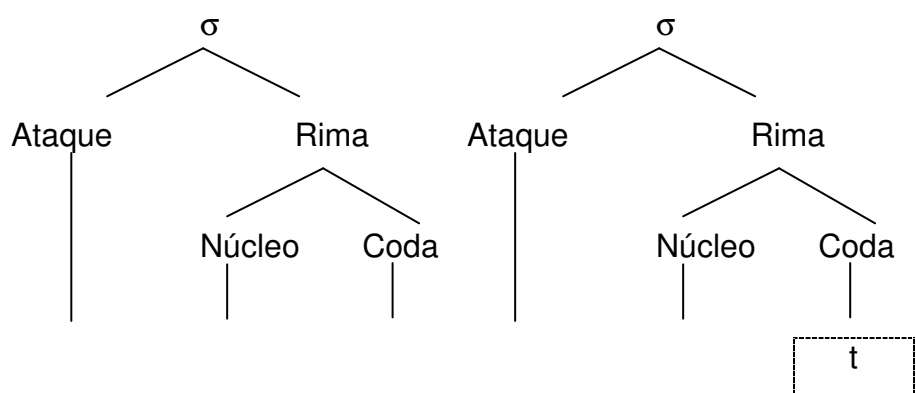
(37) a) Atribuição do Núcleo:



b) Atribuição do Ataque:



c) Atribuição da Coda:



3.3 Processos morfofonológicos

Um desalinhamento acontece quando os limites de palavras e de morfemas não são os mesmos ocasionando uma diferença entre a estrutura morfológica e a estrutura prosódica da língua. Nestes casos, podem ocorrer processos morfofonológicos, muito comuns em línguas Tupi. Alguns casos do Sateré-Mawé de assimilação e enfraquecimento de consoantes e também exemplos de queda, epêntese e hamonização de elementos vocálicos são ilustrados abaixo, alguns extraídos de Silva (2005).

a) Lenização da oclusiva alveolar /t/

Encontramos, nos dados da língua Sateré-Mawé, um processo de lenização da consoante oclusiva /t/, que se realiza como [r], em contextos onde esse segmento precede a oclusiva glotal [ʔ] seguida da vogal média-aberta [ɔ], em posição medial de palavra como nos exemplos abaixo.

- (38) (a) | ihot'ok 'dia'
 | /ihot'ok/
 | [ihɔ'rɔkʔ]
- (b) | put'ok-'a-re 'eu chego'
 | chegar-1SG-rel
 | /put'ok'are/
 | [pʊrɔga're]
- (c) | hot'ok-Ø-Ø-'e 'ele lembra'
 | lembrar-3SG-rel
 | /hot'ok'e/
 | [hɔrɔ'ge^h]
- (d) | Ø-ti-mõput'ok 'ele preenche'
 | 3SG-rel-preencher
 | /timõput'ok/
 | [timõmbu'rɔkʔ]

Em (38) (b), além do processo de lenização do segmento oclusivo /t/, ocorre o vozeamento do segmento /k/ em fronteira mórfica. O mesmo processo ocorre com o segmento em (c).

b) Vozeamento das consoantes oclusivas /p/, /t/, /k/

Em fronteira de palavras, é comum o processo de vozeamento dos segmentos oclusivos [p], [t] e [k] diante de segmentos vocálicos. Os exemplos são:

- (39) (a) | uruto uru-i-kuap awiato ‘nós ouvimos a onça’
 1PL.EXCL 1PL.EXCL-rel-ouvir onça
 /uruto uruikuap awiato/
 [uru'təuruikub^h'aβia'tə]
- (b) | urukut wato ‘corujão’
 coruja grande
 /urukut wato/
 [uru'kudua'tə]
- (c) | i-Ø-wat i-Ø-ti ‘sua mãe’
 3SG-rel-POSS 3SG-rel-mãe
 /iwat iti/
 [i'wadi'ti]
- (d) | i-Ø-'iat i-Ø-pot'i ‘sua casa é velha’
 3SG-rel-casa 3SG-rel-ser velha
 /i'iat ipot'i/
 [i'ʔiadi'pɔ:di]
- (e) | i-Ø-hup takat'e ‘que é vermelho’
 3SG-rel-ser vermelho NMLZ-AUX
 /ihup takat'e/
 [i'hup^hta'kadε^h]
- (f) | wa'ã i:i pak-Ø-Ø-'e ‘a panela de barro está quebrada’
 panela barro quebrar-3SG-rel-AUX
 /wa'ã i:i pak'e/
 [ʷa'ʔã'i:i:pag^hʔε^h]

A língua considera o segmento fricativo glotal [ʔ] como transparente nos casos do vozeamento, como se observa no exemplo (39) (e) acima.

Há também na língua, no caso dos segmentos oclusivos [p], [t] e [k], um processo de nasalização quando a palavra seguinte se inicia com o segmento oclusivo glotal [h], permanecendo o mesmo ponto de articulação. São exemplos:

- (40) (a) Ø-i-wat Ø-het 'nome dele'
 3SG-rel-POSS 3SG-nome
 /iwat het/
 [iwaŋ'hɛtʰ]
- (b) i-Ø-asap Ø-Ø-hun kahato 'o cabelo dele é preto'
 3SG-rel-cabelo 3SG-rel-ser preto muito
 /iasap hun kahato/
 [ia'sam'hũŋgaha'tɔ]
- (c) aria'ip hit 'pauzinho'
 pau DIM
 /aria'ip hit/
 [ariaʔiɸhitʰ]
- (d) Ø-i-wat Ø-he-sokpe 'roupa dela'
 3SG-rel-POSS 3SG-rel-roupa
 /iwat hesokpe/
 [iwaŋhɛsɔkʰpɛ]

O processo de assimilação da nasalidade em fronteira de palavra ocorre em Sateré-Mawé quando uma palavra termina em segmento nasal [m], [n] ou [ŋ] e a palavra que segue se inicia com um segmento oclusivo [p], [t] e [k], permanecendo o ponto de articulação:

- (41) (a) hanu'an i-Ø-pi'a 'fígado de macaco'
 macaco 3SG-rel-fígado
 /hanu'an ipi'a/
 [hãũ'ʔãŋĩmbi'ʔa]
- (b) hap miniŋ kahato 'pena pequena'
 pena pequena muito
 /hap miniŋ kahato/
 [habmĩ'nĩŋgaha'tɔ]
- (c) i-Ø-pepo som ikitsin kahato 'as dele asas são brancas'
 3SG-rel-asa DUB branca muito
 /ipepo som ikitsin kahato/

[iɸe'pɔsõmikitʰsiŋgaha'tɔ]

- (d)

i'i som kuriŋ kahato	‘o rio é estreito’
rio DUB pequeno muito	
/i'i som kuriŋ kahato/	
[i'ʔisõŋgu'riŋgaha'tɔ]	
- (e)

pisanã Ø-tu-'u weita hit	‘o gato comeu o passarinho’
gato 3SG-rel-comer pássaro DIM	
/pisanã tu'u weita hit/	
[pisããndu'ʔuβei'tahitʰ]	

Nos exemplos apresentados em (41) (b), (c) e (d), além do processo de assimilação da nasalidade, é possível observar que, ao assimilar a nasalidade, permanece o ponto de articulação do segmento consonantal surdo para um sonoro estando restrita às consoantes adjacentes.

Em (41) (a), ocorre também a queda do segmento vocálico [i] quando no processo de assimilação. No mesmo exemplo, observamos que segmentos consonantais que precedem segmentos nasais são nasalizados pelo ambiente da direita para a esquerda. É o que ocorre com os segmentos vocálicos da palavra /hanu'an/.

Já (41) (e), a nasalidade ocorre no sentido inverso, o que nos sugere que o segmento final da palavra /pisanã/ seja estritamente nasal e não nasalizado pelo ambiente. O mesmo vai ocorrer com alguns demonstrativos e na sentença apresentada abaixo. São exemplos desse processo em Sateré-Mawé:

- (42) (a) /meijüpe/ [meijũ'mbɛ] ‘aqui’
 (b) /ajüpe/ [aɲũ'mbɛ] ‘lá’
 (c) /meijẽpe/ [meijẽ'mbɛ] ‘aí’
 (d) /hẽku iwẽ pe/ [hẽ'ŋguiβẽ'mbɛ] ‘a língua está na boca’

Um processo ainda sobre o segmento oclusivo /t/, encontrado nos dados, é a queda desse elemento quando em final de palavra. Os exemplos ocorrem, principalmente, com a adição do sufixo marcador de plural **-ria**.

- | | | | | |
|------|-----|---|--------------------|------------------|
| (43) | (a) | hirokat-ria
menino-PL | /hirokaria/ | 'meninos' |
| | (b) | morekuat-ria
chefe-PL | /morekuaria/ | 'chefes' |
| | (c) | e-i-wat-ria e-he-sokpe
2PL-rel-POSS-PL 2PL-rel-roupa | /eiwaria ehesokpe/ | 'roupa de vocês' |
| | (d) | i-Ø-wat-ria i-Ø-po
3SG-rel-POSS-PL 3SG-rel-mão | /iwaria ipo/ | 'as mãos dele' |

A alternância da consoante inicial³⁰ da partícula do imperativo exortativo **to** ~ **no** ~ **ro**, da partícula aspectual **ta'in** ~ **na'in** ~ **ra'in** e do morfema nominalizador **takat** ~ **nakat** ~ **rakat** se dá por assimilação de acordo com o segmento que finaliza a palavra que a precede. O segmento /t/ quando a palavra precedente termina em oclusiva, /n/ quando termina em nasal e /r/ quando termina com segmentos vocálicos. São exemplos dessas alternâncias (44), (45) e (46) abaixo:

- | | | |
|------|-----|---|
| (44) | (a) | era'apik to
e-ra-'apik to
2SG-rel-sentar PART: EXOR
'sente!' |
|------|-----|---|

- | | |
|-----|--|
| (b) | ere'ëtem no
e-re-'ëtem no
2SG-rel-sair PART: EXOR
'saia!' |
|-----|--|

³⁰ Consideramos como forma básica fonológica a consoante /t/.

(c) | ereto ro hawii eha'at
 e-re-to ro hawii e=Ø=ha'at
 2SG-rel-ir PART:EXOR CONJ 2SG=rel=ver
 'vá e veja!'

(45) (a) | toikuap ta'in aware
 to-i-kuap ta'in aware
 3SG-rel-conhecer PART:ASP cachorro
 'ele conhece o cachorro'

(b) | en epoi'am na'in
 en e-Ø-poi'am na'in
 2SG 2SG-rel-levantar PART:ASP
 'você se levantou'

(c) | mi'i iku'uro ra'in
 mi'i Ø-i-ku'uro ra'in
 3SG 3SG-rel-morrer PART:ASP
 'ele morreu'

(46) (a) | eipe hakup takat
 eipe Ø-hakup takat
 2PL 2PL-estar quente NMLZ
 'vocês estão quentes'

(b) | mi'iria i'atutu'u hi ikitsin nakat
 mi'iria i'atu-tu-'u hi ikitsin nakat
 3PL 3PL-rel-beber líquido branco NMLZ
 'eles bebiam leite'

(c) | mu'ap ipipe rakat
 mu'ap Ø-Ø-ipe rakat
 caminho 3SG-rel-ser estreito NMLZ
 'o caminho é estreito'

Verificamos nos dados que ocorre alternância da consoante inicial³¹ também nas partículas **ti** ~ **ni** e na posposição **pe** ~ **me** ~ **we** nas mesmas condições dos exemplos acima, sendo **pe** ou **we** quando precede vogais. Não ocorrem, como seria de se esperar, *ri e *re. Os exemplos estão em (47) e (48), respectivamente:

(47) (a) | en ni ereto hamo mōkite
 en ni e-re-to hamo mōkite
 2SG PART:FOC 2SG-rel-ir PART:FIN ADV
 'é você que irá amanhã'

(b) | pira ti uiat uimi'u
 pira ti u-i-at u-i-mi'u
 Peixe PART:FOC 1SG-rel-POSS 1SG-rel-comida
 'peixe é minha comida'

(48) (a) | tapi'ia ta'at pai topo pe
 tapi'ia Ø-Ø-ta'at pai to-po pe
 Índio 3SG-rel-pegar paca 3SG.REFL-mão POSP:LOC
 'o índio pegou a paca com sua mão'

(b) | etum no kurum me mi'u

³¹ Consideramos como forma fonológica básica as consoantes /t/ e /p/.

e-Ø-tum	no	kurum	me	mi'u
2SG-rel-dar	PART:EXOR	menino	POSP:DAT	comida
'dê comida ao menino!'				

Encontramos harmonia de elementos vocálicos nos dados transcritos em (49) abaixo:

- (49) (a) | tuwa-'akasa tuwe-wowi 'ele se viu'
 3SG.REFL-ver 3SG.REFL-POSP
 /tuwa'akasa tuwewowi/
 [tuɯaʔaka'satuɯɛɯɔ'ui]
- (b) | a-ra-'akasa hariporia 'eu vi a mulher'
 1SG-rel-ver mulher
 /ara'akasa hariporia/
 [araʔaka'sa haripɔri'a]
- (c) | mi'iria te'ere-Ø-put 'eles correram'
 3PL 3PL-rel-correr
 /mi'iria te'ereput/
 [miʔiri'atɛʔɛɛ'putʔ]
- (d) | mi'iria te'eru-Ø-wak 'eles choram'
 3PL 3PL-rel-chorar
 /mi'iria te'eruwak/
 [miʔiri'atɛʔɛruɯakʔ]
- (e) | mi'iria te'era-Ø-'apik 'eles descem'
 3PL 3PL-rel-descer
 /mi'iria te'era'apik/
 [miʔiri'atɛʔaʔapikʔ]

Nos paradigmas coletados, foi possível verificar, principalmente, a assimilação das vogais dos morfemas pronominais e reflexivos com a vogal da

raiz verbal. Em 49 (a), o prefixo de terceira pessoal reflexiva **tuwe-** sofre assimilação com a vogal da raiz verbal. O mesmo vai ocorrer com os exemplos (d) e (e) que têm a vogal final do prefixo de terceira pessoa plural **te'ere-**, como no exemplo (c), assimilada ao segmento inicial das respectivas raízes verbais.

Um último caso de alternância em variação livre das vogais altas central [i] e posterior [u] se dá nos exemplos extraídos de Silva (2005), relacionados em 50 abaixo:

- (50) (a) /urukut/ [uru 'kut^h] ~ [uru 'kit^h] 'coruja'
 (b) /iripo/ [iru 'pɔ] ~ [iri 'pɔ] 'cipó'
 (c) /amūkiusu/ [amūŋgiu 'su] ~ [amūŋgiu 'si] 'algodão'

Esses são alguns dos processos morfofonológicos que a língua manifesta. Essa apresentação não é exaustiva e merece um olhar mais acurado e detalhado sobre as motivações de tais mudanças e alternâncias.

Passamos, agora, para a análise de outro processo que o Sateré-Mawé possui que são os segmentos cuja ocorrência nos parece ambígua. É o caso das aproximantes e das pré-nasalizadas.

3.4 Sequências de segmentos ambíguos

3.4.1 O caso das aproximantes [w] e [j] em posição de *Ataque* e *Coda*

Sequências de segmentos foneticamente ambíguos em Sateré-Mawé dizem respeito aos fones aproximantes [w] e [j], que podem, dependendo da posição que ocupam na sílaba, ser interpretados como vogais (V) ou como consoantes (C).

Essa ambiguidade se dá porque foneticamente não há evidências que ajudem a decidir qual a representação do segmento. Em Sateré-Mawé, sequências de segmentos dos tipos [wV] e [jV], que ocorrem em Ataque silábico, são interpretadas como consoantes. Essa interpretação se embasa na estrutura silábica da língua, a partir da qual o núcleo silábico é ocupado pelo elemento mais sonoro, ou seja, por vogais, sendo as adjacências (Ataque e Coda) ocupadas por elementos menos sonoros. Isso nos faz analisar palavras que não apresentam ambiguidade quanto à sua estrutura silábica, tais como [ki.'ha] ‘*babaçu*’ e [mu.'sɛ] ‘*pimenta*’, como padrão silábico CV.CV, sem problemas. Já as sequências dos tipos [wV] e [jV] poderiam ser interpretadas como CV ou como VV. A primeira interpretação parece ser mais adequada, não só devido ao padrão estrutural da língua que, na posição de Ataque, os segmentos /u/ e /i/ são interpretados como consoantes, adaptando-se ao padrão silábico CV, mas também porque o padrão VV nos daria para uma mesma análise duas interpretações, ou seja, CV, quando claramente o Ataque é ocupado por uma consoante, e V V, quando ocupado por vogal. Assim em Ataque silábico os segmentos /u/ e /i/ são respectivamente, interpretados como as aproximantes /w/ e /j/, conforme exemplos abaixo:

(51)	(a)	CV.CV.CV	/ia'ape/	[j̣'a'ape]	“casca”
	(b)	CV.CV.CV	/jakare/	[j̣aka'rɛ]	“jacaré”
	(c)	CV.CV	/jãpe/	[j̣ã'mbɛ]	“chocalho”
	(d)	CV.CV	/wahi/	[ẉa'hi]	“colar”
	(e)	CV.CV.CV	/waranã/	[ẉara'nã]	“guaraná”
	(f)	CV.CV	/waku/	[ẉa'ku]	“bom”
	(g)	CV.CV	/wato/	[ẉa'tɔ]	“grande”

A Coda pode ser interpretada a partir de duas possibilidades. A primeira é considerar o padrão silábico e verificar que, em posição final de sílaba, a

ocorrência de segmentos é restrita. No caso do Sateré-Mawé, a Coda é restrita a oclusivas e nasais, como visto anteriormente. A outra possibilidade é verificar se, em posição final de sílaba, não existe a ocorrência de consoantes, mas sequências de segmentos formadas por vogais médias e baixas.

Para o Sateré-Mawé, as duas possibilidades a princípio parecem plausíveis. Contudo, a segunda se apresentou mais adequada por conta, da ocorrência de sequências de vogais médias e baixas em posição final de sílaba, conforme exemplos abaixo:

- | | | | |
|----------|-----------------|---------------|--------------------|
| (52) (a) | [βatɛa' mǎŋ] | /wateaman/ | “tucandeira” |
| (b) | [ipɔɛ'hai] | /ipoehai/ | “barulho” |
| (c) | [mirɛaβa'sap ʔ] | /mireawa sap/ | “cacho de pupunha” |
| (d) | [mɔɛa'wat ʔ] | /moreawat/ | “arco” |

A distribuição das vogais nos dados leva à interpretação dos segmentos /u/ e /i/ em posição final de sílaba, ou seja, em Coda como vogais [u] e [i], respectivamente. De acordo com os exemplos acima, encontram-se, em Sateré-Mawé, sequências de segmentos que incluem vogais médias, tais como [ɛa] e [ɔɛ], que, pouco provavelmente, poderiam ser interpretadas como glides. Isto só seria aceitável se não existissem sequências que incluíssem vogais altas (Burquest, 1998, p. 56). Todavia, na língua, as sequências [ɔɛ] são encontradas distintas de [ai], o que não permite interpretá-las como um padrão silábico VC, tendo em vista que somente uma aproximante [j] corresponde à vogal alta [i]. Portanto, em posição final de sílaba, as sequências de segmentos ambíguos [Vi] e [Vu] são interpretadas como vogais.

3.4.2 O caso das oclusivas pré-nasalizadas [mb], [nd] e [ŋg]

Ainda em relação a sequências de segmentos ambíguos, uma última consideração precisa ser feita em relação às consoantes pré-nasalizadas [mb], [nd] e [ŋg]. Estas consoantes apresentam ambiguidade por serem duas unidades fonológicas que ocupam Ataque silábico em posição medial, precedidas por vogais nasais. Por conta de sua restrição de ocorrência, somente em posição medial de sílaba, estes segmentos foram considerados alofones dos fonemas /p/, /t/ e /k/, respectivamente. Na análise, consideramos que as pré-nasalizadas são realizações que adquirem ganho progressivo de vozeamento, tendo em vista que, em Sateré-Mawé, não há uma série de oclusivas sonoras. Os exemplos em (53) abaixo ilustram a análise:

(53)	(a)	/imēpit/	[imē' mbit̚]	“filho dele”
	(b)	/iãpe/	[_iã'mbɛ]	“chocalho”
	(c)	/mãteru/	[mãnde:'ru]	“vagalume”
	(d)	/wãdim/	[wã'ndim̩]	“noite”
	(e)	/amũkiusu/	[amũŋgiu'su]	“algodão”
	(f)	/jũkan/	[jũ'ŋgaŋ̩]	“tucano”

Fones que apresentam algum tipo de transição fonética sempre são ambíguos. Nesses casos, a decisão sempre deve levar em conta não só o critério distribucional, mas também a estrutura silábica da língua. Como já visto, o critério distribucional não ajuda muito, porque permite que as pré-nasalizadas sejam tanto alofones da série de oclusivas surdas /p/, /t/ e /k/, quanto da série de nasais plenas /m/, /n/ e /ŋ/. Já considerando a estrutura silábica, verifica-se que, no Sateré-Mawé, os tipos admitidos são V, VC, CV e CVC. Uma sílaba do tipo CCV é incomum e bem restrita à posição medial e somente a segmentos pré-nasalizados.

Isso fere o princípio fonológico de que as línguas tendem a ser econômicas. Assim, conclui-se que os segmentos pré-nasalizados [mb], [nd] e [ŋg] são mesmo realizações fonéticas da série de oclusivas /p/, /t/ e /k/, caracterizando-se como segmentos de contorno, evidenciando a transição fonética progressiva de um ambiente nasal para outro oral.

3.5 Acento

Em Sateré-Mawé, o acento é predizível na última sílaba da palavra fonológica. Em palavras simples, que podem ser constituídas de uma ou mais sílabas, o acento não é distintivo, caindo sempre na sílaba final, conforme exemplos em (54) abaixo:

(54)	(a)	/ut/	[ʼut ˀ]	“bicho”
	(b)	/hu/	[ʼhu]	“sangue”
	(c)	/ŋip/	[ʼŋip ˀ]	“piolho”
	(d)	/hapo/	[haʼpɔ]	“raiz”
	(e)	/anehu/	[aneʼhu]	“calango”
	(f)	/ihup/	[iʼhup ˀ]	“vermelho”
	(g)	/mukut/	[muʼkut ˀ]	“embuá”
	(h)	/sokpe/	[sɔkʼpɛ]	“roupa”
	(i)	/panene/	[paneʼnɛ]	“paneiro”
	(j)	/makuptia/	[makupʼtiʼa]	“moça”

Quando ocorre composição, o padrão acentual não muda, isso quer dizer que, na junção de morfemas, como em (55), e, na composição a partir de

duas palavras simples, como em (58), para formar uma outra, o acento permanece fixo em posição final de palavra.

(55)	(a)	/mi'i/	[mi'ʔi]	“ele”
	(b)	/mi'iria/	[miʔiri'a]	“eles”
(56)	(a)	/muse/	[mu'se]	“pimenta”
	(b)	/muse'ip/	[musɛ'ʔip ʔ]	“pimenteira”
(57)	(a)	/urukut/	[uru'kut ʔ]	“coruja”
	(b)	/urukut wato/	[urukud ʔ ua'tɔ]	“corujão”
(58)	(a)	/awi'a hi/ abelha caldo	[awiʔa'hi]	“mel de abelha”
	(b)	/hu:wi wato/ gavião grande	[hu:wɪua'tɔ]	“gavião real”
	(c)	/aria'ip ihup/ árvore vermelho	[ariaʔibi'hup ʔ]	“pau-brasil”

O estudo do acento foi, como dissemos, baseado em Silva (2005) que fez duas propostas de análise em sua pesquisa. Uma fonêmica, partindo da sílaba que considera o segmento vocálico como o elemento que pode ser acentuado. Basicamente a proposta que apresentamos aqui. Outra com base na análise métrica preliminar, considerando a sílaba que contém a vogal acentuada como núcleo da palavra, daí a necessidade, naquela pesquisa, de se definir a palavra mínima na língua. Para maiores detalhes, remetemos à leitura de Silva (2005).

No que segue, faremos as considerações finais sobre o capítulo referente à fonologia da língua Sateré-Mawé.

3.6 Considerações finais

Neste capítulo, apresentamos a fonologia da língua Sateré-Mawé em seus aspectos fonológicos e morfofonológicos para que sirvam de subsídios na análise gramatical que será apresentada nos capítulos subsequentes. Com base no estudo feito por Silva (2005) sobre a fonologia da língua, foram tratados os inventários segmentais das consoantes e vogais, a partir do seu comportamento dentro da estrutura silábica.

Os processos morfofonológicos dizem respeito principalmente à lenização, assimilação, harmonização vocálica e alternância consonantal. Acrescentamos ainda, àquela pesquisa, um estudo sobre os processos de alternância consonantal entre as consoantes /t/, /r/ e /n/ em morfemas como **takat** ~ **rakat** ~ **nakat** e em partículas como em **to** ~ **ro** ~ **no** e **ta'in** ~ **ra'in** ~ **na'in** que não apresentam um comportamento simétrico nas sentenças. Já a partícula **ti** ~ **ni** e a posposição **pe** ~ **me** não apresentam as alternâncias *ri e *re, como se poderia supor.

Sequências de segmentos ambíguos, tais como as aproximantes /j/ e /w/ em posição de ataque e coda silábica, e o caso das oclusivas pré-nasalizadas [mb], [nd] e [ŋg], foram tratadas a partir de uma análise estrutural feita dentro da sílaba. Porém, sobre as últimas, é necessário um tratamento dentro de uma outra abordagem que não fonêmica, para um melhor conhecimento sobre seu comportamento, tendo em vista serem segmentos de contorno nasal/oral.

Por último abordamos o acento. Verificou-se que ele é previsível na última sílaba de palavras simples e compostas não sendo, portanto, distintivo.

Nos capítulos que seguem, trataremos questões referentes ao nível gramatical. Esperamos, com a apresentação deste capítulo sobre a fonologia, prestar maiores esclarecimentos sobre comportamentos fonológicos relevantes para o entendimento da gramática Sateré-Mawé.

CAPÍTULO IV

ASPECTOS DA MORFOSSINTAXE

Introdução

Neste capítulo, apresentamos uma análise morfossintática do Sateré-Mawé, a partir da definição das classes de palavras da língua. Inicialmente tecemos considerações tipológicas sobre a língua para, em seguida, tratar a morfossintaxe do verbo e do nome e das demais classes de palavras.

Em relação ao verbo e à morfologia flexional abordamos fundamentalmente a marcação de pessoa, os relacionais e o aspecto. Já em relação à morfologia derivacional, consideraremos principalmente os afixos que podem acarretar mudança de classe lexical ou aumento e redução de valência verbal.

Em relação aos nomes, são estudadas as categorias gramaticais de posse, número e gênero. Quanto à posse, são apresentados os prefixos possessivos, observando-se que o âmbito semântico de posseção será tratado no subitem relativo às construções possessivas em Sateré-Mawé.

São tratadas também outras classes de palavras, tais como, pronomes, advérbios, posposições e partículas.

As bases teóricas que guiam o estudo morfossintático do Sateré-Mawé são relacionadas ao modelo tipológico-funcional presentes em Comrie (1989),

Dixon (1994, 1986, 2002), Givón (1990), Payne (1997), Klimov e Seki (1990), Seki (2000), Van Valin (2001).

Estudos feitos sobre as línguas tupi e línguas ameríndias também forneceram valiosos subsídios para a elaboração deste capítulo, sendo eles: Borges (2006), Cardoso (2008), Sukuzi (1997), Franceschini (1999), Pacheco (2001), entre outros. Note-se que, entre esses, os trabalhos de Sukuzi e Franceschini oferecem uma boa visão da língua

4.1 Algumas considerações tipológicas sobre o Sateré-Mawé

A língua Sateré-Mawé pode ser caracterizada como uma língua de sistema ativo. Citando G. A. Klímov, o linguista russo que por primeira vez identificou esse sistema como um tipo tipologicamente distinto, Seki coloca que: “*o determinante semântico de línguas ativas é uma oposição entre princípios ativo e inativo, a qual se manifesta nos diferentes níveis da estrutura linguística.*” (Seki 1990, p. 367).

São características dessas línguas, a ausência de uma classe “Adjetivo” e a distinção, tanto de nomes, quanto de verbos, em ativos e inativos, com base nas relações de atividade ou inatividade expressas.

Em línguas ativas, há duas subclasses de verbos intransitivos: os ativos e os não ativos. Disso resultam duas classes de verbos: os ativos (transitivos e intransitivos) e os não ativos (intransitivos). Essas línguas apresentam dois conjuntos de marcadores de pessoa, um deles usado para codificar os participantes ativos – sujeito de verbos transitivos (A) e de intransitivos ativos (Sa), e o outro, para codificar o sujeito de verbos não ativos (So) e o objeto dos Transitivos (O)³².

A língua Sateré-Mawé não apresenta uma classe definida de adjetivos. Por outro lado, distinguem-se na língua duas subclasses de verbos intransitivos

³² Os símbolos A, Sa, So e O são usados conforme Dixon, 1994

que chamamos intransitivos ativos e intransitivos não ativos. Os conceitos correspondentes a adjetivos das línguas indo-europeias são expressos em Sateré-Mawé por verbos intransitivos não ativos (estativos).

Em Sateré-Mawé, as duas classes de verbos intransitivos não se correlacionam sistematicamente com a oposição participante com controle vs. participante sem controle. A classe dos verbos não ativos compreende verbos que predicam qualidades, mas inclui também verbos como ‘trabalhar’, ‘falar’, que, em princípio, estão associados a participantes com controle. De fato, a distinção entre os dois tipos de participantes se manifesta através do uso dos diferentes conjuntos de marcadores de pessoa existentes na língua: marcadores pronominais da classe ativa (grupo I) e os da classe não ativa (grupo II). Os da classe ativa indicam o agente dos verbos transitivos (A) e dos verbos intransitivos ativos (Sa). Já os da classe não ativa marcam o paciente de verbos transitivos (O) e o participante único (So) dos verbos intransitivos não ativos.

Em Sateré-Mawé, a ordem básica dos constituintes da oração é AVO para as orações transitivas e SV para as intransitivas. Ordens alternativas também são encontradas quando estão presentes fatores contextuais, como focalização de constituintes. Na locução genitiva, o modificador (possuidor) precede o núcleo.

Com base em critérios morfológicos e sintáticos, foram identificadas, em Sateré-Mawé as seguintes classes de palavras: Verbo, Nome, Advérbio (classes abertas); Pronome, Posposição, Partículas e auxiliares (classes fechadas).

4.2 O verbo

Verbos são palavras que expressam ação, processo ou ainda, palavras que expressam conceitos com menos estabilidade temporal. Preenchem prototipicamente a função de predicado na estrutura da oração (Payne, 1997). Com relação às suas características gramaticais e estruturais, o verbo, em Sateré-Mawé, possui propriedades morfossintáticas que são:

- i) o uso de diferentes paradigmas de elementos pronominais, conforme a subclasse do verbo;
- ii) presença das categorias tempo e aspecto;
- iii) capacidade de receber afixos nominalizadores;
- iv) outras categorias verbais, como marcação de reflexividade e reciprocidade, se manifestam também na morfologia dos verbos transitivos.

Os verbos se dividem em transitivos e intransitivos, de acordo com o número de argumentos que admitem. Os verbos intransitivos admitem apenas um argumento **S** (Dixon 1994), e os transitivos admitem mais de um argumento (participantes ativo **A** e inativo **O**).

4.2.1 Verbo Transitivo

Estruturalmente o verbo transitivo admite dois argumentos; um na função de A, tipicamente sujeito ou participante ativo da ação verbal, e um outro na função de O, objeto afetado da ação expressa no verbo.

Em Sateré-Mawé, o verbo transitivo ocupa a posição de núcleo da oração transitiva e ocorre com marcadores de pessoa que codificam o sujeito (A) e/ou o objeto (O). Nas situações em que o sujeito é o participante codificado por marcadores no verbo, há concordância entre estes e o sujeito expresso por nome ou pronome.

- (59) (a) en etimosat eñi
 en e-ti-mosat eñi
 2SG 2SG:A-rel-pendurar rede
 'você pendurou a rede'
- (b) uito atikiesat i'i

uito	a-ti-kiesat	i'i
1SG	1SG:A-rel-querer	água
'eu quero água'		

(c)

...	hawii	toi'auka	wewato
	CONJ	3SG:A-rel-matar	anta
'... e ele matou a anta'			

No exemplo em (59) (c), o pronome pessoal livre da terceira pessoa do singular **mi'i** é elidido ficando apenas a marcação pronominal no verbo.

4.2.1.1 Marcadores de pessoa nos verbos transitivos

O verbo transitivo admite marcadores de pessoa do Grupo I, série ativa, e do Grupo II, série inativa e recebe ainda elementos relacionais **ti-** ~ **i-** ~ \emptyset - e **h-**, este último com algumas alomorfas.

Os paradigmas apresentados abaixo ilustram o uso dos marcadores de pessoa e dos elementos relacionais.

Paradigma de verbo transitivo para marcação de A							
	<i>ma'at</i>	'enganar'		<i>enoi</i>	'ensinar/contar'		
(60)	(a)	atima'at	'eu engano O'	(61)	(a)	ahenoi	'eu ensino O'
		a-ti-ma'at				a-h-enoi	
		1SG-rel-enganar				1SG-rel-ensinar	
	(b)	etima'at	'tu enganas O'		(b)	ehenoi	'tu ensinas O'
		e-ti-ma'at				e-h-enoi	
		2SG-rel-enganar				2SG-rel-ensinar	

(c) tima'at 'ele engana O' Ø-ti-ma'at 3SG-rel-enganar	(c) hanoi 'ele ensina O' Ø-h-enoi 3SG-rel-ensinar
(d) uruima'at 'nós enganamos O' uru-i-ma'at 1PL.EXCL-rel-enganar	(d) uruhanoi 'nós ensinamos O' uru-h-enoi 1PL.EXCL.-rel-ensinar
(e) watima'at 'nós enganamos O' wa-ti-ma'at 1PL.INCL-rel-enganar	(e) wahanoi 'nós ensinamos O' wa-h-enoi 1PL.INCL-rel-ensinar
(f) eweima'at 'vocês enganam O' ewe-i-ma'at 2PL-rel-enganar	(f) ewehanoi 'vocês ensinam O' ewe-h-enoi 2PL-rel-ensinar
(g) ta'atuma'at 'eles enganam O' ta'atu-Ø-ma'at 3PL-rel-enganar	(g) ta'atuhanoi 'eles ensinam O' ta'atu-h-enoi 3PL-rel-ensinar

Paradigma de verbo transitivo para marcação de O							
	<i>ma'at</i>	'enganar'		<i>enoi</i>	'ensinar/contar'		
(62)	(a)	uima'at	'A me engana	(63)	(a)	uhanoi	'A me ensina'
		u-i-ma'at				u-h-enoi	
		1SG-rel-enganar				1SG-rel-ensinar	
	(b)	ema'at	'A te engana'		(b)	enoi	'A te ensina'
		e-Ø-ma'at				e-Ø-enoi	
		2SG-rel-enganar				2SG-rel-ensinar	

(c) ima'at 'A o engana' Ø-Ø-ma'at 3SG-rel-enganar	(c) hanoi 'A o ensina' Ø-h-enoi 3SG-rel-ensinar
(d) uruma'at 'A nos engana' uru-Ø-ma'at 1PL.EXCL-rel-enganar	(d) uruenoi 'A nos ensina' uru-Ø-enoi 1PL.EXCL.-rel-ensinar
(e) aima'at 'A nos engana' a-i-ma'at 1PL.INCL-rel-enganar	(e) ahenoi 'A nos ensina' a-h-enoi 1PL.INCL-rel-ensinar
(f) eima'at 'A engana vocês' e-i-ma'at 2PL-rel-enganar	(f) ehanoi 'A ensina vocês' e-h-enoi 2PL-rel-ensinar
(g) i'atuma'at 'A engana eles' i'atu-Ø-ma'at 3PL-rel-enganar	(g) i'atuhenoi 'A os ensina' i'atu-h-enoi 3PL-rel-ensinar

Como mostram os exemplos, **A** é codificado por elementos pronominais do grupo I, série ativa, e **O** pelos elementos do grupo II, a série inativa. Prefixos relacionais ocorrem entre os marcadores de pessoa e o radical verbal. Os primeiros são usados em situações em que o sujeito (A) é primeira ou segunda pessoa e o objeto é terceira pessoa. Os marcadores do grupo II, série inativa, são usados quando o sujeito é terceira pessoa e o objeto (O) é primeira ou segunda pessoa.

Existe um morfema específico **moro-** que marca, no verbo, a primeira pessoa em função de **A** e a segunda pessoa em função de **O**. Contudo, na situação inversa, a segunda pessoa (A) é marcada pelo pronome independente

en, e a primeira pessoa (O) também é marcada por elemento pronominal do Grupo I.

- (64) (a) morokuap
moro-kuap
1A>2O-conhecer
'eu te conheço'
- (b) en uikuap
en u-i-kuap
2SG 1SG:O-rel-conhecer
'você me conhece'
- (65) (a) morokatup
moro-katup
1A>2O-esperar
'eu te espero'
- (b) en uhekatup
en u-he-katup
2SG 1SG:O-rel-esperar
'você me espera'

Quando ambos os participantes são terceiras pessoas (3A/3O), A é marcado no verbo pelo prefixo **to-**, conforme exemplo abaixo:

- (66) (a) toikuap mi'i
to-i-kuap mi'i
3SG:A-rel-conhecer 3SG
'ele conhece ela'

- (b) | tohekatup mi'i
 | to-he-katup mi'i
 | 3SG:A-rel-esperar 3SG
 | 'ele espera ela'
- (c) | toikuap hariporia
 | to-i-kuap hariporia
 | 3SG:A-rel-conhecer mulher
 | 'ele conhece a mulher'

É possível também verificar que **O** pode adicionalmente ser expresso por nome, como em (66) (c) ou pronome, como em (66) (b).

4.2.2 Verbos Intransitivos

O verbo intransitivo admite, sintaticamente, apenas um argumento na função de **S** e ocorre como núcleo da sentença.

Como mencionado, em Sateré-Mawé, distinguem-se duas subclasses de verbos intransitivos: a subclasse dos intransitivos ativos (chamados de médios em Franceschini, 1999) e uma subclasse de verbos inativos, ou estativos, (chamados de descritivos em Graham *et al*, 1984). A identificação dessas subclasses se faz tanto pela marcação de pessoa no verbo, quanto pelo morfema relacional. No caso dos relacionais, identifica-se a subclasse dos ativos pelos morfemas **re-**, **to-** e \emptyset -, e a dos inativos, pelos morfemas **i-**, **h-** e **he-**. Em relação a esta última, Meira (2007, p. 194) levanta a hipótese de três subgrupos de verbos intransitivos inativos. Essa hipótese, porém, precisaria de maiores investigações que serão feitas em futuras pesquisas sobre o Sateré-Mawé.

A subclasse de verbos intransitivos não ativos inclui elementos que expressam conceitos que nas línguas indo-europeias correspondem a adjetivos de diferentes tipos semânticos, conforme a proposta de Dixon (1982, p. 16):

- i) dimensão: **i'wop** comprido; **it'i'wop** curto; **iwato** grande; **kuriŋ** pequeno;
- ii) idade: **ipot'i** velho; **ipakup** novo;
- iii) valor: **waku** bom, bonito; **inakuat** ruim;
- iv) cor: **hun** preto; **ikitsin** branco; **ihup** vermelho; **ikit** verde;
- v) propriedade física: **ipot'i** pesado; **hakup** quente; **na'ak** frio;
- vi) propriedade humana: **ken'e** ter medo; **ipi'ahak** zangar-se e;
- vii) velocidade: **merep to** depressa; **hepamo** devagar.

(67) (a) | uito uipo:t'i
 uito u-i-po:t'i
 1SG 1SG:So-rel-ser velho
 'eu sou velho'

(b) | Eucy ipi'ahak
 Eucy Ø-i-pi'ahak
 Eucy 3SG:So-rel-estar zangada
 'Eucy está zangada'

Em Sateré-Mawé, o argumento único de verbos intransitivos ativos (Sa) e o de verbos não ativos (So) se dividem em duas classes; a classe dos verbos intransitivos ativos e a classe dos verbos intransitivos não ativos, o que vem ilustrado nos exemplos a seguir:

(68) (a) | eipe eweiput
 eipe ewe-i-put
 2PL 2PL:Sa-rel-correr

| ‘vocês correm’

(b) | uito uimu’etu
 | uito u-i-mu’etu
 | 1SG 1SG:So-rel-sonhar
 | ‘eu sonhei’

O dado em (68) (a) contém o verbo ativo **put** ‘correr’, com argumento em função de **Sa**, e aquele em (68) (b) contém o verbo inativo **mu’etu** ‘sonhar’, com argumento em função de **So**.

4.2.2.1 Marcadores de pessoa no verbo intransitivo

Como outras línguas do tronco Tupi, a língua Sateré-Mawé distingue quanto ao número primeira, segunda e terceira pessoas do singular, e no plural distingue primeira pessoa inclusiva e exclusiva, segunda e terceira pessoas.

A marcação pronominal dos verbos intransitivos é feita por duas séries de marcadores. Os do grupo I, série ativa, codificam o argumento **Sa** dos verbos intransitivos ativos e os do grupo II, série inativa, o argumento **So** dos verbos intransitivos inativos. As formas das duas séries são apresentadas no Quadro 3

Quadro 3 – Elementos pronominais do verbo intransitivo

	Grupo I Série ativa	Grupo II Série inativa
1SG	a-	u-
1PL.INCL	wa-	a-
1PL.EXCL	uru-	uru-
2SG	e-	e-

2PL	ewe-	e-
3SG	i- ~ Ø-	Ø-
3PL	Ø-	Ø-
3SG.REFL	to-	to- ~ Ø-
3PL.REFL	ta'atu- te'eru-	i'atu-

Os exemplos relacionados abaixo demonstram a marcação em verbos intransitivos.

(69) (a) uito areket
 uito a-re-ket
 1SG 1SG:Sa-rel-dormir
 'eu dormi'

(b) hariporia toket
 hariporia Ø-to-ket
 mulher 3SG:Sa-rel-dormir
 'a mulher dormiu'

(c) aito watu'apik ra'in
 aito wa-tu-'apik ra'in
 1PL.INCL 1PL.INCL:Sa-rel-descer PART:ASP
 'nós descemos'

Nos exemplos (69) (a) (b) e (c), a marcação de pessoa no verbo é de participantes ativos (**Sa**). Conforme quadro 03 acima, a marcação da terceira pessoa, nessa categoria é **i-** ou **Ø-**, o morfema **to-** corresponde ao morfema relacional.

Os paradigmas a seguir exemplificam a marcação pronominal nos verbos intransitivos ativos (70) e inativos (71):

Grupo I - série ativa		
(70)	'am	'subir'
(a)	are'am a-re-'am 1SG:Sa-rel-subir	'eu subo'
(b)	ere'am e-re-'am 2SG:Sa-rel-subir	'tu sobes'
(c)	ta'am Ø-ta-'am 3SG:Sa-rel-subir	'ele sobe'
(d)	uruta'am uru-ta-'am 1PL.EXCL:Sa-rel-subir	'nós subimos'
(e)	wata'am wa-ta-'am 1PL.INCL:Sa-rel-subir	'nós subimos'
(f)	ewei'am ewe-i-'am 2PL:Sa-rel-subir	'vocês sobem'
(g)	te'era'am te'era-Ø-'am 3PL:Sa-rel-subir	'eles sobem'

Grupo II - série inativa

	hai	'falar'
(71)	(a) uhehai u-he-hai 1SG:So-rel-falar	'eu falo'
	(b) ehai e-Ø-hai 2SG:So-rel-falar	'tu falas'
	(c) ihai Ø-i-hai 3SG:So-rel-falar	'ele fala'
	(d) uruehai uru-e-hai 1PL.EXCL:So-rel-falar	'nós falamos'
	(e) ahehai a-he-hai 1PL.INCL:So-rel-falar	'nós falamos'
	(f) ehehai e-he-hai 2PL:So-rel-falar	'vocês falam'
	(g) i'atuehai i'atu-e-hai 3PL:So-rel-falar	'eles falam'

Em (70), o paradigma do verbo intransitivo ativo, '**am** *'subir'*, marca o sujeito **Sa**, com prefixos do Grupo I da série ativa, e, em (71), verbo intransitivo não ativo **hai** *'falar'*, marca o sujeito **So** com prefixos do Grupo II da série não ativa.

Em Sateré-Mawé, os verbos apresentam as seguintes características:

a) cumprem função predicativa:

(72)	(a)	su: ihup		'o sangue é vermelho'	
		su: Ø-i-hup			
		sangue 3SG-rel-vermelho			
(72)	(b)	uhu: ihup		'meu sangue é vermelho'	
		u-hu: Ø-i-hup			
		1SG-sangue 3SG-rel-vermelho			
(73)	(b)	it'a ipot'i		'o paneiro é velho'	
		it'a Ø-i-pot'i			
		paneiro 3SG-rel-velho			
(73)	(c)	uheit'a ipot'i		'meu paneiro é velho'	
		u-he-it'a Ø-i-pot'i			
		1SG-rel-paneiro 3SG-rel-velho			

b) admitem o nominalizador **hap**, que também ocorre com verbos transitivos e intransitivos ativos:

(74)	(a)	waku	'é bom'
		wakuap	'o que é bom'
		waku-hap	
		ser bom-NMLZ	

c) admitem o nominalizador atributivo **takat**, que ocorre com verbos intransitivos não ativos e também com nominais em função atributiva:

- (75) (a) | teput takat
 Ø-te-put takat
 3SG:Sa-rel-correr NMLZ
 'aquele que anda'
- (b) | mi'iria tu'u hi ikitsin rakat
 mi'iria Ø-tu-'u hi ikitsin rakat
 3PL 3PL-rel-beber água branco NMLZ
 'eles bebiam leite' (Lit.: eles bebiam água que é branca)
- (c) | uito atipuēti nu imehit rakat
 uito a-ti-puēti nu imehit rakat
 1SG 1SG:A-rel-achar pedra ouro NMLZ
 'eu achei uma pedra que é de ouro'

4.2.2.1 Outros morfemas afixados ao verbo

4.2.2.2.1 Morfema reflexivo

O morfema **we-** ~ **e-** 'reflexivo' se prefixa a verbos transitivos, indicando uma situação em que o sujeito é ao mesmo tempo, agente e paciente. O morfema funciona como um redutor de valência, intransitivando o verbo:

- (76) (a) | aito watuwepoi
 aito wa-tu-we-poi
 1PL.INCL 1PL.INCL:So-rel-REFL-alimentar
 'nós nos alimentamos'

(b) | iti tihemut horikat
 | i-ti Ø-ti-hemut hirokat
 | 3SG-mãe 3SG:A-rel-acordar menino
 | ‘a mãe acordou o menino’

(c) | hirokat hit tuwehemut
 | hirokat hit tuwe-hemut
 | menino DIM 3SG.REFL-acordar
 | ‘o menino acordou’

O exemplo (76) (c), para o verbo transitivo **hemut** ‘acordar’, ilustra a redução de valência. Em (76) (c), o prefixo **tuwe-** é usado especificamente para expressar reflexividade no caso da terceira pessoa. Portanto, consideramos esse prefixo como um marcador específico de terceira pessoa reflexiva, indicado aqui como (3SG.REFL-)

Além do verbo, os morfemas reflexivos **we-** e **tuwe-** podem vir afixados a posições. Nesses casos, indicam que o objeto é correferente ao sujeito da sentença.

(77) (a) | en etiki’iat wahi ewepe
 | en e-ti-ki’iat wahi e-we-pe
 | 2SG 2SG:A-rel-comprar colar 2SG:O-REFL-POSP:DAT
 | ‘você comprou colar para si’

(b) | mi’i tuwa’akasa tuwewowi
 | mi’i tuwa-’akasa tuwe-wowi
 | 3SG 3SG.REFL:A-ver 3SG.REFL:O-POSP:PRES
 | ‘ele se viu’

O prefixo **we-** toma como referência o sujeito que vem assinalado por afixos no verbo, podendo ser explicitado por um nominal ou pronome.

4.2.2.2.2 Morfema causativo

Em Sateré-Mawé, há dois morfemas causativos: **mo-** e **pot-**, que se prefixam a bases verbais acarretando aumento de valência das mesmas.

O morfema causativo **mo-**, prefixado à base verbal intransitiva, transitivisa o verbo, aumentando uma posição que é ocupada pelo novo Agente, o *causer*. Este assume a função de (A), e, o sujeito original passa à posição de objeto direto, conforme o exemplo abaixo:

- (78) (a) | Viviane tikiri
 | Viviane Ø-ti-kiri
 | Viviane 3SG:Sa-rel-rir
 | 'Viviane riu'
- (b) | uito atimokiri Viviane
 | uito a-ti-mo-kiri Viviane
 | 1SG 1SG:A-rel-CAUS-rir Viviane
 | 'eu fiz Viviane rir'
- (c) | sokpe ijãŋ
 | sokpe Ø-i-jãŋ
 | roupa 3SG:A-rel-secar
 | 'a roupa secou'
- (d) | a:t timōkaŋ sokpe

a:t	Ø-ti-mõ-kaŋ	sokpe
sol	3SG:A-rel-CAUS-secar	roupa
‘o sol secou a roupa’		

Em (78) (d) acima, a nasalização do morfema causativo **mo-** decorre de um processo fonológico de espraiamento da nasalidade à esquerda, que nasaliza toda a palavra.

O morfema causativo **pot-** é de ocorrência menos comum. Ocorre em sentenças cuja composição apresente um participante que é afetado e ‘causador’ do processo indicado no verbo.

(79)	(a)	wo’omu’ehat timu’e		
		wo’o-mu’ẽ-hat	Ø-ti-mu’ẽ	
		REC-ensinar-NMLZ	3SG:A-rel-ensinar	
		professor	3SG:A-rel-ensinar	
		‘o professor ensina’		
	(b)	wo’omu’ehat tipotmu’e wemu’eharia		
		wo’o-mu’e-hat	Ø-ti-pot-mu’e	we-mu’e-hat-ria
		REC-ensinar-NLMZ	3SG:A-rel-CAUS-ensinar	REFL-ensinar-NMLZ-PL
		professor	3SG:A-rel-CAUS-ensinar	alunos
		‘o professor ensina para seus alunos’		

4.2.2.2.3 Morfema Recíproco

As construções recíprocas são morfologicamente marcadas pelo prefixo **to’o-** ~ **wo’o-**, que se anexa a bases verbais transitivas e posições.

Semanticamente, as construções recíprocas dizem respeito a contextos em que existem dois participantes que são tanto agente quanto paciente da ação verbal.

- (80) (a) mi'iria to'opopit̩ik to'opowo
 mi'iria to'o-po-pit̩ik to'o-po-wo
 3PL REC-mão-segurar REC-mão-POSP:COMT
 'eles se cumprimentaram'
- (b) kurum ko'i te'ereput to'oupi
 kurum ko'i te'ere-Ø-put to'o-upi
 menino PL 3PL.REFL-rel-correr REC-POSP:LOC
 'os meninos correm atrás um do outro'

4.2.2.3 Categorias de Tempo e Aspecto

As categorias verbais de tempo e aspecto são operações onde se agrupam as informações referentes à sentença de acordo com sua orientação que pode ser sequencial, temporal ou epistemológica (Payne, 1997, p. 233). A categoria de tempo se associa com a sequência temporal que expressa a relação de tempo de um evento com algum ponto de referência no tempo. As línguas operam com essa noção conceitual de diferentes formas. Já a categoria do aspecto se associa com a estrutura temporal interna do evento.

Essas categorias operam de maneira muito relacionada em algumas línguas, tornando difícil seu tratamento em separado. Em muitos casos, os indicadores delas se combinam entre si e ainda com indicadores evidenciais, locativos e direcionais³³.

Discutiremos a seguir as categorias de tempo e aspecto na língua Sateré-Mawé.

³³ Remetemos aos itens 4.6 e 4.7 sobre posposições e partículas, respectivamente.

4.2.2.3.1 Tempo

A categoria de tempo em Sateré-Mawé não é marcada por morfemas flexionais no verbo, mas, por partículas ou expressões temporais, que, na maioria dos casos, exprimem também distinções modais e aspectuais.

A divisão temporal codifica a expressão de um evento com relação a um ponto de referência normalmente relacionado ao tempo em que determinado enunciado é realizado. Uma das maneiras mais comuns de se sistematizar o tempo é tratar o presente como o momento da fala, o passado como o evento de referência anterior ao momento de fala, o futuro como o evento que segue o momento de fala.

Em Sateré-Mawé, há uma oposição básica futuro e não futuro. O futuro é assinalado pelas partículas **aru** ‘futuro potencial’ e **wuat** ‘futuro’.

- (81) (a) | ma'ato etemiŋ pote aru eti'auka ra'in
ma'ato e-Ø-temiŋ pote aru e-ti-'auka ra'in
ADVER 2SG-rel-tocar PART:CAUS PART:PTC 2SG:A-rel-matar PART:ASP
'mas se tocar você matará [a mãe]
- (b) | put'ok'are tawa koiti'i wuat uiwa'akasa pe
put'ok-'a-re tawa koiti'i wuat u-i-wa-'akasa pe
chegar-1SG:Sa-rel aldeia ADV FUT 1SG:A-rel-REFL-ver POSP:LOC
'chegarei na aldeia que eu vi hoje'

Na ausência de palavras ou partículas que indiquem o futuro, a oração simples remete ao presente, ao presente habitual ou ao passado, como nos exemplos em (82) abaixo:

- (82) (a) | mi'i i'u ipu'i

	mi'i	i-Ø-'u		i-pu'i
	3SG	3SG:A-rel-comer		carne
	'ele comeu carne'			

(b) | kurum tu'u miatpu'i

	kurum	Ø-tu-'u		miat-pu'i
	menino	3SG:A-rel-comer		caça-carne
	'o rapaz come carne de caça'			

(c) | eipe ewei'auka miat

	eipe	ewe-i-'auka		miat
	2PL	2PL:A-rel-matar		caça
	'vocês sempre matam caça'			

4.2.2.3.2 Aspecto

A categoria de aspecto descreve a forma temporal interna do evento ou estado a que o enunciado se refere. Pode ser expressa através de flexão ou por paráfrases (Payne, 1997, p. 238). Para Comrie (1976, p. 04), o perfectivo é um olhar de fora, sem distinguir estruturas internas. Já o imperfectivo vê, exatamente, a estrutura interna do evento. Assim, o aspecto perfectivo indica a completude do evento, em contraste com o imperfectivo que indica o evento em progressão. Nesse último, Comrie (*op.cit*) faz ainda distinção entre imperfectivo habitual e contínuo e, ainda, entre contínuo progressivo e não progressivo.

Em Sateré-Mawé, os contrastes aspectuais de perfectivo e imperfectivo são encontrados. O aspecto perfectivo é marcado pela partícula **ra'in**. O evento é visto como já realizado ou concluído recentemente. São exemplos:

- (83) (a) mi'iria ti'auka ra'in moi
 mi'iria Ø-ti-'auka ra'in moi
 3PL 3PL-rel-matar PART:ASP cobra
 'eles já mataram cobra'
- (b) hawii totei ra'in awiato turan put'ok'e awiato wi'ok
 hawii Ø-to-tei ra'in awiato turan
 CONJ 3SG-rel-assar PART:ASP onça TEMP
 put'ok-Ø-Ø-'e awiato i-wi'ok
 chegar-3SG-rel-AUX onça 3SG-parente
 'e assou a onça quando chegou o parente dela'

No âmbito do imperfectivo, em Sateré-Mawé distinguem-se o habitual e o contínuo. A partícula **in** marca o evento que é habitual, conforme exemplos abaixo:

- (84) (a) arehemut hune in wo'omu'e hamo
 a-re-hemut hune in wo'o-mu'e hamo
 1SG:Sa-rel-acordar ADV PART:HAB REC-ensinar PART:FIN
 'sempre acordo cedo para dar aula'
- (b) mi'i ipotpap in sese
 mi'i Ø-i-potpap in sese
 3SG 3SG:Sa-rel-trabalhar PART:HAB PART:ENF
 'ele sempre trabalha muito'
- (c) wētup so awuru tu:t in torania e'at pe
 wētup so awuru Ø-Ø-tu:t in torania e'at pe
 um PART:REPT besouro 3SG:A-rel-vir PART:HAB ADV dia POSP:LOC

| *'era um besouro que sempre vinha todos os dias'*

Já o aspecto imperfectivo contínuo denota estados ou eventos que possuem uma sequencialidade no tempo. Em Sateré-Mawé, a partícula **te** marca o continuativo retrospectivo. São exemplos:

(85) (a) | mesup te hawii ha'aware toine'en
 mesup te hawii Ø-ha-'aware to-i-ne'en
 DEM PART:RET PART:DISC 3SG-rel-cachorro 3SG-rel-viver
 | *'até agora então o cachorro dele vive'*

(b) | it areto teran hin'i te
 it=a-re-to-teran hin'i te
 NEG=1SG:A-rel-ir-DES PART:NEG PART:RET
 | *'continuo sem querer ir'*

A partícula **te**, associada com a partícula temporal **aru** 'futuro potencial', indica o aspecto continuativo prospectivo.

(c) | meiūpe te aru arepīhuat
 meiūpe te aru a-re-pīhuat
 DEM PART:RET PART:PTC 1SG:Sa-rel-ficar
 | *'eu ainda vou ficar por aqui'*

Em Sateré-Mawé, é possível marcar continuidade com a reduplicação da raiz verbal, conforme abaixo:

(86) (a) | mi'i bola ipetekpetek

mi'i	bola	Ø-i-petek-petek
2SG	bola	3SG:A-rel-chutar-chutar
'ele está chutando a bola'		

(b)

wētup	e'at	pe	so	awiato	Ø-ti-puēti	ra'in
um	dia	PART:LOC	PART:REPT	onça	3SG-rel-encontrar	PART:ASP
ariukere	Ø-i-jā'aŋ-jā'aŋ					
preguiça	3SG-rel-treinar-treinar					
'um dia, a onça encontrou a preguiça enquanto treinava'						

A partícula **i** tem um valor aspectual-modal que indica o modo de ação repetitivo ou continuativo quando ligada à base verbal. Aparece antes da partícula **ra'in** para indicar a temporalidade do modo de ação, conforme o exemplo:

(87) (a)

ha'aware	ipi'ahak	i	ra'in	sese
3SG-rel-cachorro	3SG-ter raiva	PART:REP	PART:ASP	PART:ENF
Ø-ha'aware	mi:t	in	ete	Ø-katu'u'e
3SG-rel-cachorro	pessoa	PART:PL	POSP:DEST	3SG-morder-AUX
'o cachorro dele ficou bravo e mordia demais as pessoas'				

Como se observa, em Sateré-Mawé, as categorias de tempo e aspecto não são flexionais e sim codificadas perifrasticamente através de partículas e posições com sentidos aspectuais e modais.

4.2.2.4 Negação

O morfema descontínuo **it=...-'i** marca negação dos seguintes tipos de predicados:

a) Predicado verbal transitivo:

- (88) (a) | it ati'auka'i moi
| it=a-ti-'auka-'i moi
| NEG=1SG:A-rel-matar-NEG cobra
| 'eu não matei cobra'
- (b) | it atikoho'i sokpe hun
| it=a-ti-koho-'i sokpe hun
| NEG=1SG:A-rel-lavar-NEG roupa suja
| 'eu não lavei a roupa suja'

b) Predicado verbal intransitivo ativo:

- (89) (a) | mi'i it tuweput'i
| mi'i it=Ø-tu-we-put-'i
| 3SG NEG=3SG:Sa-rel-REFL-correr-NEG
| 'ele não correu'
- (b) | en it erewepu'ti moi pu:pi
| en it=e-re-we-put-'i moi pu:pi
| 2SG NEG=2SG:Sa-rel-REFL-correr-NEG cobra
| 'você não correu por medo da cobra'

c) Predicado verbal intransitivo não ativo

- (90) (a) wētup netap it iwato'i rakat
wētup netap it=Ø-i-wato-'i rakat
uma casa NEG=3SG:So-rel-ser grande-NEG NMLZ
'uma casa que não é muito grande'
- (b) hariporia it ikahu'i
hariporia it=Ø-i-kahu-'i
mulher NEG-3SG:So-rel-ser bonita-NEG
'a mulher não é bonita'

Como será tratado adiante, o morfema descontínuo **it=...-'i** nega também predicado nominal.

4.2.3 Predicados complexos

Os predicados complexos em Sateré-Mawé são aqueles que exprimem distinções de modo e aspecto. As raízes verbais **-teran** 'querer' e **-kuap** 'poder' anexadas a outros verbos constituem predicados complexos e apresentam as seguintes propriedades: i) são sufixadas imediatamente após o verbo principal; ii) os dois verbos da construção requerem o mesmo sujeito, e a seleção de marcadores de pessoa é determinada pelo verbo principal. São exemplos:

- (91) (a) it ahewiri teran'i
it=a-h-ewiri-teran-'i
NEG=1SG:Sa-rel-andar-DES-NEG
'eu não quero andar'

- (b) it ahewiri kuap'i
 it=a-h-ewiri-kuap-'i
 NEG=1SG:Sa-rel-andar-DES-NEG
 'eu não posso andar'

Sendo o verbo principal intransitivo ativo, como em (91) (a) e (b), são usados os prefixos do Grupo II, série inativa. Os marcadores de negação têm escopo sobre o predicado todo.

Sendo o verbo principal transitivo, a marcação pronominal é feita com marcadores da séries ativas e inativas. Em (92) (a), é marcada a posição argumental do objeto na raiz verbal.

- (92) (a) mi'i ui'ahit teran
 mi'i u-i-'ahit-teran
 3SG 1SG:O-rel-bater-DES
 'ele quer me bater'

- (b) sio iara tu:t atioto kuap tukupi
 sio iara Ø-Ø-tu:t a-ti-oto-kuap tukupi
 PART:DUB barco 3SG-rel-vir 1SG:A-rel-levar-DES tucupi
 'se o barco vier, poderei levar tucupi'

- (c) hawii toipuruk i'atuk hawii ta'apik teran na'in
 hawii to-i-puruk i'atuk hawii Ø-ta-'apik-teran na'in
 CONJ 3SG:A-rel-apanhar muito CONJ 3SG:A-rel-descer-DES PART:ASP
 'e apanhou um monte [de castanha] e depois queria descer'

Se o verbo principal é intransitivo estativo, são usados os marcadores da série inativa.

- (93) (a) | uihaha teran
 | u-i-haha-teran
 | 1SG:So-rel-ser rápido-DES
 | 'eu quero ser rápido'
- (b) | en ewepit kuap meiũpe
 | en e-Ø-wepit-kuap meiũpe
 | 2SG 2SG:So-rel-ser feliz-DES ADV
 | 'você pode ser feliz aqui'

4.3 O Nome

Os nomes constituem uma classe aberta de palavras que expressam conceitos temporalmente estáveis. (Givón, 1985, p. 05). Em termos sintáticos, a função prototípica do nome é a de argumento ou núcleo de argumento. Em algumas línguas pode ocorrer como predicado em orações não verbais.

Em Sateré-Mawé, os nomes admitem afixos de posse e número.

A seguir, apresentamos a categoria de posse da língua Sateré-Mawé.

4.3.1 Categoria de Posse

Em termos semânticos, em Sateré-Mawé, distinguem-se três subclasses de nomes: nomes não possuíveis, nomes alienáveis e inalienavelmente possuídos.

Os nomes não possuídos, em geral, fazem referência a elementos da natureza, animais e plantas. São alguns exemplos: **i'i** 'água'; **at** 'sol'; **iwihij** 'nuvem'; **aria** 'fogo'; **ipohit** 'flor'; **wewato** 'anta'; **awiato** 'onça'; **mohoro** 'tipiti'; **saware** 'vassoura' etc.

A classe dos nomes não possuídos se opõe morfologicamente à dos nomes possuídos, por não co-ocorrerem com possuidor e não poderem ocupar a posição nuclear do sintagma nominal genitivo. Seguem exemplos:

(94) (a) | pai i'i pe
 | pai i'i pe
 | paca rio POSP:LOC
 | 'a paca está no rio'

(b) | hirokat tu'u u:i
 | hirokat Ø-tu-'u u:i
 | menino 3SG:A-rel-comer farinha
 | 'o menino comeu farinha'

No que respeita aos nomes possuíveis, distinguem-se semanticamente a posse alienável e a inalienável. A primeira é o tipo que pode ser determinada, ao passo que posse inalienável não pode (Payne, 1997, p. 105).

Termos para as partes do corpo e de parentesco são, em geral, de posse inalienável e/ou inerentes.

A subclasse de nomes alienáveis inclui termos para instrumentos, utensílios domésticos, armas, entre outros.

4.3.1.1 Elementos pronominais da morfossintaxe nominal

Como em outras línguas Tupi, a categoria de posse é indicada em Sateré-Mawé por marcadores de pessoa e pelo índice de relação com o nome, que são dados no Quadro 4 a seguir.

Quadro 4: elementos pronominais do nome

Pessoa	Marcadores de posse	Marcadores relacionais		
		Classe 1 he- ~ e-	Classe 2 i- ~ Ø-	Classe 3 /h/ ~ /s/ ~ /j/
1SG	u-	he-	i-	u-het
2SG	e-	e-	Ø-	e-set
3SG	Ø-	he-	i-	Ø-het
1PL.INCL	a-	he-	i-	a-het
1PL.EXCL	uru-	e-	Ø-	uru-set
2PL	e-	he-	i-	e-het
3PL	i'atu-	e-	Ø-	i'atu-set

No quadro, apresentamos os pronomes clíticos e as três classes de marcadores relacionais envolvidos na codificação do possuidor. Como dissemos anteriormente, os relacionais das classes 2 e 3 parecem estar relacionadas à posse inalienável, e os relacionais da classe 1 **-he-** e **-e-**, à posse alienável.

Os relacionais da classe 3 /h/ ~ /s/ ~ /j/, fazem parte do radical nominal, sendo de difícil segmentação. Voltaremos a esta questão no item 4.3.1.2, onde discutimos os relacionais.

A seguir, exemplos de paradigmas nominais ilustrando posse alienável e posse inalienável.

Posse alienável

(95)	(a) uhekise	'minha faca'	(96)	(a) uheiará	'minha canoa'
	u-he-kise			u-he-iará	
	1SG-rel-faca			1SG-rel-canoa	
(b)	ekise	'tua faca'	(b)	eiara	'tua canoa'
	e-Ø-kise			e-Ø-iará	
	2SG-rel-faca			2SG-rel-canoa	

(c) hekise Ø-he-kise 3SG-rel-faca	'faca dele'	(c) heiara Ø-he-iara 3SG-rel-canoa	'canoa dele'
(d) uruekise uru-e-kise 1PLEXCL-rel-faca	'nossa faca'	(d) urueiara uru-e-iara 1PLEXCL-rel-canoa	'nossa canoa'
(e) ahekise a-he-kise 1PLINCL-rel-faca	'nossa faca'	(e) aheiara a-he-iara 1PLINCL-rel-canoa	'nossa canoa'
(f) ehekise e-he-kise 2PL-rel-faca	'faca de vocês'	(f) eheiara e-he-iara 2PL-rel-canoa	'canoa de vocês'
(g) hekise Ø-he-kise 3PL-rel-faca	'faca deles'	(g) heiara Ø-he-iara 3PL-rel-canoa	'canoa deles'

Posse inalienável

(97)	(a) uipo u-i-po 1SG-rel-mão	'minha mão' (98)	(a) uiakaŋ u-i-akaŋ 1SG-rel-cabeça	'minha cabeça'
	(b) epo e-Ø-po 2SG-rel-mão	'tua mão'	(b) eakaŋ e-Ø-akaŋ 2SG-rel-cabeça	'tua cabeça'
	(c) ipo Ø-i-po 3SG-rel-mão	'mão dele'	(c) iakaŋ Ø-i-akaŋ 3SG-rel-cabeça	'cabeça dele'

(d) urupo 'nossa mão' uru-Ø-po 1PLEXCL-rel-mão	(d) uruakaŋ 'nossa cabeça' uru-Ø-akaŋ 1PLEXCL-rel-cabeça
(e) aipo 'nossa mão' a-i-po 1PLINCL-rel-mão	(e) aiakaŋ 'nossa cabeça' a-i-akaŋ 1PLINCL-rel-cabeça
(f) eipo 'suas mãos' e-i-po 2PL-rel-mão	(f) eiakaŋ 'suas cabeças' e-i-akaŋ 2PL-rel-cabeça
(g) i'atupo 'mão deles' i'atu-Ø-po 3PL-rel-mão	(g) i'atuakaŋ 'cabeça deles' i'atu-Ø-akaŋ 3PL-rel-cabeça

4.3.1.2 Marcadores relacionais

Como dito, além da presença de elementos pronominais, a posse também é indicada pela presença de elementos relacionais cujo uso depende do tipo de posse.

Estudos anteriores sobre o Sateré-Mawé (Graham & Harrison, 1984; Franceschini, 1999 e Meira, 2007), já atestam a existência de três classes de nomes de acordo com o elemento relacional de posse, se posse alienável ou inalienável, conforme paradigmas relacionados nos exemplos abaixo:

Classe 1 he- ~ -e-	
(99)	suki 'cesto'
(a)	u-he-suki 'meu cesto' 1SG-rel-cesto

(b)	e-Ø-suki 2SG-rel-cesto	'teu cesto'
(c)	Ø-he-suki 3SG-rel-cesto	'cesto dele'
(d)	a-he-suki 1PL.INCL-rel-cesto	'nosso cesto'
(e)	uru-e-suki 1PL.EXCL-rel-cesto	'nosso cesto'
(f)	e-he-suki 2PL-rel-cesto	'cesto de vocês'
(g)	i'atu-e-suki 3PL-rel-cesto	'cesto deles'
(h)	ta'atu-suki 3PL.REFL-cesto	'seus próprios cestos'

Classe 2 i- ~ Ø-

(100)	po 'mão'	
(a)	u-i-po 1SG-rel-mão	'minha mão'
(b)	e-Ø-po 2SG-rel-mão	'tua mão'
(c)	Ø-i-po 3SG-rel-mão	'mão dele'
(d)	a-i-po 1PL.INCL-rel-mão	'nossa mão'
(e)	uru-Ø-po 1PL.EXCL-rel-mão	'nossa mão'
(f)	e-i-po 2PL-rel-mão	'mão de vocês'
(g)	i'atu-Ø-po 3PL-rel-mão	'mão deles'
(h)	to-po 3SG.REFL-mão	'sua própria mão'

Classe 3 /h-/ ~ /s-/ ~ /j-/

(101)	hãj 'dente'	
(a)	u-hãj 1SG-dente	'meu dente'

(b)	e-jãj 2SG-dente	'teu dente'
(c)	Ø-hãj 3SG-dente	'dente dele'
(d)	a-hãj 1PL.INCL-dente	'nosso dente'
(e)	uru-hãj 1PL.EXCL-dente	'nosso dente'
(f)	e-hãj 2PL-dente	'dente de vocês'
(g)	i'atu-jãj 3PL-dente	'dente deles'
(h)	to-ha 3SG.REFL-dente	'seu proprio dente'

As classes **i-** e **h-** parecem estar relacionadas ao tipo de posse inalienável, ao passo que os prefixos relacionais da classe **he-** ~ **e-** ocorrem com posse alienável, de acordo com os exemplos em (99) a (101) acima.

Como já mencionado, o relacional **/h-/** ~ **/s/** ~ **/j/**, muitas vezes parece fazer parte do radical. Nesses casos ocorre um processo fonológico de alternância de consoante inicial do radical, o que é bastante comum nas línguas da família Tupi. Estudos históricos do tronco Tupi sugerem a hipótese de que os prefixos relacionais podem ser reflexos desse tipo de processo fonológico (Meira, 2007).

Franceschini atesta um tipo de distribuição complementar entre os prefixos **he-** e o prefixo **e-**:

L'indice de relation **/-he- ~e-/** apparaît en distribution complémentaire dans le paradigme de détermination possessive-génitive. La variante combinatoire **/-he-/** est toujours employée avec les préfixes personnels 1, 1incl., 2pl. et 3sg. et la variante **/-e-/** avec les préfixes personnels 1excl., 2sg rel., 3plréfl., 3pl. et lors de la détermination du radical nominal par un autre nom. Franceschini (1999, p. 27)³⁴.

³⁴ Esses índices de relação **/-he- ~ -e-/** aparecem em distribuição complementar dentro do paradigma de determinação possessiva-genitiva. A variante combinatória **/-he-/** é ainda empregada com os prefixos pessoais de: 1sing, 1pl.incl., 2pl. e 3sing., e a variante **/-e-/** com os prefixos pessoais de 1pl.excl., 2sing., 3pl.refl., 3pl. e quando da determinação do radical nominal por outro nome. (tradução livre).

Segundo a pesquisadora, isso evita homonímia entre as segundas pessoas do singular e do plural e também permite fazer distinção entre nomes que estão em relação de determinação genitiva e de predicação.

Os prefixos reflexivos **to-** e **ta'atu-** presentes nos paradigmas acima serão tratados a seguir.

4.3.1.2.1 Prefixos reflexivos {to-} e {ta'atu-} “terceira pessoa reflexiva”

Esses prefixos de terceira pessoa do singular **to-** e de terceira do plural **ta'atu-** codificam o possuidor correferente ao sujeito da oração.

(102) (a) | mi'i tum mi'u tomēpit pe
 mi'i Ø-Ø-tum mi'u to-mēpit pe
 3SG 3SG:A-rel-dar comida 3SG.REFL-filho POSP:DAT
 'ela deu comida para seu filho'

(b) | mi'i som hewiri toti wiwo
 mi'i som Ø-Ø-hewiri to-ti wiwo
 3SG PART:DUB 3SG:Sa-rel-andar 3SG.REFL-mãe PART:COMT
 'ele anda com sua mãe'

(103) (a) | mi'iria tunuŋ ta'atu'iat
 mi'iria Ø-tu-nuŋ ta'atu-'iat
 3PL 3PL:A-rel-fazer 3PL.REFL-casa
 'eles fizeram suas próprias casas'

4.3.1.2.2 Prefixo {i-}

O prefixo *i-* indica possuidor de terceira pessoa

- (104) (a) | pai ipo pe
pai i-∅-po pe
paca 3SG-rel-mão POSP:LOC
'a paca está na mão dele'
- (b) | iwat ipori'a in
i-∅-wat i-∅-pori'a in
3SG-rel-POSS 3SG-rel-flecha PL
'as flechas dele'
- (c) | iwat ihãj
i-∅-wat i-∅-hãj
3SG-rel-POSS 3SG-rel-dente
'dente dele'
- (d) | iwat iwẽ
i-∅-wat i-∅-wẽ
3SG-rel-POSS 3SG-rel-boca
'boca dele'

Os exemplos em (104) (b), (c) e (d) apresentam o prefixo *i-* que ocorre não só com o nome, mas também com o morfema de posse *-wat* formando uma locução. Voltaremos ao morfema de posse no item (4.4.3) adiante.

Como dito anteriormente, há em Sateré-Mawé, alternância consonantal nos nomes possuídos. Lexemas iniciados pela fricativa glotal /h/ alternam com a fricativa alveolar /s/ e com a aproximante /j/ e não recebem índice de relação. O mesmo ocorre com os nomes.

(105)	(a)	het		'nome'
	(b)	katsom eset		'como é seu nome?'
		katsom	e-set	
		INTER	2SG-nome	
(106)	(a)	hu		'sangue'
	(b)	mi:t su		'sangue de gente'
		mi:t	Ø-su	
		gente	3SG-sangue	
(107)	(a)	hãj		'dente'
	(b)	ewat ejãj		'teu dente'
		e-wat	e-jãj	
		2SG-Poss	2SG-dente	

4.3.2 Categoria de número

Em Sateré-Mawé alguns nomes são caracterizados pela categoria de número, com distinção entre singular e plural. Nomes podem ser pluralizados pelos morfemas **-tia** (~ -ria ~ -nia) e pelas partículas **in** e **ko'i**.

i) o sufixo **-tia** apresenta alomorfes (-ria ~ -nia) e marca o plural de entidades mais animadas humanas:

(108)	(a)	ihainia	‘homem’	ihainia-ria homem-PL	‘os homens’
	(b)	hirokat	‘menino’	hiroka(t)-ria menino-PL	‘os meninos’
	(c)	Sateré	‘Sateré’	Satere-ria Sateré-PL	‘os Sateré’
	(d)	morekuat	‘chefe’	morekua(t)-ria chefe-PL	‘os chefes’

ii) a partícula **in** marca o plural coletivo em termos relacionados a pessoas.

(109)	(a)	ihainia	‘homem’	ihainia in homem PL	‘homens’
	(b)	mi:t	‘pessoa’	mi:t in pessoa PL	‘pessoas’
	(c)	-mēp̄it	‘filho’	-mēp̄it in filho PL	‘filhos’
	(d)	iwot	‘pai’	iwot in pai PL	‘pais’

De acordo com os consultores Sateré, a partícula **in** não pode ser usada para designar pessoas agrupadas em classes, tais como chefes, professores e alunos, entre outros. Nesses casos, o mais usual é a utilização do sufixo **-ria**.

iii) a partícula **ko’i** marca o plural de entidades não animadas.

(110)	(a)	waikiru	estrela	waikiru ko'i estrela PL	estrelas
	(b)	sokpe	roupa	sokpe ko'i roupa PL	roupas
	(c)	hupi'a	ovo	hupi'a ko'i ovo PL	ovos
	(d)	ï:ï	terra	ï:ï ko'i terra PL	terras

Franceschini (1999, p. 38) observa que a organização social dos Sateré-Mawé se reflete na língua. Por exemplo, a pluralização de nomes animados não humanos e de inanimados, quando se referem ao clã³⁵, é marcada com **-tia**. Além dos clãs, nomes de animais domésticos também podem ser pluralizados com o sufixo **-tia**.

Podemos considerar que os nomes animados mais humanos e/ou humanizados são sufixados com **-tia** e os não humanos, com a partícula **ko'i**. A partícula **in** marca o coletivo e é usada especificamente para pessoas.

4.3.3 Indicação de Gênero

O gênero em Sateré-Mawé não é marcado morfologicamente nos nominais. É expresso através de lexemas distintos, no caso de pessoas e na terminologia de parentesco.

(111)	(a)	ihainia	'homem'	hariporia	'mulher'
-------	-----	---------	---------	-----------	----------

³⁵ A organização social dos Sateré-Mawé é feita por clãs que dizem respeito a nomes de animais, exceto o clã Sateré. Ver Capítulo I.

(b)	iwot	‘pai’	iti	‘mãe’
(c)	he’aito	‘marido’	hehari	‘esposa’
(d)	hase’i	‘avô’	hari	‘avó’

O gênero, em alguns casos, é indicado pelo acréscimo, ao nome, dos termos **wari’i** (mulher/fêmea) e **pa’iat** (homem/macho).

(112)	(a)	waipaka pa’iat	‘galo’	waipaka	‘galinha’
	(b)	moi pa’iat	‘cobra’	moi wari’i	‘cobra fêmea’
	(c)	aware	‘cachorro’	aware wari’i	‘cadela’
	(d)	wewato	‘boi’	wewato wari’i	‘vaca’

Em relação a certos termos de parentesco, parece ter havido empréstimos da morfologia do português. ‘Neto’ e ‘neta’ são denominados respectivamente: **hamiariru** e **hamiarira**, claramente tomando de empréstimo a marcação -a do português para designação do feminino. Um outro fato que comprova a ocorrência e que pudemos verificar pessoalmente nos cursos de formação de professores fica por conta do termo criado pelos Sateré-Mawé para denominar ‘professor’, **puruwei**. Em vários momentos, presenciamos o termo ‘**puruweira**’ relacionado às professoras que se encontravam no curso. As designações para ‘cunhado’ **kujatu** e ‘cunhada’ **kujata** são empréstimos claros do Português.

A categoria gramatical de número e a indicação de gênero apresentadas acima refletem, como se disse, a organização social desse povo. A presença de palavras emprestadas do português em certos termos de parentesco reflete também o contato muito presente dos Sateré-Mawé com a sociedade envolvente e a conseqüente substituição de alguns termos por outros do Português, conforme discutido no capítulo II.

4.3.4 Outros membros da classe dos nomes

Assim como no Kamaiurá (Seki 2000, p. 61) e em outras línguas, em Sateré-Mawé, as palavras interrogativas **kan** e **kat** ‘o que’, e **uwen** ‘quem’ desempenham funções de nome quando em função argumental. Podem ocorrer como sujeito e objeto de verbos.

(113) (a) | uwen ereha'at
 | uwen e-re-ha'at
 | NOM 2SG:Sa-rel-ver
 | 'quem você viu?'

(b) | kan ereha'at
 | kan e-re-ha'at
 | NOM 2SG:Sa-rel-ver
 | 'o que você viu'

4.3.5 Locução nominal simples

A locução nominal simples pode ser constituída por pronomes ou por nomes. Ela consiste de um núcleo, ou de um núcleo e modificadores.

- (114) (a) mi'i ihai waku ha'āpik ta'in
Nu.
 [mi'i] Ø-i-hai Ø-waku ha'āpik ta'in
 3SG 3SG:Sa-rel-falar 3SG- ser bom certo PART:ASP
 'ele fala certo'
- (b) kuewati ekuap hat
Nu.
 [kuewati] e-Ø-kuap hat
 DEM 2SG:O-rel-conhecer NMLZ
 'aquele é teu conhecido?'
- (c) kurum tipetek bola
Nu.
 [kurum] Ø-ti-petek bola
 menino 3SG:A-rel-jogar bola
 'o menino joga bola'

Nos exemplos em (114), o sintagma nominal possui apenas o núcleo. Em (a), o núcleo é um pronome independente de terceira pessoa do singular, **mi'i**. Em (b), é um pronome demonstrativo, **kuewati** aquele, e em (c) é um nome.

Os exemplos dados em (115) (a) e (c) são de genitivo (modificador e núcleo), já o exemplo em (b) é de núcleo e modificador.

- (115) (a) moi upi'a
Nu
 [moi upi'a]
 cobra ovo
 'ovo de cobra'

(b) | netap pakup
Nu
 [netap pakup]
 casa nova
 'casa nova'

(c) | morekuat mēpit
Nu
 [morekuat Ø-Ø-mēpit]
 chefe 3SG-rel-filho
 'o filho do chefe'

O nome possuído também pode vir como núcleo, sendo precedido por elementos pronominais que exprimem o possuidor. Esse tipo de construção, porém, é pouco usual na língua.

(116) (a) | imēpit put'ok'e ra'in
Nu
 [i-Ø-mēpit] put'ok-Ø-Ø-'e ra'in
 3SG-rel-filho chegar-3SG:Sa-rel-AUX PART:ASP
 'o filho dela chegou'

O nome possuível também ocorre em construções nas quais é precedido pelo morfema de posse **-wat**, que recebe as mesmas marcas de pessoa que o nome possuído. Tais construções genitivas ocorrem nos mesmos contextos das formas livres. Os exemplos são:

(117) (a) | uiat uiakan
Nu.

[u-i-at	u-i-akaŋ]
1SG-rel-POSS	1SG-rel-cabeça
‘minha cabeça’	

(b)

ewat eakaŋ	
	Nu.
[e-Ø-wat	e-Ø-akaŋ]
2SG-rel-POSS	2SG-rel-cabeça
‘tua cabeça’	

(c)

iwat iakaŋ	
	Nu.
[Ø-i-wat	Ø-i-akaŋ]
3SG-rel-POSS	3SG-rel-cabeça
‘cabeça dele’	

(d)

uiat akaŋ hati		
	Nu.	Mod.
[u-i-at	akaŋ]	hati
1SG-rel-POSS	cabeça	dor
‘minha cabeça dói’		

As sentenças de (117) (a) a (c) são formadas pelo morfema de posse sendo que ambas recebem marcação de pessoa e marcadores relacionais. Em (d) o possuidor recebe a marcação de pessoa, que não é repetida no núcleo, formando um sintagma como nos exemplos anteriores.

A locução nominal em Sateré-Mawé, cujo possuidor é de terceira pessoa, é expressa pela prefixação de Ø-, como em (118).

- (118) (a) hehari tuwe-'i-'u
Nu.
 [Ø-he-hari] tuwe-'i-'u
 3SG-rel-avó 3SG.REFL:A-água-beber
 'a vovó bebe água'
- (b) André ekamisa isu'i rakat
Nu.
 [André Ø-e-kamisa] isu'i rakat
 André 3SG-rel-camisa azul NMLZ
 'a camisa do André é azul'
- (c) ehari'i ikiesat café
Nu
 [Ø-e-hari'i] Ø-i-kiesat café
 3SG-rel-esposa 3SG:A-rel-querer café
 'a esposa quer café'

Funcionam como modificadores de uma locução nominal os nomes e os numerais, conforme exemplos abaixo:

- (119) (a) ηun hupi'a hirokat pipe
Mod Nu.
 [ηun hupi'a] hirokat pi-pe
 pulga ovo menino pé-POSP:LOC
 'o ovo da pulga está no pé do menino'
- (b) uihenoi ti:pi hanu'an
Mod Nu.

	u-i-henoi		[ti:pi	hanu'an]
	1SG:A-rel-contar	dois	macaco	
	'eu contei dois macacos'			

Em (a) acima, o sintagma nominal total designa uma entidade codificada por **hupi'a** 'ovo' (o núcleo), que é especificada pelo nominal **ɲun** 'pulga', formando o sintagma genitivo. Em (119) (b), o numeral forma o composto sintagmático com o nominal **hanu'an** 'macaco', atuando como adjunto adnominal.

Os demonstrativos e os verbos intransitivos não ativos (estativos), estes últimos quando desprovidos de marcadores de pessoa, também funcionam como modificadores. São exemplos:

(120) (a)		meĩjẽ	hariporia	i-hari'i
		Mod	Nu	
		[meĩjẽ	hariporia]	i-Ø-hari'i
		DEM	mulher	3SG-rel-esposa
		'aquela mulher é esposa dele'		

(b)		iha	waku
		Nu	Mod
		[i-Ø-ha	waku]
		3SG-rel-olho	bom
		'olho bom'	

(c)		hãj	kahuria	kahato
		Nu	Mod	
		[hãj	kahu-ria]	kahato
		dente	ser bonito-PL	muito
		'os dentes são muito bonitos'		

Note-se que em (120) (c), a locução com modificador estativo recebe o sufixo de plural **-ria**, próprio de nomes.

O núcleo pode ter como modificador uma oração relativa posposta, formada com verbos intransitivos não ativos e com o nominalizador atributivo **takat**.

(121) (a)	atu'u pira hē'ē kahato rakat				
		Nu	Mod (Relativa)		
	a-tu-'u	[pira	[Ø-Ø-hē'ē	kahato	rakat]]
	1SG:A-rel-comer	peixe	3SG:So-rel-ser gostoso	muito	NMLZ
	'eu comi um peixe que é muito gostoso'				

(b)	ara'akasa hariporia kahu rakat				
		Nu	Mod (Relativa)		
	a-ra-'akasa	[hariporia	[Ø-Ø-kahu	rakat]]	
	1SG:Sa-rel-ver	mulher	3SG:So-rel-ser bonita	NMLZ	
	'eu vi a mulher bonita'				
	'eu vi a mulher que é bonita'				

4.3.6 Negação do predicado nominal

A negação do predicado nominal pode ser de relação de posse ou existencial. Os predicados são negados pelo morfema descontínuo **it-...-'i**.

(122) (a)	iha'i
	i-ha-'i
	3SG-olho-NEG
	'ele é cego'

(b) it u:'i'i Eucy tunuŋ
 it=u:'i-'i Eucy Ø-tu-nuŋ
 NEG=farinha-NEG Eucy 3SG:A-rel-fazer
 'não foi farinha que Eucy fez'

(c) atipowiro aru ma'ato it mi'i'i
 a-ti-powiro aru ma'ato it=mi'i-'i
 1SG:A-rel-ajudar PART:PTC ADVER NEG=3SG-NEG
 'eu ajudarei, mas ela não (ajudará)'

Em (118) (a), a negação com o morfema **-'i**, do nome inalienável **-ha** 'olho', forma a negação existencial dando a ideia de que o referente não vê (é sem olho). Em (b) e (c), o nominal é negado pelo morfema descontínuo (**it-**)...**'i**.

4.3.7 Coordenação de nomes na Locução Nominal

A coordenação de nominais no sintagma nominal se faz com o emprego da partícula de coordenação conjuntiva **hawii**, posicionada entre os nominais, ou ainda pela justaposição dos elementos, conforme abaixo:

(123) (a) mi'i tum mani'ai hawii tukupi wo
 mi'i Ø-Ø-tum mani'ai hawii tukupi wo
 3SG 3SG:A-rel-dar goma CONJ tukupi PART:COMT
 'ele deu goma e tukupi' (Lit.: ele deu tukupi com goma dentro³⁶)

³⁶ Essa mistura de tukupi com goma é um tipo de mingau muito apreciado pelos Mawé

- (b) | mi'i ti'auka wewato hawii jakare
 mi'i Ø-ti-'auka wewato hawii jakare
 3SG 3SG:A-rel-matar anta CONJ jacaré
 'ele matou anta e jacaré'
- (c) | hãiku purit eterut o uipotpap hamo
 hãiku purit e-Ø-terut o u-i-potpap hamo
 corda gancho 2SG:A-rel-trazer PART:IMP 1SG:A-rel-trabalhar PART:FIN
 'então traga gancho e corda para eu poder trabalhar'

Em (123) (a) e (b), a coordenação se faz com a utilização da partícula **hawii**. Já em (123) (c), é feita pela justaposição dos elementos. Adiante, no próximo capítulo VIII, trataremos as sentenças coordenadas na língua Sateré-Mawé.

4.3.8 Nominalização

Há, em Sateré-Mawé um conjunto de morfemas que derivam nomes a partir de verbos. Os tipos de nominalizadores são os que seguem:

4.3.8.1 Nominalizador de ação

O morfema **hap** deriva nomes de ação a partir de verbos transitivos e intransitivos. Tais nominalizações expressam a ação indicada pela base verbal.

- (124) (a) | -wuk 'queimar'

ewuk hap	'tua queimadura'
e-Ø-wuk-hap	
2SG-rel-queimar-NMLZ	

(b) kuitu'e	'cuspir'
kuitu'e hap	'saliva'
kuitu-'e-hap	
cuspir-AUX-NMLZ	

O morfema **hap** também é utilizado para derivar nomes cujos referentes são concebidos como instrumento.

(125) (a) -po'oro	'dever'
uipo'oro hap	'minha tarefa' (meu dever de casa)
u-i-po'oro-hap	
1SG-rel- dever-NMLZ	

Pode derivar nomes que indicam lugares onde ocorre o evento assinalado pelo verbo.

(126) (a) ŋet	'dormir'
ŋet hap	'lugar onde se dorme'
ŋet-hap	
dormir-NMLZ	

(b) hentup	'orar'
hentup hap	'lugar onde se ora'
hentup-hap	
orar-NMLZ	

O morfema nominalizador **hap** adere às bases verbais que indicam ação para derivar nomes que se referem a esses processos.

(127)	(a)	-mu'e	'ensinar'
		imu'e hap	'seu ensino'
		∅-i-mu'e-hap	
		3SG-rel-ensinar-NMLZ	
	(b)	-wesat	'responder'
		iwesat hap	'sua resposta'
		∅-i-wesat-hap	
		3SG-rel-responder-NMLZ	
	(c)	-kuap	'saber'
		ikuame hap	'sua sabedoria'
		∅-i-kuap-e-hap	
		3SG-rel-saber-Ept-NMLZ	

4.3.8.2 Nominalizador agentivo

O nominalizador **hat** deriva nomes a partir de verbos transitivos e faz referência ao agente que realiza a ação.

(128)	(a)	miatkat	'caçar'
		miatkat hat	'caçador'
		miatkat-hat	
		caçar-NMLZ	
	(b)	koi	'plantar'

- | | | | | |
|-----|--|------------------------------------|----------|-------------------|
| | | koi'e hat | | 'agricultor' |
| | | koi-'e-hat | | |
| | | plantar-Ept-NMLZ | | |
| (c) | | -'auka | | 'matar' |
| | | wo'o'auka hat | | 'matador' |
| | | wo'o-'auka-hat | | |
| | | 3REC-matar-NMLZ | | |
| (d) | | it tuwat'i cinco'ok wo'omu'e haria | | |
| | | it=tuwat-'i | cinco'ok | wo'omu'e hat-ria |
| | | NEG=ir-NEG | cinco | professor NMLZ-PL |
| | | 'faltaram cinco professores' | | |

Em (128) (d) acima, nota-se que a palavra nominalizada admite o sufixo flexional de plural **-ria**.

4.3.8.3 Nominalizador de paciente/objeto

O morfema **mi-** compõe nome de paciente/objeto, usado em bases transitivas, formando nominal derivado.

- | | | | | |
|-------|-----|--|--------------------------------|-------------------------|
| (129) | (a) | | hawii tohu'u ra'in imisei | |
| | | | hawii to-hu-'u | ra'in i-mi-sei |
| | | | CONJ 3SG-rel-comer | PART:ASP 3SG-NMLZ-assar |
| | | | 'e comeu o que estava assando' | |
| | (b) | | uito miwaure | |
| | | | uito mi-waure | |
| | | | 1SG NMLZ-esquecer | |

| 'eu sou esquecido'

- (c) | en miwaure
| en mi-waure
| 2SG NMLZ-esquecer
| 'você é esquecido'

4.3.8.4 Nominalizador de circunstância

O morfema **wat** compõe nomes de circunstância a partir de demonstrativos e adverbiais:

- (130) (a) | uito atikiesat hin'i mejūwat
| uito a-ti-kiesat hin'i mejū-wat
| 1SG 1SG:A-rel-querer NEG DEM-NMLZ
| 'eu não quis este (curso)'
- (b) | mejēwat apo tu'isa
| mejē-wat apo tu'isa
| DEM-NMLZ INTER chefe
| 'aquele é o chefe?'
- (c) | ewetunuŋ po'oŋ o meime-wat-ria
| ewe-tu-nuŋ po'oŋ o meime-wat-ria
| 2PL:A-rel-fazer mais IMP DEM-NMLZ-PL
| 'vocês façam mais desses'

Em (130) (c), verifica-se que o demonstrativo **meime** admite, além do nominalizador **-wat**, o sufixo flexional que marca plural de nomes **-ria** em sua composição.

No processo de derivação por meio do morfema **-wat** envolvendo advérbios temporais, ocorrem processos fonológicos na junção do morfema com o verbo. São processos comuns nos limites de morfemas, como a queda da vogal final do advérbio antes da consoante inicial do nominalizador, e a queda da consoante final do nominalizador antes da consoante inicial do morfema marcador de plural. São exemplos:

(131)	(a)	ηa'atpuaria <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black; margin: 5px 0;"/> ηa'atpo-wat-ria ADV-NMLZ-PL 'os de ontem'
	(b)	nimuaria <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black; margin: 5px 0;"/> nimo-wat-ria ADV-NMLZ-PL 'os de antigamente'

Da mesma forma que os pronomes demonstrativos, os advérbios temporais nominalizados recebem o sufixo de plural **-ria**, conforme exemplos acima.

4.3.8.5 Nominalizador atributivo

O nominalizador atributivo **rakat** ocorre somente com verbos intransitivos ativos ou estativos derivando nominais que indicam 'um que faz X' e 'um que é X'.

(132)	(a)	teput takat <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black; margin: 5px 0;"/> Ø-te-put takat
-------	-----	---

3SG:Sa-rel-correr	NMLZ
‘aquele que corre’	

(b)

hewiri rakat	
Ø-Ø-hewiri	rakat
3SG:Sa-rel-andar	NMLZ
‘aquele que anda’	

(c)

en ekit takat	
en e-Ø-kit	takat
2SG 2SG:So-rel-ser gordo	NMLZ
‘você é gordo’	

(d)

mu’ap ipipe rakat	
mu’ap Ø-i-pipe	rakat
caminho 3SG:So-rel-ser largo	NMLZ
‘o caminho é largo’	

Nos dados é atestada sua ocorrência com nominais em função descritiva:

(133) (a)

ihainia ihari’i rakat	
ihania ihari’i	rakat
homem esposa	NMLZ
‘homem casado’	
(um que tem esposa)	

(b)

ihania it ihari’i rakat’i	
ihania it=ihari’i-rakat-’i	
homem NEG=esposa-NMLZ-NEG	
‘homem solteiro’	
(um que não tem esposa)	

- (c) it eterut'i hē'ē rakat pote aru arawak
 it=e-Ø-terut-'i hē'ē rakat pote aru a-ra-wak
 NEG=2SG-rel-trazer-NEG doce NMLZ CAUS PART:PTC 1SG:Sa-rel-chorar
 'Se você não trouxe (o que é) doce vou chorar'

O nominalizador atributivo recebe também sufixo marcador de plural dos nomes **-ria**.

O processo de derivação de nomes a partir de nominalizadores é produtivo em Sateré-Mawé. Os nomes assim derivados podem ocorrer na sentença como argumentos, como será tratado no item a seguir e no capítulo referente à combinação de orações.

4.3.9 Sintaxe das nominalizações

Em relação à expressão dos argumentos, apenas um é marcado junto ao verbo nominalizado. Como ocorre em Kamaiurá (Seki, 2000, p. 124), a função desse argumento pode ser interpretada como sendo de **A**, **O**, **Sa** ou **So** com base na valência e na subclasse do radical verbal, no tipo de morfema nominalizador envolvido e nos recursos usados para codificar o argumento.

O argumento de verbos nominalizados com o sufixo **hap** 'nome de ação/estado' é interpretado como sendo **S**, se o radical verbal é intransitivo, e como sendo **O**, se o radical verbal é transitivo.

- (134) (a) atikuap hin'i tuwepi hap
 a-ti-kuap hin'i tuwe-pi hap
 1SG:A-rel-saber PART:NEG 3SG.REFL:Sa-cantar NMLZ
 'eu não sabia que ela canta'
 (eu não sabia do fato/ação dela cantar)

(b) | uimēpit ihāite hap
 | u-i-mēpit Ø-i-hāite hap
 | 1SG-rel-filho 3SG:So-rel-ter saúde NMLZ
 | ‘meu filho tem saúde’
 | (o fato de meu filho ter saúde)

(c) | mi'i it uiwaure'i hap
 | mi'i it=u-i-waure-'i hap
 | 3SG NEG=1SG:O-rel-esquecer-NEG NMLZ
 | ‘ele não me esqueceu’
 | (não teve o fato dele me esquecer)

Os morfemas nominalizadores **hat** ‘agentivo’ e **-mi** ‘nome de paciente/objeto’ orientam a interpretação do argumento como **A** e como **O**, respectivamente.

(135) (a) | eti'auka hat
 | e-ti-'auka hat
 | 2SG:A-rel-matar NMLZ
 | ‘o que mata

(b) | uimiwaure
 | u-i-mi-waure
 | 1SG:O-rel-NMLZ-esquecer
 | ‘o que eu esqueci’
 | (o que foi esquecido por mim)

Nas nominalizações com o morfema **rakat** ‘nome atributivo’, o radical verbal é de base intransitiva ativa ou estativa.

(136) (a) | iwato rakat

i-wato rakat
 3SG:So-ser grande NMLZ
 'o que é grande'

(b) kurum i'ahu rakat
 kurum i'ahu rakat
 menino 3SG:Sa-estar doente NMLZ
 'menino [é um] que está doente'

(c) kurum iku'uro rakat
 kurum i-ku'uro rakat
 menino 3SG:Sa-morrer NMLZ
 'o menino [é um] que morreu'

As funções do argumento indicadas por marcadores pronominais no verbo são distintas dependendo do nominalizador envolvido. Os argumentos de verbos nominalizados por **hap** são interpretados como **S**, se o verbo é intransitivo, e como **O**, se transitivo. Os nominalizadores **hat** e **mi-** são interpretados como argumento **A** e **O**, respectivamente. Já nas nominalizações com **rakat**, o argumento tem a função de **Sa** no caso de verbos intransitivos ativos e a função de **So**, no caso dos não ativos. Conforme quadro abaixo:

Quadro 5: Funções dos argumentos

Nominalizador	Significado	Função dos argumentos			
		A	Sa	So	O
hap	ação/estado		+	+	+
hat	agentivo	+			
mi-	paciente/objeto				+
rakat	atributivo		+	+	

A sintaxe das nominalizações e a expressão dos argumentos são importantes na análise das orações subordinadas que serão tratadas no capítulo VIII adiante, sobre combinações sentenciais em Sateré-Mawé.

4.4 Pronomes

4.4.1 Pronomes pessoais independentes

Os pronomes independentes são formas gramaticais livres que ocupam posições argumentais. Os pronomes pessoais independentes da língua Sateré-Mawé são apresentados no quadro abaixo e seu comportamento sintático é discutido a seguir:

Quadro 6 – pronomes independentes

<i>Pessoa</i>	<i>Pronome</i>	
	<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
Primeira	uito	—
Primeira Inclusiva	—	aito
Primeira Exclusiva	—	uruto
Primeira Hortativa	—	to'iro
Segunda	en	eipe
Terceira	mi'i	mi'iria

(137) (a) | uito atiki'esat i'i
 uito a-ti-ki'esat i'i
 1SG 1SG:A-rel-querer água
 'eu quero água'

(b) | en etikiat wahi
 en e-ti-kiiat wahi

2SG 2SG:A-rel-comprar colar
'você comprou colar'

(c) mi'i tikiiat wahi
mi'i Ø-ti-kiiat wahi
3SG 3SG:A-rel-comprar colar
'ele comprou colar'

(d) aito wahenoi
aito wa-h-enoi
1PL.INCL 1PL.INCL:Sa-rel-ensinar
'nós ensinamos'

(e) uruto uruiwuk aria'ip
uruto uru-i-wuk aria'ip
1PL.EXCL 1PL.EXCL:A-rel-queimar pau
'nós queimamos pau'

(f) eipe ewei'auka miat
eipe ewe-i-'auka miat
2PL 2PL:A-rel-matar caça
'vocês sempre matam caça'

(g) mi'iria tiwuk aria'ip
mi'iria Ø-ti-wuk aria'ip
3PL 3PL:A-rel-queimar pau
'eles queimam pau'

(h) – to'iro wateput'e iti wawori pe

to'iro	wa-teput	Ø-Ø-'e	iti	wawori	pe
1PL.HORT	1PL.INCL:Sa-correr	3SG-rel-dizer	veado	jabuti	POSP:LOC
' – vamos correr – disse o veado ao jabuti'					

Os pronomes pessoais livres ocorrem sintaticamente como sujeito e objetos em funções similares às dos nomes e constituem uma classe fechada de elementos. Os exemplos em (138) abaixo são de pronomes na função de objeto.

(138) (a)	en	e-ti-po'oro	mi'iria
	2SG	2SG:A-rel-mandar	3PL
	'você manda (n) eles'		

(b)	André	Ø-ta-'akasa	mi'i
	André	3SG:A-rel-ver	3SG
	'André o viu'		

Os pronomes pessoais livres das pessoas do plural, a saber: **aito** 1PL.INCL; **uruto** 1PL.EXCL; **eipe** 2PL e a 3SG **mi'i**, recebem o sufixo **-ria** 'marca de plural', quando fazem referência não só às pessoas presentes numa situação de comunicação, mas a todas que estão envolvidas, mesmo não estando presentes. Em (137) (g), a composição morfológica do pronome de terceira pessoa plural **mi'iria** é feita a partir do pronome **mi'i** 3SG, mais o sufixo de plural **-ria**. E em (137) (h), a forma pronominal hortativa **to'iro** concorda com a marcação pronominal da primeira pessoa do plural inclusiva **wa-**.

4.4.2 Pronomes pessoais clíticos

Os pronomes pessoais clíticos não são usados isoladamente. Ocorrem com nomes possuídos, como objeto de posposições, como objeto junto a verbos transitivos.

Em Sateré-Mawé, trataremos essas formas pronominais como clíticos e não como prefixos. Nossa opção de análise como clíticos se baseia no fato de esses elementos não ocorrerem somente prefixados à raiz verbal. Certos verbos intransitivos ativos tais como **put'ok'are** 'eu chego', **pinare** 'eu corro', **kaikaiare** 'eu chamo', admitem marcação pronominal e de elemento relacional após a raiz verbal, i.e., na posição de sufixo.

(139)	- 'iat 'casa' possuída		
(a)	u-i-'iat 1SG-rel-casa		'minha casa'
(b)	e-Ø-'iat 2SG-rel-casa		'tua casa'
(c)	Ø-i-'iat 3SG-rel-casa		'casa dele'
(d)	uru-Ø-'iat 1PL.EXCL-rel-casa		'nossa casa'
(e)	a-i-'iat 1PL.INCL-rel-casa		'nossa casa'
(f)	e-i-'iat 2PL-rel-casa		'casa de vocês'
(g)	Ø-Ø-'iat 3PL-rel-casa		'casa deles'
(h)	to-'iat 3SG.REFL-casa		'sua própria casa'

(140)	(a)	mi'i inuŋ towat to'iat			
		mi'i	Ø-i-nuŋ	to-wat	to-'iat
		3SG	3SG:A-rel-fazer	3SG.REFL-POSS	3SG.REFL-casa
		'ele fez sua própria casa'			

(b) mi'iria tunuŋ ta'atu'iat
 mi'iria Ø-tu-nuŋ ta'atu-'iat
 3PL 3PL:A-rel-fazer 3PL.REFL-casa
 'eles fizeram sua própria casa'

(c) mi'i tum mi'u uhepe
 mi'i Ø-Ø-tum mi'u u-he-pe
 3SG 3SG:A-rel-dar comida 1SG:O-rel-PART:DAT
 'ele deu carne para eu comer'

O paradigma em (139) para **-'iat** 'casa possuída' ilustra a presença dos pronomes clíticos. Os exemplos (140) (a) e (b) complementam o paradigma apresentado no exemplo anterior e são ilustrativos dos pronomes reflexivos **to-** e **ta'atu-**, terceiras pessoas singular e plural, respectivamente. Neste último caso, não há marcação dos relacionais, como se pode verificar na análise dos exemplos citados.

4.4.3 Possessivos

Como dito anteriormente, há, em Sateré-Mawé, uma construção possessiva que apresenta, em sua estrutura, um radical nominal de posse **-wat**. Este se comporta como os nomes inalienáveis, recebendo os marcadores de posse. Pode também receber o sufixo **-tia**, que marca plural nos nominais.

Quadro 7 – possessivos

Pessoa	Marcador de posse	Relacional	Radical nominal
1SG	u-	i-	at
2SG	e-	Ø-	wat

3SG	Ø-	i-	wat
1PL.INCL	a-	i-	wat
1PL.EXCL	uru-	Ø-	wat
2PL	e-	i-	wat
3PL	i'atu-	Ø-	wat
3SG.REFL	to-	Ø-	wat
3PL.REFL	ta'atu	Ø-	wat

O nominal de posse pode ser empregado em justaposição com nomes alienáveis e inalienáveis. São exemplos de marcação de posse os paradigmas das pessoas do singular abaixo:

(141)	Classe i- ~ Ø-		
	-'iat 'casa' possuída		
(a)	u-i-at 1SG-rel-POSS	u-i-'iat 1SG-rel-casa	'minha casa'
(b)	e-Ø-wat 2SG-rel-POSS	e-Ø-'iat 2SG-rel-casa	'tua casa'
(c)	Ø-i-wat 3SG-rel-POSS	Ø-i-'iat 3SG-rel-casa	'casa dele'

(142)	Classe h-		
	(h)ãi 'dente'		
(a)	u-i-at 1SG-rel-POSS	u-hãj 1SG-dente	'meu dente'
(b)	e-Ø-wat 2SG-rel-POSS	e-jãj 2SG-dente	'teu dente'
(c)	Ø-i-wat 3SG-rel-POSS	i-jãj 3SG-dente	'dente dele'

(143)	Classe he- ~ e-		
	kui'a 'cuia'		
(a)	u-i-at 1SG-rel-POSS	u-he-kui'a 1SG-rel-cuia	'minha cuia'
(b)	e-Ø-wat 2SG-rel-POSS	e-Ø-kui'a 2SG-rel-cuia	'tua cuia'
(c)	Ø-i-wat 3SG-rel-POSS	Ø-he-kui'a 3SG-rel-cuia	'cuia dele'

Como dissemos, o nominal **-(h)ãj** 'dente', do exemplo (142) (a), (b) e (c), como se observa, apresenta variação fonológica (/h/ ~ /j/) da consoante inicial do radical. É, portanto, de difícil segmentação. De qualquer maneira, essas formas nominais cujo radical sofre alteração não recebem marcadores relacionais. Isso se deve ao processo fonológico de alternância da consoante inicial do radical, comum em línguas da família tupi, como dito anteriormente. A presença do relacional no radical possessivo parece comprovar a hipótese de Meira (2007) de que os prefixos relacionais são, na verdade, reflexos desse tipo de processo fonológico histórico que, no caso do relacional **h-**, parece ter se incorporado ao radical.

Os exemplos para o nominal **kuia** 'cuia', em (143), apresentam diferenças quanto à marcação. Nos possessivos, o elemento relacional é **i-**, ao passo que, no nominal, o elemento é **he-**, de posse alienável. Sobre o paradigma para **-iat** 'casa', já tecemos nossos comentários no item anterior.

4.4.4 Demonstrativos

Os demonstrativos em Sateré-Mawé são classificados de acordo com os parâmetros de proximidade (espacial e temporal), visibilidade e posição dos referentes envolvidos: proximal, próximo ao falante; medial, na zona de

visibilidade do falante e do ouvinte e, distal, distante do falante e do ouvinte, já sem visibilidade. Na tabela abaixo, estão relacionados os termos básicos do sistema:

Quadro 8 – demonstrativos

proximal	ko-wat DEM-NMLZ	este	próximo, observável
	su:-wat DEM-NMLZ	este	próximo, observável, em posição horizontal
	ju-wat DEM-NMLZ	este	próximo, observável, em posição vertical
medial	ku-e-wat DEM-Obs-NMLZ	aquele	próximo, observável, pendurado
	sup-e-wat DEM-Obs-NMLZ	aquele	próximo, observável, espalhado
	ju-e-wat DEM-Obs-NMLZ	aquele	próximo, observável, em posição vertical
distal	ku-i-wat DEM-Dist-NMLZ	aquele	distante, não observável
	sup-i-wat DEM-Dist -NMLZ	aquele	distante, não observável
	ju-i-pi-(w)at DEM-Dist-Inv -NMLZ	aquele	distante, não observável
medial	me-ke-wat DET-DEM-NMLZ	esse	entre o falante e o ouvinte, observável
	mei-pe-wat DET-DEM-NMLZ	esse	entre o falante e o ouvinte, observável
	měi-j-e-wat DET-DEM-Dist-NMLZ	esse	entre o falante e o ouvinte, observável
proximal	měi-me-wat DET-DEM-NMLZ	estes	próximos do falante
distal	měi-mu-e-wat DET-DEM-Dist-NMLZ	aqueles	distantes do falante

Os demonstrativos contêm o nominalizador **-wat** ‘circunstância’. Assim nominalizados, os demonstrativos recebem o sufixo do plural **-ria**. Podem ser

usados como determinantes e ocorrer nas funções de sujeito e objeto de verbos e objeto de posições.

(144) (a) kowat kise

ko-wat kise

DEM-NMLZ faca

essa faca

'essa faca'

(b) juewat netap

ju-e-wat netap

DEM-Obs-NMLZ casa

essa casa

'essa casa'

(c) meimewaria kise

mei-me-wat-ria kise

DET-DEM-NMLZ-PL faca

essas faca

'essas facas'

(d) meimuewaria netap

mei-mu-e-wat-ria netap

DET-DEM-DistNMLZ-PL casa

aquelas casa

'aquelas casas'

O sistema de demonstrativos da língua Sateré-Mawé é bastante complexo e se inter-relaciona com outras classes. Portanto, merece um estudo

mais específico que foge ao escopo deste trabalho. Remetemos o leitor ao estudo feito por Suzuki (1997) sobre o sistema dêitico da língua Sateré-Mawé.

4.5 Os Advérbios

A categoria gramatical dos advérbios agrupa palavras que não indicam conceitos das outras categorias (nome, verbo e adjetivo). Semanticamente, formas consideradas como adverbiais expressam um grande número de conceitos e assumem funções tanto em nível sentencial quanto no discurso. Formalmente, advérbios podem ser caracterizados, inicialmente, pela sua distribuição. Advérbio, neste sentido, é a categoria gramatical que menos possui restrição posicional (Givón, 1984, p. 77 citado por Payne, 1997, p. 69).

A categoria dos advérbios em Sateré-Mawé se correlaciona lexical e gramaticalmente com elementos de outras classes. É constituída de palavras heterogêneas que expressam conceitos temporais, locativos, modais e dimensionais. Os elementos da classe dos advérbios possuem a característica morfológica de serem nominalizáveis com o morfema **-wat** 'nominalizador de circunstância'. Prototipicamente funcionam como adjunto da oração.

4.5.1 Tipos de advérbios

Em Sateré-Mawé, identificamos as subcategorias adverbiais dos locativos, dos temporais, dos interrogativos e dos numerais. Neste último, consideramos os numerais cardinais e, ainda, formas que indicam quantidade.

No que segue, apresentamos os tipos adverbiais da língua.

4.5.1.1 Locativos

Os advérbios locativos indicam posição, formas e movimento no espaço. Incluem-se aqui formas dêiticas, em grande parte, relacionadas aos demonstrativos. São eles:

Quadro 9: advérbios locativos

	proximidade	-proximal	mei-ko-Ø	aqui	
			DET-DEM-Obs		
			me-sup-Ø	aqui	
				mei-ǰũ-Ø	aqui
				DET-DEM-Obs	
			-medial	mei-ko-e	ali/aí
			DET-DEM-NObs		
			me-sup-e	ali/aí	
			DET-DEM-NObs		
			mei-ǰũ-e	ali/aí	
			DET-DEM-NObs		
	distância		mei-mu-e	lá	
			DET-DEM-Dist		
			mei-me-Ø	lá	
			DET-DIST-Obs		

No quadro acima, o morfema **me-** ~ **mei-** indica que o referente é determinado e próximo ao falante. Essa proximidade pode ser na zona de observação do falante, ou média, quando o referente não está tão próximo do falante e do ouvinte, mas, ainda, dentro de suas zonas de observação. Neste último caso, o morfema **-e** é utilizado. O morfema **mu-** ~ **me-** faz referência ao que se encontra distante do falante. Os morfemas **ko-**, **sup-** e **ǰũ-** são demonstrativos.

Da mesma forma que os demonstrativos, os advérbios locativos ocorrem como objeto de posposição, conforme exemplos em (145).

- (145) (a) iara itokosap'i ra'in meiko puo
 iara Ø-i-tokosap-'i ra'in mei-ko-Ø puo
 barco 3SG:A-rel-passar-NEG PART:ASP DEM-DÊIT-Obs POSP:LOC
 'o barco não passa mais por aqui'
- (b) iara itokosap'i ra'in meke puo
 iara Ø-i-tokosap'i ra'in me-ke-Ø puo
 barco 3SG:A-rel-passar-NEG PART:ASP DEM-DÊIT-Obs POSP:LOC
 'o barco não passa mais por lá'

4.5.1.2 Temporais

Da mesma forma que ocorre com os locativos, os advérbios temporais incluem formas dêíticas relacionadas aos demonstrativos. Os exemplos são:

Quadro 10: advérbios temporais

koitii	'hoje'
mōkite	'amanhã'
mōkitewatirē	'depois de amanhã'
koitu'i	'agora, hoje' (no momento da fala)
ŋa'atpo	'ontem'
mōki	'ontem á noite'
ŋa'atporē ŋa'atpo	'antes de ontem'
wātim'i	'tarde' (antes de escurecer)
wātim	'noite'
hune	'cedo'

(146) (a) | koitii ati'auka awiki
 koitii a-ti-'auka awiki
 ADV 1SG:A-rel-matar guariba
 'hoje eu matei guariba'

(b) | iara tuwa'apun hune
 iara tuwa-'apun hune
 barco 3REFL-empurrar ADV
 'o barco partiu logo cedo'

4.5.1.3 Interrogativos

Os advérbios interrogativos são palavras com função interrogativa, usadas para perguntas de conteúdo. Ocupam geralmente a primeira posição oracional.

Quadro 11: advérbios interrogativos

aikotan	'como'
aikowōi	'aonde'
aikowo	'aonde'
aikopēi	'onde'
aikope	'onde'
kanōi	'com que'
karanja	'quanto'
karāpēi	'quando'
karāpe	'quando'
kat'e'at	'quando, que dia'
katpotēi	'porque'

A partir da raiz demonstrativa **ko-**, que indica entidades percebidas como um todo, é possível identificar a relação com locativos e com demonstrativos, como visto acima. As formas nominais indefinidas **kat** ~ **kan** que, significam 'qual, o que', fazem parte dos interrogativos. Em Sateré-Mawé, a posposição locativa **pe**, a partícula causal **pote**, e a dubidativa **som** fazem parte da formação desses advérbios.

Os advérbios interrogativos são palavras cuja formação se faz, em grande parte, por morfemas em sua maioria identificáveis. Porém, nem todos são passíveis de identificação. É nossa intenção investigar melhor a ocorrência e a composição dos interrogativos em Sateré-Mawé em pesquisas futuras. Neste trabalho, apresentamos as formas sem, contudo, segmentá-las como fizemos com os advérbios locativos.

Em certos casos, há pares de palavras cuja distinção se dá pela presença de um morfema **-ĩ**; como em **aikowo/aikowõĩ**, **aikope/aikopẽĩ**, **katpote/katpotẽĩ**, entre outros. Nossa análise sobre esse fato não é conclusiva. O que pudemos observar nos dados, inclusive nas narrativas, é que as palavras interrogativas com o morfema **-ĩ** não co-ocorrem com a partícula **apo** 'interrogativa'. Esse assunto será abordado mais detidamente no capítulo referente à estrutura da sentença.

Seguem exemplos de ocorrência de palavras interrogativas:

- (147) (a) aikope som imepĩt tunuŋ pão
 aikope som i-mēpit Ø-tu-nuŋ pão
 INTER PART:DUB 3SG-filho 3SG:A-rel-colocar pão
 'onde será que seu filho colocou o pão'

- (b) karãpei eipotpap

karãpei	e-i-potpap
INTER	2PL:A-rel-trabalhar
‘quando é que vocês trabalham?’	

4.5.1.4 Numerais

A classe dos adverbiais também comporta os numerais, nela incluídos devido à similaridade de propriedades com outros advérbios. Da mesma forma que as outras subclasses, os numerais também se relacionam com os pronomes demonstrativos e com os dêiticos, recebem o nominalizador **-wat** ‘nominalizador de circunstância’, e funcionam sintaticamente como adjunto.

- (148) (a)

ti:piwat	
ti:pi-wat	
dois-NMLZ	
‘duas vezes’	
- (b)

uhewiri	ti:piwat
u-Ø-hewiri	ti:pi-wat
1SG:A-rel-viajar	dois-NMLZ
‘eu viajei duas vezes’	

O nominalizador **-wat** ‘nominalizador de circunstância’, aparece na forma para dois, como nos exemplos acima.

4.5.1.4.1 Numerais cardinais

Em Sateré-Mawé os numerais cardinais são:

Quadro 12: numerais cardinais

it kat'i NEG=INDEF-NEG	'zero, nada'
wētup um	'um'
ti:pi dois	'dois'
mie'im três	'três'
to'o-wi REC-Comt	'quatro'
kokawiat 'desse lado'	'cinco'
kokawiat wētup totat 'desse lado' 'um' 'pegar'	'seis'
kokawiat ti:pi totat 'desse lado' 'dois' 'pegar'	'sete'
kokawiat mie'im totat 'desse lado' 'três' 'pegar'	'oito'
porap mo totat ine QUANT 'mão' 'pegar' COMPL	'nove'
mo totat ine 'mão' 'pegar' COMPL	'dez'

A palavra **it-kat-'i** 'zero, nada' é composta pelo morfema descontínuo de negação e pelo morfema indefinido **kat-**. O morfema recíproco **to'o-** é usado juntamente com a posposição **wi** 'comitativo'. **Kokawiat** indica 'desse lado'. **Totat** significa 'pegar', assim a forma para seis, por exemplo, significa 'desse lado completo pego um do outro'. A palavra **mo** tem significado de 'mão', e a partícula completiva **ine** vem com significado de 'completo'.

Ressalte-se que esse sistema de contagem até dez não é mais, ou é pouco utilizado. Atualmente o que se utiliza é a contagem até três **mie'im**, e de

quatro em diante ou se diz **torania** ‘todos’, ou se utiliza as palavras emprestadas do português.

4.5.1.5 Quantificadores

Em Sateré-Mawé, um conjunto de palavras funciona como quantificadores. São eles:

Quadro 13: quantificadores

kuriŋ	‘pouco’
it i’atuk’i	‘poucos, em pouca quantidade’
i’atuk	‘muitos, em muita quantidade’
torania	‘todos’
kahato	‘muito’
ti:pi’i	‘muitos, em muita quantidade’ (para pessoas)
irania	‘alguns’
porap	‘quase, ‘um pouco’
po’oŋ	‘mais’

Em relação à quantificação, palavras para números e quantificadores, como ‘todos’ e ‘muitos’, exercem função adverbial sendo, o item, contável ou não.

(149) (a) | po’oŋ pira i’atuk pote po’oŋ arepina’en’ip
 po’oŋ pira i’atuk pote po’oŋ a-re-pina’en’ip
 mais peixe mais PART:CAUS mais 1SG:Sa-rel-pescar
 ‘quanto mais peixe tem mais eu pesco’

(b) | mi’iria ti:pi i’atu’aukakuap

mi'iria	ti:pi	i'atu-Ø-'auka-kuap
3PL	dois	3PL:A-rel-matar-DES
'eles são muitos e podem matar'		

(c) Zé iwato po'oŋ uikai

Zé	Ø-i-wato	po'oŋ	u-i-kai
Zé	3SG:So-rel-ser grande	mais	1SG-rel-POSP:LOC
'Zé é maior que eu'			

Kahato é o quantificador universal da língua. Quantifica e dá ênfase à sentença.

(150) (a) mu'ap ipipe rakat kahato

mu'ap	i-Ø-pipe	rakat	kahato
caminho	3SG-rel-ser largo	NMLZ	muito
'o caminho é muito largo'			

(b) netap pakup kahato rakat

netap	pakup	kahato	rakat
casa	nova	muito	NMLZ
'a casa é muito nova'			
(a casa é uma que é muito nova)			

(c) asap hun kahato

Ø-asap	Ø-Ø-hun	kahato
3SG-cabelo	3SG-rel-ser preto	muito
'o cabelo dela é muito preto'		

Os estativos sem os marcadores de pessoa funcionam como advérbios, (150) (b) e (c). Algumas formações para expressar os opostos utilizam o morfema

descontínuo de negação (**it-**)... -'i e podem ser nominalizados com o nominalizador atributivo **takat** (nakat ~ rakat).

Quadro 14: dimensionais

dimensionais		
	wato	'grande'
	kuriŋ nakat	'pequeno'
	'i'am hit rakat	'fino'
	'i'ip wato rakat	'grosso'
	iwop takat	'comprido'
	'i'ok tut'i rakat	'curto'
	ipipe rakat	'largo'
	it=ipipe-'i rakat	'estreito'
	it=pia-'i rakat	'perto'
	pia rakat	'longe'
	awerep'a	'redondo'
	ha'āpik	'reto'
	sese	'direita'
	ran	'esquerda' (falso)

Como dissemos, a categoria gramatical dos adverbiais possui uma dimensão conceitual muito ampla. Por essa razão, não recebem uma definição em termos de estabilidade temporal ou em relação a qualquer outro conceito semântico. Mesmo assim, são bastante relevantes a depender de seu escopo, seja na sentença, seja no discurso.

Passamos, no item seguinte, a tratar os operadores posposicionais na língua Sateré-Mawé.

4.6 Posposições

Schachter (1985, p. 35) considera as posposições como adposições, ou adjuntos adnominais, que têm importância semântica e sintática, assumindo informações sobre o referente sentencial que não é expresso pelo nome em si. Constituem uma classe fechada de elementos que ocorrem após nomes.

Em Sateré-Mawé, as posposições são elementos que indicam funções oblíquas. São flexionadas morfologicamente com prefixos relacionais e marcadores de pessoa. Expressam funções semânticas, gramaticais e locativas de usos distintos e, quando combinadas com elementos de outras classes – demonstrativos e dêiticos –, aumentam o escopo das significações desses elementos.

As posposições também recebem o prefixo **we-** ‘reflexivo’ e o **wo’o-** ‘recíproco, posicionados entre os marcadores de pessoa e o radical.

São elementos posposicionais na língua:

1) **pe ~ me ~ we**. Esta posposição possui distintos usos e significações que são:

a) funciona como ‘locativo estático’, com sentido de ‘em, dentro’.

(151) (a) | ma’ato i’imiẽ pe to-i-wesat
ma’ato i’imiẽ pe to-i-wesat
ADVER 3SG-barriga POSP:LOC 3SG-rel-responder
‘mas respondeu [o demônio] dentro da barriga’

(b) | tohupit pera pe
to-Ø-hupit pera pe
3SG-rel-colocar saco de folha PART:LOC
‘ele colocou [a cabeça do irmão] no saco’

b) objeto indireto, com verbos como **-tum** ‘dar’ e **-’e** ‘dizer’.

- (152) (a) | mi’i hum mi’u tomēpit pe
 mi’i Ø-Ø-hum mi’u to-mēpit pe
 3SG 3SG:A-rel-dar comida 3SG.REFL-filho POSP:DAT
 ‘ela deu comida para seu filho’
- (b) | mi’i to’e epe it eti’ahik tei’o
 mi’i Ø-to-’e e-Ø-pe it=e-ti-’ahik tei’o
 3SG 3SG:A-rel-dizer 2SG:O-rel-POSP:DAT NEG=2SG-rel-tocar PART:IMP.NEG
 ‘ele disse para o irmão: não toque!’

c) benefactivo

- (153) (a) | eterut i’i uhepe
 e-te-rut i’i u-he-pe
 2SG:A-rel-trazer água 3SG-rel-POSP:DAT
 ‘traga água para mim’

2) **kape** ‘locativo dinâmico’. Tem significado direcional ‘em direção a’, ‘para dentro de’.

- (154) (a) | hawii i’i kape ne’i ra’in toto hawii porap tuwe’auka
 hawii i’i kape ne’i ra’in Ø-to-to
 CONJ rio POSP:DIN PART:CONST PART:ASP 3SG-rel-ir
 hawii porap tuwe-’auka
 CONJ quase 3SG.REFL-matar
 ‘e acabou indo para o rio e quase se matou’
- (b) | hawii waku hawii tu:t i ra’in to’iat kape

hawii	∅-∅-waku	hawii	∅-∅-tu:t	i
CONJ	3SG-rel-ser boa	CONJ	3SG-rel-voltar	PART: REP
ra'in	to-'iat	kape		
PART:ASP	3SG.REFL-casa	POSP:DIN		
<i>'e ficou bom e voltou de novo para sua casa'</i>				

3) **tote** ~ **note** ~ **rote** 'locativo estático'. Tem, como significado, 'sobre', 'em cima de'.

(155) (a) hawii mu'ap tote toine'en moi aware ewakai aware'u hamuat
hawii mu'ap tote to-i-ne'en moi aware
CONJ caminho POSP:LOC 3SG-rel-estar cobra cachorro

ewa-kai	aware-'u	hamuat
face-POSP:LOC	cachorro-comer	PART:FUT

'e depois no caminho estava a cobra que iria comer o cachorro'

(b) ihainia kuitu'e i:i tote
ihainia ∅-∅-kuitu-'e i:i tote
homem 3SG-rel-cuspir-AUX chão POSP:LOC
'o homem cuspiu no chão'

4) **pii** 'locativo direcional'. Indica direção, com sentido de procedência, origem.

(156) (a) ŋo kape toto to'iat pii
ŋo kape ∅-to-to to-'iat pii
roça POSP:DIN 3SG:Sa-rel-ir 3SG.REFL-casa POSP:PRO
'ela foi de sua casa para a roça'

(b) Campinas pii ariot

Campinas	pii	a-ri-ot
Campinas	POSP:PRO	1GS:Sa-rel-vir
'venho de Campinas'		

5) **ete** 'destino'. Indica destinatário em construções com verbos transitivos e com verbos intransitivos.

(157) (a) mi'i hawii put'ok'i'atu'e wē'iā'ip ete
 mi'i³⁷ hawii put'ok-i'atu-Ø-'e wē'iā-'ip ete
 PART:DISC chegar-3PL:So-rel-AUX castanheira POSP:DEST
 'e depois chegaram na castanheira'

(b) mi'i hawii it iwewe'i tosak'i'it he'aito ete
 mi'i hawii it=i-wese-'i to-saki'it he'aito ete
 DISC NEG=3SG:Sa-estar feliz-NEG 3SG.REFL-filha marido POSP:DEST
 'então ficou com raiva do marido da filha [carrapato]'

6) **upi** 'direcional'. Com sentido de 'por onde', 'ao longo de'

(158) (a) hawii awiatio toto wētup mu'ap upi
 hawii awiatio Ø-to-to wētup mu'ap upi
 CONJ onça 3SG-rel-ir outro caminho POSP:DIR
 'e onça foi por outro caminho'

(b) meijū apo Andirá upi
 meijū apo Andirá upi
 DEM INTER Andirá POSP:DIR
 'vocês vieram pelo [rio] Andirá?'

³⁷ O pronome **mi'i** associado à partícula conjuntiva **hawii** ocorre nas narrativas como marcadores dando andamento no discurso com sentido de 'então' ou 'e depois'

7) **wii** ‘ablativo’. Usada com sentido de localização espacial, como em (a), abaixo:

(159) (a) are’ētem metap wii
 a-re-’ētem metap wii
 1SG:Sa-rel-sair casa POSP:LOC
 ‘eu saí da casa’

8) **kai** ‘locativo estático’. Com sentido de ‘ao lado de’. É usado no sentido de comparação e/ou sequencialidade, quando o referente se posiciona lado a lado ou em contextos de medição.

(160) (a) hawii to’i’atuporokpun wētup’ok tueto pia hit to’okai
 hawii to-’i’atu-porokpun wētup’ok tueto pia hit to’o-kai
 PART:DISC 3SG-3PL-colocar um AUX longe DIM REC-POSP:LOC
 ‘então os colocou de um por um em certa distância do outro’

(b) Zé iwato po’oŋ uikai
 Zé i-Ø-wato po’oŋ u-i-kai
 Zé 3SG-Ø-ser grande mais 1SG-rel-POSP:LOC
 ‘Zé é maior que eu’

A posposição **kai**, quando associada com o locativo **pai**, é também uma posposição ‘locativo espacial’, com sentido ‘de onde’ e, no discurso, é usada como causa.

(161) (a) uito metap kaipii ariot
 uito metap kaipii a-ri-ot
 1SG casa POSP:LOC 1SG:Sa-rel-vir
 ‘eu vim para fora da casa’

- (b) | ma'ato totemiq ne'i hap kaipii toi'auka toti
 ma'ato Ø-to-temiq ne'i hap kaipii to-i-'auka to-ti
 ADVER 3SG:A-rel-tocar CONST NMLZ POSP 3SG:A-rel-matar 3SG.REFL-mãe
 'mas ele tocou por isso ele matou sua mãe'

09) **muo** ~ **puo** ~ **wuo** 'locativo estático', com sentido 'em, dentro de'.

- (162) (a) | tu'isa tu'u i hi muse puo
 tu'isa Ø-tu-'u i hi muse puo
 chefe 3SG:A-rel-beber PART:REP caldo pimenta POSP:COMT
 'o chefe bebe caldo com pimenta'

- (b) | hawii tuwat iara huwaipo rakat puo
 hawii Ø-tu-wat iara huwaipo rakat puo
 CONJ 3PL-rel-ir canoa 'rabeta' NMLZ POSP:COMT
 'então eles foram de(na) rabeta'

10) **wiwo** 'comitativo'. Pode ser usado com sentido de 'em companhia de'.

- (163) (a) | mi'i tu:t tomēpit wiwo
 mi'i Ø-Ø-tu:t to-mēpit wiwo
 3SG 3SG:A-rel-ir 3SG.REFL-filho POSP:COMT
 'ele veio com o filho dele'

- (c) | mi'i hawii aware wiwo toto
 mi'i hawii aware wiwo Ø-to-to
 PART:DISC cachorro POSP:COMT 3SG-rel-ir
 'então ele foi com o cachorro'

11) **wo** ~ **mo** 'instrumental'. É usada com sentido instrumental

- (164) (a) | ihainia tohik haki'i nu wo
 ihainia Ø-to-hik haki'i nu wo
 homem 3SG:A-rel-amassar morcego pedra POSP:INST
 'o homem amassou o morcego com a pedra'
- (b) | mi'i pote ta'atu'apiŋ muka wo
 mi'i pote ta'atu-Ø-apiŋ muka wo
 PART:CAUS 3PL-rel-costurar espingarda POSP:INST
 'por isso atiraram com espingarda'

12) **wowi** 'presencial'. A forma é usada quando os referentes estão presentes.

- (165) (a) | mi'i tuwanētup ewowi
 mi'i tuwa-nētup e-Ø-wowi
 3SG 3SG.REFL-escutar 2SG:O-rel-POSP:PRES
 'ele está escutando você'
- (b) | manã ta'akasa kurumewowi
 manã Ø-ta-'akasa kurum-e-wowi
 senhora 3SG:A-rel-ver menino-rel-POSP:PRES
 'a senhora viu o menino'

13) **ewi** 'semelhante, igual'. Indica semelhança entre os referentes ou situações referenciais

- (166) (a) | tosak'i't he'aito ewi ra'in iihop wiwo
 to-saki'it he'aito ewi ra'in iihop wiwo
 3SG.REFL-filha esposo POSP:SEM PART:ASP folha POSP:COMT
 'como o esposo de sua filha junto com a folha'

4.7 Partículas e auxiliares

Para Schachter (1985, p. 41-46), tanto partículas verbais quanto verbos auxiliares são formas, ou adjuntos verbais, que formam constituintes sentenciais juntamente com os verbos. O mencionado autor considera partículas como uma classe de palavras não flexionáveis que co-ocorrem com certos verbos. Verbos auxiliares, por sua vez, são palavras que expressam tempo, aspecto, modo, voz e polaridade dos verbos a que são associados.

Em Sateré-Mawé as partículas são elementos que funcionam como marcadores discursivos e gramaticais. Diferem dos afixos por não serem formas presas. Quanto à sua semântica indicam, entre outros aspectos, modalidade, dêixis, negação, evidencialidade, foco e atitudes. Os verbos auxiliares funcionam como marcadores posicionais e de movimento associados a verbos com a mesma natureza semântica.

Trataremos, num primeiro momento, as partículas quanto à sua posição e função sintática para, em seguida, tratarmos os verbos auxiliares.

4.7.1 Partículas

Consideramos os seguintes marcadores como partículas na língua Sateré-Mawé:

1) **ko'i** 'plural'. Indica plural de entidades menos animadas ou inanimadas

(167) (a)

netap ko'i
netap ko'i
casa PL

| 'casas'

(b) | ti:pi popera ko'i ta'ature'ok ta'in
ti:pi popera ko'i ta'atu-re'ok ta'in
dois livro PL 3PL.REFL-roubar PART:ASP
| 'dois livros foram roubados'

2) **in** 'plural'. Indica plural de entidades mais humano

(168) (a) | hariporia in
hariporia in
mulher PL
| 'mulheres'

(b) | mi:t in
mi:t in
gente PL
| 'pessoas'

3) **hit** 'diminutivo'. A forma vem associada a nominais para exprimir a noção de pequeno ou reduzido.

(169) (a) | aware hit
aware hit
cachorro DIM
| 'cachorrinho'

(b) | kurum hit
kurum hit

menino	DIM
'garotinho'	

4.7.1.1 Partículas modais

1) **apo** 'interrogativa'. É usada em sentenças interrogativas para perguntas gerais. Quanto à posição, pode ser medial e final, nunca ocupa posição inicial da sentença.

(170)	(a)	piwo apo pa'i toto hamuat
		piwo apo pa'i Ø-to-to hamuat
		verdade INTER padre 3SG:A-rel-ir PART:FUT
		'é verdade que o padre vai?'

(b)	esa'up apo
	e-Ø-sa'up apo
	2SG-rel-dinheiro INTER
	'você tem algum dinheiro?'

2) **o** 'imperativa'. Indica que a sentença está no imperativo.

(171)	(a)	etiapun o
		e-ti-apun o
		2SG:A-rel-empurrar IMP
		'empurra!'

(b)	it ereket'i o
	it=e-re-ket-'i o

NEG=2SG:Sa-rel-dormir-NEG	IMP
‘não durma, não!’	

3) **to ~ro ~no** ‘exortativo’. Indica que a sentença está no imperativo exortativo.

(172) (a)	etimojãŋ no	
	e-ti-mo-jãŋ	no
	2SG:A-rel-CAUS-secar	EXOR
	‘seque-o!’	

(b)	erëtem no	
	e-re-ëtem	no
	2SG:Sa-rel-sair	EXOR
	‘saia!’	

4) **tei’o ~ mei’o**. Indica que a construção está no imperativo negativo enfático.

(173) (a)	en ereto tei’o	
	en e-re-to	tei’o
	2SG 2SG:A-rel-ir	IMP.NEG
	‘você não vai’	

(b)	epuehai tei’o	
	e-Ø-puehai	tei’o
	2SG:Sa-rel-fazer barulho	IMP.NEG
	‘você não faça barulho!’	

5) **hin’i** ‘negação de intenção’ ou contraexpectativa.

(174) (a)	it areto hin’i aru escola kape
-----------	--------------------------------

it=a-re-to	hin'i	aru	escola	kape
NEG=2SG:Sa-rel-ir	NEG	PART:PTC	escola	POSP:DIN

'eu não vou à escola' (Lit.: não tenho a intenção de ir à escola)

(b) it ahu ti'auka hin'i

it	ahu	Ø-ti-'auka	hin'i
NEG	doença	3SG-rel-matar	NEG

'doença não mata ele'

6) **sio** 'incerteza, dúvida'. Encontrada após a palavra ou constituinte que modifica.

(175) (a) it atikuap'i sio areto

it=a-ti-kuap-'i	sio	a-re-to
NEG=2SG:A-rel-saber-NEG	PART:DUB	1SG:Sa-rel-ir

'eu não sei se vou'

(b) mi'i tu'u pira sio tuwanētup hawe

mi'i	Ø-tu-'u	pira	sio	tuwa-nētup	hawe
3SG	3SG:A-rel-comer	peixe	PART:DUB	3SG.REFL-pensar	

'ele pensou que ela comeu peixe'

Indica sentido condicional 'na condição de' quando associada à partícula **pote**. Funciona como operador coordenativo com sentido alternativo de 'ou...ou'.

(176) (a) sio toto pote in aru areto

sio	Ø-to-to	pote	in	aru	a-re-to
PART:DUB	3SG:Sa-rel-ir	PART:CAUS	PART:HAB	PART:PTC	1SG:A-rel-ir

'eu vou se ele for também'

(b) ... sio i'ahape sio ha'a ete ati'auka

sio	i-'ahape	sio	ha'a	ete	a-ti-'auka
PART:DUB	3SG-orelha	PART:DUB	saco	POSP:DEST	1SG-rel-matar

'...ou na orelha dele ou saco dele eu mato'

7) **som** 'dubitativa'. Indica dúvida quanto ao que está sendo dito. Vem sempre em segunda posição.

(177) (a) aiũpe som iku'uro merep'e tuwenětup wawori

aiũpe	som	Ø-i-ku'uro	Ø-Ø-merep'e	tuwe-nětup	wawori
DEM	PART:DUB	3SG-rel-morrer	3SG-rel-ser rápido	3SG.REFL-pensar	jabuti

'onde será que ele morre logo, pensou jabuti'

(b) hirokat som hekirit

hirokat	som	Ø-Ø-hekirit
menino	PART:DUB	3SG:A-rel-chorar

'o menino deve estar chorando'

8) **ne'i** 'constatativa'. Indica o fato constatado em situações de iteração.

(178) (a) katpote awuru wemōko'i mi:t ne'i

katpote	awuru	Ø-we-mōko'i	mi:t	ne'i
ADV	besouro	3SG-REFL-transformar	gente	PART:CONST

'porque era um besouro que se transformou em gente'

(b) toikiri tuereto ne'i i'akaŋ in mote it tuwepitik kuap'i

to-i-kiri	tuereto	ne'i	i-'akaŋ	in
3SG-rel-riir	AUX	PART:CONST	3SG-cabeça	PART:HAB

mote it=tuwe-pitik-kuap-'i

PART:CAUS	NEG=3SG.REFL-segurar-DES-NEG
-----------	------------------------------

'ele ria [porque] só tinha a cabeça e não se segurava'

9) **ta'i** 'afirmação'. Partícula usada para afirmação em fala masculina.

(179) (a) | ta'i uhesiat
| ta'i u-he-siat
| PART:AFIR 1SG:So-rel-ter fome
| 'sim, estou com fome'

10) **hẽ** 'afirmação'. Usada para afirmação em fala feminina.

(180) (a) | hẽ uhesiat
| hẽ u-he-siat
| PART:AFIR 1SG:So-rel-ter fome
| 'sim, estou com fome'

11) **pote** 'causa'. Indica causa como em (a) ou condição, com sentido de 'se', como em (b) abaixo:

(181) (a) | mi'i pote imẽpit in i'atuwepit
| mi'i pote i-mẽpit in i'atu-Ø-wepit
| PART:CAUS 3SG-filho PL 3PL:So-rel-estar alegre
| 'por isso os filhos ficaram alegres'

(b) | ui'ahik pote aru arewak
| u-i-'ahik pote aru a-re-wak
| 1SG:O-rel-bater PART:CAUS PART:PTC 1SG:Sa-rel-chorar
| 'se bater em mim vou chorar'

12) **hamo** 'finalidade' Ocorre em posição final.

- (182) (a) eti tunuŋ kana uimisim hamo
 e-ti Ø-tu-nuŋ kana u-i-misim hamo
 2SG-mãe 3SG:A-rel-dar cana 1SG:A-rel-chupar PART:FIN
 ‘tua mãe me deu cana para chupar’
- (b) mi’i hun i’i uiweu’u hamo
 mi’i Ø-Ø-hun i’i u-i-we-u’u hamo
 3SG 3SG:A-rel-dar água 1SG:O-rel-REFL-beber PART:FIN
 ‘ela me deu água para beber’
- (c) arehimut hune ŋo kape uito hamo
 a-re-himut hune ŋo kape uito hamo
 1SG:A-rel-acordar ADV roça POSP:DIN 1SG PART:FIN
 ‘acordei cedo para ir à roça’

13) **wi** ‘modo’. Indica que o evento foi realizado. Equivale ao ‘também’ do Português.

- (183) (a) areput wi
 a-re-put wi
 1SG:Sa-rel-correr PART:MOD
 ‘eu corri também’
- (b) uito aru wi areput
 uito aru wi a-re-put
 1SG PART:PTC PART:MOD 1SG:Sa-rel-correr
 ‘eu também vou correr’

4.7.1.2 Partículas Aspectuais

1) **ta'in** ~ **na'in** ~ **ra'in**. Indica aspectualidade com sentido completivo.

(184) (a) uito it ra'in
 uito it ra'in
 1SG NEG PART:ASP
 'eu digo não'

(b) mi'i toto toket ra'in
 mi'i Ø-to-to Ø-to-ket ra'in
 3SG 3SG:A-rel-ir 3SG:A-rel-dormir PART:ASP
 'ele foi dormir'

2) **in** 'habitual'. Indica aspecto habitual, ocorre em posição medial. Associada à partícula **pote**, passa a indicar condição. Equivale ao 'sempre' do Português.

(185) (a) eriot pote in tupap
 e-ri-ot pote in tupap
 2SG:A-rel-vir PART:COND PART:HAB melhor
 'melhor se você vier'

(b) mi'i hewiri in iara puo
 mi'i Ø-h-ewiri in iara puo
 3SG 3SG:So-rel-andar PART:HAB barco POSP:LOC
 'ele anda [viaja] sempre de barco'

(c) arehemut hune in wo'omu'e hamo
 a-re-hemut hune in wo'o-mu'e hamo
 1SG:Sa-rel-acordar ADV PART:HAB REC-ensinar PART:FIN

| 'sempre acordo cedo para ensinar'

3) **i** 'repetitivo'. Indica aspecto continuativo. Pode vir associada à partícula **ra'in** para indicar temporalidade.

(186) (a) | turan ha'aware ma'ato tuwehimut i ra'in
turan Ø-ha-'aware ma'ato tuwe-himut i ra'in
TEMP 3SG-rel-cachorro ADVER 3SG.REFL-acordar PART:REP PART:ASP
'*enquanto isso o cachorro dele acordou*

(b) | hirokat i'ahu hune i pii
hirokat Ø-i-'ahu hune i pii
menino 3SG:So-rel-estar doente ADV PART:REP POSP:PRO
'o menino teve febre a manhã toda

4) **te** 'retrospectivo'. Indica aspecto contínuo, tem sentido de 'ainda'

(187) (a) | uito meijūpe ŋa'atpo pii te
uito meijū-pe ŋa'atpo pii te
1SG DEM ADV POSP:DIR PART:RET
'estou aqui desde ontem'

(b) | it areto teran te
it=a-re-to-teran te
NEG=1SG:A-rel-ir-DES PART:RET
'ainda não quero ir'

Associada com a partícula temporal **aru** 'futuro potencial', assume sentido prospectivo.

(c) uipotpap te aru mi'i wiwo
 u-i-potpap te aru mi'i wiwo
 1SG:So-rel-trabalhar PART:RET PART:PTC 3SG POSP:COMT
 'eu ainda vou trabalhar com ela'

5) **ine** 'completivo'. Equivale ao 'já' do Português.

(188) (a) uito atikuap ine sateré hai
 uito a-ti-kuap ine Sateré-hai
 1SG 1SG:A-rel-saber PART:COMPL Sateré-falar
 'eu já sei falar Sateré'

4.7.1.3 Partículas Temporais

2) **wuat** 'futuro'. Indica que a ação acontecerá com certeza num futuro próximo.

(189) (a) atunuŋ aru café mōkite wuat
 a-tu-nuŋ aru café mōkite wuat
 1SG:A-rel-fazer PART:PTC café ADV PART:FUT
 'eu vou fazer café amanhã'

(b) etikiat o mi'u mōkite wuat
 e-ti-kiat o mi'u mōkite wuat
 2SG:A-rel-comprar IMP comida ADV PART:FUT
 'você vai comprar comida para a viagem'

A partícula **wuat** também pode vir associada ao nominalizador **hap**, com o mesmo sentido temporal.

(c) | Zé i'auka hamuat miat mi'u wo
 Zé Ø-i-'auka hamuat miat mi'u wo
 Zé 3SG:A-rel-matar PART:FUT caça comida POSP:COMT
 'Zé vai matar caça para comer'

3) **aru** 'futuro potencial'. Indica que a ação poderá se realizar.

(190) (a) | pino aru sauru e'at pe turan
 pino aru sauru e'at pe turan
 PART:DISC PART:FUT sábado dia PART:LOC TEMP
 'então quando fizer o dia de sábado'

(b) | hawii atikat aru pãĩ uito kue atioto iara 'e
 hawii a-ti-kat aru pãĩ uito
 CONJ 1SG-rel-procurar PART:PTC PART:FM 1SG
 kue a-ti-oto iara Ø-Ø-'e
 pois 1SG-rel-levar canoa 3SG-rel-dizer
 'então vou procurar a canoa, pois fui eu que levei, disse'

4.7.1.4 Partículas marcadoras do discurso

1) **so** 'reportiva'. Indica a fala do narrador. Quando associada à partícula **mio**, como em (a), indica uma possibilidade ainda não comprovada por quem fala.

(191) (a) | mio so tu:t aiporekuat
 mio so Ø-Ø-tu:t a-i-porekuat
 PART:ATES PART:REPT 3SG:A-rel-vir 1PL.INCL-rel-chefe
 'dizem que nosso chefe está vindo'

(b) seke so toipuēti hun hawii apo'e
 seke so to-i-puēti hun hawii apo-Ø-Ø-'e
 um dia PART:REPT 3SG-rel-encontrar cocô CONJ perguntou-3SG-rel-AUX
 'um dia (diz que) ele encontrou cocô de anta e perguntou.'

2) **rat** ~ **ran** 'atestado'. Usada para indicar um fato comprovado. Em posição final, serve como confirmação de uma situação já comprovada como resposta.

(192) (a) ma'ato awiato --it atikuap'i rat 'e
 ma'ato awiato it=a-ti-kuap-'i rat Ø-Ø-'e
 ADVER onça NEG=1SG-rel-saber-NEG PART:ATES 3SG-rel-dizer
 'mas onça: -- eu não sei, disse'

(b) ewi'ok ne'i rat etu'u 'e
 e-wi'ok ne'i rat e-tu-'u Ø-Ø-'e
 2SG-parente PART: CONST PART:ATES 2SG-rel-comer 3SG-rel-dizer
 'você comeu seu parente, disse'

(c) ŋa'atpo'i ran neke tokosap 'e
 ŋa'atpo'i ran neke Ø-to-kosap Ø-Ø-'e
 ADV PART:ATES PART:ATES 3SG-rel-passar 3SG-rel-dizer
 'não muito tempo ela passou, disse'

(d) hawii haki'it hanoi -- it i ran 'e
 hawii Ø-haki'it Ø-hanoi it i ran Ø-Ø-'e
 DISC 3SG-filha 3SG-contar NEG PART:REP PART:ATES 3SG-rel-dizer
 'então a filha contou: -- não foi nada!'

4) **neke** 'atestado visual'. Indica também aspecto perfectivo-continuativo.

(193) (a) | sucuri tu'u neke aha'aware
 sucuri Ø-tu-'u neke a-ha-'aware
 sucuri 3SG:A-rel-comer PART:ATES 1SG-rel-cachorro
 'a sucuri engoliu meu cachorro' (eu vi)

(b) | moi tu'u neke supe pe pai
 moi Ø-tu-'u neke supe pe pai
 cobra 3SG:A-rel-comer PART:ATES DEM POSP:LOC paca
 'a cobra está engolindo a paca' (eu estou vendo)

5) **mio** 'atestado'. Associada com a partícula **som** 'dubidativa' indica também a atitude do falante em relação ao evento.

(194) (a) | mi'i tu'isa mio tan i'atu'e
 mi'i tu'isa mio tan i'atu-Ø-'e
 3SG chefe PART:ATES 3PL-rel-dizer
 'ele é chefe, eles disseram'

(b) | mio som erema'at
 mio som e-re-ma'at i ra'in
 PART:ATES PART:DUB 2SG:Sa-rel-mexer PART:REP PART:ASP
 'você já está mexendo!' (chateado)

6) **ti ~ tiŋ** 'foco'. Ocorre após a palavra ou expressão que está focalizada.

(195) (a) | Eucy tiŋ inuŋ ini José pe
 Eucy tiŋ Ø-i-nuŋ ini José pe

Eucy	PART:FOC	3SG:A-rel-fazer	rede	José	POSP:DAT
‘foi Maria quem fez rede para José’					

(b)

ini	tiŋ	Eucy	Ø-tu-nuŋ	José	pe
rede	PART:FOC	Eucy	3SG:A-rel-fazer	José	POSP:DAT
‘foi rede que Eucy fez para José’					

(c)

pira	ti	uiat	uimi’u
peixe	PART:FOC	1SG-rel-POSS	1SG-rel-comida
‘peixe é minha comida’ (Lit.: é o peixe que é minha comida)			

7) **pino** ‘discursivo’. Partícula usada em situações de interação como marcador discursivo com sentido de ‘então’. Ocorre geralmente na primeira posição sentencial

(196) (a)

pino	ere-to	o	ra’in
PART:DISC	2SG:A-rel-ir	IMP	PART:ASP
‘então você vai!’			

Pode também ter significado modal de imperativo mais brando, equivalendo ao ‘por favor’ do Português.

(b)

e-Ø-hasep	pino	arianti
2SG:Sa-rel-apagar	PART:PERM	luz
‘você poderia apagar a luz!’ (Lit.: você poderia apagar a lamparina)		

8) **sese** ‘ênfase’. Usada com sentido de aprovação. Equivale à expressão ‘mesmo’ do Português.

- (197) (a) waku sese mehĩ
 Ø-Ø-waku sese mehĩ
 3SG-rel- ser bom PART:ENF rapaz
 ‘muito bem rapaz!’
- (b) mi’i ipotpap sese
 mi’i Ø-i-potpap sese
 3SG 3SG:Sa-rel-trabalhar PART:ENF
 ‘ele trabalha bem’

4.7.1.5 Partículas conjuntivas

1) **hawii** ‘conjuntiva’. Marca conjunção coordenativa de constituintes e de sentenças.

- (198) (a) Zé hawii mi’i tuwat to’owiwo
 Zé hawii mi’i Ø-Ø-tuwat to’o-wiwo
 Zé CONJ 3SG 3PL-rel-ir REC-POSP:COMT
 ‘Zé e ela foram juntos’
- (b) ere to no hawii ere ha’at
 e-re-to no hawii e-re-ha’at
 2SG:A-rel-ir EXOR CONJ 2SG:A-rel-ver
 ‘vá e veja!’

É também uma partícula ‘locativo temporal’, com sentido de ‘desde então’, ‘quando’.

- (199) (a) | hawii iiwit ta'at ra'in hawii ahiaŋ ko'i tu'u ra'in ahiaŋ
 hawii i-iwit Ø-Ø-ta'at ra'in hawii ahiaŋ
 PART:DISC 3SG-irmão 3SG-rel-cair PART:ASP CONJ demônio
 ko'i Ø-tu-'u ra'in ahiaŋ
 PL 3SG-rel-comer PART:ASP demônio
 ‘então o irmão [mais novo] caiu e os demônios comeram’

2) **ma'ato** ‘conjuntiva adversativa’. Usada em construções coordenadas para exprimir contraste de informações.

- (200) (a) | it u:'i'i mana Eucy tunuŋ ma'ato pã
 it=u:'i-'i mana Eucy Ø-tu-nuŋ ma'ato pã
 NEG=farinha-NEG Dona Eucy 3SG:A-rel-fazer ADVER pã
 ‘não foi farinha que Dona Eucy fez, mas pã’
- (b) | tohupit pera pe ma'ato ta'at tuereto ne'i
 to-Ø-hupit pera pe ma'ato Ø-Ø-ta'at tuereto ne'i
 3SG-rel-colocar saco de folha POSP:LOC ADVER 3SG-rel-cair AUX CONST
 ‘ele colocou [a cabeça do irmão] no saco mas ela caía’

3) **pikai** ‘conjunção adversativa’. Equivale ao ‘porém’, ‘mas’ do Português

- (201) (a) | pikai so wawori it iporep'i
 pikai so wawori it=Ø-i-porep-'i
 CONJ PART:REPT jabuti NEG=3SG:A-rel-soltar-NEG
 ‘mas jabuti não soltava’

- (b) Zé tuniŋ pikai ipotpap sese
 Zé Ø-Ø-tuniŋ pikai Ø-i-potpap sese
 Zé 3SG:So-rel-ser pequeno CONJ 3SG:A-rel-trabalhar PART:ENF
 ‘Zé é pequeno mas trabalha muito’

O estudo das partículas em Sateré-Mawé não é exaustivo. As apresentadas acima são as que ocorreram nos dados coletados para este trabalho. Um tratamento mais acurado precisa ser feito por conta da importância da ocorrência desses elementos nas questões temporais, modais, e aspectuais, além, claro, da sua relação com outras classes, como advérbios locativos e temporais.

4.7.2 Auxiliares

Consideramos, como auxiliares, os verbos que trazem informação aspectual quando associados a outro verbo. As formas verbais **tuereto** ‘levar’, **tuerut** ‘trazer’ foram encontradas nos dados associadas a verbos que assinalam continuidade. São exemplos:

- (202) (a) uheinit tunuŋ tuereto it’a topakup te
 u-he-init Ø-tu-nuŋ tuereto it’a to-Ø-pakup te
 1SG-rel-irmã 3SG-rel-fazer AUX cesto 3SG-rel-ser nova PART:DUR
 ‘minha irmã já fazia cesto quando era nova’
- (b) uimēpit tiwan tuereto ine ewati
 u-i-mēpit Ø-ti-wan tuereto ine ewati
 1SG-rel-filha 3SG:A-rel-escrever AUX PART:COMPL mês
 ‘minha filha escreve [carta] todo mês’

- (c) | uhe-te motpap hot'ok'e tuerut
 | u-he-ete motpap Ø-Ø-hot'ok'e tuerut
 | 1SG:O-rel-POSP:DEST trabalho 3SG-rel-ser claro AUX
 | 'o trabalho não ficou claro para mim'

Além dos verbos auxiliares **tuereto** e **tuerut**, a língua Sateré-Mawé apresenta um tipo de verbo auxiliar para verbos intransitivos ativos. A forma **-'e** atua como marcador aspectual e, estruturalmente, ocorre após o verbo principal.

- (203) (a) | pino ran kaikai'i'atu'e eupi
 | pino ran kaikai-'i'atu-Ø-'e e-Ø-upi
 | PART:DISC PART:ATES chamar-3PL-rel-AUX 2GS:O-rel-POSP:DIR
 | '...talvez por isso eles chamam em sua direção'

A forma **-'e** não ocorre como forma independente.

Passamos às considerações finais deste capítulo referente à morfossintaxe das classes de palavras em Sateré-Mawé

4.8 Considerações finais

Neste capítulo, fizemos algumas considerações sobre as classes de palavras da língua Sateré-Mawé. Inicialmente, foram feitas considerações tipológicas a partir da morfologia, identificando os marcadores de pessoa e os marcadores relacionais. Em relação ao verbo, tratamos os verbos transitivos e verbos intransitivos, estes últimos subdivididos em intransitivos ativos e intransitivos não ativos, evidenciando a ausência na marcação de pessoa presente na morfologia verbal. Como categorias verbais, tratamos as categorias de tempo e aspecto, bem como a negação.

Em relação à classe dos nomes, tratamos a categoria de posse, comum em línguas da família Tupi, além das categorias de gênero e número. Os pronomes pessoais estão subdivididos em pronomes independentes e pronomes clíticos. Estes últimos recebem esse tratamento a partir de seu comportamento morfossintático, seguindo a análise de Seki (2000) para a língua Kamaiurá. Como subconstituintes nominais, falamos sobre locuções nominais, negação do predicado nominal, coordenação de sintagmas nominais e nominalizações. Quanto às nominalizações, consideramos as que se encontram presentes na língua que são: as nominalizações de ação, a nominalização de agente, a de paciente/objeto, de circunstância e a nominalização atributiva.

Fizemos algumas considerações sobre a classe dos advérbios em Sateré-Mawé. Como tipos identificamos, a partir de propriedades morfossintáticas, advérbios locativos, temporais e interrogativos. Os numerais são considerados advérbios em nossa análise devido à similaridade de propriedades que apresentam com esta classe.

Os elementos posposicionais e as partículas não foram tratados de maneira exaustiva. Consideramos apenas as posposições e partículas que aparecem nos dados de análise. Da mesma forma, como em outros pontos desta pesquisa, pretendemos aprofundar mais nosso conhecimento sobre a língua e estudar com mais detalhamento esses elementos e suas significações, não só pela sua importância, mas também pela sua relação com outras classes e categorias.

Esse capítulo serve de subsídio para a análise da estrutura da sentença que se fará no capítulo que segue. Esperamos que ela também subsidie outros estudos sobre a língua Sateré-Mawé.

CAPÍTULO V

ESTRUTURA DA SENTENÇA

Introdução

O objetivo deste capítulo é descrever a estrutura de sentença na língua Sateré-Mawé a partir do que foi analisado no capítulo referente às classes de palavras da língua. Inicialmente, serão abordadas as orações independentes, que se subdividem em orações transitivas e intransitivas. Nas intransitivas, há ainda outra subdivisão devido à cisão da marcação de pessoa no verbo. São as intransitivas ativas (Sa) e intransitivas não ativas (So). Em seguida tratamos as construções imperativas e negação.

5.1 Orações independentes

5.1.1 Oração transitiva

As orações transitivas são aquelas que apresentam um verbo que requer dois argumentos. Um deles em função de sujeito **A**, marcado por pronomes clíticos do Grupo I, série ativa, que, na estrutura da sentença, precedem o verbo, e o outro em função de **O**, marcado por pronomes clíticos do Grupo II, série não ativa. Argumentos **A** e **O** expressos por nome ou pronome não são obrigatórios e

podem ser elididos na oração, sendo codificados pelos clíticos no verbo. Nos exemplos a seguir, o sujeito e o objeto são expressos por pronomes livres:

- (204) (a) | uito ati'auka hanu'an
 uito a-ti-'auka hanu'an
 1SG 1SG:A-rel-matar macaco
 'eu matei macaco'
- (b) | mi'i itek hirokat asap
 mi'i Ø-i-tek hirokat Ø-Ø-asap
 3SG 3SG:A-rel-cortar menino 3SG-rel-cabelo
 'ele cortou o cabelo do menino'
- (c) | uikuap mi'i
 u-i-kuap mi'i
 1SG:A-rel-conhecer 3SG
 'eu conheço você'
- (d) | e'akasa kurum
 e-Ø-'akasa kurum
 2SG:A-rel-ver menino
 'você viu o menino'

Para a identificação dos participantes **A** (agente) e **O** (paciente), são usados os dois grupos de marcadores de pessoa, como se pode verificar nos exemplos.

5.1.1.1 Ordem na oração transitiva

A ordem básica dos constituintes nas orações transitivas é AVO, como ilustrado nos exemplos (204) (a) e (b).. Em casos como (c) e (d), o sujeito

na função de agente está expresso na morfologia do verbo. Contudo, outras ordens são registradas.

Os argumentos nucleares A e O podem ocupar as seguintes posições em relação ao verbo transitivo:

(205)	(a)	A	V	O	
		uito	a-ti-kuap	kurum	'eu conheci o menino'
		1SG	1SG:A-rel-conhecer	menino	
(206)	(b)	A	O	V	
		uito	kurum	a-ti-kuap	
		1SG	menino	1SG:A-rel-conhecer	
(205)	(c)	V	A	O	
		a-ti-kuap	uito	kurum	
		1SG:A-rel-conhecer	1SG	menino	
(206)	(a)	O	V	A	
		kurum	a-ti-kuap	uito	'eu conheci o menino'
		menino	1SG.A-rel-conhecer	1SG	
(206)	(b)	O	A	V	
		kurum	uito	a-ti-kuap	
		menino	1SG	1SG:A-rel-conhecer	
(206)	(c)	V	O	A	
		a-ti-kuap	kurum	uito	
		1SG:A-rel-conhecer	menino	1SG	

Os exemplos em (205) ilustram a ordem mais comum nas orações transitivas. As exemplificadas em (206) são as menos comuns. Orações com

verbo inicial não são muito aceitas, mas, segundo o colaborador, podem ocorrer, dependendo da situação de interação.

A posição na oração transitiva determina as funções de A e O, que concordam com a marcação pronominal no verbo.

Quando ocorrem advérbios na oração transitiva, foram encontradas as seguintes possibilidades de posições em relação aos argumentos e ao verbo.

(207)	(a)	<table border="1"> <tr> <th>A</th> <th>V</th> <th>O</th> <th>ADV</th> </tr> <tr> <td>uito</td> <td>a-ti-kuap</td> <td>kurum</td> <td>ŋa'atpo</td> </tr> <tr> <td>1SG</td> <td>1SG:A-rel-conhecer</td> <td>menino</td> <td>ontem</td> </tr> </table>	A	V	O	ADV	uito	a-ti-kuap	kurum	ŋa'atpo	1SG	1SG:A-rel-conhecer	menino	ontem	'eu conheci o menino ontem'
	A	V	O	ADV											
	uito	a-ti-kuap	kurum	ŋa'atpo											
	1SG	1SG:A-rel-conhecer	menino	ontem											
(b)	<table border="1"> <tr> <th>A</th> <th>V</th> <th>ADV</th> <th>O</th> </tr> <tr> <td>uito</td> <td>a-ti-kuap</td> <td>ŋa'atpo</td> <td>kurum</td> </tr> <tr> <td>1SG</td> <td>1SG:A-rel-conhecer</td> <td>ontem</td> <td>menino</td> </tr> </table>	A	V	ADV	O	uito	a-ti-kuap	ŋa'atpo	kurum	1SG	1SG:A-rel-conhecer	ontem	menino		
A	V	ADV	O												
uito	a-ti-kuap	ŋa'atpo	kurum												
1SG	1SG:A-rel-conhecer	ontem	menino												
(c)	<table border="1"> <tr> <th>A</th> <th>ADV</th> <th>O</th> <th>V</th> </tr> <tr> <td>uito</td> <td>ŋa'atpo</td> <td>kurum</td> <td>a-ti-kuap</td> </tr> <tr> <td>1SG</td> <td>ontem</td> <td>menino</td> <td>1SG:A-rel-conhecer</td> </tr> </table>	A	ADV	O	V	uito	ŋa'atpo	kurum	a-ti-kuap	1SG	ontem	menino	1SG:A-rel-conhecer		
A	ADV	O	V												
uito	ŋa'atpo	kurum	a-ti-kuap												
1SG	ontem	menino	1SG:A-rel-conhecer												
(d)	<table border="1"> <tr> <th>ADV</th> <th>V</th> <th>A</th> <th>O</th> </tr> <tr> <td>ŋa'atpo</td> <td>a-ti-kuap</td> <td>uito</td> <td>kurum</td> </tr> <tr> <td>ontem</td> <td>1SG:A-rel-conhecer</td> <td>1SG</td> <td>menino</td> </tr> </table>	ADV	V	A	O	ŋa'atpo	a-ti-kuap	uito	kurum	ontem	1SG:A-rel-conhecer	1SG	menino		
ADV	V	A	O												
ŋa'atpo	a-ti-kuap	uito	kurum												
ontem	1SG:A-rel-conhecer	1SG	menino												

As posições apresentadas em (207) são as consideradas mais comuns. A ordem dos constituintes em (b) ocorre com menos frequência que as demais. Uma possível explicação para isso, seria que nos demais exemplos a formação da locução verbal permanece, enquanto que em (b) o ADV quebra essa formação.

As ordens em (208) relacionadas abaixo não foram aceitas como possíveis na língua:

	V	A	O	ADV	
(208) (a)	*a-ti-kuap 1SG:A-rel-conhecer	uito 1SG	kurum menino	ŋa'atpo ontem	'eu conheci o menino ontem'
	V	ADV	A	O	
(b)	*a-ti-kuap 1SG:A-rel-conhecer	ŋa'atpo ontem	uito 1SG	kurum menino	
	O	ADV	V	A	
(c)	*kurum menino	ŋa'atpo ontem	a-ti-kuap 1SG:A-rel-conhecer	uito 1SG	
	ADV	V	O	A	
(d)	*ŋa'atpo ontem	a-ti-kuap 1SG:A-rel-conhecer	kurum menino	uito 1SG	

Note-se que a língua não aceita o verbo em posição inicial, preferindo, nessa posição, o argumento **A**, como se pode verificar observando os exemplos em (205) e (207).

Os argumentos nas funções de **A** e **O** podem estar em foco, marcados pela partícula **ti** ~ **tiŋ** 'foco'. Nessa situação, o elemento focalizado pode ocupar qualquer posição, mas preferencialmente ocorre no início da sentença. Os exemplos são:

	A	V	O	
(209) (a)	Maria	Ø-tu-nuŋ	ini	'Maria fez rede'
	Maria	3SG:A-rel-fazer	rede	

	A-foco	V	O	
(b)	Maria tiŋ	Ø-i-nuŋ	ini	'foi Maria que fez rede'
	Maria FOC	3SG:A-rel-fazer	rede	
	A-foco	V	O	
(b)	it=Maria-'i tiŋ	Ø-i-nuŋ	ini	'não foi Maria que fez rede'
	NEG=Maria-NEG FOC	3SG:A-rel-fazer	rede	
(210)	O-foco	A	V	
(a)	ini tiŋ	Maria	Ø-tu-nuŋ	'foi rede que Maria fez'
	Rede FOC	Maria	3SG:A-rel-fazer	
	O-foco	A	V	
(b)	it=ini-'i tiŋ	Maria	Ø-tu-nuŋ	'não foi rede que Maria fez'
	NEG=rede-NEG FOC	Maria	3SG:A-rel-fazer	

Outro contexto onde encontramos ordem marcada através da partícula **tiŋ** são as sentenças interrogativas que serão tratadas mais detidamente no item 5.2 deste capítulo.

Passamos à descrição das orações intransitivas em Sateré-Mawé.

5.1.2 Orações intransitivas

As orações intransitivas são compostas por um verbo intransitivo com um único argumento. Com base na marcação de pessoa, subdividem-se em intransitivas ativas, com o argumento verbal na função de agente (Sa), e intransitivas não ativas ou estativas, com o argumento em função de So.

5.1.2.1 Oração intransitiva ativa (Sa)

As orações intransitivas ativas apresentam, como núcleo, um verbo intransitivo ativo com o argumento em função de Sa. O verbo recebe elementos pronominais do grupo I (cf. quadro 03), e os relacionais **re-**, **to-** e **Ø-**. São exemplos desse tipo de construção.

- (211) (a) uito ara'akasa
 uito a-ra-'akasa
 1SG 1SG:Sa-rel-ver
 'eu vejo'
- (b) mi'i toto ŋo kape
 mi'i Ø-to-to ŋo kape
 3SG 3SG:Sa-rel-ir roça POSP:DIN
 'ela foi para a roça'
- (c) Zé put'ok'e to'iat ete
 Zé put'ok-Ø-Ø-'e to-'iat ete
 Zé chegar-3SG:Sa-rel-AUX 3SG.REFL-casa POSP:DEST
 'Zé chegou em casa'
- (d) en ere'ëtem ŋetap wii
 en e-re-'ëtem ŋetap wii
 2SG 2SG:Sa-rel-sair casa POSP:LOC
 'você saiu da casa'

Os exemplos acima são ilustrativos das orações intransitivas ativas com sujeito (Sa). Como dissemos, os marcadores relacionais para esses verbos são o morfema **re-**, na primeira e segunda pessoas do singular, conforme exemplos

(211) (a) e (d), e **to-** (ou **tu-**) para a terceira pessoa do singular e a primeira do plural inclusiva e exclusiva, como, em (b). Em (211) (c) a marcação da terceira pessoa do singular é Ø-.

Segundo Meira (2007, p. 194), muitos verbos ativos são sincrônica ou historicamente reflexivos, derivados pelo morfema **we-**. Para o pesquisador, o alongamento da vogal observado na pronúncia de **re-** para as formas da primeira e segunda pessoas sugere que, inicialmente, havia a presença do prefixo reflexivo na morfossintaxe desses verbos. O paradigma para o verbo **ëtem** ‘sair’, abaixo, parece confirmar sua hipótese.

(212)	(a)	ëtem	‘sair’
		are’ëtem	‘eu saio’
		a-re:-’ëtem	
		1SG-rel-sair	
		ere’ëtem	‘tu saís’
		e-re:-’ëtem	
		2SG-rel-sair	
		tuwe’ëtem	‘ele sai’
		tuwe-’ëtem	
		3SG.REFL-sair	
		urutue’ëtem	‘nós saímos’
		uru-tu-[e]-’ëtem	
		1PL.EXCL-rel-[REFL]-sair	
		watue’ëtem	‘nós saímos’
		wa-tu-[e]-’ëtem	
		1PL.INCL-rel-[REFL]-sair	
		ewe-iwe’ëtem	‘vocês saem’
		ewe-i-[we]-’ëtem	
		2PL-rel-[REFL]-sair	
		te’erue’ëtem	‘eles saem’
		te’eru-Ø-[e]-’ëtem	
		3PL-rel-[REFL]-sair	

Como se verifica no exemplo, a hipótese de Meira parece se confirmar tendo em vista que, na terceira pessoa do singular, a marcação é **tuwe-** que consideramos como 3SG.REFL. Nas pessoas do plural, mais claramente na segunda, o prefixo reflexivo **e-** e **we-** aparece na estrutura morfológica (utilizamos o colchete como recurso para demonstração). A primeira e segunda pessoas do singular têm a vogal do elemento relacional alongada, como dissemos anteriormente.

5.1.2.2 Oração intransitiva não ativa (So)

As orações intransitivas não ativas apresentam como núcleo um verbo intransitivo não ativo, cujo argumento está em função de **So**. Admitem marcadores de pessoa do grupo II, série inativa (cf. quadro 03) e os morfemas relacionais **i-**, **h-**, **Ø-** e **he-**. São exemplos as sentenças:

- (213) (a) en uhehai
 en e-Ø-hai
 2SG 2SG:So-rel-falar
 'você fala'
- (b) mi'i hewiri
 mi'i Ø-Ø-hewiri
 3SG 3SG:So-caminhar
 'ele caminha'
- (c) en ekit
 en e-Ø-kit
 2SG 2SG:So-rel-ser gordo
 'você é gorda'

(d)		mi'i ipakup kahato	
		mi'i Ø-i-pakup kahato	
		3SG 3SG:So-rel-ser novo muito	
		'ele é muito novo'	

Os exemplos (209) (c) e (d) contêm verbos que descrevem estados e que, nesta análise, são considerados como verbos intransitivos não ativos.

Usualmente a ordem dos constituintes nas orações intransitivas tem o verbo em primeira ou segunda posições. Já a prefixação dos elementos pronominais e relacionais nem sempre acontece. Como dissemos anteriormente, em certos verbos, como **put'ok'are** 'eu chego', **koi'are** 'eu planto' e **pititare** 'eu grito', tais elementos ocorrem após a base verbal. Sobre esse tipo de marcação, Graham e Harrison (1984, p. 09) dizem apenas que ocorre com verbos intransitivos que, em alguns casos, funcionam como auxiliares indicando modo de ação. Nossa análise sobre esse fato não é conclusiva e precisa de maiores investigações.

Essa possibilidade de ocorrência, tanto dos marcadores de pessoa quanto dos relacionais após o radical de alguns verbos da língua Sateré-Mawé, reforça nossa opção pelo tratamento desses elementos não como prefixos pronominais e sim como pronomes clíticos pelas razões já expostas no item 4.4.2, do capítulo anterior.

5.2 Construções interrogativas

Entre os tipos de estratégias usadas no Sateré-Mawé para expressar perguntas, encontram-se: i) a utilização da partícula interrogativa **apo** e, ii) palavras interrogativas que, estruturalmente, ocupam a primeira posição

sentencial. No que segue, analisaremos as construções que utilizam palavras interrogativas e as que utilizam a partícula **apo** em sua composição.

5.2.1 Construções com partícula interrogativa

Em Sateré-Mawé, a partícula **apo** tem função interrogativa e é usada para perguntas gerais que incidem sobre um constituinte da sentença.

(214) (a) | erenētup apo uhehai
| e-re-nētup apo u-he-hai
| 2SG:Sa-rel-entender INTER 1SG-rel-falar
| ‘você está me escutando falar?’

(b) | mimi apo toket
| mimi apo Ø-to-ket
| senhor INTER 3SG:Sa-rel-dormir
| ‘o senhor dormiu?’

(c) | eakaŋ hati apo
| e-Ø-akaŋ hati apo
| 2SG-rel-cabeça dor INTER
| ‘tua cabeça dói?’

O constituinte interrogado não é movido para a posição inicial da sentença, como mostram os exemplos acima.

Quanto à sua posição, a partícula **apo** ocorre em posição medial, como em (214) (a) e (b), e final, como em (c). Sua ocorrência em posição inicial não foi observada nos dados.

Quando o elemento interrogado está em foco, a partícula foco **ti** ~ **tiŋ** precede a partícula **apo**. Neste caso, o constituinte interrogado é movido para a posição inicial da sentença.

(215) (a) José tiŋ apo inuŋ u:'i

A-foco		V	O
José tiŋ	apo	Ø-i-nuŋ	u:'i
José FOC	INTER	3SG:A-rel-fazer	farinha
'foi José que fez farinha?'			

(b) u:'i tiŋ apo José tunuŋ

O-foco		A	V
u:'i tiŋ	apo	José	Ø-tu-nuŋ
farinha FOC	INTER	José	3SG:A-rel-fazer
'foi farinha que José fez?'			

(c) it u:'i tiŋ apo José tunuŋ

O-foco		A	V
it=u:'i tiŋ	apo	José	Ø-tu-nuŋ
NEG=farinha-NEG FOC	INTER	José	3SG:A-rel-fazer
'não foi farinha que José fez?'			

5.2.2 Construções com palavras interrogativas

As palavras interrogativas são formas usadas com função interrogativa que, formalmente, possuem relação com outras classes de palavras, tais como nomes, locativos e demonstrativos. Perguntas de conteúdo podem ser respondidas com a utilização dessas palavras.

- (216) (a) aikotã eipe weikoi waranã
 aikotã eipe we-i-koi waranã
 INTER 2PL 2PL:A-rel-plantar guaraná
 ‘que guaraná vocês plantam?’
- (b) katsom iti terut
 katsom i-Ø-ti Ø-Ø-terut
 INTER 3SG-rel-mãe 3SG:A-rel-trazer
 ‘o que será que sua mãe trouxe?’

Em (216) (b), a composição da palavra interrogativa apresenta a partícula **som** ‘dubidativa’, dando o sentido de dúvida. Em (213) (a) abaixo, aparece a mesma partícula com outra palavra interrogativa, dando o mesmo sentido modal à sentença:

- (217) (a) aikotã som eweipakpak aria’ip
 aikotã som ewe-i-pakpak aria’ip
 INTER PART:DUB 2PL:A-rel-rachar pau
 ‘como [será que] vocês racham pau?’

As palavras interrogativas, geralmente, ocupam a primeira posição na sentença. Nos dados, não foram registradas ocorrências de palavras interrogativas junto com a partícula **apo**.

Além das formas apresentadas no item 4.5.1.3 do capítulo anterior, existe a forma nominal **uwen** ‘quem, alguém’, empregada para interrogar itens de referência mais humano, e **kat** para interrogar itens de referência menos humano.

- (218) (a) uwen ta’apik meijūpe
 uwen Ø-ta-’apik meijūpe
 INTER 3SG:A-rel-sentar DEM

| 'quem sentou aqui?'

- (b) | uwen ureto teran Fé em Deus kape
uwen u-re-to-teran Fé em Deus kape
INTER 1SG:O-rel-ir-DES Fé em Deus POSP:DIN
| 'alguém pode me levar até Fé em Deus?'

Em Sateré-Mawé, palavras interrogativas podem funcionar como indefinidos - alguém/quem, algo/alguma coisa etc.

- (219) (a) | uwen inuŋ meipewat
uwen Ø-i-nuŋ meipe-wat
INTER 3SG:A-rel-fazer DEM-NMLZ
| 'quem fez isso?'

- (b) | kan hekatu'u aware
kan Ø-he-katu'u aware
INTER 3SG:So-rel-morder cachorro
| 'o que foi que o cachorro mordeu?'

Ao ocorrerem como indefinidos, as palavras interrogativas recebem o morfema descontínuo de negação (**it**)...-'i para expressar 'nunca, jamais' e 'ninguém' ou 'nada'. Nessas situações, ficam como declarativas.

- (220) (a) | kat'i uipowiro
kat-'i u-i-powiro
NOM-NEG 1SG:O-rel-VER
| 'nada me ajudou'

- (b) | it karãpe'i areto Ponta Alegre kape

it=karãpe-'i	a-re-to	Ponta Alegre	kape
NEG=ADV-NEG	1SG:A-rel-VER	Ponta Alegre	POSP:LOC
'nunca fui a Ponta Alegre'			

(c) | it uwen'i tu:t
 it=uwen-'i Ø-Ø-tu:t
 NEG=NOM-NEG 3SG:A-rel-vir
 'ninguém veio'

(d) | uwen inuŋ meipewat
 uwen Ø-i-nuŋ meipe-wat
 INTER 3SG:A-rel-fazer DEM-NMLZ
 'quem fez isso?' (Lit.: alguém fez isso?)

Assim como ocorre com o Kamaiurá (Seki 2000, p. 218), em Sateré-Mawé, as palavras interrogativas adverbiais podem ser nominalizadas com **-wat** 'nominalizador de circunstância'. Nesses casos, interrogam funções nominais. Essas palavras também admitem o sufixo plural **-ria** em sua composição:

(221) (a) | aikowat oken'ipi i'i kapiat
 aiko-wat oken'ipi i'i kapiat
 ADV-NMLZ porta rio PART:LOC
 'qual porta dá [de frente] para o rio?'

(b) | mejëwat morekuat
 mejë-wat morekuat
 DEM-NMLZ chefe
 'qual é o chefe?'

Adverbiais locativos também podem exercer função interrogativa em Sateré-Mawé.

(222) (a) | ajũpe piã toto
 | ajũpe piã Ø-to-to
 | DEM menina 3SG:Sa-rel-ir
 | 'para onde a menina foi?'

(b) | ajũpe eipotpap
 | ajũpe e-i-potpap
 | ADV 2PL:Sa-rel-trabalhar
 | 'onde vocês trabalham?'

Mencionamos anteriormente que as palavras interrogativas apresentam um morfema $-ĩ$ em sua composição que funciona como um marcador de interrogação quando nasalizado. Nos dados, observamos que esse morfema não só participa da composição de palavras interrogativas, mas também de advérbios locativos e de nominais e funciona como marcador de pergunta quando o constituinte interrogado é um objeto indireto e outros oblíquos, como veremos no item a seguir. Como dissemos, nossa análise desse morfema não é conclusiva. Outro ponto a observar, é que as palavras interrogativas com morfema $-ĩ$ não co-ocorrem com a partícula **apo**.

Apresentamos alguns exemplos de ocorrência desse morfema.

(223) (a) | karãpẽi ereto hamo e'iat kape
 | karãpẽĩ e-re-to hamo e-Ø-'iat kape
 | ADV-INTER 2SG:Sa-rel-ir PART:FIN 2SG-rel-casa POSP:DIN
 | 'quando você vai para sua casa?'

(b) | uwẽi mi'i
 | uweĩ mi'i

NOM-INTER	3SG
‘quem é ele?’	

(c)

aiūpēi	mi'i	toket
aiūpe-ī	mi'i	∅-to-ket
ADV-INTER	3SG	3SG:Sa-rel-dormir
‘onde ele dormiu?’		

Palavras interrogativas sem o morfema **-ī** podem co-ocorrer com a partícula **apo**.

(224) (a)

aikope	apo	uimi'u
aikope	apo	u-i-mi'u
ADV	INTER	1SG-rel-comida
‘onde está minha comida?’		

5.2.3 Elementos da sentença que podem ser interrogados

As palavras interrogativas **uwen** ‘quem’ e **kat/kan** ‘o que’ são usadas para interrogar constituintes nas funções de sujeito e objeto direto. O primeiro é empregado no caso de itens de referência mais humano, e, o segundo, de itens de referência menos humano.

(225) (a)

uwen	tu:t	mōkite
uwen	∅-∅-tu:t	mōkite
INTER	3SG:A-rel-vir	amanhã
‘quem virá amanhã?’		

(b)

uwen	moi	ti'auka
------	-----	---------

uwen	moi	Ø-ti'auka
INTER	cobra	3SG:O-matar
'quem a cobra matou?'		

(c)

uwen	teput
uwen	Ø-te-put
INTER	3SG:Sa-rel-correr
'quem correu?'	

(d)

uwen	iku'uro
uwen	Ø-i-ku'uro
INTER	3SG:So-rel-morrer
'quem morreu?'	

Os exemplos em (225) (a) e (b) fazem referência ao sujeito **A** e ao objeto **O**, respectivamente. Em (225) (c) o constituinte é sujeito **Sa** e em (d) é **So**.

Em (226) (a) abaixo, **kan** cumpre função de interrogar o objeto direto.

(226) (a)

kan	ereha'at
kan	e-re-ha'at
INTER	2SG:Sa-rel-ver
'o que você viu?'	

A interrogação de constituintes em função de objeto indireto e outros oblíquos é feita pelas palavras interrogativas já mencionadas, acompanhadas de posposição e acrescidas do morfema -ĩ posicionado após a posposição.

(227) (a)

uwẽpeĩ	etum	wahi
uwẽ-pe-ĩ	e-Ø-tum	wahi
NOM-POSP:OI-INTER	2SG:A-rel-dar	colar

| ‘a quem você deu o colar?’

(b) | kanōĩ mi’i titek

| kan-wo-ĩ mi’i Ø-ti-tek
| NOM-POSP:INST-INTER 3SG 3SG:A-rel-cortar
| ‘com que ele cortou?’

(c) | uwēwiwoĩ ereto ŋo kape

| uwē-wiwo-ĩ e-re-to ŋo kape
| NOM-POSP:COMT-INTER 2SG:Sa-rel-ir roça POSP:DIN
| ‘com quem você foi para a roça?’

Encontramos, também, adverbiais locativos e quantificadores que são interrogados pelo morfema -ĩ.

(228) (a) | aiūpēĩ eweipan

| aiūpe-ĩ ewe-i-pan
| ADV-INTER 2PL-rel-cavar
| ‘onde vocês vão cavar?’

(b) | karaniaĩ ewat tōĩ

| karania-ĩ e-Ø-wat Ø-tōĩ
| QUANT-INTER 2SG-rel-POSS 2SG-ter
| ‘quanto você tem?’

O comportamento desse morfema ainda precisa ser melhor investigado. O que podemos inferir, a partir dos dados, é que ele deriva palavras interrogativas a partir de adverbiais em geral, incluindo oblíquos.

5.2.4 Respostas a perguntas

Como ocorre no Kamaiurá (Seki 2000, p. 228), respostas a perguntas podem ser gramaticalmente completas, ou seja, com predicado, ou incompletas quando há ausência de predicado.

5.2.4.1 Respostas a perguntas gerais

Respostas a perguntas gerais com a partícula interrogativa **apo** podem ser somente com o predicado. São exemplos:

- (229) (a) | tõi apo moi katu'u hap pohañ
| Ø-Ø-tõi apo moi katu'u-hap pohañ
| 3SG:Sa-rel-ter INTER cobra morder-NMLZ remédio
| 'tem remédio para mordida de cobra?'
- (b) | ta'i atikuap rat
| ta'i a-ti-kuap rat
| PART:AFIR 1SG:A-rel-saber PART:ATEST
| 'sim, eu sei'
- (c) | eraha'at apo documento ko'i koitii
| e-re-ha'at apo documento ko'i koitii
| 2SG:Sa-rel-ver INTER documento PL ADV
| 'você viu os documentos hoje?'
- (d) | hẽ ara'akasa ran
| hẽ a-ra-'akasa ran
| PART:AFIR 2SG:Sa-rel-ver PART:ATES

| 'sim, eu vi!

As partículas afirmativas em (229) (b) e (d) são partículas específicas de afirmação para falas masculina e feminina, respectivamente.

Perguntas gerais sem a partícula **apo** podem ter como resposta uma construção que pode ser completa, como em (230) (a) a (c), ou incompleta, como em (d).

- (230) (a) | hot'ok'e kat are'e hap

Ø-Ø-hot'ok-'e kat a-re-'e hap
2PL:O rel-entender INTER 1SG:Sa-rel-dizer NMLZ
'vocês entenderam o que foi dito?'
- (b) | ta'i hot'ok'e uruete

ta'i Ø-Ø-hot'ok-'e uru-Ø-ete
PART:AFIR 3PL-rel-entender-AUX 1PL.EXCL-rel-POSP:DEST
'sim, nós entendemos'
- (c) | it ere'e te pino

it e-re-'e te pino
NEG 2SG:Sa-rel-dizer PART:RET PART:DISC
'não, diga novamente'
- (d) | ta'i

ta'i
PART:AFIR
'Sim!'

5.2.4.2 Respostas a perguntas com palavras interrogativas

Quando são usadas palavras interrogativas, as respostas podem ocorrer em sentenças gramaticalmente completas, como nos exemplos relacionados abaixo:

- (231) (a) | karãpeĩ ereto hamo Barreirinha kape
| karãpe-ĩ e-re-to hamo Barreirinha kape
| ADV-INTER 2SG:Sa-rel-ir PART:FIN Barreirinha POSP:DIN
| 'quando você vai para Barreirinha?'
- (b) | areto aru no terça wuat hat iara pe
| a-re-to aru no terça wuat hat iara pe
| 1SG:A-rel-ir PART:PTC EXOR terça PART:FUT NMLZ barco POSP:LOC
| 'vou no barco de terça-feira' (Lit.: irei na terça feira em barco)
- (c) | ara'aipok aru sauru turan
| a-ra-'aipok aru sauru turan
| 1SG:Sa-rel-retornar PART:PTC sábado TEMP
| 'volto quando for sábado'

5.3 Construções Imperativas

As sentenças imperativas em Sateré-Mawé são marcadas pela presença de partículas imperativas. Características semânticas e morfossintáticas distinguem, entre as formas imperativas, o imperativo simples e o exortativo.

5.3.1 Imperativo simples

Sentenças imperativas simples em Sateré-Mawé são marcadas pela partícula **o** e são formações específicas para a segunda pessoa. Recebem os marcadores de pessoa do grupo I da série ativa **e-** para a ‘2SG’ e **ewe-** para a ‘2PL’. Além do morfema de negação (**it**)=, a língua também usa a partícula **tei’o** ~ **mei’o** no imperativo negativo. Confiram-se os exemplos abaixo:

- (232) (a) | eti’apun o
 e-ti-’apun o
 2SG:A-rel-empurrar IMP
 ‘empurra!’
- (b) | it eti’apun mei’o
 it=e-ti-’apun mei’o
 NEG=2SG:A-rel-empurrar IMP.NEG
 ‘não empurra!’
- (233) (a) | it etu’u tei’o
 it=e-tu-’u tei’o
 NEG=2SG:A-rel-comer IMP.NEG
 ‘não coma!’
- (b) | it etu’u tei’o pira
 it=e-tu-’u tei’o pira
 NEG=2SG:A-rel-comer IMP.NEG peixe
 ‘não coma peixe’

Os marcadores de pessoa da série ativa também indicam imperativo em verbos transitivos. O mesmo ocorre quando a sentença é um imperativo negativo. Confira o par de exemplos abaixo:

- (234) (a) | eti'auka o moi
 e-ti-'auka o moi
 2SG:A-rel-matar IMP cobra
 'mate a cobra!'
- (b) | it eti'auka tei'o moi
 it=e-ti-'auka tei'o moi
 NEG-2SG:A-rel-matar IMP.NEG cobra
 'não mate a cobra!'

5.3.2 Exortativo

O modo exortativo se caracteriza pela partícula **to** (~ro ~no) posicionada após o verbo para exprimir ordem. A marcação de pessoa e a negação obedecem ao mesmo processo da sentença declarativa.

- (235) (a) | eterut ro uhepe
 e-te-rut ro u-he-pe
 2SG:A-rel-trazer EXOR 1SG:O-rel-POSP
 'traga para mim!' (Lit.:(que) você traga para mim)
- (b) | it erewak to
 it=e-re-wak to
 NEG=2SG:Sa-rel-chorar EXOR

| 'não chore!' (Lit.: (que) você não chore)

(c) | etum no tope

e-Ø-tum no Ø-to-pe
2SG:A-rel-dar EXOR 3SG:O-rel-POSP:DAT
'dê para ele!'

(d) | etum no uhepe

e-Ø-tum no u-he-pe
2SG:A-rel-dar EXOR 1SG:O-rel-POSP:DAT
'dê para mim!'

(e) | it etum no tope

it=e-Ø-tum no Ø-to-pe
NEG=2SG:A-rel-dar EXOR 3SG:O-rel-POSP:DAT
'não dê para ele!'

Nos exemplos (235), para as formas de negação, verifica-se que não é usada a forma do imperativo negativo simples **tei'o** (~ **mei'o**), e sim o morfema de negação das sentenças declarativas.

Uma forma imperativa é também marcada pela partícula **pino**. Nos dados de que dispomos, ela aparece quando é dado um conselho, uma recomendação, um pedido da atividade ou processo que deve ser realizado.

(236) (a) | eriot pino uhewowi

e-ri-ot pino u-he-wowi
2SG-rel-vir PERM 1SG-rel-POSP:COMT
'você vem comigo!'

(b)	era'apik pino	
	e-ra-'apik	pino
	2SG:Sa-rel-sentar	PERM
	'Sente!'	

Resumindo, as construções imperativas em Sateré-Mawé são marcadas pelas partículas, **o** 'imperativo simples', **to** 'imperativo exortativo' e **tei'o** imperativo negativo. Além dessas formas, encontramos, nos dados, um forma imperativa, porém com um grau mais brando, quase como um conselho, que é a partícula **pino**.

5.4 Negação

A negação em Sateré-Mawé é marcada por morfemas específicos. São considerados marcadores de negação na sentença: i) morfema descontínuo (**it**)...-'i e, ii) partícula contraexpectativa **hin'i**. No que segue, examinaremos o comportamento desses marcadores, o escopo da negação e os parâmetros envolvidos na seleção desses.

Nas orações declarativas independentes, o morfema descontínuo de negação (**it**)...-'i é o marcador mais utilizado. Ele nega predicados nominais e verbais, cujo escopo é o constituinte.

(237)	(a)	it iasap'i	
		it=i-asap-'i	
		NEG=3SG-cabelo-NEG	
		'ele é careca' (Lit.: 'ele não tem cabelo')	

- (c) Zé it wo'omu'ehat'i
 Zé it=wo'o-mu'e-hat-'i
 Zé NEG=REC-ensinar-NMLZ-NEG
 'Zé não é professor'

No caso de orações com verbos, o morfema descontínuo **it=...-'i** marca negação dos seguintes tipos de predicados.

a) Predicado verbal transitivo:

- (238) (a) it atu'u'i aru
 it=a-tu-'u-'i aru
 NEG=1SG:A-rel-comer-NEG PART:PTC
 'eu não vou comer'
- (b) it ati'apun'i kat'i
 it=a-ti-'apun-'i kat-'i
 NEG=1SG:A-rel-empurrar-NEG NOM-NEG
 'eu não empurro nada'

b) Predicado verbal intransitivo ativo:

- (239) (a) mi'i it ihai'i ipoinik
 mi'i it=Ø-i-hai-'i Ø-i-poinik
 3SG NEG=3SG:Sa-rel-falar-NEG 3SG:So-rel-ser calado
 'ele não fala muito, ele é calado'
- (b) en it era'akasa kat'i
 en it=e-ra-'akasa kat-'i

2SG	NEG=2SG:Sa-rel-ver	NOM-NEG
‘você não vê nada’		

c) Predicado verbal estativo:

(240)	(a)	mi'i it ikahu'i
		mi'i it=Ø-i-kahu'i
		3SG NEG=3SG:Sa-rel-ser bonita-NEG
		‘ela não é bonita’

Em Sateré-Mawé, certos constituintes da sentença, tais como advérbios, também são negados com o morfema descontínuo.

(241)	(a)	it meijũ'i tu:t hamuat
		it=meijũ-'i Ø-Ø-tu:t hamuat
		NEG=ADV-NEG 3SG:A-rel-vir PART:FUT
		‘não será aqui que ele virá’

(b)	uito waku kahato ŋa'atpo it koiti'i'i
	uito waku kahato ŋa'atpo it=koiti'i -'i
	1SG feliz muito ADV NEG=ADV-NEG
	‘ontem eu estava feliz, agora não’

Como vimos nos exemplos acima, o morfema descontínuo (**it**)=...-'i vem associado a diversos tipos de formativos. Nos dados apresentados, ocorreram associados a marcadores de pessoa, a relacionais e elementos de natureza derivacional, tais como nominalizadores.

A partícula **hin'i** também atua como marcador de negação. Sua utilização indica uma intenção contraexpectativa, com sentido de não pretender fazer. São exemplos:

- (242) (a) motor it sat'e hin'i
 motor it=Ø-Ø-sat-'e hin'i
 motor NEG=3SG:Sa-rel-pegar-AUX NEG
 'o motor não pegou' (o motor não funcionou)
- (b) mi'i koiti'i toket hin'i
 mi'i koiti'i Ø-to-ket hin'i
 3SG ADV 3SG:Sa-rel-dormir NEG
 'ela não dorme hoje'
- (c) areto hin'i escola pe
 a-re-to hin'i escola pe
 1SG:Sa-rel-ir PART:NEG escola POSP:LOC
 'eu não vou à escola'

A negação em Sateré-Mawé pode ser feita com a utilização de morfemas e de partículas. O morfema descontínuo de negação (**it**)-...-'i funciona como negativo geral podendo ser utilizado em sentenças cujo predicado é nominal ou verbal e também para negar constituintes, como visto nos exemplos acima. A partícula **hin'i** marca negação em contextos que parecem ser de contraexpectativa.

Em relação a verbos cuja carga semântica é inerentemente negativa, como 'faltar', 'falhar', 'recusar' e 'evitar', o que comprovamos em Sateré-Mawé é que tais verbos não ocorrem. Nesses casos, o recurso utilizado é a negação da ação expressa na raiz verbal. São exemplos:

- (243) (a) mi'i tunuŋ neran hin'i u:'i
 mi'i Ø-tu-nuŋ-teran hin'i u:'i
 3SG 3SG:A-rel-fazer-DES NEG farinha

| 'ela não quis fazer farinha'
| (ela evitou fazer farinha)

(b) | hariporia tikiesat hin'i sokpe
| hariporia Ø-ti-kiesat hin'i sokpe
| mulher 3SG:A-rel-querer NEG roupa
| 'a mulher não quis a roupa'
| (a mulher recusou a roupa)

Pretendemos abordar mais detidamente o comportamento da negação em Sateré-Mawé, uma vez que a utilização de partículas negativas tem a ver com questões modais e com características semânticas próprias da língua.

No capítulo que segue, abordaremos as as orações reflexivas, recíprocas e causativas em Sateré-Mawé.

CAPÍTULO VI

ORAÇÕES REFLEXIVAS, RECÍPROCAS E CAUSATIVAS

Introdução

Neste capítulo, apresentamos o comportamento morfossintático das orações reflexivas, recíprocas e causativas mostrando os mecanismos que a língua Sateré-Mawé utiliza para as estratégias de redução de valência, no caso das orações reflexivas e recíprocas, e aumento de valência, no caso das orações causativas.

Abordaremos inicialmente as orações reflexivas e recíprocas para, em seguida, tratarmos as orações causativas em Sateré-Mawé.

Para subsidiar nossa análise, seguimos os teóricos já mencionados nos capítulos anteriores.

6.1 Construções reflexivas e recíprocas

Sintaticamente construções reflexivas e recíprocas são mecanismos que as línguas utilizam para redução da valência verbal. Em Sateré-Mawé a marcação de reflexividade é codificada por meio do prefixo **we-** ~ **e-** que ocorre com verbos e posições, e de um prefixo específico para a 'terceira pessoa reflexiva' **tuwe-**.

O prefixo **we-** varia com **e-** e, na estrutura, vem posicionado entre os marcadores de pessoa e a base verbal. O verbo transitivo, ao receber o prefixo reflexivo, sofre redução em sua valência, passando a intransitivo ativo.

A reciprocidade, por sua vez, é codificada pelo prefixo **to'o-**. Da mesma forma que o marcador reflexivo, o prefixo **to'o-** também pode vir junto a posposições. O prefixo **to'o-** pode variar com **wo'o-** e ocupa, na estrutura, a mesma posição do morfema reflexivo.

6.1.1 Locuções que exprimem reflexividade

Semanticamente, sentenças reflexivas simples ou diretas são aquelas em que os participantes da ação verbal são correferentes. Em Sateré-Mawé, o morfema **we-** marca a reflexividade na estrutura verbal.

(244) (a) eipe eweiwe'ëtem ra'in
 eipe ewe-i-we-'ëtem ra'in
 2PL 2PL:Sa-rel-REFL-sair PART:ASP
 'vocês saíram'

(b) wahi waku hawii uruiweneru epe
 wahi Ø-Ø-waku hawii uru-i-we-neru e-Ø-pe
 colar 3SG:So-rel-ser bonito CONJ 2PL:EXCL:Sa-rel-REFL-vender 2SG-rel-POSP.DAT
 'depois de aprontar o colar vendemos para você'

A ocorrência do prefixo **we-** com posposições acontece quando o objeto é correferente ao sujeito da sentença. Estruturalmente, o prefixo se posiciona entre a posposição e o marcador de pessoa.

(245)	(a)	en etikiat ewepe
		en e-ti-kiiat e-Ø-we-pe
		2SG 2SG:A-rel-comprar 2SG-rel-REFL-POSP:DAT
		'você comprou para si'

6.1.2 Orações reflexivas intransitivas

As orações reflexivas intransitivas podem ser do tipo ativo-reflexiva, nos casos em que o participante animado exerce relativo controle da situação de que participa, e do tipo médio-reflexiva, quando o participante é afetado (Pacheco, 2001, p.173). São exemplos de ativo-reflexivas:

(246)	(a)	ara'akasa uiwewowi
		a-ra-'akasa u-i-we-wowi
		1SG:Sa-rel-ver 1SG:O-rel-REFL-POSP:COMT
		'eu me vi'
	(b)	ere'akasa ewewowi
		e-re-'akasa e-Ø-we-wowi
		2SG:Sa-rel-ver 2SG:O-rel-REFL-POSP:COMT
		'você se viu'
	(c)	wata'akasa aiwewowi
		wa-ta-'akasa a-i-we-wowi
		1PL.INCL:Sa-rel-ver 1PL.INCL:O-rel-REFL-POSP:COMT
		'nós nos vimos'

Note-se que o morfema reflexivo, nos casos do paradigma com verbo intransitivo ativo, se fixa na posposição, como pode ser comprovado nos exemplos em (246).

Em construções com terceira pessoa reflexiva, o prefixo **tuwe-** se fixa à posição **wowi**, a exemplo do que ocorre nos sentenças anteriores.

- (247) (a) João iha'at tuwewowi espelho pe
 João Ø-i-ha'at tuwe-wowi espelho pe
 João 3SG:A-rel-ver 3REFL-POSP:COMT espelho POSP:LOC
 'João se vê no espelho'
- (b) Rose tum tuwepe presente
 Rose Ø-Ø-tum tuwe-pe presente
 Rose 3SG:Sa-rel-dar 3SG.REFL-POSP:DAT presente
 'Rose deu presente a si'

Em (242) (a), a reflexividade se faz de forma direta onde o agente é quem controla a ação do verbo. Já em (b), a reflexividade se faz de forma indireta, tendo em vista que o agente é também receptor da ação verbal.

Em construções do tipo médio-reflexivas, o agente é afetado pela ação manifestada no verbo. São exemplos desse tipo de construção:

- (248) (a) uito atipik copo
 uito a-ti-pik copo
 1SG 1SG:A-rel-quebrar copo
 'eu quebrei o copo'
- (b) copo tuwepik
 copo tuwe-pik
 copo 3SG.REFL-quebrar
 'o copo se quebrou'

- (249) (a) eti ti'okpun leite

e-ti	Ø-ti-'okpun	leite
2SG-mãe	3SG:A-rel-derramar	leite
'tua mãe derramou leite'		

(b)

leite tuwe'okpun	
leite	tuwe-'okpun
leite	3SG.REFL-derramar
'o leite se derramou'	

Nos exemplos apresentados em (248) e (249) (b), o morfema **tuwe-** marca a reflexividade do verbo. Em (a) e (c) acima, as raízes verbais são **pik** 'quebrar' e **'okpun** 'derramar'. Na forma reflexiva, recebem o morfema de terceira reflexiva, resultando nas formas **tuwepik** 'quebrar-se' e **tuwe'okpun** 'derramar-se', respectivamente.

6.1.3 Orações reflexivas transitivas

São construções transitivas em que o sujeito, é correferente ao possuidor do nome na função de objeto. O nominal possuído pode ocorrer como argumento O ou como oblíquo. São exemplos:

(250) (a)

iti topoi tomēpit		
A V O		
i-ti Ø-to-poi to-mēpit		
3SG-mãe 3SG:A-rel-alimentar 3SG.REFL-filho		
'a mãe alimentou seu (próprio) bebê'		

(b)

ihainia totiat to'iat hune
A V O Obl

ihainia	Ø-to-tiat	to-'iat	hune
homem	3SG:A-rel-deixar	3SG.REFL-casa	ADV
'o homem deixou sua (própria) casa cedo' [pela manhã]			

(c) hariporia ta:t tomēpit

A	V	O
hariporia	Ø-Ø-ta:t	to-mēpit
mulher	3SG:A-rel-pegar	3SG.REFL-filho
'a mulher pegou seu (próprio) filho'		

A presença do objeto mantém a transitividade da oração, e o morfema **to**-³⁸ 3SG.REFL garante a relação reflexiva entre o agente e o possuidor do nominal que está na função de objeto.

Em orações reflexivas oblíquas, o marcador reflexivo é usado quando o possuidor do nome em função de argumento ou oblíquo é correferente ao sujeito da sentença. São exemplos:

(251) (a) André tewak carta ŋa'atpo toinit

A	V	O	Obl	
André	Ø-te-wak	carta	ŋa'atpo	to-init
André	3SG:A-REFL-escrever	carta	ontem	3SG.REFL-irmã
'André escreveu carta para sua (própria) irmã ontem'				

(b) Zé titu André to'eriāti wo

A	V	O	Obl	
Zé	Ø-ti-tu	André	to-'eriāti	wo
Zé	3SG:A-rel-queimar	André	3SG.REFL-lamparina	POSP:INST
'Zé queimou André com sua lamparina'				

³⁸ sobre os prefixos reflexivos, conferir item 4.3.1.2.1

As construções reflexivas ocorrem quando os participantes são correferentes da ação verbal. Em Sateré-Mawé, os morfemas **we-** ~ **e-** e **tuwe-**, este último específico para terceira pessoa, marcam orações que exprimem reflexividade. Essas orações podem ser do tipo intransitivas e transitivas.

Passamos à apresentação das construções recíprocas em Sateré-Mawé.

6.2 Construções recíprocas

Em Sateré-Mawé, as construções recíprocas são morfologicamente marcadas pelo prefixo **to'o-** ~ **wo'o-**, que se anexa a bases verbais transitivas e a posposições, ocupando, na estrutura, a posição entre o verbo/posposição e os marcadores de pessoa.

Semanticamente, as construções recíprocas dizem respeito a contextos em que existem dois participantes que são tanto agente, quanto paciente – ou beneficiários – da ação verbal.

6.2.1 Prefixo recíproco com verbos

A prefixação do afixo **to'o-** ao verbo reduz a valência verbal, adquirindo este as propriedades dos verbos intransitivos ativos.

- (252) (a)

mi'iria	to'ohai
mi'iria	to'o-hai
3PL	REC-falar
'eles discutiram um com o outro'	

O verbo, na forma recíproca, exige sujeito plural, ocorrendo assim com as formas pronominais das pessoas do plural.

- (253) (a) | mi'iria to'opopitik to'ope
 mi'iria to'o-po-pitik to'o-pe
 3PL REC-mão-segurar REC-POSP:LOC
 'eles ficaram somente se segurando [pelas mãos]'

Do mesmo modo que o reflexivo, o morfema recíproco se anexa a verbos transitivos com nominal incorporado, como no exemplo acima. Da mesma forma, o nominal incorporado recebe o morfema recíproco quando na posição de objeto.

- (254) (a) | mi'iria to'opopitik to'opowo
 mi'iria to'o-po-pitik to'o-po-wo
 3PL REC-mão-segurar REC-mão-POSP
 'eles se cumprimentaram' (Lit. eles seguraram as mãos um do outro)

6.2.2 Prefixo recíproco com posposições

O morfema recíproco com posposições ocorre em contextos em que o objeto da posposição é correferente ao sujeito.

- (255) (a) | mi'iria to'ohai to'owiwo
 mi'iria to'o-hai to'o-wiwo
 3PL REC-falar REC-POSP:COMT
 'eles discutiram um com o outro'

(b)		kurum	ko'i	te'ereput	to'oupi	
		kurum	ko'i	te'ere-Ø-put	to'o-upi	
		menino	PL	3PL.REFL-rel-correr	REC-POSP:DIR	
		'os meninos correm atrás um do outro'				

Nos itens anteriores abordamos as construções reflexivas e recíprocas que têm o sujeito afetado pela ação verbal. Nas construções reflexivas, mostramos que os morfemas **tuwe-** 'específico de terceira pessoa reflexiva' e **we-** ~ **e-** são responsáveis pela redução da valência verbal e que são invariáveis. Nos exemplos, mostramos a ocorrência desses elementos em verbos e em orações do tipo ativo-reflexivas, em posposições, tanto em contextos em que a reflexividade se faz direta, quanto em construções do tipo médio-reflexivas em que a reflexividade se faz de forma indireta.

Nas construções recíprocas, observamos o comportamento do morfema **to'o-** ~ **wo'o-**, que marca na morfossintaxe verbal redução de valência. Nos exemplos, apresentamos a ocorrência desses elementos com verbos e com posposições, como fizemos nas reflexivas tratadas anteriormente.

No item que segue, tratamos construções causativas.

6.3 Construções causativas

As construções causativas em Sateré-Mawé se realizam pelo acréscimo de morfemas a radicais intransitivos e transitivos. Esse tipo de processo cria uma nova posição sintática ocupada pelo *causer* (causador), na função de agente, e desloca o sujeito original para outras posições.

De acordo com Comrie (1989) e Givón (1990), o causativo morfológico é marcado por afixos na base verbal. No caso do Sateré-Mawé os morfemas **mo-** e **pot-** são morfemas causativos que se prefixam à base verbal.

S	V
sokpe	Ø-i-jãŋ
roupa	3SG:Sa-rel-secar
'a roupa secou'	

(b) a:t timõkãŋ sokpe

A _{CAUSER}	V	O _{CAUSEE}
a:t	Ø-ti-mõ-kãŋ	sokpe
sol	3SG:A-rel-CAUS-secar	roupa
'o sol fez a roupa secar'		

Os exemplos em (257) mostram que o *Causee*, na função **S** original, assume a função de **O** da oração causativa. Note-se que a posição de **A** não pode ser ocupada pelo *Causee*, porque já está ocupada pelo *Causer*.

O morfema **pot-** é menos comum. Da mesma forma que o morfema **mo-**, ele se fixa à base verbal após os marcadores pronominais e os relacionais. São exemplos:

(258) (a) mi'i topot'auka Manaus pe
mi'i Ø-to-pot-'auka Manaus pe
3SG 3SG:A-rel-CAUS-matar Manaus POSP:LOC
'ele matou em Manaus [cometeu homicídio]

(b) arehemut hune arepotmu'e hamo pote
a-re-hemut hune a-re-pot-mu'e hamo pote
1SG:Sa-rel-acordar ADV 1SG:Sa-rel-CAUS-ensinar PART:FIN PART:CAUS
'acordo cedo porque tenho que ensinar'

(c) ewei'atupotsuk to tapi'iaría
ewe-i-i'atu-pot-suk to tapi'ia-ria
2PL:A-rel-3PL-CAUS-furar EXOR índio-PL

| ‘vacinem todos os índios!’

Sobre o morfema **pot-** e seu comportamento sintático ainda falta um estudo mais aprofundado, que faremos em outra oportunidade de pesquisa. No momento, o que observamos nos dados é que ele ocorre tanto com verbos transitivos, como em (258) (a) e (c), quanto intransitivos, como em (b). Nesse último caso, ainda não detectamos a diferença entre este e o morfema **mo-**.

Sua ocorrência parece indicar que o participante é, ao mesmo tempo, afetado e ‘causador’ da ação verbal.

- (259) (a) | tomēpit topot’am i’apuk kahato
 to-mēpit Ø-to-pot-’am Ø-i-’apuk kahato
 3SG:REFL-filho 3SG:A-rel-CAUS-subir 3SG-rel-estar molhada muito
 ‘e seu filho carregou ela encharcada’ (Lit.: ‘a fez subir muito molhada’)

No exemplo acima, a composição com **pot-**, ao que tudo indica, deriva verbos cujo agente é desencadeador da ação verbal. Os exemplos abaixo indicam mais claramente seu comportamento.

- (260) (a) | a-ti-wuk ‘eu queimo’
 1SG:A-rel-queimar
 a-re-pot-wuk ‘eu faço queimar’ (Lit.: fazer queimada)
 1SG:Sa-rel-CAUS-queimar
- (b) | a-re-’apik ‘eu desço’
 1SG:Sa-rel-descer
 a-ti-pot-’apik ‘eu faço descer’
 1SG:A-rel-CAUS-descer (eu também desço junto)
- (c) | a-re-ētem ‘eu saio’
 1SG:Sa-rel-sair
 a-ti-pot-ētem ‘eu faço sair’
 1SG:A-rel-CAUS-sair

Como dissemos no início, nas construções causativas, há aumento de uma posição sintática argumental do verbo. Os morfemas responsáveis por esse processo sintático são os morfemas **mo-** e **pot-**, sendo o primeiro mais produtivo na língua.

Passamos, no próximo capítulo, à apresentação das construções que exprimem posse em Sateré-Mawé.

CAPÍTULO VII

CONSTRUÇÕES POSSESSIVAS

Introdução

Uma das principais distinções semânticas da posse é o carácter de alienabilidade dos referentes. Estes podem ter uma relação inalienável (íntimo, inerente, inseparável) ou alienável (acidentais, adquiridos ou transferíveis). Em Sateré-Mawé, a relação de posse não é dicotômica e sim gradual. As construções aqui apresentadas mostram que, quanto mais inalienável a relação de posse, menor é a distância formal entre o possuidor e o possuído.

A posse em linguística consiste na relação entre duas entidades: um possuidor e um possuído (mais ou menos animado). Do ponto de vista semântico, o domínio de posse é biocultural (Seiler, 1983, p. 90-91), corresponde às relações de parentesco, às partes do corpo, alguns instrumentos manufaturados e outros. Sintaticamente, a posse implica a relação entre nominais cuja marcação é feita por clíticos e prefixos.

7.1 Locuções que exprimem posse

Entre as locuções que exprimem posse em Sateré-Mawé, estão aquelas constituídas de: i) prefixo possessivo + nome (PPOSS-N); ii) prefixo possessivo + *wat* (PPOSS-POSS), iii) Locução nominal possessiva e, iv) prefixo relacional + nome (POSS-rel N).

No nível morfológico, a posse pode ser inerente (quando faz referência obrigatoriamente ao possuidor) e não inerente. Em Sateré-Mawé, a posse inerente é expressa mediante um conjunto de marcadores de pessoa e número do possuidor (ver item 4.3.1). Do ponto de vista tipológico, a língua é do tipo ‘head-marking’, dado que a posse é marcada sobre o núcleo (head), ou seja, no nome possuído.

i) prefixo possessivo + nome (POSS-N)

(261)	(a)	uiti	‘minha mãe’
		u-i-ti	
		1SG-rel-mãe	
	(b)	eset	‘teu nome’
		e-∅-set	
		2SG-rel-nome	
	(c)	ipo	‘sua mão’
		∅-i-po	
		3SG-rel-mão	

Os nomes pertencem a domínios específicos que levam obrigatoriamente a marca de possuidor. São eles:

a) Partes do corpo (incluindo as partes exteriores e interiores, fluidos e secreções): **-akaŋ** ‘cabeça’; **-hu:** ‘sangue’; **-asap** ‘cabelo’; **-ime’en** ‘tripa, intestino’; **-uku’a** ‘catarro’; **-pe** ‘pele’.

b) Termos de parentesco: **-ti** ‘mãe’; **-iwot** ‘pai’; **-nit** ‘irmã’; **heiwit** ‘irmão’.

c) Enfermidades relacionadas a seres humanos: **-pihi** ‘ferida’, **-ahu** ‘febre’, **uku’a** ‘tosse’

d) Alguns objetos fabricados pelo homem, tais como: **pori’a** ‘flecha’.

Ressalte-se, que em Sateré-Mawé, há isomorfismo entre os prefixos de posse e os marcadores inativos dos verbos intransitivos, conforme quadro abaixo:

Quadro 15: marcadores pronominais inativos e de posse

		Marcação verbal inativa	Marcação de posse inalienável
	1SG	u-	u-
	1PL.INCL	a-	a-
	1PL.EXCL	uru-	uru-
	2SG	e-	e-
	2PL	e-	e-
	3SG	∅-	∅-
	3PL	i’atu-	i’atu-

Esse isomorfismo pode sugerir que a relação entre um verbo estativo e o sujeito é equivalente à relação que existe entre o possuidor e o possuído. Assim, concordamos com Seiler (1983, p. 113), quando diz que, numa relação inalienável de posse, o que está sendo possuído é concebido como uma propriedade ou um atributo do possuidor, como se observa abaixo:

(262)	(a)	uhesaika		'minha força'
		uito uhesaika		'sou forte'
		uito	u-he-saika	
		1SG	1SG:So-rel-ter	força
	(b)	ekahu hap		'tua beleza'
		en ekahu rikat		'és bela'
		en	e-Ø-kahu	rikat
		2SG	2SG:So-rel-ser	bela NMLZ

ii) Prefixo Poss. + wat (PPOSS-POSS)

Como dito, o morfema **-wat** 'radical nominal de posse' apresenta a mesma estrutura dos nomes inalienáveis na forma possuída, recebendo os mesmos marcadores.

(263)	(a)	uruwat ta'in urumēpit ano nove i rikat		
		uru-Ø-wat	ta'in	uru-Ø-mēpit ano nove i rikat
		1PLE.EXCL-rel-POSS	PART:ASP	1PLE.EXCL-rel-filho nove anos NMLZ
		'temos um filho de nove anos'		
	(b)	iwat imēpit sokpe hun		
		Ø-i-wat	i-Ø-mēpit	sokpe hun
		3SG-rel-POSS	3SG-rel-filho	roupa suja
		'o filho dela tinha a roupa suja'		
	(c)	uiwat uiakaŋ hati		
		u-i-wat	u-i-akaŋ	hati
		1SG-rel-POSS	1SG-rel-cabeça	dor

| 'minha cabeça dói'

Pode receber o sufixo do plural **-ria** da mesma forma que os nominais.

(264) (a) | eiwaria in ehesokpe
| e-i-wat-ria in e-he-sokpe
| 2PL-rel-POSS-PL PL 2PL-rel-roupa
| 'roupa de vocês'

iii) Locução nominal possessiva

As locuções nominais possessivas geralmente são construídas pela justaposição dos elementos que podem ser pronominais e nominais.

(265) (a) | uiwit ike'et
| u-i-wit Ø-Ø-ike'et
| 1SG-rel-amigo 3SG-rel-mais velho
| 'o amigo mais velho do meu irmão'

(b) | hariporia eñĩ
| hariporia eñĩ
| mulher rede
| 'a rede da mulher'

Como se pode observar nos exemplos em (266), a locução nominal possessiva pode expandir-se agregando modificadores aos nomes:

(266) (a) | uheike'etwit sese

u-he-ike'et-wit	sese
1SG-rel-mais velho-amigo	PART:ENF
'o melhor amigo do meu irmão'	

iv) prefixo relacional + nome alienável (POSS-[he] N.)

Nomes considerados menos alienáveis requerem, para receber a marca de posse, a presença do prefixo relacional **he-** ~ **e-**, que se aplica entre o nome e os marcadores de posse. A construção POSS-[he-/e-] N codifica relações de posse que são alienáveis.

(267)	(a)	sokpe	'roupa'
		uhesokpe	'minha roupa'
		u-he-sokpe	
		1SG:POSS-rel-roupa	
(b)		iara	'canoa'
		eheiara	'tua canoa'
		e-he-iara	
		2SG:POSS-rel-canoa	
(c)		kise	'faca'
		hekise	'sua faca'
		Ø-he-kise	
		3SG:POSS-rel-faca	

O mesmo recurso é usado para exprimir posse de nomes que são empréstimos do Português.

(268)	(a)	popera	‘caderno’
		uhepopera	‘meu caderno’
		u-he-popera	
		1SG:POSS-rel-caderno	
	(b)	lapi	‘lápiz’
		helapi	‘seu lápiz’
		Ø-he-lapi	
		3SG:POSS-rel-lápiz	

O relacional **he-** ~ **e-** pode ser interpretado como um tipo de marcador de posse alienável, tendo em vista que, semanticamente, implica uma maior distância conceitual entre o possuidor e o que é possuído. Como dissemos anteriormente, o isomorfismo dos marcadores de possuidor com os marcadores de pessoa dos verbos intransitivos inativos (quadro 14 acima), ou seja, participantes médios, parece indicar que, nesses, implica também um maior grau de diferenciação dos papéis dos participantes em relação aos verbos reflexivos e recíprocos.

Nas construções com participante médio, é quem controla e executa a ação verbal, da mesma forma que o possuidor de uma construção com marca de alienabilidade **he-** ~ **e-** pressupõe um agente que realiza a ação de adquirir o elemento possuído para seu benefício (Mithun, 1991, p. 535).

7.2 Construções possessivas predicativas

Outras formas de expressar a relação de posse em Sateré-Mawé é através de predicação, que pode ser nominal e verbal. A distância formal entre o possuidor e o que é possuído parece refletir, em maior ou menor grau, a alienabilidade dos participantes.

Como tipos de posse predicativa, trataremos as construções com predicado nominal e as construções com predicado verbal, respectivamente.

7.2.1 Construções com predicado nominal

Em Sateré-Mawé, a predicação de um atributo do nome se realiza por meio de justaposição de ambos, como visto anteriormente. Nas construções possessivas com predicado nominal, a posse de um item por um determinado possuidor se realiza formalmente pela prefixação de elementos pronominais que exprimem possuidor que, na oração, passa a ser o sujeito:

- (269) (a) | urumēpit ano nove rakat
 | uru-Ø-mēpit ano nove rakat
 | 1PL.EXCL-rel-filho nove anos NMLZ
 | 'temos um filho de nove anos'
 | 'nosso filho é um que tem nove anos'

Semanticamente, a predicação nominal possessiva codifica relações mais alienáveis que as que são expressas pelas locuções nominais possessivas.

- (270) (a) | awarekaŋ
 | aware-kaŋ
 | cachorro-osso
 | 'o osso do cachorro'
- (b) | mesuwat ikaŋ awarewat
 | mesup-wat i-kaŋ aware-wat
 | DEM-NMLZ 3SG-osso cachorro-POSS
 | 'esse osso é do cachorro'

7.2.2 Construções com predicado verbal

Construções com predicado verbal em Sateré-Mawé exprimem posse quando têm sentido existencial. A construção é feita por justaposição dos elementos. São exemplos:

- (271) (a) | mi'iwat wētup aware
mi'i-wat wētup aware
3SG-POSS um cachorro
'ele tem um cachorro'
- (b) | uito uhehãite hap
uito u-he-hãite hap
1SG 1SG:Sa-rel-ter saúde NMLZ
'eu tenho saúde'
- (c) | uimēpitwat tōi ihãite hap
u-i-mēpit-wat Ø-Ø-tōi Ø-i-hãite hap
1SG-rel-filho-POSS 3SG:Sa-rel-ter 3SG:Sa-rel-ter saúde NMLZ
'meu filho tem saúde'
- (d) | atikiesat uimēpit ihãite hap
a-ti-kiesat u-i-mēpit Ø-i-hãite hap
1SG:A-rel-querer 1SG-rel-filho 3SG:So-rel-saúde NMLZ
'quero que meu filho tenha saúde'

Os exemplos em (271) (a), (c) e (d) apresentam, além do morfema **-wat** de posse, a forma verbal **tōi** com significado de 'ter'. Precisamos de maiores investigações sobre esse fato, mas, nos dados de que dispomos, essa forma

verbal provavelmente é um empréstimo usado pelos mais jovens. Nos dados coletados com pessoas mais idosas, essa forma não aparece e, para o sentido de posse, são usados os possessivos apresentados no item 4.4.3.

As construções que exprimem posse em Sateré-Mawé são codificadas a partir de características semânticas dos graus de alienabilidade de acordo com a distância formal entre o possuidor e aquilo que é possuído. Verificamos que, em Sateré-Mawé, há isomorfismo entre os prefixos possessivos e os marcadores pronominais dos verbos intransitivos inativos, o que pode indicar uma certa ligação semântica entre esses verbos e a relação que existe entre o possuidor e o que é concebido como propriedade ou um atributo do possuidor.

Neste item, consideramos, ainda, que o marcador relacional **he** comporta-se como um tipo de classificador de posse alienável, tendo em vista que, semanticamente, implica um maior grau de distanciamento numa relação de posse.

No próximo capítulo, apresentamos uma análise preliminar das combinações de orações em Sateré-Mawé.

CAPÍTULO VIII

COMBINAÇÃO DE ORAÇÕES: UM ESTUDO PRELIMINAR

Introdução

Estratégias de combinação oracionais são tradicionalmente divididas em dois tipos básicos: coordenação e subordinação. Payne (1997, p. 336) considera que as línguas, em geral, possuem estratégias para ligar sentenças de igual status gramatical. Nesses casos, ocorre coordenação. A subordinação, por sua vez, faz referência a sentenças que são gramaticalmente mais dependentes. Neste sentido, a primeira é considerada como um tipo de construção que pode ocorrer isoladamente não tendo relação de dependência. Já a segunda é identificada, entre outros critérios, pela relação de dependência entre os constituintes oracionais.

Segundo o autor, muitas construções multiverbais possuem graus de dependência variados e propõe uma escala, ou um continuum, onde os tipos de construções podem ser organizados de modo que os primeiros são aqueles que apresentam um grau maior de integração gramatical entre os dois verbos, enquanto que os últimos representam uma integração menor.

Neste capítulo, trataremos de modo preliminar construções que apresentam maior grau de integração gramatical, como é o caso dos predicados

complexos e das orações subordinadas, e as que apresentam um menor grau de integração, como é o caso das orações coordenadas em Sateré-Mawé.

Como fizemos anteriormente, além dos teóricos e autores já citados, consideramos mais alguns que foram importantes na elaboração deste capítulo. São eles: Payne (1985) e (1997), Noonan (1985), Thompson & Longacre (1985), Longacre (1985), Keenan (1985), Lehmann (1986), Cristofaro (2005).

8.1 Subordinação

Entre as estratégias de subordinação encontradas nas línguas do mundo, a língua Sateré-Mawé utiliza morfemas nominalizadores e partículas que indicam subordinação sentencial. Para Payne (1997, p. 306), sentenças subordinadas são construções que possuem uma relação de dependência com uma outra sentença como parte de sua significação.

Nos subitens que seguem, trataremos as estratégias de subordinação e construções subordinadas presentes na tipologia que são: orações complemento, orações relativas e as orações adverbiais.

8.1.1 Estratégias de subordinação

Entre as estratégias existentes de subordinação, Thompson & Longacre (1985, p. 172) identificam: i) morfemas subordinadores, ou seja, morfemas com ou sem conteúdo lexical; ii) formas verbais especiais que não são usadas como asserções independentes. Verbos na forma não finita em línguas com concordância sujeito-verbo e iii) pela ordem dos constituintes em línguas que têm uma ordem especial para sentenças subordinadas (Pacheco 2001, p. 194).

Além das estratégias descritas acima, é possível, também, a subordinação feita por parataxe, na qual a oração subordinada e a principal são interpretadas como asserções separadas (Pacheco, op. cit).

A seguir apresentamos as combinações sentenciais presentes na língua Sateré-Mawé.

8.1.2 Orações complemento

As construções complemento prototípicas são aquelas que exercem a função de um argumento (sujeito ou objeto) de uma outra oração (Noonan 1985). As completivas podem ser descritas como completivas finitas e não finitas.

As orações complemento finitas são como orações independentes, pois possuem tempo e aspecto próprios e fazem referência ao sujeito da construção independentemente da oração principal. Verbos de modalidade e cognição são tipicamente considerados como verbos de construções finitas. As orações complemento não finitas são menos independentes (ou mais dependentes) e têm como propriedades o fato de o sujeito ser o mesmo daquele do verbo da oração principal e as marcas de tempo, aspecto e modo são restritas ou não totalmente identificadas (Payne 1997, p. 314-315).

Em Sateré-Mawé, as orações complemento são nominalizadas pelo nominalizador **hap**. São exemplos:

a) construções finitas como objeto complemento:

(272)	(a)	atikuap tutu'u pira hap
		a-ti-kuap [tu-tu-'u pira hap]
		1SG:A-rel-saber 3SG:A-rel-comer peixe NMLZ
		'eu sei que ele comeu peixe'

(b) | atiwaure iku'uro ra'in hap
 a-ti-waure [Ø-i-ku'uro ra'in hap]
 1SG:A-rel-esquecer 3SG:Sa-rel-morrer PART:ASP NMLZ
 'eu esqueci que ela morreu'

(c) | uito atikuap imēpit imuē pe hap
 uito a-ti-kuap [i-mēpit i-muē pe hap]
 1SG 1SG:A-rel-saber 3SG-filho 3SG-barriga POSP:LOC NMLZ
 'eu sei que ela tem bebê na barriga'

(d) | it atikiesat'i hu:thap
 it=a-ti-kiesat-'i [Ø-Ø-hu:t hap]
 NEG=1SG-rel-querer-NEG 3SG-rel-vir NMLZ
 'eu não quero que ele venha'

Nas construções finitas tanto com objeto complemento quanto com sujeito complemento, o morfema nominalizador **hap** cumpre função subordinativa. Observa-se que, em (272) (b), a partícula aspectual **ra'in** tem como escopo apenas a construção completiva.

b) construções finitas com sujeito complemento:

(273) (a) | uimoŋit hepiat ikuap'i hap
 u-i-moŋit [Ø-he-piat Ø-i-kuap-'i hap]
 1SG:A-rel-surpreender 3SG-rel-POSP 3SG:Sa-rel-saber-NEG NMLZ
 'surpreende a mim que ele não saiba'

(b) | waku kahato ewepit ewowi uiwa'akasa hap
 Ø-waku kahato e-Ø-wepit e-Ø-wowi [u-i-wa-'akasa hap]
 3SG-ser bom muito 2SG:Sa-rel-estar feliz 2SG-rel-POSP:COMT 1SG:O-rel-REFL-ver NMLZ

| 'é muito bom eu ver que você está feliz'

Nas construções completivas finitas exemplificadas acima, observa-se que a posição é após a oração principal mesmo no caso de completivas em função de sujeito (273) (a) e (b). Segundo Payne (1997, p. 314), em línguas de ordem do tipo VO, completivas com objeto complemento tendem a preceder o verbo da oração principal. No caso do Sateré-Mawé, tanto com objeto complemento, quanto com sujeito complemento, a construção completiva precede a oração principal.

As construções não finitas também são do tipo completivas com objeto complemento e completivas com sujeito complemento. São exemplos:

a) construções não finitas com objeto complemento:

- (274) (a) | uiwepit uipotpap atunuŋ hap
 | u-i-wepit [u-i-potpap a-tu-nuŋ hap]
 | 1SG:So-rel-ser feliz 1SG-rel-trabalho 1SG:A-rel-fazer NMLZ
 | 'sou feliz [fazendo meu trabalho]'
- (b) | it naku'i hepiat it ikuap'i hap
 | it=naku-'i Ø-he-piat [it=Ø-i-kuap-'i-hap]
 | NEG=ser bom-NEG 3SG-rel-POSP NEG=3SG-rel-saber-NEG-NMLZ
 | 'é ruim [que ele não saiba]'

b) construções não finitas com sujeito complemento:

- (275) (a) | it niatpo'i ŋo eropat hap
 | it=Ø-Ø-niatpo-'i ŋo e-ropat hap
 | NEG=3SG:So-rel-ser difícil-NEG roça 2SG-cuidar NMLZ

| 'não é difícil cuidar da roça'

(b) | tucupi nuŋ hap hereto wētup e'at
| [tucupi Ø-Ø-nuŋ hap] he-re-to wētup e'at
| tucupi 3SG-rel-fazer NMLZ 3SG-rel-ir um dia
| '[fazer tucupi] pode levar um dia'

(c) | mi'iria hewaku te'eremu'e escola pe hap
| mi'iria he-Ø-waku [te'ere-Ø-mu'e escola pe hap]
| 3PL 3PL-rel-ser bom 3PL-rel-estudar escola POSP:LOC NMLZ
| 'eles acham bom estudar na escola'

As orações complemento em Sateré-Mawé têm, como estratégia de subordinação, a nominalização do verbo pelo morfema **hap**. Tais orações podem ser finitas e não finitas e ocorrer como sujeito ou objeto.

A seguir, tratamos as orações relativas em Sateré-Mawé.

8.1.3 Orações relativas

Consideram-se, como relativas, aquelas orações que funcionam como modificador de nominal da oração principal (Keenan, 1985). Segundo Payne (1997, p. 326), existem vários parâmetros tipológicos de agrupamentos das relativas. O autor considera três principais. São eles: i) a posição da oração com respeito ao núcleo nominal; ii) o modo de expressão do NP relativizado e, iii) as relações gramaticais que podem ser relativizadas.

Em relação ao primeiro parâmetro, Payne (op.cit) considera que orações relativas podem ser adjungidas (pré ou pós-nominais) à oração principal ou, ainda, encaixadas. Em relação à expressão, considera também que deve existir uma maneira de identificar o papel do núcleo nominal na oração relativa, o papel que

pode ser diferente do papel do núcleo nominal na oração principal. Por fim, é importante saber quais elementos podem ser relativizados.

Em Sateré-Mawé, não há morfemas subordinadores nas orações relativas. A estratégia de relativização utilizada pela língua é a nominalização das orações que podem ser adjungidas (pós-nominais) à oração principal. Segundo Keenan (1985, p. 145), as relativas pós-nominais são os tipos mais comuns, ou as mais produtivas, em línguas que são predominantemente AVO. São exemplos:

- (276) (a) ara'akasa hariporia sokpe koho hat
 a-ra-'akasa hariporia [sokpe Ø-Ø-koho hat]
 1SG:Sa-rel-ver mulher roupa 3SG:A-rel-lavar NMLZ
 'eu via a mulher [que lavou a roupa]'
- (b) ara'akasa sokpe hariporia mikoho
 a-ra-'akasa sokpe [hariporia Ø-mi-koho]
 1SG:Sa-rel-ver roupa mulher 3SG:O-NMLZ-lavar
 'eu vi a roupa [que a mulher lavou]'
- (c) ara'akasa hariporia ikahu rakat
 a-ra-'akasa hariporia [i-Ø-kahu rakat]
 1SG:Sa-rel-ver mulher 3SG-rel-ser bonita NMLZ
 'eu via a mulher [que é bonita]'

Nos exemplos acima, observa-se que as orações relativas são pós-nominais.

As orações relativas em Sateré-Mawé são do tipo nominalizadas e os morfemas são: **hat** 'agentivo', **hap** 'nominalizador de ação', **mi-** 'paciente/objeto' e **rakat** 'atributivo'.

O morfema **hat** em construções relativas marca agente **A** dos verbos transitivos e **Sa** dos intransitivos ativos.

- (277) (a) | hirokat ta'akasa hariporia sokpe koho hat
 hirokat Ø-ta-'akasa hariporia [sokpe Ø-Ø-koho-hat]
 menino 3SG-rel-ver mulher roupa 3SG-rel-lavar-NMLZ
 'o menino viu a mulher [que lavava a roupa]'
- (b) | it ara'akasa'i hirokat tuweput hat
 it=a-ra-'akasa-'i hirokat [Ø-tu-we-put hat]
 NEG=2SG:Sa-rel-ver-NEG menino 3SG-rel-REFL-correr NMLZ
 'eu não vi [o menino que correu]'

Nas orações relativas nominalizadas pelo morfema **-mi**, este marca objeto direto:

- (278) (a) | sokpe hariporia mikoho ijãŋ ra'in
 sokpe [hariporia Ø-Ø-mi-koho] i-jãŋ ra'in
 roupa mulher 3SG-rel-NMLZ-lavar 3SG-estar seco PART:ASP
 'a roupa [que a mulher lavou] já tinha secado'
- (b) | ara'akasa sokpe hariporia mikoho
 a-ra-'akasa sokpe [hariporia Ø-Ø-mi-koho]
 1SG-rel-ver roupa mulher 3SG:So-rel-NMLZ-lavar
 'eu vi a roupa [que a mulher lavou]'

A relativização das posições oblíquas ocorre mais comumente em relativas sem núcleo. Contudo, também é encontrada em relativas com núcleo. São marcadas pela nominalização do verbo pelo morfema nominalizador **hap**.

- (279) (a) | kise uhepiat saititek hap pik'e

kise	[u-he-piat	saiti-tek	hap]	∅-∅-pik'e
faca	2SG-rel-cortar	corda-cortar	NMLZ	3SG:A-rel-quebrar
'a faca [com que cortei a corda] quebrou'				

O morfema **hap** também ocorre em construções de relativas com verbos intransitivos não ativos.

(280)	(a)	atikiesat uimēpit ihāite hap
		a-ti-kiesat [u-i-mēpit i-∅-hāite-hap]
		1SG-rel-querer 1SG-rel-filho 3SG:Sa-rel-ter saúde-NMLZ
'eu quero [que meu filho tenha saúde]'		

O nominalizador atributivo **rakat** marca a função **So** em orações intransitivas não ativas. Os exemplos são:

(281)	(a)	era'akasa muka waku kahato rakat
		e-ra-'akasa muka [∅-∅-waku kahato rakat]
		2SG:Sa-rel-ver arma 3SG:So-rel-ser boa muito NMLZ
'você viu uma arma [que é muito boa]'		

(b)	atu'u pira hē'e rakat
	a-tu-'u pira [∅-∅-hē'ē rakat]
	1SG:A-rel-comer peixe 3SG:So-rel-ser gostoso NMLZ
'eu comi um peixe [que é gostoso]'	

A relativização da posição do genitivo ocorre em Sateré-Mawé quando o núcleo da locução genitiva é constituinte da oração relativa e seu modificador é o núcleo da oração relativa.

(282)	(a)	aware wari'i uimimēpitsat uhete iporok'at
-------	-----	---

aware	wari'i	[u-i-mi-mēpit-sat	u-he-ete]	Ø-i-porok'at
cachorro	fêmea	1SG-rel-NMLZ-filho-pegar	1SG-rel-POSP:DEST	3SG-rel-atacar
'a cadela cujo filhote eu peguei atacou'				

Resumindo, a estratégia de relativização usada em Sateré-Mawé é a nominalização. Podem ser relativizadas as funções de **A**, **Sa**, **So**, **O**, **Oblíquo** e **genitivo**. Contudo, não estamos certos sobre a relativização do objeto indireto. Nesse caso, os dados ainda não são conclusivos e não nos oferecem uma análise formada.

Passamos à explanação das orações adverbiais em Sateré-Mawé.

8.1.4 Orações adverbiais

Construções adverbiais são aquelas que exercem função adverbial (Payne 1997, p. 316). Elas modificam a locução verbal ou toda a sentença. O tipo de informação codificada em construções adverbiais é o mesmo que a expressa.

a) Orações adverbiais locativas

- (283) (a) en era'apik aiūpe ui'apik hap tote
en e-ra-'apik [aiūpe u-i-'apik-hap tote]
2SG 2SG:Sa-rel-sentar DEM 1SG-rel-sentar-NMLZ POSP:LOC
'você sentou [onde eu estava sentada]'
- (b) uruto uruwat ajūpe eretokuap'i hap kape
uruto uru-Ø-wat ajūpe [e-re-to-kaup-'i-hap kape]
1PL.EXCL 1PL.EXCL:A-rel-ir DEM 2SG-rel-ir-DES-NEG-NMLZ POSP:DIN
'nós vamos [onde você não pode ir]'

- (c) mi'i tikuap aiūpe iara toipun hap tote
 mi'i Ø-ti-kuap aiūpe iara to-i-pun hap tote
 3SG 3SG:A-rel-ouvir ADV canoa 3SG-rel-perder NMLZ POSP:LOC
 'ele ficou ouvindo [onde perdeu a canoa]'

Nos exemplos acima, as orações ocorrem como objeto da posposição locativa.

b) orações adverbiais de assunto/causa

- (284) (a) mi'iria i'atu'eso iket wātim-'i hap ete
 mi'iria i'atu-Ø-eso i-Ø-ket wātim-'i hap ete
 3PL 3PL-rel-mentir 3SG:So-rel-dormir noite-NEG NMLZ POSP:LOC
 'eles mentiram para ela sobre dormir cedo'

- (b) apo'ere aiūpe pii uhut hap
 apo-'e-re aiūpe pii u-Ø-hut hap
 perguntar-1SG:Sa-rel ADV POSP:ORIG 1SG:Sa-rel-vir NMLZ
 'você perguntou de onde eu vim'

- (c) uheso hepe caixa'apipok hap ete
 u-h-eso Ø-he-pe caixa-'apipok hap ete
 1SG:So-rel-mentir 3SG:O-rel-POSP:DAT caixa-abrir NMLZ POSP:LOC
 'eu menti para ela sobre abrir a caixa'

Assim como as adverbiais locativas, as de assunto/causa recebem o morfema nominalizador **hap** e podem ocorrer como objeto de posposições locativas

c) orações adverbiais de finalidade

As orações adverbiais de finalidade, diferentemente das anteriores, não são nominalizadas. Recebem, como marcador, a partícula **hamo**. São exemplos:

- (285) (a) atikaikai Eucy toto hamo
 a-ti-kaikai Eucy Ø-to-to hamo
 1SG:A-rel-chamar Eucy 3SG:Sa-rel-ir PART:FIN
 'eu chamei Eucy para ela ir'
- (b) ati'auka guariba atu'u hamo
 a-ti-'auka guariba a-tu-'u hamo
 2SG:A-rel-matar guariba 1SG:A-rel-comer PART:FIN
 'eu matei guariba para eu comer'
- (c) atipitik hirokat ta'at'i hamo
 a-ti-pitik hirokat Ø-Ø-ta'at-'i hamo
 1SG:A-rel-segurar menino 3SG:Sa-rel-cair-NEG PART:FIN
 'eu segurei o menino para ele não cair'

d) Orações Adverbiais temporais

As orações subordinadas adverbiais temporais em Sateré-Mawé são marcadas pelo morfema **turan**. São exemplos:

- (286) (a) put'ok'are turan aru mi'i toket ra'in
 put'ok'-a-re turan aru mi'i Ø-to-ket ra'in
 chegar-1SG:Sa-rel TEMP PART:PTC 3SG 3SG:Sa-rel-dormir PART:ASP
 'quando eu chegar ela já terá dormido'
- (b) imēpit hit neke iwepit in areto turan

i-∅-mēpit	hit	neke	i-∅-wepit	in	a-re-to	turan
3SG-rel-filho	DIM	PART:ATES	3SG:So-rel-estar feliz	HAB	1SG:Sa-rel-ir	TEMP

'o filho dela fica feliz toda vez que vou para lá'

(c) i'aman turan areine'en netap we

i'aman	turan	a-re-ine'en	netap	we
chuva	TEMP	1SG:Sa-rel-estar	casa	POSP:LOC

'quando chove fico em casa'

As orações temporais podem ser consecutivas. Nesses casos, são marcadas pelo morfema **-rē** 'depois de', podendo ter ou não a presença do morfema **turan**. São exemplos:

(287) (a) ariot meiūpe turan aru arenuk rē ra'in

a-ri-ot	meiūpe	turan	aru	a-re-nuk-rē	ra'in
1SG:Sa-rel-ir	ADV	TEMP	PART:PTC	2SG:Sa-rel-comer-CONS	PART:ASP

'quando eu vier aqui, já terei almoçado'

(b) temi'u kahu rē papai toto hewiri hamo

te-mi'u	∅-∅-kahu-rē	papai	∅-to-to	∅-he-wiri	hamo
3SG-comida	3SG-rel-ser boa-CONS	papai	3SG:Sa-rel-ir	3SG:Sa-rel-andar	PART:FIN

'depois de comer sua boa comida, papai foi andar'

As construções adverbiais da língua Sateré-Mawé ainda serão investigadas com mais acuidade em pesquisas futuras. Para isso, necessitamos de mais dados e do trabalho com textos, o que será feito em pesquisas futuras.

A seguir abordamos as construções coordenadas em Sateré-Mawé.

8.2 Coordenação

A coordenação em Sateré-Mawé se realiza por justaposição dos elementos coordenados e por meio de partículas conjuntivas. Nas subseções a seguir, abordaremos mais detidamente os tipos de coordenação.

8.2.1 Coordenação sentencial

A coordenação sentencial é feita com a utilização da partícula conjuntiva **hawii**. Além dessa partícula, a coordenação sentencial pode ser feita pela justaposição das sentenças. São exemplos:

- (288) (a) | ereto no hawii ereha'at
e-re-to no hawii e-re-ha'at
2SG:Sa-rel-ir IMP CONJ 2SG:Sa-rel-ver
'vá e veja!'
- (b) | hawii mu'ap ipike put'ok'e hawii iara pe teke hawii tuwa'apun
hawii mu'ap ipike put'ok-Ø-Ø-'e hawii
PART:DISC caminho certo ponto chegar-3SG-rel-AUX CONJ

iara pe Ø-Ø-teke hawii tuwa'apun
canoa POSP:LOC 3SG-rel-entrar CONJ 3SG.REFL-empurrar
'então ele chegou num ponto do caminho e entrou na canoa e empurrou [a canoa]'
- (c) | tokosap hawii toitek toi'apiṅ hawii toi'auka moi
to-Ø-kosap hawii to-i-tek to-i-'apiṅ hawii to-i-'auka moi
3SG-rel-passar CONJ 3SG-rel-cortar 3SG-rel-atirar CONJ 3SG-rel-matar cobra
'ele passou e cortou e atirou [com arma de fogo] e matou a cobra'

No exemplos em (286) (a), observa-se a outra função da partícula **hawaii** que é atuar como elemento de ligação no discurso, conectando semanticamente o texto. Nesta função textual, a partícula ocupa a primeira posição sentencial, geralmente acompanhada pelo pronome de terceira pessoa **mi'i**, com sentido de ‘e depois’, ‘então’.

A coordenação com morfema conjuntivo **hawaii** também ocorre quando os sujeitos são distintos

- (289) (a) mi'i ui'ahik hawaii areput
 mi'i u-i-'ahik hawaii a-re-put
 3SG 1SG:O-rel-bater CONJ 1SG:Sa-rel-correr
 'ele me bateu e eu corri'
- (b) mi'i e'ahik hawaii ereput
 mi'i e-Ø-'ahik hawaii e-re-put
 3SG 2SG:O-rel-bater CONJ 2SG:A-rel-correr
 'ele te bateu e você correu'
- (c) hawaii toto po'oŋ hawaii toipuēti hun po'oŋ pakup
 hawaii Ø-to-to po'oŋ hawaii to-i-puēti hun po'oŋ pakup
 CONJ 3SG-rel-ir mais CONJ 3SG-rel-encontrar cocô mais novo
 'e ele foi mais e encontrou cocô mais novo...'

A coordenação por justaposição em Sateré-Mawé é conjuntiva. São exemplos:

- (290) (a) hawaii moi tat ra'in aware moi ti'apo'i ra'in
 hawaii moi Ø-Ø-tat ra'in aware moi Ø-ti-'apo'i ra'in
 DISC cobra 3SG-rel-pegar ASP cachorro cobra 3SG-rel-amarrar ASP

| *'então a cobra pegou e prendeu o cachorro'*

(b) | ere'apik o mejēpe ereine'em
 e-re-'apik o mejēpe e-re-ine'em
 2SG:Sa-rel-sentar IMP ADV 2SG:Sa-rel-calar
 'senta aí e fica quieto!'

(c) | areha'at a:tipi kape ia'aman hamuat
 a-re-ha'at a:tipi kape ia'aman hamuat
 1SG:A-rel-ver céu POSP:DIN chuva PART:FUT
 'olho o céu e vejo que vai chover'

8.2.2 Coordenação com partículas adversativas

As partículas **ma'ato** e **pikai** indicam coordenação adversativa em sentenças que assinalam a existência de contrastes entre os elementos ou entre suas implicações.

A primeira aparece nos dados com mais frequência. Os exemplos são:

(291) (a) | tohupit pera pe ma'ato ta'at tuereto ne'i
 to-Ø-hupit pera pe ma'ato Ø-Ø-ta'at tuereto ne'i
 3SG-rel-colocar saco de folha PART:LOC ADVER 3SG-rel-cair AUX CONST
 'ele colocou [a cabeça do irmão] no saco mas ela ficava caindo'

(b) | ipirik hap toikiesat tomēpit in wiwo ma'ato i'atuperup
 Ø-Ø-ipirik-hap to-i-kiesat to-mēpit in
 3SG-rel-colher-NMLZ 3SG-rel-querer 3SG.REFL-filho PL

wiwo ma'ato i'atu-Ø-perup
 POSP:COMT ADVER 3PL-rel-ter preguiça
 'ela queria colher com toda a família mas eles ficavam com preguiça'

(c) to'iro wateput 'e iti wawori pe ma'ato wawori it teput kuap'i
 to'iro wa-te-put Ø-Ø-'e iti wawori pe
 1PL.HORT 1PL.INCL-rel-correr 3SG-rel-dizer veado jabuti POSP:DAT
 ma'ato wawori it=Ø-te-put-kuap-'i
 ADVER jabuti NEG=3SG-rel-correr-DES-NEG
 '-- vamos correr – disse veado para o jabuti, mas [jabuti] não podia correr'

(d) put'ok'are'e ma'ato it ara'akasa'i ewowi
 put'ok'-a-re-'e ma'ato it=a-ra-'akasa-'i e-Ø-wowi
 chegar-1SG:Sa-rel-AUX ADVER NEG=1SG:Sa-rel-ver-NEG 2SG-rel-POSP:COMT
 'cheguei mas nem te vi'

Os construções coordenativas com a partícula **pikai** têm sentido adversativo, com ideia de contraste contraexpectativa. Os exemplos são:

(292) (a) mi'i iporo pikai hariporia in wiwo
 mi'i i-Ø-poro pikai hariporia in wiwo
 3SG 3SG:So-rel-ser velho ADVER mulher PL POSP:COMT
 'ele é velho mas namora muito'
 (Lit.: ele é velho mas com muitas mulheres)

(b) mi'i it hesaika hin'i pikai ipotpap
 mi'i it=Ø-he-saika hin'i pikai Ø-i-potpap
 3SG NEG=3SG:So-rel-ser forte NEG ADVER 3SG:Sa-rel-trabalhar
 'ela não é forte, mas trabalha'

8.2.3 Coordenação de constituintes

Os constituintes em Sateré-Mawé são coordenados por justaposição dos elementos (a), ou pelo morfema conjuntivo **hawii** (b) e (c) abaixo:

- (293) (a) | mi'i toto pu'i pira sio waipaka ki'at hamo
 mi'i Ø-to-to pu'i pira sio waipaka Ø-Ø-ki'at hamo
 3SG 3SG:A-rel-ir carne peixe PART:DUB frango 3SG:A-rel-comprar PART:FIN
 'ele foi para comprar carne, peixe e frango'
- (b) | ta'atu'auka awiki ti:pi hawii wawori meimuewat i'atumiat
 ta'atu-Ø-'auka awiki ti:pi hawii wawori
 3PL-rel-matar macaco dois CONJ jabuti

 meimuewat i'atu-Ø-miat
 DEM 3PL-rel-caçar
 'mataram dois macacos e jabuti essas foram caça deles'
- (c) | mi'i to'iat te i:i hawii wewato wato e casamento pe
 mi'i to-'iat te i:i hawii wewato wato e-casamento pe
 3SG 3SG.REFL-casa RET terra CONJ boi/vaca REFL-casamento POSP:DAT
 'ele conseguiu a casa, o terreno e algumas cabeças de gado com o casamento'

A coordenação em Sateré-Mawé pode ser de constituintes e sentencial, como visto acima. As estratégias usadas são a justaposição dos elementos ou partículas que cumprem função coordenativa. A partícula **hawii** coordena tanto sentenças quanto constituintes. A partícula **ma'ato** cumpre função coordenativa quando a sentença apresenta contraste entre os elementos, ou seja, é

adversativa. A partícula **pikai**, além da função coordenativa, também pode ter sentido de contraexpectativa, ou seja, um frustrativo.

8.3 Considerações finais

Descrevemos a sentença em Sateré-Mawé nos últimos quatro capítulos deste trabalho. No capítulo V, apresentamos a estrutura da sentença nas orações independentes com predicado verbal que são: as orações transitivas e intransitivas. Na primeira, apresentamos sua estrutura e tratamos também a ordem dos argumentos em construções simples, com advérbios e quando um dos argumentos está em foco marcado pela partícula de foco **ti** ~ **tiŋ**. Nas orações intransitivas, apresentamos a estrutura da intransitivas ativas e das não ativas. Nesse capítulo também apresentamos as construções interrogativas, as imperativas e a negação em Sateré-Mawé.

O capítulo VI apresenta as estratégias de redução – orações reflexivas e recíprocas – e aumento de valência – orações causativas – do verbo. As orações reflexivas são marcadas pelo morfema **we** ~ **e**, e as recíprocas pelo morfema **to'o** ~ **mo'o**. As orações causativas apresentam dois morfemas; o morfema **mo-** se apresenta mais produtivo que o morfema **pot-**. Em relação ao último, nosso estudo não é conclusivo e necessita de mais investigações.

O capítulo VII apresenta um estudo sobre as construções possessivas em Sateré-Mawé a partir dos tipos de construções morfológicas relacionadas. As construções possessivas predicativas nominal e verbal também foram descritas.

O capítulo VIII trata, de maneira preliminar, as combinações oracionais em Sateré-Mawé. Apresentamos, as orações complemento, as orações relativas e as orações adverbiais, cuja integração gramatical entre as orações é maior. Já com menor grau de integração, descrevemos as orações coordenadas marcadas pela partícula **hawii** e pelas partículas adversativas **ma'ato** e **pikai**.

Como pontuamos ao longo dos capítulos mencionados, esse estudo não é definitivo e deve ser aprofundado em pesquisas futuras sobre a língua. Nossa perspectiva de futuros estudos sobre a língua é grande e cada vez mais percebemos novos fatos que merecem ser tratados com o devido olhar científico.

No que segue, concluímos, com algumas considerações, essa pesquisa sobre a língua Sateré-Mawé.

9. CONCLUSÃO

O estudo da morfossintaxe da língua Sateré-Mawé apresentado neste trabalho teve como orientação teórica a abordagem tipológico-funcional. Nesta investigação, incluímos, além da morfossintaxe, questões relativas a aspectos socioculturais e sociolinguísticos e, também, aspectos da fonologia. Assim, dividimos a tese em duas partes: a primeira aborda os aspectos históricos, culturais e sociolinguísticos e a segunda aborda os aspectos da fonologia e da morfossintaxe contemplados em oito capítulos.

A primeira parte é composta de dois capítulos onde são tratadas a etnografia e as questões sociolinguísticas. No capítulo I, referente à etnografia, traçamos o contexto etnográfico da região amazônica com informações sobre a história de contato desse povo com a sociedade não indígena, bem como apresentamos aspectos do espaço físico e geográfico da Terra Indígena Andirá-Marau. Apresentamos ainda a organização social dos Sateré-Mawé e toda sua relação com a língua.

No capítulo II fazemos um esboço sociolinguístico contextualizando, inicialmente, a filiação genética da língua como Tupi e as influências que ela recebeu do Nheengatu. Em termos especificamente sociolinguísticos, tratamos a facilidade e atitudes linguísticas, o bilinguismo e os usos da língua Sateré-Mawé e do Português e o quanto existe de leitura e escrita nas comunidades Sateré-Mawé do rio Andirá. Essa parte inicial da tese visa subsidiar pesquisas futuras que abordem mais detidamente a história desse e de outros povos da Amazônia, muitos deles considerados sobreviventes do histórico de extermínio empregado desde sempre na região.

Na segunda parte, tratamos a fonologia e a morfossintaxe da língua Sateré-Mawé. O capítulo III traz a fonologia apresentando os inventários consonantal e vocálico, a estrutura silábica, os processos morfofonológicos, os segmentos [w] e [j], considerados ambíguos, quando em posição de ataque e coda na estrutura silábica. Ainda nesta parte, apresentamos o caso das pré-nasalizadas [mb], [nd] e [ŋg], também consideradas como sequência de segmentos que apresentam ambiguidade quanto à interpretação. Por fim, apresentamos o acento considerado como demarcativo. Ressalte-se que a análise da fonologia, como algumas inclusões e alterações, teve como base a proposta de Silva (2005).

Em termos tipológicos, observamos que a língua Sateré-Mawé é uma língua de sistema ativo-não ativo. Em línguas desse sistema, há duas subclasses de verbos intransitivos: os ativos e os não ativos. Dessa forma, resulta a classe dos verbos ativos (transitivos e intransitivos) e não ativos (intransitivos). É também característica de línguas com sistema ativo-não ativo a ausência de uma classe definida de adjetivos. Tais conceitos são expressos por verbos intransitivos não ativos. Quanto à marcação de pessoa no verbo, existem dois grupos de marcadores: o grupo I marca a série ativa, e o grupo II marca a série inativa.

Para a morfossintaxe, objeto central da pesquisa, dedicamos os quatro capítulos restantes. O capítulo IV trata, com base em critérios morfológicos e sintáticos, as classes de palavras da língua Sateré-Mawé. Identificamos a classe do verbo, do nome, do advérbio (classes abertas), dos pronomes, posposições, partículas e auxiliares (classes fechadas). O verbo se subdivide em transitivos e intransitivos. Estes últimos ainda apresentam a subdivisão de intransitivos ativos – com marcadores de pessoa do grupo I, série ativa – e não ativos – com marcadores do grupo II, série inativa. As categorias de tempo e aspecto e outros morfemas presentes na morfologia verbal também são apresentados. Na classe dos nomes, apresentamos a categoria de posse, os marcadores de pessoa e relacionais, as categorias de número e gênero, os tipos de locução, além da negação e da coordenação na locução nominal. Ainda na classe dos nomes, tratamos os nominalizadores **hat** ‘agentivo’, **hap** ‘de ação’, **wat** ‘de circunstância’,

mi- ‘de paciente/objeto e **takat** ‘atributivo’. Na classe dos advérbios, apresentamos os advérbios locativos, temporais, interrogativos e numerais, estes últimos considerados como advérbio, por causa da similaridade de característica com essa classe de palavra.

Ainda no capítulo IV, tratamos as classes fechadas de elementos que são: os pronomes, as posições, as partículas e os auxiliares. Os pronomes foram divididos em pronomes independentes, clíticos, possessivos e demonstrativos. Entre os pronomes independentes, identificamos a forma hortativa **to’iro**, que não aparece em análises anteriores sobre a língua. Sobre as posições nossa análise ainda não é conclusiva. Apesar do cuidado no tratamento desta classe, muitas significações não ficaram totalmente esclarecidas por conta da relação que ela apresenta com outras classes de palavras da língua. O mesmo pode ser dito com relação às partículas e aos auxiliares. Pretendemos observar melhor estas classes de palavras em unidades maiores de análise, para explicitar melhor suas significações e comportamento sintático-semântico.

O capítulo V trata da estrutura da sentença. Apresentamos assim a estrutura das orações independentes – transitivas e intransitivas – bem como a ordem das orações transitivas. Observamos também, neste capítulo as construções interrogativas com a partícula **apo** e com palavras interrogativas. Tanto nas orações transitivas, quanto nas orações interrogativas, tratamos o fenômeno gramatical do foco, marcado em Sateré-Mawé pela partícula **ti**. As construções imperativas e a negação são apresentadas, porém, necessitam de maiores investigações, tendo em vista que, já na fase final da pesquisa, novos elementos apareceram, mas que, contudo, não puderam ser acrescentados nesta tese, seja porque ainda não foram tratados em estudos anteriores, seja porque os resultados de nossa análise ainda não são conclusivos.

O capítulo VI traz as construções reflexivas, recíprocas e causativas em Sateré-Mawé. É necessário aqui pontuar que determinadas ocorrências não estão totalmente esclarecidas, como, por exemplo, a ocorrência do morfema causativo **pot-**. Precisamos de mais tempo e de maiores investigações sobre esses tipos de

construções para descrevê-las mais adequadamente. Da mesma forma que as construções imperativas e negativas, novos elementos surgiram, mas que, infelizmente, não foram comprovados a tempo de compor esta pesquisa.

O capítulo VII trata a posse em Sateré-Mawé. Neste capítulo tratamos, entre outros, os tipos de posse predicativa, bem como as locuções que exprimem posse na língua.

O capítulo VIII trata, de maneira preliminar, as combinações oracionais multiverbais em Sateré-Mawé. Na subordinação, consideramos os tipos de orações presentes na tipologia que são: orações complemento – finitas e não finitas - , orações relativas e orações adverbiais. Nesta última, ainda há o que ser investigado. Nas relativas, as funções relativizadas são as de **A**, **Sa**, **So**, **O**, **oblíquo** e **genitivo**. Contudo, não estamos certos sobre a relativização do objeto indireto. Precisamos de mais investigações neste caso. A coordenação em Sateré-Mawé pode ser de constituintes e de sentenças, pode ocorrer pela presença de partículas conjuntivas (**hawii**, **ma'ato** e **pikai**) ou por justaposição dos elementos.

Como pontuamos no decorrer dessa conclusão e dos capítulos deste trabalho, nossa análise ainda precisa de mais estudos sobre determinados fatos da língua. Muitas ocorrências ficaram para serem investigadas a posteriori, por conta da problemática do acesso e da relação difícil e muitas vezes impraticável com outros pesquisadores que estudam o Sateré-Mawé. De maneira geral, procuramos oferecer uma visão bastante ampla da morfossintaxe Sateré-Mawé, pontuando sempre que todos os aspectos discutidos precisam ser retomados adiante, por nós e por outros pesquisadores que se sintam motivados ao estudo dessa língua e do povo absolutamente fascinante, possuidores de uma história de sobrevivência e determinação refletidos na história e na língua.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, F & BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

ALVAREZ, G. O. **O ritual da Tocandira entre os Sateré-Mawé: Aspectos simbólicos do Waumat**. (*Série Antropologia 369*). Brasília, Universidade de Brasília. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie369empdf.pdf>>. Acesso em 03/03/2007

ALVAREZ, G. O. **Sateré-Mawé: Do movimento social à política local**. (*Série Antropologia 366*). Brasília, Universidade de Brasília. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie366empdf.pdf>>. Acesso em 03/03/2007.

ANDREWS, A. The Major Functions of the Noun Phrase. In SHOPEN, T. **Language typology and syntactic description**. Vol I, Cap. 2. Cambridge University Press, 1985.p.62-154

ANDERSON, S. R. Inflectional morphology. In: SHOPEN, T. (ed). **Language typology and syntactic description**. Vol. III. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p.150-201.

BATISTA, A. O. *et.all.* **Sateré-Mawé mikoi mohag wuat waku rakaria set ko'i**. OLIVEIRA, C. F. P. (org). Manaus: Governo do Amazonas – SEDUC/IER/AM. 79p., il. 1998.

BATISTA, A. O. *et.all.* **Sateré-Mawé, as plantas que curam**. OLIVEIRA, C. F. P. (org). Manaus: Governo do Amazonas – SEDUC/IER/AM. 81p., il. 1998.

BATISTA, A. O. *et.all.* **Seres vivos; Nossos peixes, pequenos animais**. OLIVEIRA, C. F. P. (org). Manaus: Governo do Amazonas – SEDUC/IER/AM. V. II. 79p., il. 1998.

BETENDORF, J. Chronicas da missão dos padres da Companhia de Jesus, **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, 72: 697p., Rio de Janeiro, 1910

BHAT, D.N.S. **Grammatical relations. The evidence against their necessity and universality**. London: Routledge. 1991

BORGES, M. V. **Aspectos fonológicos e morfossintáticos da língua Ava-Canoeiro (Tupi-Guarani)**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006

BRANDON, F. R. & A. & S. G. **Dicionário bilíngue Sateré-português, português-Sateré**. Versão preliminar 2. Unpublished [A previous version dated 1982 was recently included by the Summer Institute of Linguistic, Brazil branch, in its xeroxed (series Arquivos Linguísticos) under no. 224. Brasília: SIL, 1983.].

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI)**. Brasília: SEF/MEC, 1998.

BRASIL. **Referenciais para a Formação de Professores Indígenas**. Brasília: MEC/SEF/DPEF. Coordenação Geral de Apoio às Escolas Indígenas, 2002.

BURQUEST, D. A. **Phonological Analysis, A functional approach**. TX: Summer Institute of Linguistics, Dallas, 1998.

CÂNDIDO, G.V. **Descrição morfossintática da língua Shanenawá(Pano)**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CAVALCANTI, M. e MAHER, T. M. **O índio, a leitura e a escrita o que está em jogo?**. Linguagem e letramento em foco. (Fascículo do curso de formação de escritores Indígenas). CIEFIEL, UNICAMP. Campinas, 2005

COLE, P. & SADOCK, J. M. Grammatical relations. **Syntax and Semantics 8**. New York, London: Academic Press, 1997

COMRIE, B. **Language universals & Linguistic typology**. Chicago: Chicago University Press, 1989.

COMRIE, B & SMITH, N. Lingua descriptive series: questionnaire. **Lingua 42**, 1977, p. 42-72.

COUDREAU, H. **Viagem ao Tapajós**. São Paulo/Belo Horizonte: Ed. da USP/Itatiaia, 1977p. 147-50.

CRISTOFARO, S. **Subordination**. New York: Oxford University Press, 2005.

CROFT, W. **Syntactic Categories and Grammatical Relations**. Chicago University Press, 1991.

_____. Radical construction grammar. **Syntactic theory in typological perspective**. New York: Oxford University Press, 2001

D'ANGELIS, W.R. **Línguas indígenas precisam de escritores?** Linguagem e letramento em foco. (Fascículo do curso de formação de escritores Indígenas), CEIFIEL, UNICAMP, Campinas, 2005.

_____. A Língua Kaingang, a formação de professores e o ensino escolar. In. ALBANO, E. (orgs). *et all.* **Saudades da Língua: a linguística e os 25 anos do IEL.** Campinas/SP: Mercado das letras, Campinas, 2003. p. 373-391

DIETRICH, W. **More evidence for an Internal Classification of Tupi-Guarani Language.** (=Indiana, Supplement 12) Berlin: Gebr. Mann, 1990

DIXON, R. M. W. Noun Classes and Noun Classification in typological perspective. In: CRAIG, C. D. (ed). **Noun Classes and Categorization.** Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1986 p. 105-112

DIXON, R. M. W.. **Ergativity.** (Cambridge Studies in Linguistics 69): Cambridge University, 1994.

DIXON, R. M. W. Ergativity. **Language 55.** 1979, p. 37-138.

_____. **Adjective classes.** Australia: Research Centre for Linguistic Typology/La Trobe University. 2002. Disponível em: <<http://www.latrobe.edu.au/rclt/workshops/2002>>. Acesso em 03/04/2003.

DRYER, M. Primary object, secondary object, and antipassive. **Language 62(4):** 1986. p. 808-845.

DRUDE, S. On the position of the Awetí language in the Tupi family. In. DIETRICH, W; SYMEONIDIS, H (eds). **Guaraní y "Mawetí-Tupí-Guaraní.** Lit Verlag, Berlin. 2006.

DZIWIWIREK, K. *et all.* **Grammatical relations. A cross-theoretical perspective.** Stanford University: Stanford University, 1990.

FARGETTI, C.M. **Estudo fonológico e morfossintático da língua Juruna.** Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001

FERREIRA, M.N. O. **Estudo morfossintático da língua Parkatêjê.** Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

FERREIRA, R.V. **Língua Matis (Pano): uma descrição gramatical .** Tese (Doutorado em linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005

FOLEY, W. & VAN VALIN Jr. R. D. **Functional syntax and universal grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

FRANCESCHINI, D. (Coord.). **Satere Mawe pusu aḡkukag̃**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.

FRANCESCHINI, D. **La Langue Sateré-Mawé Description et analyse morphosyntaxique**. Tese (Doutorado em Linguística). Université Paris VII (Denis Diderot). Paris, 1999.

GIVÓN, T. **Syntax**. A Functional Typology Introduction, Vol. I e II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

_____. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

_____. **Voice and inversion**. Amsterdam: John Benjamins, 1994.

_____. **Grammatical relations**. A functionalist perspective. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1997.

GRAHAM, A. and S. & HARRISON, C. **Prefixos pessoais e numerais da língua Sateré-Mawé**. (Série Linguística 11). Brasília: SIL, 1984, p.175-206.

GRAHAM, A. & S. **Assinalamento fonológico das unidades gramaticais em Sateré**. Tradução Mabel Meader. (Arquivos de Anatomia e Antropologia, Vol. III – ano III). Rio de Janeiro, 1978. p. 219-231.

GRAHAM, S. **Sateré-Mawé Pedagogical Grammar**. Summer Institute of Linguistics, 1995.

GREENBERG, J. H. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In **Universals of language**. Cambridge: MIT Press, 1966.p. 73-113.

GROSJEAN, F. **Life with two languages: an introduction to bilingualism**. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

HAWKINS, J. A. **Word order universals**. Quantitative Analyses of Linguistic Structure. New York: Academic Press, 1983.

KENNAN, E. Towards a universal definition of “subject”. In LI, C. N. (ed.) **Subject and Topic**. New York: Academic Press, 1976. p. 303-333.

KEENAN, E. L. Relative clauses. In: SHOPEN, T. **Language typology and syntactic description**. Vol II. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 141-168.

KENSTOWICZ, M. **Phonology in Generative Grammar**. London. Blackwell, Oxford, 1994.

KIBRIK, A. E. **The Methodology of Field Investigations in Linguistic** (Setting up the Problem). Mouton. The Hague, Paris, 1977.

_____. As línguas semanticamente ergativas na perspectiva da tipologia sintática geral. Tradução Lucy Seki; **Cadernos de Estudos Linguísticos, nº 18**, 1990.

KINDELL, G. E. **Guia de análise fonológica**. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

KLIMOV, G. A. On the character of language of active typology. **Linguistics**. **131**, 1974. p.11-25.

_____. The methodology of field investigation. **Linguistics**. Paris: Mouton, 1977.

KOCH-GRUNBERG, T. Wörtelisten Tupy, Maué und Puruborá. **Journal de la Société des Américanistes**, **24**. Paris, 1924. p. 31-50.

KAUFMAN & BERLIN. **South American Indian Language Documentation Project Questionary**. University of Pittsburgh & University of Califórnia at Berkeley. Ms. 1987.

LONGACRE R.E. Sentences as combinations of clauses. In: SHOPEN, T. **Language typology and syntactic description**. Vol II. Cambridge: Cambridge University Press. 1985. p. 235-284

LEHMANN, C. On a typology of relatives clauses. **Linguistics** **24**, 1986. p. 663-680.

LEIPZIG UNIVERSITY. **The Leipzig Glossing Rules: conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses**. Disponível em: <http://www.eva.mpg.de/lingua/tools-at-lingboard/glossing_rules.php>. Acesso em 02/06/2009.

LEITE, A. G. de O. **Educação Indígena Ticuna: Livro didático e identidade étnica**. Dissertação (Mestre).UFMT.Cuiabá, 1994.

LORENZ, S. **Sateré-Mawé, os filhos do guaraná**, São Paulo: Ed. Centro de Trabalho Indigenista (CTI), (Coll. Projetos), São Paulo, 1992.

MANO, M. **Etno-história e Adaptação Mawé: Uma contribuição para a etnografia Tupi da área Madeira-Tapajós**. Dissertação (Mestre) – Universidade São Paulo, São Paulo, 1996.

MEIRA, S. **Statives verbs vs. nouns in Sateré-Mawé and Tupian family**, 2007. p. 189-214.

MELIÀ, B. **Educação Indígena e Alfabetização**. São Paulo: Edições Loyola, São Paulo, 1979.

MESSINEO, C. **Lengua Toba (guaycurú). Aspectos gramaticales y discursivos**. Muenchen: Lincom Studies in Native American Linguistics 48, 2003.

MIQUILES, A. B. *et.all.* **Histórias, mitos e lendas Sateré-Mawé**. OLIVEIRA, C. F. P. (org). Manaus: Governo do Amazonas – SEDUC/IER/AM. 46 p., il. 1998.

MITHUM, M. Active/agentive case marking and its motivation. **Language** 67, 1991. p. 510-546.

MONTE, N. L. **Práticas e direitos: as línguas indígenas no Brasil**. São Paulo: 2000.

MUSEU NACIONAL - **O Setor Lingüístico do Museu Nacional (Organização e Objetivos)**. Publicações Avulsas. Rio de Janeiro, RJ, 1965.

QUEIXALÓS, F & RENAULT-LESCURE, O. (orgs). **As línguas amazônicas hoje**. São Paulo: Instituto Socioambiental (ISA)/IRD/MPEG, p. 183-192.

NIMUENDAJÚ, C. Zur Sprache der Maué-Indianer. **Journal de La Société des Américanistes** 22. 1929. p. 131-140.

NIMUENDAJÚ, C. The Mawé and Arapiun, **Handbook of South American Indians**, Vol. III: Cooper Square publishers, N.Y. 1948. p. 245-254.

NOONAN, M. Complementation. In: SHOPEN, T. **Language typology and syntactic description**. Vol II. Cambridge: Cambridge University Press. 1985. p. 42-138.

OLIVEIRA, E. *et.all.* **Sateré-Mawé mowe'eg hap**. FRANCESCHINI, D.(org). Manaus: Governo do Amazonas – SEDUC/IER/AM., il. 1998. 105p.

ONG, W. J. **Oralidad y Escritura. Tecnologías de la palabra.** Londres: Methuen & Co. Ltd.. Tradução Angélica Scherp: Fondo de Cultura Económica, México, 1982.

PACHECO, F.B. **Morfossintaxe do verbo Ikpeng (Karib).** Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001

PALMER, F. R. **Grammatical roles and relations.** Cambridge: Cambridge University Press. 1994.

PAYNE, T. E. Complex phrases and complex sentences. In: SHOPEN, T. **Language typology and syntactic description.** Vol II. Cambridge: Cambridge University Press. 1985. p. 03-40.

_____. **Describing morphosyntax.** A guide for field linguistics. Cambridge: Cambridge University Press. 1997.

PEREIRA, N. **Moronguetá. Um Decameron Indígena.** Vol. I e II: Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1967.

_____. **Os Índios Maués.** 2ª ed. Manaus: Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2003.

PIKE, K. **Phonetics.** Michigan, University of Michigan Press. 1943.

_____. **Phonemics: a Technique for Reducing Language to Writing.** Ann Arbor, University of Michigan Press. 1947.

SILVA, R.G.P. **Estudo fonológico da língua Sateré-Mawé.** Dissertação (Mestre) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.

RODRIGUES, Aryon D. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil". São Paulo: **Ciência e Cultura** vol.57 número 2. São Paulo, 2005.

RODRIGUES, A. D. & DIETRICH, W. On the linguistic relationship between mawé and tupi-guarani, **Diachronica**, XIV: 2., John Benjamins Publishing Company, Amsterdam. 1997. p. 265-304

RODRIGUES, A. D. Die Klassifikation des Tupi-Sprachstammes. **Proceedings of the Thirty-second International Congress of Americanists**, Copenhagen 8-14 August 1956,. Copenhagen: Munsgaard. (tradução: Classificação do tronco linguístico tupi. 12:99-104.1964). 1958a. p. 679-684.

_____. Classification of Tupi-Guarani. **International Journal of American Linguistic**, Vol 24, Indiana University, Los Angeles, California. 1958b. p. 231-234

_____. Relações internas na família linguística Tupi-Guarani, São Paulo. **Revista Antropológica** vol. 27/28, Universidade São Paulo, São Paulo. 1984/85. p. 33-53

RODRIGUES, A. D. **Línguas Brasileiras**. Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola. 1986.

ROMANO, J. R. **Índios proletários em Manaus: o caso dos Sateré-Mawé citadinos**. Dissertação (Mestre) – Universidade de Brasília, Brasília. 1982.

SAMARIN, W. J. **FIELD LINGUISTICS** A Guide to Linguistic Field Work, Hold, Rinechart and Winston. New York, 1967

SANTOS, D. *et.all.* **Seres vivos; Nossas aves, animais da floresta**. OLIVEIRA, C. F. P. (org). Manaus: Governo do Amazonas – SEDUC/IER/AM. v. I., il. 1998. 89p.

SATERÉ, A. M. *et.all.* **wemahara hap ko'i**. OLIVEIRA, C. F. P. (org). Manaus: Governo do Amazonas – SEDUC/IER/AM., il. 1998. 20p.

SEDUC. **Projeto Pira-Yawara de formação de professores indígenas do Estado do Amazonas**. Manaus.

SOUZA, B. F. *et.all.* **Os Sateré-Mawé e a arte de construir**. OLIVEIRA, C. F. P. (org). Manaus: Governo do Amazonas – SEDUC/IER/AM., il. 1998. 36p.

SOUZA, C. S. *et.all.* **Seres vivos; Nossas árvores, o guaraná**. OLIVEIRA, C. F. P. (org). Manaus: Governo do Amazonas – SEDUC/IER/AM. v. I., il. 1998. 67p.

SCHACHTER, P. Parts-of-speech systems. In: SHOPEN, T. (ed). **Language typology and syntactic description** Grammatical categories and the lexicon. Vol I Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 03-61.

SEILER, D. Possesivity, Subject and Object. *Studies* In: **Language** 7.1: 1983. p.89-117.

SEKI, L. Para uma Tipologia Ativa do Kamaiurá. **Cadernos linguísticos** 12. UNICAMP, 1987. p. 15-24.

_____. Kamaiura (Tupi-Guarani) as na active-stative language. In: PAYNE, D. **Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages**. Austin: University of Texas Press 1990. p. 367-92.

_____. **Gramática do Kamaiurá.** Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

SHOPEN, T. **Language typology and syntactic description.** Vol. I, II, III. Cambridge: Cambridge University Press. 1985.

SPENCER, A. **Morphological theory.** Cambridge, Mass.: Basil Blackwell. 1991.

SUZUKI, M. S. **Ou isto ou Aquilo? um estudo sobre o sistema dêitico da língua Sateré-Mawé.** Dissertação (Mestre) – Universidade Federal de Rondônia. Rondônia, 1997.

TEIXEIRA, P. **Sateré-Mawé: Retrato de um povo indígena.** Diagnóstico sócio-participativo: UFAM, Manaus, 2005.

THOMPSON, S. A. & LONGACRE R.E. Adverbial clauses. In: SHOPEN, T. **Language typology and syntactic description.** Vol II. Cambridge: Cambridge University Press. 1985. p. 171-233.

TORQUATO, E. e GUIMARÃES, O. B. **Tupana ewowi urutuwepy.** OLIVEIRA, C. F. P. (org). Manaus: Governo do Amazonas - SEDUC/IER/AM. 1998. 21p.

UGGÉ, H. **Mitologia Satere-Maue.** Ecuador: Ed. Abya-Yala, 1991.

UGGÉ, H. **Bonitas Histórias Sateré-Maué.** Manaus: Governo do Estado do Amazonas, SEDUC, S/data.

VAN VALIN Jr., DOOLEY. R. Grammatical relations in ergative languages. In **Studies in Language.5(3)**, 1981. p. 361-394.

_____. & LAPOLLA, R. J. **Syntax. Structure, meaning and function.** Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

VAN VALIN Jr. **An introduction to Syntax.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

VELAZQUEZ-CASTILLO, M. **The Grammar of possession:** inalienability, incorporation, and ascension in Guaraní. Amsterdam/Philadelphia. John Benjamins, 1996.

APÊNDICE I – Vocabulário base

SATERÉ-MAWÉ – PORTUGUÊS

'ahape, Ni ³⁹	orelha
'akasa, V	ver
'am, V	subir
'apik, V	descer
'apikpok, V	abrir
'apuk, Est	molhado, estar molhado
'at, V	cair
'auka, V	matar
'e, V	dizer
'op, V	estar deitado
'u, V	ingerir
a:tipi, N	céu
a:t, N	sol
a:wi, N	agulha
ahiaŋ, N	demônio
-ahu, Ni	doença
ahut, N	papagaio
aikope, Adv	onde
aikotan, Adv	como
aikowo, Adv	aonde
aito, Pr	nós (incl.)
ajũpe, Dem	onde
-akaŋ, Ni	cabeça
akuara, N	taboca
akuri, N	cotia
amiap, N	banco
amũkiusu, N	algodão

³⁹ Abreviaturas: N, nome; Ni, nome inalienável; V, verbo; Est, estativo, Pr, pronome; Adv, advérbio; Dem, demonstrativo; Qu, quantificador; NMLZ, nominalizador; Posp, posposição; Part, partícula

an, Part	fala feminina
anehu, N	calango
anun, V	cozinhar
ape'i, N	barata
apiŋ, V	costurar
apo, Part	interrogativa
apo'e, V	perguntar
apukuita, N	remo
apun, V	empurrar
aria, N	fogo
aria'ip hup, N	pau-brasil
aria'ip, N	pau, madeira
ariukere, N	bicho-preguiça
aru, Part	futuro potencial
-asap, Ni	cabelo
ase'i, N	velho
awiato, N	onça
awai'a, N	cará
aware, N	cachorro
awati, N	milho
awi'a, N	abelha
ẽtem, V	sair
eipe, Pr	vocês
eke, V	entrar
en, Pr	tu/você
eñi, N	rede
enoi, V	ensinar, contar
erut, V	carregar
eso, V	mentir
ete, Posp	destino
ewi, Posp	semelhante, igual
hai, V	falar
-ha, Ni	olho
ha'ãi, N	semente
ha'at, V	ver, olhar
haiti, N	corda
-hãj, Ni	dente
haki'i, N	morcego
hakup, Est	quente, estar quente
hami'i, N	sauim
hamiariru	neto
hamo, Part	finalidade

hanu'an, N	macaco
hanun, N	arara
hap, N	pena
hap, NMLZ	de ação
hapo, N	raiz
-hari'i, N	esposa
hariporia, N	mulher, menina
hat, N	fruta
hat, NMLZ	agentivo
hawii, Conj	e
hawiu, Est	sujo, estar sujo
-hēku, N	língua
he'aito, N	marido
hē, Part	afirmação (fala feminina)
hēiŋuŋ	azedo
hemut, V	acordar
hewiri, V	andar, caminhar
hik, V	amassar
hin'i, Part	negação (contra-expectativa)
hirokat, N	criança
hit, Part	diminutivo
homoperup, N	insultar
hot, V	furar
hu:wi, N	gavião
-hu, Ni	sangue
hun, Est	preto, estar preto
hun, Est	sujo, estar sujo
hup, Est	estar vermelho
hupi'a, N	ovo
hurure, N	trovão
huwaipo, N	rabo
hi, N	caldo
-hit'ipkaŋ, Ni	pescoço
hit'i, N	beija-flor
i, Part	aspecto repetitivo
-i'ahu, Ni	febre
i'aman, N	chuva
i'āme, Est	estar de pé
i'ānam, N	capim
-i'āpi, Ni	nariz
i'apohup, Est	amarelo, estar amarelo
i'atuk, Qu	muito

-i'up, Ni	coxa
ia'ape, N	casca
-ia'ape, Ni	costas
ia'ut, N	chifre
iasim, V	picar
ihainia hit, N	menino
ihainia, N	homem
ihãite, Est	saúde, ter saúde
ihairu, V	dançar
ihoiro, V	ralhar
ihot'ok, Adv	dia
ihirip, Est	verde, ser verde
ijaŋ, Est	seco, estar seco
ikitsin, Est	branco, ser branco
iku'uro, V	morrer
in, Part	plural
ipa'ãu, N	alma
ipe:ka, N	pato
ipohit, N	flor
ipotii, Est	pesado
ipuk, Est	inchado, estar inchado
ipip, Est	podre, estar podre
ipiriko'i, N	prisioneiro
ira'ak, Est	gelo, estar gelado
irania, Qu	alguns
isim, Est	fino, ser fino
itim, Est	liso, ser liso
itirik, N	coceira
iwato rakat, Est	grosso, ser grosso
iwop, Est	cumprido, ser cumprido
jakare, N	jacaré
jãpe, N	chocalho
juŋ, Ni	fezes
juewat, Dem	aquele (vert.)
juipiwat, Dem	aquele (NObs)
jum, Adv	lá
juop, N	folha
juwat, Dem	este (vert.)
-kaŋ, Ni	perna
-kaŋ, Ni	osso
kahato, Qu	muito
kahu, Est	bonito, ser bonito

kai, Posp	locativo (ao lado de)
kamūti, N	pote
kanoi, Adv	com que
kape, Posp	locativo dinâmico
karania, Adv	quanto
karāpe, Adv	quando
karawot, N	cigarra
kat/kan, N	o que
katpote, Adv	porque
katu'u, V	morder
kaikai, V	chamar
ken'e	ter medo
ken'e, V	assustar
ket, V	dormir
kirit, V	chorar
koho, V	lavar
ko'i, Part	plural
koi, V	plantar
kōi, V	coçar
koitii, Adv	hoje
kosap, V	passar
kot'kot'e, V	ferver
kowat, Dem	este
kuap, V	entender, saber
kuewat, Dem	aquele (pend)
kuia kit'i, N	bacia
kuia, N	cuia
kuiru'a, N	jamaru
kuitu'e, V	cuspir/saliva
kuiwat, Dem	aquele (NObs)
kuriŋ, Est	pequeno, ser pequeno
ki'e, V	amar
kiesat, V	querer
kiha, N	babaçu
kiiat, V	comprar
kiri, V	rir
kisik, V	esfregar
kise, N	faca
kit, Est	gordo, ser gordo
kiwa, N	pente
māte:ru, N	vagalume
ma'at, V	enganar

ma'ato, Adver	mas/porém
mahara, V	brincar
makuptia, N	moça
man, N	beiju
manã, N	senhora
mani, N	mandioca
-mēpit, Ni	filho
-me'em, Ni	tripa
meñi, N	parente
meijũ, Adv	aqui
meijũe, Adv	aí
meiko, Adv	aqui
meikoe, Adv	aí
meime, Adv	lá
meimewat, Dem	estes
meimue, Adv	lá
meimuewat, Dem	aqueles
meipewat, Dem	aquele (obs)
mejēpe, Dem	aí
mejēwat, Dem	aquele (obs)
mejũpe, Dem	aqui
mekewat, Dem	aquele (Obs)
merep'e, N	vento
merepmerep'e, N	relâmpago
mesup, Adv	aqui
mesupe, Adv	aí
metap, N	casa
miŋ, V	esconder
mi:t, N	gente
mi'i, Pr	ele/ela
mi'iria, Pr	eles/elas
mi'u, N	comida
mi'ukat, V	caçar
miasusa, Ni	calcanhar
miat, N	caça
-mihi, Ni	ferida
mio, Part	atestado
misim, V	chupar, mamar
moherep, V	mostrar
mohoro, N	tipiti
moi, N	cobra
mōkite, Adv	amanhã

morania, V	contar
moreawat, N	arco
-mori'a, Ni	flecha
morope'i, N	borboleta
mosat, V	pendurar
mot'i, Adv	ano
mu'ap, N	caminho
mu'e, V	ensinar
mu'etu, V	sonhar
muo, Posp	locativo (dentro de, em)
-mu'ujā, Ni	dedo
muhāŋ, N	remédio
mujāpia, N	anel
mukureru, N	caracol
mukut, N	embuá
muse, N	pimenta
mušī, N	quati
mie'im, Nu	três
mijun, N	jacu
mip, N	forno
-nit, Ni	irmã
na'ak, Est	frio, estar frio
nana, N	abacaxi
nētup, V	escutar
ne'en, V	existir
ne'i, Part	constatativa
neke, Part	atestado visual
nop, Est	amargo, ser amargo
nuŋ, V	fazer
nu, N	pedra
nuk, V	alimentar
nupi'a, N	cupim
ŋa'apī, N	mato
ŋa'atpo, Adv	ontem
ŋap, N	caba
ŋip, N	piolho
ŋūkan, N	tucano
ŋun, N	pulga
o, Part	imperativo
-oike, Ni	braço
okpun, V	derramar
ot, V	vir

paĩ wato, N	capivara
paĩ, N	paca
pa'iat, N	macho
paini, N	pajé
paĩ, Part	fala masculina
pakup, Est	novo, ser novo
pam, V	cavar
panene, N	peneira
-pe, Ni	pele
pe, Posp	locativa
pe'e, V	ralar
-pepo, Ni	asa
pera	saco de folha
petek, V	chutar
pik, V	quebrar
pik, V	afastar
pinan, N	anzol
-piop, Ni	pus
pira awahat, N	zagaia
pira, N	peixe
-pit, Ni	corpo
pitpit, V	estar sujo
po, Ni	mão dele
po'oj, Qu	mais
po'oro, V	mandar
pohiaŋ, N	camarão
pohuruk, V	cumprimentar
poi, V	alimentar
poi'am, V	levantar
poitik, V	bater
-pope, Ni	pé
porap, Qu	quase, um pouco
poro, Est	alto, ser alto
pote, Part	causa/condição
-poti'a, Ni	peito
potpap, V	trabalhar
powiro, V	ajudar
pu:wi, N	inajá
-pu'i, Ni	carne
puēti, V	pensar, encontrar
purure, N	enxada
puruwei, N	professor
put, V	correr

put'ok, V	chegar
-pi'a, Ni	fígado
pi'ahak, V	zangar
pia, Est	longe, estar longe
piahij, Est	perto, estar perto
-piakaŋ, Ni	joelho
pii, Posp	locativo direcional
pikai, Adver	mas (contra-expectativa)
pino, Part	discursiva
pirik, N	rato
rat, Part	atestado
sa:ri, N	formiga
sahu, N	tatu
samã, N	pica-pau
sapot, N	escorpião
sese, Part	enfática
sio, Part	dubidativa (incerteza)
so, Part	reportiva
sokpe, N	roupa
som, Part	dubidativa
su:hu, N	fumo
su:p, Adv	aqui mesmo
su:wat, Dem	este (horiz.)
suanã, N	camaleão
suki, N	cesto
-sup, Ni	esperma
supe, Dem	aquilo
supewat, Dem	aquele (espal.)
supiwat, Dem	aquele (NObs)
si'it, N	pássaro pequeno
si'at, Est	fome, ter fome
ta'i, Part	afirmação (fala masculina)
ta'in, Part	aspecto completivo
ta:t, V	pegar
takat, NMLZ	atributivo
takuara, N	lança
tapan, V	colocar
te, Part	aspecto retrospectivo
tei'o, Part	imperativo negativo
tei, V	assar
tekii, V	puxar

tek, V	cortar
teropat, V	cuidar
ti, Part	foco
tiawa, V	flechar
tioto, V	levar
tipuru, V	emprestar
tipuruk, V	apanhar
to, Part	exortativa
to, V	ir
to'iro, Pr	vamos (hortativo)
tohom, V	engolir
torania, Qu	todos
tote, Posp	locativo estático
tu'isa, N	chefe
tum, V	dar
tupe, N	tipo de cesto
ti:pi, Nu	dois
-ti, Ni	mãe
u:'i, N	farinha
u:wi, N	verme
uito, Pr	eu
ukit, N	sal
uhit, N	amigo
ukuru'a, N	mutum
upi, Posp	direcional
uriuru, N	batata
urukut wato, N	corujão
urukut, N	coruja
uruto, Pr	nós (excl.)
uwen, N	nominal
wa:ti, N	lua
wāti'ū, N	carapanã
wa'ã, N	panela
wa'asa, N	sapo
wahi, N	colar
waikiru, N	estrela
waipaka, N	galinha
wak, V	chorar
waku, Est	bom, ser bom
wan, V	escrever
wapi, Ni	rosto
wari'i, N	fêmea
warana, N	guaraná

wasa'i, N	açaí
wasa'i'ip, N	açaizeiro
wat, NMLZ	circuntância
wātim, Adv	noite/escuro
wato, Est	grande, ser grande
wawori, N	jaboti
-wē, Ni	boca
weiha, V	nadar
wēki'a, N	saúva
wēku'a, N	pilão
wētup, Nu	um
-we'ã, Ni	coração
wehi, V	urinar
weita, N	pássaro
wemōti, Desc	vergonha
weneru, V	vender
wepi, V	cantar
wepit, Est	feliz, ser feliz
wesat, V	responder
wewato, N	anta
win hit, N	mosca
wiok, V	arranhar
wo, Posp	instrumental
wowi, Posp	presencial
womoŋmoŋhat, N	médico
wuare, V	esquecer
wuat, Part	futuro
wuk, V	queimar
wi, Part	modal (também)
-wi'ok, Ni	irmão
wii, Posp	ablativo
winuŋ, V	começar
wiwo, Posp	comitativo (em companhia de)
i:i, N	terra
i'i, N	água, rio
iara, N	canoa
ihiŋ, N	fumaça
-ike'et, Ni	irmão mais velho
iikit, N	areia
-imi'ẽ, Ni	barriga

in, Part	aspecto habitual
ine, Part	aspecto completivo
iripo, N	cipó
it,	não (proclítico)
iwihap, N	machado
iwihij, N	nuvem
iwitu, N	vento
-iwit, Ni	irmão mais novo
-'iwot, Ni	pai

APÊNDICE II – Narrativas

NARRATIVA 01⁴⁰

- 1 | ihainia in tuwat to'ike'et wiwo
 ihainia in Ø-Ø-tuwat Ø-to-'ike'et wiwo
 homem PL 3PL-rel-ir 3GS-rel-irmão mais velho COMT
 'dois homens [irmãos] foram juntos'
- 2 | mi'i hawii i'atuewasat ra'in ŋa'api pe
 mi'i hawii i'atu-e-wasat ra'in ŋa'api pe
 depois 3PL-REFL-perder ASP mato LOC
 'e então eles se perderam no mato'
- 3 | mi'i hawii ta'atupuēti ra'in mi'u wewatomokeŋ ko'i
 mi'i hawii ta'atu-Ø-puēti ra'in mi'u wewato-mokeŋ⁴¹ ko'i
 depois 3PL-rel-achar ASP comida bicho- PL
 'e então acharam comida'
- 4 | mi'i hawii to'e towi'ok pe
 mi'i hawii Ø-to-'e to-wi'ok pe
 depois 3SG-rel-dizer 3SG.REFL-irmão DAT
 'e então ele disse para o irmão.'
- 5 | — uhit etu'u tei'o meimewat mi'u 'e
 — uhit e-tu-'u tei'o meimewat mi'u Ø-Ø-'e
 amigo 2SG-rel-comer IMP DEM comida 3SG-rel-dizer
 '— amigo, não coma essa comida – ele disse'

⁴⁰ Narrativas feitas pela colaboradora Eucy da Paz e por José Nogueira. Tradução por Aisar Miquiles.

⁴¹ Em alguns casos, o colaborador disse não existir tradução aproximada para o português.

6 | meime ti ŋa'api ahot piat wemoherep hat 'e
 meime ti ŋa'api ahot piat Ø-we-moherep hat Ø-Ø-'e
 DEM FOC mato desconhecido ORI 3SG-REFL-aparecer NMLZ 3SG-rel-dizer
 'este bichinho que costuma aparecer no mato desconhecido, disse'

7 | ma'ato tesi'at hawii tutu'u ra'in meipe piat mi'u
 ma'ato te-Ø-si'at hawii tu-tu-'u ra'in meipe piat mi'u
 mas 3SG-rel-ter fome e 3SG-rel-comer ASP DEM ORI comida
 'mas depois de ter fome, ele comeu aquela comida'

8 | wātim po'oŋ hawii i'atuwasat ra'in pori'okpori'oki'atu'e ne'i po'oŋ wātim hawii
 ma'ato itote tuereto ne'i put'oki'atu'e
 wātim po'oŋ hawii i'atu-e-wasat ra'in pori'ok-pori'ok-i'atu-'e
 noite mais depois 3PL-rel-perder ASP rodar-rodar-3PL-AUX
 ne'i po'oŋ wātim hawii ma'ato Ø-i-tote tuereto ne'i
 CONST mais noite e mas 3PL-rel-LOC AUX CONST
 put'ok -i'atu'e
 chegar-3PL-AUX
 'aconteceu que depois a noite, perdidos eles rodava e rodavam mas
 chegavam no mesmo lugar'

9 | seke put'oki'atu'e mi'u mohiri hap tote
 seke put'ok-i'atu-'e mi'u mohiri hap tote
 ADV chegar-3PL-AUX comida assar NMLZ LOC
 'finalmente chegaram num lugar onde assavam comida'

10 | mi'i hawii i-iwit hu'u ira'in mi'l turan ikap kahato
 mi'i hawii i-iwit Ø-hu-'u i ra'in mi'i turan ikap kahato
 então 3SG-irmão 3SG-rel-comer REP ASP então quando gordura muito
 'então o irmão dele comeu de novo quando estava muito gordo'

11 | hemoken note wewato tu-hu-'u hit
 hemoken note wewato tu-hu-'u hit
 'hemoken' LOC anta 3SG-rel-comer DIM
 'no 'hemoken' comeu um pouco'

12 | mi'i hawii i'ike'et to'e to'iro watuwepo'ipo'i iwaiti uhit watoket mono
 mi'i hawii i'ike'et Ø-to-'e to'iro wa-tu-we-po'i-po'i

então 3SG-irmão mais velho 3SG-rel-dizer vamos 1PL.INCL-rel-REFL-amarrar
 iwaiti uhit wa-to-ket mono
 em cima amigo 1PL.INCL-rel-dormir PART
 'então o irmão mais velho disse, vamos nos preparar para dormir em cima'

13 ma'ato ihot'ok kai'i put'oki'atu'e ahiaŋ ko'i iiwit okhitpunharia
 ma'ato ihot'ok kai'i put'ok-i'atu-'e ahiaŋ ko'i
 mas dia madrugada chegar-3PL-AUX demônio PL
 i-iwit okhit-pun-ha(t)-ria
 3SG-irmão mais novo corpo-jogar-NMLZ-PL
 'mas pela madrugada chegaram os demônios que iriam jogar o corpo do irmão'

14 apo'e
 apo-Ø-Ø-'e
 perguntar-3SG-rel-AUX
 'perguntou:'

15 — etu'u apo i'atumi'u pino ran kaikai'i'atu'e eupi
 — e-tu-'u apo i'atu-mi'u pino ran kaikai-i'atu-'e e-Ø-upi
 2SG-rel-comer INTER 3PL-comida então ATEs chamar-3PL-AUX 2SG-rel-LOC
 '— você comeu aquela comida? [que não era pra comer] talvez por isso eles chamam por você'

16 ma'ato it'e ne'i
 ma'ato it=Ø-Ø-'e ne'i
 mas não=3SG-rel-dizer CONST
 'mas ele disse não'

17 mi'i hawii huuu... uipi'a i'atu'e
 mi'i hawii huuu... u-i-pi'a i'atu-Ø-'e
 então huuu.... 1SG-rel-coração 3PL-rel-dizer
 'então os demônios huuuuu.... meu coração, eles disseram'

18 ma'ato i'imi'ẽ pe toiwesat
 ma'ato i-Ø-'imiẽ pe to-i-wesat
 então 3SG-rel-barriga LOC 3SG-rel-responder
 'então respondeu o demônio dentro da barriga [do irmão mais novo]'

- 19 | mi'i hawii i'ike'et etu'u iē
 mi'i hawii i-ike'et e-tu-'u iē
 depois 3SG-irmão mais velho 2SG-rel-comer PART
 'depois o irmão [mais velho disse] será que você comeu?'
- 20 | po'oŋ ra'in i'atuete'i ahiaŋ ko'i meiuran i'imiē pe toi'atuwesat
 po'oŋ ra'in i'atu-e-te'i ahiaŋ ko'i meiuran
 mais ASP 3PL.REFL-perto demônio PL ADV
 i'imiē pe to-i'atu-wesat
 3SG-barriga LOC 3SG-3PL- responder
 'logo mais, mais perto deles os demônios [chamavam] e a barriga respondia'
- 21 | — uipi'a 'e
 — u-i-pi'a Ø-Ø-'e
 1SG-rel-coração 3SG-rel-dizer
 '— coração dizia: estou aqui! [dentro do irmão]
- 22 | i'atuwit'okpi pe ra'in put'ok'i'atu'e
 i'atu-wit'okpi pe ra'in put'ok-i'atu-'e
 3PL-embaixo LOC ASP chegar-3PL-AUX
 'chegaram embaixo deles'
- 23 | hawii i'iwit ta'at ra'in hawii ahiaŋ ko'i tu'u ra'in ahiaŋ
 hawii i-iwit Ø-Ø-ta'at ra'in hawii ahiaŋ ko'i Ø-tu-'u ra'in ahiaŋ
 depois 3SG-irmão 3SG-rel-cair ASP depois demônio PL 3SG-rel-comer ASP demônio
 'depois o irmão [mais novo] caiu e os demônios comeram'
- 24 | hune iwa'apik turan i'akaŋ in na'in
 hune i-Ø-wa'apik turan i'akaŋ in na'in
 cedo 3SG-rel-descer TEMP 3SG-cabeça apenas ASP
 'cedo quando desceu apenas a cabeça [do irmão mais novo]
- 25 | to'e to'ike'et pe
 Ø-to-'e to-ike'et pe
 3SG-rel-dizer 3SG.REFL-irmão mais velho DAT
 '[a cabeça] disse para o irmão'

- 26 — uhereto'e en uhit ui'atuiat tei'o e'
 — u-he-re-to-'e en uhit u-i-'atuiat tei'o Ø-Ø-'e
 1SG-REFL-rel-ir-AUX você amigo 1SG-rel-deixar IMP.NEG 3SG-rel-dizer
 '— *você me leva [com você] amigo*
- 27 meiko tat aru atipi'iŋ pera a'akaŋ ei'amõ 'e i'ike'et
 meiko Ø-Ø-tat aru a-ti-pi'iŋ pera a-'akaŋ
 logo mais 3SG-rel-pegar PTC 1SG-rel-costurar saco de folha 1SG-cabeça
 ei'amõ Ø-Ø-'e i-ike'et
 lugar 3SG-rel-dizer 3SG-irmão mais velho
 '*logo mais farei um saco [de folha] para botar sua cabeça disse o irmão mais velho*'
- 28 tohupit pera pe ma'ato ta'at tuereto ne'i
 Ø-to-hupit pera pe ma'ato Ø-Ø-ta'at tuereto ne'i
 3SG-rel-colocar saco de folha LOC mas 3SG-rel-cair AUX CONST
 '*ele colocou [a cabeça do irmão] no saco, mas ela caía*'
- 29 mi'i hawii toipo'ipo'i pera pe
 mi'i hawii to-i-po'i-po'i pera pe
 então 3SG-rel-amarrar saco de folha LOC
 '*então ele amarrou no saco de folha*'
- 30 toikiri tuereto ne'i i'akaŋ in mote it tuwepitik kuap'i
 to-i-kiri tuereto ne'i i'akaŋ in mote it=tuwe-pitik-kuap-'i
 3SG-rel-ir AUX CONST 3SG-cabeça somente CIRC NEG=3SG.REFL-segurar-poder-NEG
 '*ele ria [porque] só tinha a cabeça e não se segurava*'
- 31 mi'i hawii toto i'i ete'i tomikuap ete'i
 mi'i hawii Ø-to-to i'i Ø-ete'i to-mi-kuap Ø-ete'i
 depois 3SG-rel-ir água 3SG-perto 3SG-NMLZ-conhecer 3SG-perto
 '*e depois ele foi perto do rio que ele conhecia*'
- 32 hawii pun'e i'akaŋ i'okhit ra'in i'amorem'e
 hawii pun-Ø-Ø-'e i'akaŋ i-Ø-'okhit ra'in i-'amorem-'e
 quando correr-3Sg-rel-AUX 3SG-cabeça 3SG-rel-cair ASP 3SG-rolar-AUX
 '*quando ele correu a cabeça caiu rolando*'

- 33 | hawii mu'ap ipike put'ok'e hawii iara pe teke
 hawii mu'ap ipike put'ok-Ø-Ø-'e hawii iara pe Ø-Ø-teke
 depois caminho um ponto chegar-3SG-rel-AUX CONJ canoa LOC 3SG-rel-entrar
 'depois ele chegou num ponto do caminho e entrou canoa'
- 34 | hawii tuwa'apun
 hawii tuwa'apun
 e 3REFL-empurrar
 e empurrou [a canoa]'
- 35 | hawii to'e
 hawii Ø-to-'e
 e 3SG-rel-dizer
 'e [a cabeça] disse:'
- 36 | — etikuap tan nasiŋ e'u teran
 —e-ti-kuap tan nasiŋ e-Ø-'u-teran u-he-piat hap Ø-Ø-'e
 2SG-rel-saber pouco Frustr 2SG-rel-comer-DES 1SG-rel-POSP NMLZ 3SG-rel-dizer
 '—bem que você desconfiou um pouco que eu iria te comer, ele disse'
- 37 | iwi'ok akaŋ
 i-wit'ok Ø-Ø-akaŋ
 3SG-irmão-RECP 3Sg-rel-cabeça
 '[disse] a cabeça do irmão'
- 38 | ahiaŋ ne'i ra'in miotã'e pikai
 ahiaŋ ne'i ra'in mi-otã'e pikai
 demônio CONST ASP NMLZ-dito mas
 'pois [aquela cabeça] era o demônio'

NARRATIVA 02

- 1 | mi'i hawi aware wiwo toto
 mi'i hawii aware wiwo Ø-to-to
 então cachorro COMT 3SG-rel-ir
 'então ele foi com o cachorro'
- 2 | hawii toimohan kahato akuri
 hawii to-i-mohan kahato akuri
 depois 3SG-rel-correr muito cotia
 'depois ele correr muito [atrás] da cotia'
- 3 | hawii mu'ap tote toine'en moi aware ewakai aware'u hamuat
 hawii mu'ap tote to-i-ne'en moi aware ewakai aware-'u hamuat
 e caminho LOC 3SG-rel-estar cobra cachorro em frente cachorro-comer FUT
 'e no caminho estava a cobra que iria comer o cachorro'
- 4 | hawii akuri tokosap ta'in oi sakpo
 hawii akuri to-kosap ta'in moi sakpo
 depois cotia 3SG-passar ASP cobra por cima
 'depois a cotia passou por cima da cobra'
- 5 | hawii moi tat ra'in aware moi ti'apo'i ra'in
 hawii moi Ø-Ø-tat ra'in aware moi Ø-ti-'apo'i ra'in
 então cobra 3SG-rel-pegar ASP cachorro cobra 3SG-rel-amarrar ASP
 'então a cobra pegou e prendeu o cachorro'
- 6 | hawii ika'iwat tuwenētup turan ha'aware kak'e
 hawii ika'iwat tuwe-nētup turan Ø-ha-'aware Ø-kak-'e
 então dono 3SG.REFL-escutar quando 3SG-rel-cachorro 3SG-gritar-AUX
 'então seu dono escutava quando o cachorro estava gritando'
- 7 | — moi tat ra'in uha'aware pāi
 — moi Ø-Ø-tat ra'in u-ha-'aware pāi
 cobra 3SG-rel-pegar ASP 1SG-rel-cachorro FM
 '— a cobra pegou meu cachorro'

- 8 | hawii tokosap hawii toiatek toi'apiŋ
 hawii Ø-to-kosap hawii to-i-atek to-i-'apiŋ
 depois 3SG-rel-passar e 3SG-rel-cortar 3SG-rel-atirou
 'depois ele passou e cortou atirou [com arma de fogo]
- 9 | hawii toi'auka moi
 hawii to-i-'auka moi
 e 3Sg-rel-matar cobra
 'e matou a cobra'
- 10 | hawii ha'aware iku'uro toterut to'iat kape
 hawii Ø-ha-'aware Ø-i-ku'uro Ø-to-terut to-'iat kape
 depois 3SG-rel-cachorro 3SG-rel-morrer 3SG-rel-trazer 3SG.REFL-casa LOC
 'depois seu cachorro morreu e [ele] trouxe para sua casa'
- 11 | — uha'aware moi tat ra'in pãĩ
 — u-ha-'aware moi Ø-Ø-tat ra'in pãĩ
 1SG-rel-cachorro cobra 3SG-rel-cair ASP FM
 '— a cobra pegou meu cachorro'
- 12 | — porap uha'aware ete uipohori moi 'e
 —porap u-ha-'aware ete u-i-pohori moi Ø-Ø-'e
 quase 1Sg-rel-cachorro DEST 1SG-rel-tomar cobra 3SG-rel-dizer
 — quase a cobra tomou meu cachorro – ele disse'
- 13 | mi'i turan há'aware ma'ato tuwehimut ira'in
 mi'i turan Ø-ha-'aware ma'ato tuwe-himut i ra'in
 isso quanto 3SG-rel-cachorro mas 3SG.REFL-acordar REP ASP
 'enquanto isso o cachorro dele acordou
- 14 | hawii wētup ewati hap ewi ra'in tokosap
 hawii wētup ewati hap ewi ra'in Ø-to-kosap
 então um mês NMLZ igual ASP 3SG-rel-passar
 'então passou [aproximadamente] um mês
- 15 | ha'aware ipi'hak ira'in sese mit in ete katu'u'e
 Ø-ha-'aware i-pi'ahak i ra'in sese mit in ete Ø-katu'u'e
 3SG-rel-cachorro 3SG-ficou bravo REP ASP muito pessoa PL DEST 3SG-morder-AUX
 'o cachorro dele ficou bravo e mordida demais as pessoas'

- 16 | hawii rompi 'e ira'in het sadan'e ira'in
 hawii rompi-'e-'i ra'in het sadan-'e i ra'in
 então rompe-chamar-NEG ASP nome sadan-chamar REP ASP
 'então não se chama rompe, agora se chama sadan'
- 17 | it nauat'i sese wo'o'auka hat set ewi ne'i ra'in
 it-naku-at-'i sese wo'o-'auka hat Ø-set ewi ne'i ra'in
 NEG-bom-NMLZ-NEG muito REC-matar NMLZ 3SG-nome igual CONST ASP
 'igual o nome do matador'
- 18 | mesup te hawii Ø-ha'aware toine'en it ahu ti'auka hin'l ihãite kahato ne'i
 mesup te hawii Ø-ha-'aware to-i-ne'en it ahu
 agora RET então 3SG-rel-cachorro 3SG-rel-viver NEG doença
 Ø-ti-'auka hin'i mi'i i-hãite kahato ne'i
 3SG-rel-matar NEG ele 3SG-ter saúde muito CONST
 'até agora então o cachorro dele vive, doença não consegue matar ele, ele tem muita saúde'
- 19 | mi'i pote ta'atu'apiŋ muka wo
 mi'i pote ta'atu-'apiŋ muka wo
 isso CAUS 3PL-atirar espingarda INST
 'por isso atiraram com espingarda'
- 20 | ma'ato nēi iku'uro
 ma'ato nēi Ø-i-ku'uro
 mas NEG 3SG-rel-morrer
 'mas ele não morreu'
- 21 | mi'i hawii mio te toine'en
 mi'i hawii mio te to-i-ne'en
 então ATES RET 3SG-rel-viver
 'então ele vive até hoje'
- 22 | ma'ato it ipi'ahak ira'in waku ne'i ra'in
 ma'ato it=i-pi'ahak i ra'in Ø-Ø-waku ne'i ra'in
 mas NEG-3SG-ser bravo REP ASP 3SG-rel-ser bom CONST ASP
 'mas não é mais bravo, é manso'

NARRATIVA 03

- 01 | ihainia in tuwat ŋa'api kape ŋatpuat semana pe
 ihainia in Ø-Ø-tuwat ŋa'api kape ŋa'atpuat semana pe
 homem PL 3PL-rel-ir mata DIN ontem semana LOC
 'os homens foram para a mata semana passada'
- 02 | it i'atumiati hin'i piati haria ta'atu'auka awiki ti:pi
 it=i'atu-miati hin'i miati piati ha(t)-ria ta'atu-'auka awiki ti:pi
 NEG=3PL-caçar NEG caça Loc NMLZ-PL 3PL-matar macaco duas
 hawii wawori meimuewat i'atu-miati
 e jaboti DEM 3PL-caçar
 'não tinham caça, foram para caçar, mataram dois macacos e jaboti, esses foram caça deles'
- 03 | — i'aman ne'i i'atu'e
 —i'aman ne'i i'atu-Ø-'e
 chuva CONST 3PL-rel-dizer
 '—choveu – eles disseram'
- 04 | hawii ta'atu'erut awiki ta'atu'erut wawori meimuēwaria
 hawii ta'atu-erut awiki ta'atu-erut wawori meimuēwa(t)-ria
 então 3PL-trazer macaco 3PL-trazer jaboti DEM
 'então trouxeram macaco, trouxeram jaboti são esses'
- 05 | ta'atu'erut hawii it i'atumiati ra'in
 ta'atu-erut hawii it=i'atu-miati-'i ra'in
 3PL-trazer e NEG=3PL-caçar-NEG ASP
 'eles trouxeram e não conseguiram mais'
- 06 | — i'aman i'atu'e ira'in
 — i'aman i'atu-'e i ra'in
 chuva 3PL-dizer REP ASP
 — chuva – disseram eles'

- 07 | hawii to'ē ira'in
 hawii Ø-to'ē i ra'in
 e 3PL-voltar REP ASP
 'e voltaram'
- 08 | hawii i'atuiara i'aman tioto ne'i ra'in i'apo wato kape
 hawii i'atu-iara i'aman Ø-tioto ne'i ra'in i'apo wato kape
 então 3PL-canoa chuva 3SG-levar CONST ASP igapó grande DIN
 'então a chuva levou a canoa deles para o igapó grande'
- 09 | hawii apo i'atu'e — uwēi hereto iara i'atu'e
 hawii apo-Ø-Ø i'atu-'e — uwēi he-re-to iara i'atu-'e
 então perguntar-3PL-rel- 3PL-dizer — quem 3SG-rel-ir canoa 3PL-dizer
 'então eles perguntaram: — quem levou a canoa? - perguntaram'
- 10 | — eipe'i apo it urutu'e nei ma'ato hawii ika'iwat pe apo'e
 — eipe-'i apo it=urutu-'e nei ma'ato
 2PL-NEG INTER NEG-1PL.EXCL-rel-dizer CONST mas
 hawii ika'iwat pe apo-Ø-Ø-'e
 então dono LOC perguntar-3PL-rel-AUX
 '— não foram vocês? – não! – dissemos, mas então perguntaram para o dono'
- 11 | en apo etioto iara i'atu'e ma'ato toi'atuwesat
 en apo e-ti-oto iara i'atu-'e ma'ato to-i'atu-wesat
 2SG INTER 2S-rel-levar canoa 3PL-dizer mas 3SG-3PL-responder
 'foi você que levou a canoa? – eles disseram. Mas, [o dono] respondeu a eles'
- 12 | it uruto urutuwema'at'i iara ete
 it=uruto uru-tu-wema'at-'i iara ete
 NEG=1PL.EXCL 1PL.EXCL-rel-mexer-NEG canoa DEST
 'nós não mexemos na canoa'
- 13 | mi'i hawii atikat aru pãi uito kue atioto iara 'e
 mi'i hawii a-ti-kat aru pãi uito kue a-ti-oto iara Ø-Ø-'e
 então 1SG-rel-procurar PTC FM eu pois 1SG-rel-levar canoa 3SG-rel-dizer
 'então vou procurar a canoa, pois fui eu que levei, disse'

- 14 | mi'i hawii ika'iwat toto ra'in ti:pi hirokat totioto
 mi'i hawii ika'iwat to-to ra'in ti:pi hirokat to-ti-oto
 depois dono 3SG-ir ASP dois menino 3SG-rel-levantar
 'depois o dono foi e levou duas crianças'
- 15 | hawii toipuēti ra'in iara
 hawii to-i-puēti ra'in iara
 e 3SG-rel-achou ASP canoa
 'e achou a canoa'
- 16 | toto ne'i rat sio 'e
 Ø-to-to ne'i rat sio Ø-Ø-'e
 3SG-rel-ir CONST ATEST COND 3SG-rel-dizer
 'ela tinha sido levada [pela chuva] – disse'
- 17 | i'aman wato tihep rat sio
 i'aman wato Ø-ti-hep rat sio
 chuva grande 3SG-rel-tirar ATEST COND
 'a chuva forte tirou [levou]'
- 18 | mi'i hawii toto ra'in tawa kape topotmu'e hamo
 mi'i hawii Ø-to-to ra'in tawa kape to-pot-mu'e hamo
 depois 3SG-rel-ir ASP aldeia DIN 3SG-CAUS-ensinar FIN
 'e depois ele foi para a aldeia para dar aula'
- 19 | teiara puēti hawii
 te-iara Ø-Ø-puēti hawii
 3SG-canoa 3SG-rel-achar depois
 'depois que achou a canoa'
- 20 | hawii tu:t ra'in
 hawii Ø-Ø-tu:t ra'in
 e 3SG-rel-voltou ASP
 'e voltou'
- 21 | hawii ti:pi e'at toket hawii put'ok'i'atu'e ra'in
 hawii ti:pi e'at Ø-to-ket hawii put'ok-i'atu-'e ra'in
 depois dois dias 3SG-rel-dormir e chegar-3PL-AUX ASP
 'depois de dois dias dormiu e chegaram'

- 22 | karaiwa in ikuap haria
karaiwa in i-Ø-kuap ha(t)-ria
não-índios PL 3SG-rel-conhecer NMLZ-PL
'não-índios que o conheciam
- 23 | hawii hirokaria tuwat ra'in henoï hamo
hawii hiroka(t)-ria Ø-tuwat ra'in Ø-Ø-henoï hamo
e criança-PL 3PL-ir ASP 3PL-rel-contar FIN
'e as crianças foram contar para ele
- 24 | muẽpuo kēi to'ẽ ekuap haria eka:t
muẽpuo kēi Ø-to'ẽ e-Ø-kuap ha(t)-ria e-Ø-ka:t
aquelas 3PL-vir 2SG-rel-conhecer NMLZ-PL 2SG-rel-procurar
'aquelas pessoas vieram, te conhecem e procuram por você
- 25 | hawii tuwat iara huwaipo rakat puo
hawii Ø-tuwat iara huwaipo rakat puo
e 3PL-ir canoa 'rabeta' NMLZ LOC
'e eles foram de rabeta
- 26 | tuwat hawii to'ẽ ihai karaiwa in wiwo hamo
Ø-Ø-tuwat hawii Ø-Ø-to'ẽ i-Ø-hai karaiwa in wiwo hamo
3PL-rel-ir então 3PL-rel-vir 3SG-rel-falar não-índios PL COMT FIN
'foram então, vieram para falar com não índios
- 27 | hawii mana tu:t
hawii mana Ø-Ø-tu:t
e senhora 3SG-rel-vir
'e a senhora veio'

NARRATIVA 04

Tit. wewato wawori ti'auka
'jaboti mata a anta'

1 | mi'i hawii wawori toikaikai towiria in — ati'auka ra'in sup wewato 'e ra'in kaikai'e

mi'i hawii wawori to-i-kaikai to-wiria in
depois jaboti 3SG-rel-chamar 3SG.REFL-parente PL

— a-ti-'auka ra'in sup wewato Ø-'e ra'in Ø-Ø-kaikai'e
1SG-rel-matar ASP DEM anta 3SG-dizer ASP 3SG-rel-chamar-AUX
'depois jaboti chamou seus parentes, disse -- matei essa anta, chamando'

2 | hawii awiato tiwesat

hawii awiato Ø-ti-wesat
e onça 3SG-rel-responder
'e a onça respondeu'

3 | — kat kahu eti'auka'e

— kat kahu e-ti-'auka'e
INTER 2SG-rel-matar-AUX
'— o que foi que você matou'

4 | hawii wawori miotã'e

hawii wawori mi-otã'e
e jaboti NMLZ-dito
'e foi dito pelo jaboti'

5 | — it tare'en'e uiwiria in ne'i ati'atu'kaikai'e

--it=tare'en'e u-i-wiria in ne'i a-ti-i'atu-kaikai'e
NEG=existir-AUX 1SG-rel-parente PL CONST 1SG-rel-3PL-chamar-AUX
'— nada, eu estou chamando meus parentes'

6 | hawii awiato toto wētup mu'ap upi

hawii awiato Ø-to-to wētup mu'ap upi
e onça 3SG-rel-ir outro caminho DIR
'e onça foi por outro caminho'

- 7 | hawii wawori kaikai'e ra'in
 hawii wawori Ø-Ø-kaikai-'e ra'in
 e jaboti 3SG-rel-chamar-AUX ASP
 'e o jaboti chamou de novo [seus parentes]
- 8 | — sup ta'in ati'auka wewato awiato atikuap
 —sup ta'in a-ti-'auka wewato hawii awiato Ø-ti-kuap
 DEM ASP 1SG-rel-matar anta e onça 3SG-rel-escutar
 '— já matei essa anta e a onça escutou
- 9 | uwēi atikaikai 'e
 uwēi e-ti-kaikai Ø-Ø-'e
 NOM-INTER 2SG-rel-chamar 3SG-rel-dizer
 'quem chama?'
- 10 | hawii miotā'e
 hawii mi-otā'e
 e NMLZ-dito
 'e foi dito:
- 11 | — ati'auka supe more are uiwiria in me
 — a-ti-'auka sup more a-re-'e u-i-wiria in me
 1SG-rel-matar DEM cogumelo 1SG-rel-dizer 1SG-rel-parente PL LOC
 '— eu matei esse cogumelo! Eu estou dizendo para meus parentes'
- 12 | mi'i hawii kaikai'e ira'in
 mi'i hawii Ø-kaikai'e i ra'in
 depois 3SG-chamar-AUX REP ASP
 'e depois chamou de novo
- 13 | tomi'u ipi kiat in hat tewakawiat in
 to-mi'u ipi kiat in hat tewa-kawiat in
 3SG.REFL-comida pé [da árvore] HAB NMLZ 3SG.REFL-atrapalhar HAB
 'ficava sempre embaixo da árvore, atrapalhando sua comida
- 14 | pote toi'auka teromim iwikik piat tueto pote toi'auka
 pote to-i-'auka te-romin iwikik piat tueto pote to-i-'auka
 COND 3SG-rel-matar 3SG-afundar lama Orig AUX COND 3SG-rel-matar

| *‘por isso ele [jaboti] matou. Quem sempre o afundava na lama [a anta]*

15 | hawii toi’auka wewato

hawii to-i-’auka wewato
e 3SG-rel-matar anta
‘e ele matou a anta’

16 | iwikik pii wawori kaikai’e

iwikik pii wawori Ø-kaikai-’e
lama LOC jaboti 3SG-chamar-AUX
‘dentro da lama o jaboti chamava dizendo:

17 | — uhenōtem eipe mōkure ko’i ’e uheromim ra’in wewato iwikik pe

u-he-nōtem eipe mōkure ko’i Ø-Ø-’e
1SG-rel-tirar vocês Deus PL 3SG-rel-dizer

u-he-ronim ra’in wewato iwikik pe
1SG-rel-afundar ASP anta lama LOC

‘— vocês deuses me tirem disse, a anta me afundou na lama’

18 | hawii mōkure ko’i tiotem ra’in iwikik pii

hawii mōkure ko’i Ø-ti-otem ra’in iwikik pii
e Deus PL 3PL-rel-tirar ASP lama LOC
‘e os deuses tiraram da lama’

19 | hawii wawori to’e

hawii wawori Ø-to-’e
e jaboti 3SG-rel-dizer
‘e o jaboti disse:

20 | — arepik aru koitiwi ’e hawii toto ikat hamo

— a-re-pik aru koitiwi Ø-Ø-’e
1SG-rel-vingar PTC agora 3SG-rel-dizer

hawii Ø-to-to Ø-i-kat hamo
e 3SG-rel-ir 3Sg-rel-procurar FIN

‘--vou me vingar agora, disse e ele foi procurar’

- 21 | seke so toipuēti hun hawii apo'e
 seke so to-i-puēti hun hawii apo-Ø-Ø-'e
 ADV REPT 3SG-rel-encontrar cocô e perguntar-3SG-rel-AUX
 'um dia encontrou cocô de anta e perguntou:'
- 22 | — tope aikopēi eka'iwat 'e
 — Ø-to-pe aikopē-i e-ka'iwat Ø-Ø-'e
 3SG-rel-LOC ADV-INTER 2SG-seu dono 3SG-rel-dizer
 — *onde está seu dono? Disse'*
- 23 | ma'ato toiwesat
 ma'ato to-i-wesat
 mas 3SG-rel-responder
 'mas respondeu ele:'
- 24 | — nimo ra'in neke meiko puo tokosap
 — nimo ra'in neke meiko puo Ø-to-kosap
 ADV ASP ATEs ADV DIR 3SG-rel-passar
 '— faz tempo que ela passou por aqui'
- 25 | hawii toto po'oŋ
 hawii Ø-to-to po'oŋ
 e 3SG-rel-ir mais
 'e ele foi mais'
- 26 | hawii toipuēti hun po'oŋ ipakup hawii apo'e
 hawii to-i-puēti hun po'oŋ i-Ø-pakup hawii apo-Ø-Ø-'e
 e 3SG-rel-encontrar cocô mais 3SG-rel-ser novo e perguntar-3SG-rel-AUX
 'e ele encontrou cocô mais novo e perguntou:'
- 27 | hawii toiwesat
 hawii to-i-wesat
 e 3SG-rel-responder
 'e [o cocô] respondeu:'
- 28 | — ŋa'atpo'i ran neke tokosap 'e
 — ŋa'atpo'i ran neke Ø-to-kosap Ø-Ø-'e
 ontem ATEST ATEST 3SG-rel-passar 3SG-rel-dizer
 '— não muito tempo ela passou, disse'

- 29 | hawii toto po'oŋ
 hawii Ø-to-to po'oŋ
 e 3SG-rel-ir mais
 'ele foi mais'
- 30 | hawii toipuēti hun hakup te rakat
 hawii to-i-puēti hun Ø-hakup te rakat
 e 3SG-rel-encontrar cocô 3SG-estar quente RET NMLZ
 'e encontrou cocô ainda quente'
- 31 | hawii apo'e
 hawii apo-Ø-Ø-'e
 e perguntar-3SG-rel-AUX
 'e perguntou:'
- 32 | — aikopēi 'e
 — aikopē-ĩ Ø-Ø-'e
 ADV-INTER 3SG-rel- dizer
 '— onde está [seu dono]? Disse'
- 33 | toiwesat
 to-i-wesat
 3SG-rel-responder
 'respondeu:'
- 34 | — meke tokosap 'e
 — meke Ø-to-kosap Ø-Ø-'e
 ADV 3SG-rel-passar 3SG-rel-dizer
 '— agorinha passou, disse'
- 35 | hawii so toipuēti ra'in iket turan
 hawii so to-i-puēti ra'in Ø-i-ket turan
 e REPT 3SG-rel-encontrou ASP 3SG-rel-dormir enquanto
 'e encontrou [a anta] enquanto dormia'
- 36 | hawii wawori to'e
 hawii wawori Ø-to-'e
 e jaboti 3SG-rel-dizer
 'e o jaboti disse:'

- 37 | aiūpe som iku'uro merep'e tuwenētup wawori
 aiūpe som Ø-i-ku'uro Ø-Ø-merep'e tuwe-nētup wawori
 onde será 3SG-rel-morrer 3SG-rel-ser rápido 3REFL-pensou jaboti
 'onde será que ele morre logo, pensou jaboti'
- 38 | sio i'ahape sio ha'a ete ati'auka
 sio i'ahape sio Ø-ha'a ete a-ti-'auka
 ou 3SG-orelha ou 3SG-saco DEST 1SG-rel-matar
 'ou na orelha dele ou saco dele eu mato'
- 39 | hawii so uhepe som ha'a ete 'e
 hawii so u-he-pe som ha'a ete Ø-Ø-'e
 e REPT 1SG-rel-Loc DUB saco DEST 3SG-rel-dizer
 'e eu acho no saco dele, disse'
- 40 | hawii tokosap wewato kape hawii iporok'at ra'in ha'a ete
 hawii Ø-to-kosap wewato kape hawii Ø-i-porok'at ra'in ha'a ete
 e 3SG-rel-aproximar anta DIN e 3SG-rel-agarrar ASP saco DEST
 'e aproximou e agarrou saco'
- 41 | hawii so wewato pun'e ra'in toi'ahik'ahik aria'ip ete
 hawii so wewato pun-Ø-Ø-'e ra'in to-i-'ahik-'ahik aria'ip ete
 e REPT anta correr-3SG-rel-AUX ASP 3SG-rel-bater-bater árvore DEST
 'e a anta correu e batia [jaboti] na árvore'
- 42 | pikai so wawori it ipohep'i
 pikai so wawori it=i-Ø-pohep-'i
 mas REPT jaboti NEG=3SG-rel-soltar-NEG
 'mas jaboti não soltava'
- 43 | hawii toi'auka hawii tohenoi towiria in me
 hawii to-i-'auka hawii to-henoi to-wiria in me
 e 3SG-rel-matar e 3SG-contar 3SG.REFL-parente PL DAT
 'e ele matou e ele contou para seus parentes'
- 44 | — ati'auka ra'in uheromin hat 'e wawori
 — a-ti-'auka ra'in u-he-romin hat Ø-Ø-'e wawori

1SG-rel-matar Asp 1SG-rel-afundar NMLZ 3SG-rel-dizer jaboti
‘— *matei o que me afundava, disse jaboti*’

45 | *kaikai’e turan so awiato put’ok’e*

Ø-Ø-kaikai-’e turan so awiato put’ok-Ø-Ø-’e
3SG-rel-chamar-AUX enquanto REPT onça chegar-3SG-rel-AUX
‘*enquanto ele chamava a onça chegou*’

46 | — *kat ere kahu ’e*

— kat ere kahu Ø-Ø-’e
INTER disse 3SG-rel-dizer
‘— *o que foi que você disse?*’

47 | *hawii toiwesat*

hawii to-i-wesat
e 3SG-rel-responder
‘*e respondeu:*’

48 | — *supepe rat mi’u aterut ’e*

— supepe rat mi’u a-terut Ø-Ø-’e
DEM ATEST comida 1SG-trazer 3SG-rel-dizer
‘— *eu trouxe ali a comida*’

49 | *hawii apo’e wawori*

hawii apo-Ø-Ø-’e wawori
e perguntar-3SG-rel-AUX jaboti
‘*e jaboti perguntou:*’

50 | *akopēi kahu i’i ’e*

akopē-i kahu i’i Ø-Ø-’e
ADV-INTER rio 3SG-rel-dizer
‘— *onde é que fica o rio, disse*’

51 | *hawii toiwesat*

hawii to-i-wesat
e 3SG-rel-responder
‘*e respondeu:*’

- 52 — mekepe weita wepi hap kape rat 'e awiato
 — mekepe weita Ø-Ø-wepi hap kape rat Ø-Ø-'e awiato
 DEM pássaro 3SG-rel-cantar NMLZ DIN ATES 3SG-rel-dizer onça
 '—para lá onde o pássaro canta, disse a onça'
- 53 hawii wawori toto ma'ato it toipuēti'i
 hawii wawori Ø-to-to ma'ato it=to-i-puēti-'i
 e jaboti 3SG-rel-ir mas NEG=3SG-rel-encontrar-NEG
 'e jaboti foi mas não encontrou'
- 54 ito pikai so awiato tu'u ra'in imi'u
 Ø-i-to pikai so awiato Ø-tu-'u ra'in i-mi'u
 3SG-rel-ir mas REPT onça 3SG-rel-comer ASP 3SG-comida
 'mas ele ia e a onça comia a comida dele'
- 55 ikaŋ in na'in totoiat wawori pe
 i-kaŋ in na'in to-Ø-toiat wawori pe
 3SG-osso HAB ASP 3SG-rel-deixar jaboti DAT
 '[onça] deixou só osso para o jaboti'
- 56 hawii wawori apo'e
 hawii wawori apo-Ø-Ø-'e
 e jaboti perguntar-3SG-rel-AUX
 'e jaboti perguntou:
- 57 — aikope apo uimi'u 'e
 — aikope apo u-i-mi'u Ø-Ø-'e
 ADV INTER 1SG-rel-comida 3SG-rel-dizer
 '—onde está minha comida?'
- 58 ma'ato awiato it atikuap'i rat 'e
 ma'ato awiato — it=atikuap'i rat Ø-Ø-'e
 mas onça NEG=1SG-rel-saber-NEG ATES 3SG-rel-dizer
 'mas onça: — eu não sei, disse'

NARRATIVA 05

- 01 | pino mesup a-Ø-henoi mana i-kitsiŋ nakat pe
 pino mesup a-Ø-henoi mana i-kitsiŋ nakat pe
 então aqui 1SG-rel-contar senhora 3SG-rel-ser branca NMLZ LOC
 'então aqui eu vou contar para a senhora branca'
- 02 | hari it ihapitiŋ'i rakat hari Naiá 'e hat het rakat
 hari it=ihapitiŋ'i rakat hari Naiá 'e hat Ø-het rakat
 velha NEG=enxergar-NEG NMLZ velha Naiá-chamar NMLZ 3SG-nome NMLZ
 'velha cega chamada Naiá'
- 03 | mi'i ti — arehi ra'in an 'e tot ra'in
 mi'i ti — a-re-hi ra'in an Ø-Ø-'e Ø-to-to ra'in
 ela FOC 1SG-rel-xixi ASP FF 3SG-rel-dizer 3SG-rel-ir ASP
 'ela disse: – vou fazer xixi e foi'
- 04 | pino ta'ariāti puo mehitmehit i'ipirip puo
 pino ta'ariāti ti puo Ø-mehit-mehit i'ipirip puo
 então 3SG-lanterna POSP 3SG-focar-focar escuro POSP
 'então ela focava com a lanterna no escuro'
- 05 | hawii to'e — aikope kēi u-ipu'ap 'e
 hawii Ø-to-'e — aikope kēi u-ipu'ap Ø-Ø-'e
 e 3SG-rel-dizer DEM DUB 1SG-rel-caminho 3SG-rel-dizer
 'e disse: — onde será que está o caminho, disse'
- 06 | it atipuēti ra'in an 'e
 it=a-ti-puēti'i ra'in an Ø-Ø-'e
 NEG=1SG-rel-encontrar-NEG Asp FF 3SG-rel-dizer
 'eu não encontro, disse'
- 04 | hawii i'i kape ne'i ra'in toto hawii porap tuwe'auka
 hawii i'i kape ne'i ra'in Ø-to-to hawii porap tuwe-'auka
 e rio DIN CONST ASP 3SG-rel-ir e quase 3SG.REFL-matar
 'e acabou indo para o rio e quase se matou'

- 05 | mi'ituran so ma'ato imēpit toto pai pe
 mi'i turan so ma'ato i-mēpit Ø-to-to pai pe
 ela TEMP REPT mas 3SG-filho 3SG-rel-ir paca LOC
 'ainda bem que seu filho tinha ido caçar paca'
- 06 | hawii so tuwenētup turan so kaikai'e hari
 hawii so tuwe-nētup turan so Ø-Ø-kaikai'e hari
 e REPT 3SG.REFL-ouvir quando REPT 3SG-rel-chamar-AUX avó
 'e ouvia quando sua avó chamava'
- 07 | hawii to'e
 hawii Ø-to-'e
 e 3SG-rel-dizer
 'e disse'
- 08 | — aikopēi
 — aikopē-ĩ mio Ø-Ø-kaikai'e
 ADV-INTER ATEST 3SG-rel-chamar-AUX
 '— de onde vem esse grito'
- 09 | hawii ito turan so hari ne'i ra'in i'i pe
 hawii Ø-i-to turan so hari ne'i ra'in i'i pe
 e 3SG-rel-ir quando REPT velha CONST ASP rio LOC
 'e quando ele foi a velha estava no rio'
- 10 | areto hamo ra'in 'e are'auka ra'in 'e hari
 a-re-to hamo ra'in Ø-Ø-'e a-re-'auka ra'in Ø-Ø-'e hari
 1SG-rel-ir FIN ASP 3SG-rel-dizer 1SG-rel-matar ASP 3SG-rel-dizer avó
 'dizendo eu já vou embora vou me matar, disse a avó'
- 11 | i'i pe porap iku'uro
 i'i pe porap Ø-i-ku'uro
 rio LOC quase 3SG-rel-morrer
 'ela disse isso porque quase morreu no rio'
- 12 | hawii miotā i'atu'e
 hawii miotā i'atu-Ø-'e
 e assim 3PL-rel-dizer
 'e disseram assim:'

- 13 | — it ewiri te ka'ap i'atu'e korã are'auka i'atu'e
 — it=Ø-ewiri te ka'ap i'atu-Ø-'e korã e-re-'auka i'atu-Ø-'e
 NEG-3SG-andar RET noite 3PL-rel- dizer 2SG-rel-matar 3PL-rel-dizer
 '— não ande a noite, disseram para não se matar, disseram'
- 14 | ma'ato so hari tikiri ne'i ra'in
 ma'ato so hari Ø-ti-kiri ne'i ra'in
 mas REPT avó 3SG-rel-rir CONST ASP
 'mas a vovó ria'
- 15 | are'uku hl nuᅇ ne'i ra sēike i'i pe 'e
 are'uku hi Ø-Ø-nuᅇ ne'i ra sēike i'i pe Ø-Ø-'e
 1SG-rel-timbó caldo 3SG-rel-fazer CONST ATEST rio LOC 3SG-rel-dizer
 'e acho que eu tava preparando timbó no rio, disse'
- 16 | — it uhehapitiᅇ'i ra'in uimēpit mi'i pote rat uhewiri kuap'i
 — it=u-he-hapitiᅇ-'i ra'in u-i-mēpit mi'i pote rat u-hewiri-kuap-'i
 NEG=1SG-rel-enxergar-NEG ASP 1SG-rel-filho e CAUS ATES 1SG-andar-DES-NEG
 '— não enxergo mais meu filho, por isso eu não consigo andar'
- 17 | hawii imēpit tipo'am i'apuk kahato
 hawii i-mēpit Ø-ti-pot'am i'apuk kahato
 e 3SG-filho 3SG-rel-carregar 3SG-estar molhada muito
 'e seu filho carregou ela encharcada'
- 18 | korã neke uiku'uro ra'in 'e hawii toikiri kahato ne'i
 korã neke u-i-ku'uro ra'in Ø-Ø-'e hawii
 agora ATES 1SG-rel-morrer ASP 3SG-rel-dizer depois
 to-i-kiri kahato ne'i
 3SG-rel-rir muito CONST
 'agora eu deveria estar morta, depois de dizer isso riu muito'
- 19 | hawii to'e tomēpit pe
 hawii Ø-to-'e to-mēpit pe
 e 3SG-rel-dizer 3SG.REFL-filho DAT
 'e disse para o seu filho'

- 20 | it ui'atuiat'atuiat re 'e uito in uiweran moiti'i pote aru are'auka ne'i
 it=u-i-'atuiat-atuiat re Ø-Ø-'e uito in u-i-weran moiti'i
 NEG-1SG-rel-deixar-deixar IMP 3SG-rel-dizer eu HAB 1SG-rel-sozinha muito
 pote aru a-re-'auka ne'i
 CAUS PTC 1SG-rel-matar CONST
 'não me deixe muito sozinha, se não posso me matar'
- 21 | atiki'esat ri pino wētup'ok iwiti uimēpit ui'apikok'e
 a-ti-ki'esat ri pino wētup'ok iwiti u-i-mēpit u-i-'apikok'e
 1SG-rel-querer FOC PERM um 1SG-rel-filho 1SG-rel-acompanhar
 'eu quero que pelo menos um filho me acompanhe então'
- 22 | ma'ato mi'i pikai it te'erepokuap
 ma'ato mi'i pikai it=te'ere-pokuap
 mas assim NEG=3PL-acostumar
 'mas mesmo assim eles não se acostumam [perto dela]'
- 23 | wētup e'at pe i'ahu ra'in
 wētup e'at pe i-Ø-'ahu ra'in
 um dia LOC 3SG-rel-estar doente ASP
 'um dia ela ficou doente'
- 24 | hawii so cinco hora upi so it hesaika'i ra'in hari
 hawii so cinco hora upi so it=Ø-he-saika-'i ra'in hari
 e REPT cinco horas DIR REPT NEG-3SG-rel-ter força ASP avó
 'e quando deu cinco horas a vovó ficou fraca'
- 24 | hawii apoare
 hawii apo-a-re
 e perguntar-1SG-rel
 'e eu perguntei.'
- 25 | hari kat kahu ete are'e
 hari kat kahu ete a-re-'e
 avó INTER DEST 1SG-rel-dizer
 'vovó o que você tem? Eu disse'

- 26 | ma'ato hari uiwesat — it kat'i
 ma'ato hari u-i-wesat — it=kat-'i
 mas avó 1SG-rel-responder NEG=NOM-NEG
 'mas a vovó me respondeu: — nada
- 27 | ma'ato kat iē ete
 ma'ato kat iē ete
 mas INTER FM DEST
 'mas eu acho que você tem'
- 28 | pino ran esaika'i are'e hari pe
 pino ran Ø-Ø-esaika'i a-re-'e hari pe
 então ATES 3SG-rel-ser fraca 1SG-rel-dizer avó DAT
 'por isso que você está fraca, eu disse para a vovó'
- 29 | Ma'ato i'okpihi poiti'i hawii meiko'i iku'uro
 ma'ato i-'okpihi poiti'i hawii meiko-'i Ø-i-ku'uro
 mas 3SG-diarréia muito e pertinho 3SG-rel-morrer
 'mas ela ficou com muita diarréia e quase morreu
- 30 | to'op teran hap tote ta'at ne'i ra'in te'ini i'iwit pe
 Ø-Ø-to'op-teran hap tote Ø-Ø-ta'at ne'i ra'in te-'ini i'iwit pe
 3SG-rel-deitar-DES NMLZ LOC 3SG-rel-cair CONST ASP 3SG-rede lado LOC
 'e hora que queria se deitar caiu no lado da rede'
- 31 | meipe pe kihikihie
 meipe pe Ø-kihikihie
 ADV LOC 3SG-levantar-levantar-AUX
 'e ali ficou querendo se levantar
- 32 | hawii hamiariru ra'in i'ampeup'am hawii totopaŋ ini pe
 hawii hemiariru ra'in i-'ampeup'am hawii Ø-to-topaŋ ini pe
 e neto ASP 3SG-levantar (caído) e 3SG-rel-colocar rede LOC
 'e seu neto a levantou e colocou na rede
- 32 | hawii po'oŋ i'ahu hawii ta'atuereto Parintins etawa kape
 hawii po'oŋ i'ahu hawii ta'atu-e-re-to Parintins e-tawa kape

e mais 3SG-doença e 3PL-2SG-rel-ir Parintins 2PL-cidade DIN
'e ficou mais doente e levaram para Parintins'

33 hawii waku hawił tu:t ira'in to'iat kape

hawii Ø-Ø-waku hawii Ø-Ø-tu:t i ra'in to'iat kape
 e 3SG-rel-ser bom e 3SG-rel-voltar REP ASP 3SG.REFL-casa DIN
'e ficou boa e voltou de novo para sua casa'

34 hari it ihapitiŋ'i rakat

hari it=ihapitiŋ'i rakat
 avó NEG=3SG-enxergar-NEG NMLZ
'a vovó cega'

35 pino mi'i ahenoi mana Raynice

pino mi'i a-henoi mana Raynice
 então isso 1SG-contar senhora Raynice
'então eu contei isso para a senhora Raynice'

36 toikuap historia hamo imiētup ewi

to-i-kuap historia hamo i-mi-ētup ewi
 3SG-rel-saber historia FIN 3SG-NMLZ-pedir igual
'para ela saber historia como ela pediu'

NARRATIVA 06

Tit. wewat etiat
'a historia do carrapato'

- 1 | (mi'i tan hanu'an saki'it wiwo ihari'i wewat)
 (mi'i tan hanu'an sa-ki'it wiwo i-hari'i wewat)
 e ATEs macaco 3SG-filha COMT 3SG-esposa carrapato
'o carrapato tinha se casado com a filha do macaco'
- 2 | mi'i hawii me'uran ihamupot we'ia ia'ihkit'i toi'utui
 mi'i hawii me'uran ihamupot we'ia ia'ihkit'i to-i-'u-tui
 então certo dia genro castanha 3Sg-rel-comer-DES
'então certo dia, o genro queria comer castanha de...'
- 3 | mi'i hawii tuwat tehari'l wiwo wewat
 mi'i hawii Ø-Ø-tuwat te-hari'i wiwo wewat
 então 3PL-rel-ir 3SG-esposa COMT carrapato
'então o carrapato foi com a esposa'
- 4 | mi'i hawii put'ok'i'atu'e we'ia'ip ete
 mi'i hawii put'ok-i'atu-'e we'ia'ip ete
 depois chegar-3PL-AUX castanheira DEST
'depois chegaram na castanheira'
- 5 | mi'i hawii ta'am wewat we'ia'ip upi
 mi'i hawii Ø-Ø-ta'am wewat we'ia-'ip upi
 e 3SG-rel-subir carrapato castanheira POSP
'e o carrapato subiu na castanheira'
- 6 | mi'i hawii toipuruk we'ia hawii hawopi ihari'i e'irusakan
 mi'i hawii to-i-puruk we'ia hawii hawopi ihari'i e-irusakan
 então 3SG-rel-pegar castanha até encher esposa 3SG-saco
'então apanhou castanha até ficar cheio o saco da mulher'
- 7 | hawii iihop toihep mi'i wiwo iokhit'at
 hawii iihop to-i-hep mi'i wiwo iokhit'at
 então folha 3SG-rel-jogar ele COMT corpo caído

| *'então ele tirou a folha e se jogou junto a ela'*

8 | mi'i hawii tuwat

mi'i hawii Ø-Ø-tuwat
depois 3PL-rel-ir
'depois eles foram'

9 | mi'i hawii i'u haipe ihamūpot aikotā wewat tipuruk wē'iā pīa 'e tosaki'it pe hanu'an

mi'i hawii i'u haipe ihamūpot aikotā wewat
então 3SG-comer enquanto genro INTER carrapato

Ø-ti-puruk wē'iā pī'ā Ø-Ø-'e to-saki'it pe hanu'an
3Sg-rel-pegar castanha menina 3SG-rel-dizer 3SG.REFL-filha LOC macaco
*'enquanto o genro comia, perguntou a filha como foi que ele apanhou -
perguntou macaco para a filha'*

10 | mi'i hawii haki'it henoi it i ra'in 'e

mi'i hawii Ø-haki'it Ø-henoi — it i ra'in Ø-Ø-'e
depois 3SG-filha 3SG-contar não ASP 3SG-rel-dizer
'depois a filha contou: — não foi nada!'

11 | toipuruk i'atuk hawii i'ihop wiwo ta'apik 'e

to-i-puruk i'atuk hawii i'ihop wiwo Ø-ta'apik Ø-Ø-'e
3SG-rel-pegar muito e folha COMT 3SG-descer 3SG-disse
'depois que apanhou um monte e desceu junto com a folha - disse'

12 | mi'i hawii mōkite mi'i toto tehari'l wiwo wē'iā puruk hamo

mi'i hawii mōkite mi'i Ø-to-to te-hari'i wiwo
e amanhã ele 3SG-rel-ir 3SG-esposa COMT

wē'iā Ø-Ø-puruk hamo
castanha 3SG-rel-apanhar FIN
'e no dia seguinte ele foi com sua esposa em busca de castanha'

13 | mi'i hawii put'ok'i'atu'e wē'iā'ip ete

mi'i hawii put'ok-i'atu-'e wē'iā'ipi ete
então chegar-3PL-AUX castanheira DEST
'então chegaram lá' [no pé da castanheira]

- 14 | mi'i hawii ta'am na'in wē'iā'ip upi
 mi'i hawii Ø-ta'am na'in wē'iā'ip upi
 depois 3SG-subir ASP castanheira POSP
 'depois subiu na castanheira'
- 15 | hawii toipuruk i'atuk hawii Ø-ta'apik-teran na'in
 hawii to-i-puruk i'atuk hawii Ø-ta'apik-teran na'in
 e 3SG-rel-apanhar muito depois 3SG-descer-DES ASP
 'e apanhou um monte [de castanha] depois queria descer'
- 16 | to-saki'it he'aito ewi ra'in i'ihop wiwo
 to-saki'it he'aito ewi ra'in i'ihop wiwo
 3SG.REFL-filha esposo igual ASP folha COMT
 'como o esposo de sua filha junto com a folha''
- 17 | (ta'at ma'ato hati wo ra'in ta'at
 (Ø-Ø-ta'at ma'ato Ø-hati wo ra'in Ø-Ø-ta'at)
 (3SG-rel-cair mas 3SG-ser rápido ASP 3SG-rel-cair
 'só que ele veio direto ao chão'
- 18 | mi'i hawii it iwese'i to-saki'it he'aito ete toran
 mi'i hawii it=i-wese'i to-saki'it he'aito ete toran
 então NEG=3SG-contente-NEG 3SG.REFL-filha esposo DEST fim
 'então ficou com raiva do carrapato'